

# água da fonte





Av. Brasil Centro, 792 - Sede Própria  
CEP 99010-001 Passo Fundo, RS

**Presidente:**

Paulo Domingos da Silva Monteiro

**Vice-presidente:**

Alberto Antonio Rebonatto

**Secretários:**

Santo Claudino Verzeleti

Elizabeth Souza Ferreira

Selma Costamilan

**Tesoureiros:**

Rogério Sikora

Francisco M. Garcia (Xiko Garcia)

**Comissão de contas e patrimônio:**

Helena Rotta de Camargo

Alori Batista Castilhos

Gilberto R. Cunha

Marco Antonio Damian

**Membros:**

Ana Carolina Martins da Silva

Antonio Augusto Meirelles Duarte

Carlos Alceu Machado

Carlos Roberto da S. Hecktheuer

Craci Teresinha O. Dinarte

Daniel Viuniski

Dilse Piccin Cortez

Edgar Oliveira Garcia

Eurípedes Facchini

Getulio Vargas Zauza

Hugo Roberto Kurtz Lisbôa

Irineu Gehlen

Jabs Paim Bandeira

Jorge Alberto Salton

Jurema Carpes do Valle

Lindolfo Kurtz

Luiz Juarez Nogueira de Azevedo

Luís Marcelo Algarve

Milton Guimarães da Silva

Ney Eduardo Possapp d'Avila

Osvandré Lech

José Antonio Machado (Pablo Morenno)

Pedro Ari Veríssimo da Fonseca

Ricardo José Stolfo

Romeu Carlos Alziro Gehlen

Santina Rodrigues Dal Paz

Santo Claudino Verzeleti

Welci Nascimento

## Editorial

# 70 Anos Fazendo História

**P**oucas academias de letras chegam aos 70 anos. E ainda mais com a vitalidade da Academia Passo-Fundense de Letras.

Quando, na noite de 7 de abril de 1938, foi fundado o Grêmio Passo-Fundense de Letras, os seus primeiros integrantes organizaram entidades congêneres nalgumas cidades da Região, que acabaram não prosperando.

Somente o Grêmio Passo-Fundense de Letras, que recebeu a atual denominação em 7 de abril de 1961, prosperou. E prosperou porque Passo Fundo surgiu predestinada a liderar a metade norte do Rio Grande do Sul e o Oeste de Santa Catarina e Paraná.

A predestinação passo-fundense para o comando econômico e cultural dessa vasta região, vem dos seus primórdios. Quando, em 28 de janeiro de 1857 foi elevada à condição de Vila (município) já era a cidade mais importante da Região. Nem mesmo a sanguinária Revolução Federalista, que dilapidou a economia passo-fundense, causou mais de três mil mortes no município e provocou um êxodo de milhares de pessoas, conseguiu cortar a vocação histórica de Passo Fundo para a liderança de uma região com milhões de habitantes.

A Academia Passo-Fundense de Letras, em muito, contribuiu para a pro- ISSN 1980-2986

jeção de Passo Fundo. A história do município e a história do sodalício, nas sete últimas décadas, se unem visceralmente. O resgate da história regional, o tradicionalismo gaúcho, a própria introdução do ensino superior na região, a criação da Universidade de Passo Fundo e tantas outras iniciativas que deram à cidade e ao município a importância atual ou surgiram dentro do prédio da Academia ou ali foram encontrar apoio.

Boa parte do que de bom aconteceu em Passo Fundo nos recente setenta anos – repita-se – ou nasceu no seio da Academia Passo-Fundense de Letras ou daqui retirou a força necessária. Isto se deve a que representamos a melhor tradição cultural de toda a região, que finca suas raízes no Clube Amor à Instrução, de 1883.

A Academia Passo-Fundense de Letras é muito mais do que uma casa de “imortais”. Ela existirá enquanto Passo Fundo existir porque reúne as forças vitais do município.

Passo Fundo existiria independentemente da Academia Passo-Fundense de Letras, é claro; o soligueu local, porém, deu-lhe a consistência cultural, mantendo acesa a chama da cultura nas últimas sete décadas. E nós nos orgulhamos do que os acadêmicos que nos antecederam fizeram por nossa terra.

## Água da Fonte, Passo Fundo, v. 5, n. 6, dez. 2008

### Revista da Academia Passo-Fundense de Letras

Ano 5 - nº 6 - Dezembro de 2008

**Editores:** Gilberto R. Cunha e Paulo Monteiro

**Conselho editorial:** Getúlio Vargas Zauza, Helena Rotta de Camargo, Jurema Carpes do Valle, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Santana R. Dal Paz, Santo Claudino Verzeleti e Welci Nascimento.

**Arte-final e diagramação:** Everaldo Siqueira

**Capa:** Klênia Sanchez **Tiragem:** 1.000 exemplares

A Academia Passo-Fundense de Letras não se responsabiliza pelos conceitos e opiniões emitidos em textos assinados.

"Esta obra foi autorizada para domínio público e está disponível para download nos portais do MEC [[www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)] e do Projeto Passo Fundo [[www.projetoportunidade.com.br](http://www.projetoportunidade.com.br)]"





# 70 Anos da Academia

A Academia Passo-Fundense de Letras comemorou festivamente o seu 70º aniversário de fundação. Exatamente sete décadas depois, às 20 h30min, do dia 7 de abril de 2008, foi aberta a sessão solene, sob o cerimonial do acadêmico Irineu Gehlen. Presentes o presidente da Câmara Municipal, vereador Luiz Miguel Cheis, o prefeito, Airtton Lângaro Dipp, o ex-vereador

Edson Nunes, autor da Lei que institui a data de fundação da Academia, como Dia Municipal do Escritor. Na oportunidade, os acadêmicos Jurema Carpes do Valle, Alori Batista Castilho e Gilberto Cunha, conduziram até à mesa diretora dos trabalhos, o acadêmico Paulo Giongo, remanescente dos integrantes do Grêmio Passo-Fundense de Letras, transformado em

soligueu a 7 de abril de 1961.

A Academia Passo-Fundense viveu um dos momentos de co-moção coletiva, que culminou com a colocação da medalha acadêmica no pescoço de Paulo Giongo, o que foi feito pelo prefeito Airtton Lângaro Dipp, filho de Daniel Dipp, um dos fundadores do Grêmio Passo-Fundense de Letras.

## Sob nova direção

Depois de vários anos à frente da Academia Passo-Fundense de Letras o acadêmico Meirelles Duarte acabou sucedido por seu vice-presidente, Paulo Monteiro, eleito juntamente com Alberto Rebonatto, constituindo nova diretoria, com os seguintes nomes: secretário-geral Santo Claudino, primeira secretária, Elisabeth Souza Ferreira, segundo-secretário Marco Antônio Damian, que optando por integrar o Conselho Fiscal, foi substituído por Selma Costamilan, primeiro tesoureiro, Rogério Sikora, e segundo tesoureiro, Xiko Garcia. A presidente do Conselho Fiscal, Helena Rotta de Camargo, eleita juntamente com a Diretoria, organizou um Conselho Fiscal que foi submetido à apreciação da Assembléia Geral.

## Saraus literários

No dia 26 de abril a Academia Passo-Fundense de Letras realizou o primeiro Sarau do ano, organizado por uma comissão de acadêmicos e não-acadêmicos.

A repercussão foi tanta que a 6 de agosto aconteceu o Segundo Sarau, desta vez com o apoio da Secretaria Municipal da Cultura e a presença do músico Eliezer Machado, o poeta Júlio César Peres e diversos acadêmicos. Duas escolas municipais com cursos noturnos de Educação de Jovens e Adultos (Diógenes Martins Pinto e São Luiz Gonzaga) estiveram presentes. Os alunos foram transportados em ônibus cedidos pela Companhia Municipal de Desenvolvimento de Passo Fundo (CODEPAS). Novo Sarau está marcado para 10 de outubro, com a presença de alunos da Escola Estadual Antonino Xavier e Oliveira.

## Os olhos do general

No dia 28 de maio a Academia Passo-Fundense de Letras abriu suas portas para o lançamento do livro Os Olhos do General – Por que Firmino de Paula foi um dos homens mais temidos de sua época?, do historiador e secretário municipal de Cultura de Cruz Alta. O salão

de atos da Academia recebeu grande público e diversas autoridades, entre as quais o prefeito da cidade mãe de Passo Fundo, o prefeito municipal de Cruz Alta, Vilson Roberto Bastos dos Santos, e o vice-prefeito de Passo Fundo, Adirbal da Silva Corralo.



## Homenagem a autoridades

Cumprindo compromisso assumido pela gestão anterior, a Academia reuniu-se solenemente no dia 25 de abril de 2008 para homenagear o delegado da Polícia Federal, Manoel Fernando Abade, e os coronéis da Brigada Militar Édson Estivallet Bilhalba, João Valdir dos Reis Cerutti e Luiz Fernando Puhl, que prestaram relevantes serviços à cultura passo-fundense. Todos apoiaram a Encenação da Batalha do Pulador, liderada pelo confrade Jabs Paim Bandeira, e o primeiro, ainda contribuiu para que madeiras apreendidas em operações da Polícia Federal fossem liberadas pelo Poder Judiciário para a construção de escolas na região.

## Premiação de Machado de Assis

No dia 13 de agosto aconteceu a sessão solene de premiação do Concurso Literário “Machado de Assis: 100 Anos de História”. Em nome da Academia falou a acadêmica Dilse Piccin Corteze. A primeira colocada, aluna da Escola Estadual Protásio Alves, Débora de Marco Machado, e sua professora Adriana da Silva, receberam como premiação uma viagem ao Rio de Janeiro, com recepção na Academia Brasileira de Letras, no dia 25 de setembro. Já a segunda colocada, Renata Augustin, do Colégio Marista Conceição, e a terceira classificada, Júlia Luvisa Gauer, da Escola de Ensino Médio Garra, foram contempladas com coleções de obras de Machado de Assis. Ao final da sessão, as premiadas autografaram o opúsculo “Machado de Assis: 100 Anos de História”, contendo históricos da Academia, do concurso e os trabalhos vencedores.

## Irineu Gehlen e Irineu Gehlen Filho

Cumprindo decisão de assembléia, a Academia reuniu-se solenemente no dia quatro de junho para homenagear o cavaleiro Irineu Gehlen Filho, o melhor atleta do Brasil e o segundo das Américas, em sua categoria, e seu pai, acadêmico Irineu Gehlen, que ao contribuir para o reativamento dos cerimoniais deu alma nova ao sodalício. De novo, a Academia encheu-se de autoridades e convidados especiais.

## Delma Rosendo Ghem

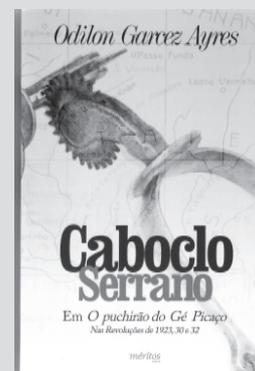
Após longa e pertinaz enfermidade Passo Fundo perdeu uma de suas mais importantes personalidades, a educadora e historiadora Delma Rosendo Ghem. Durante longos anos seu nome se confundiu com o da própria academia, da qual foi presidente. No dia 9 de abril, reunido o corpo acadêmico, parentes e amigos da intelectual falecida, o historiador Welci Nascimento, pronunciou panegírico homenageando Delma Ghem. A professora Valéria Ghem da Costa, filha de nossa ex-presidente, falou em nome da família, salientando o amor de sua mãe pelo soligeu.



## Cientistas no divã

O acadêmico Gilberto Cunha reuniu crônicas e pequenos ensaios, já publicados na imprensa, no livro *Cientistas no divã*. A obra, que não teve lançamento formal, foi distribuída entre intelectuais e amigos do autor.

Nosso confrade se revela um escritor polivalente, ao escrever sobre diversos assuntos na área das ciências, com a clareza que lhe é peculiar. Gilberto Cunha, em seus textos, revela-se um humanista, espécime raro entre os cientistas contemporâneos.



## Caboclo serrano

O romancista e historiador Odilon Garcez Ayres escolheu o auditório da Academia Passo-Fundense de Letras para o lançamento do seu segundo livro, “Caboclo Serrano – Em o Puchirão do Gé Picaço nas Revoluções de 1923, 30 e 32” contando a história do livro “Puchirão do Gé Picaço”, publicado por Francisco Lacerda de Paula de Almeida, sob o pseudônimo de Júlio Simão, em 1925. O livro é uma resposta a “Antônio Chimango – Poemeto Gaúcho”, de Ramiro Barcellos, que usou o pseudônimo de Antônio Chimango.



## Ano acadêmico

A Academia Passo-Fundense de Letras abriu solenemente, no dia 15 de março, o ano acadêmico. Além dos acadêmicos, muitas autoridades prestigiaram o evento. A oportunidade marcou o retorno do cerimonial às sessões, sob a direção do ex-presidente Irineu Gehlen.

## Festival Internacional de Folclore

No dia 17 de agosto a Academia Passo-Fundense de Letras recebeu as delegações da Argentina, Bélgica, Suíça, Holanda, Polônia, República Tcheca, México e Turquia, presidentes ao X Festival Internacional de Folclore. Na oportunidade foram apresentados com exemplares da Revista Água da Fonte e conheceram a história cultural de Passo Fundo desde a criação do Clube Amor à instrução, em 1883, até se tornar Capital Estadual e Nacional da Literatura. Paulo Dutra, representante do CIOF, afirmou que a presença dos grupos folclóricos, na sede da APL, era um reconhecimento à importância da instituição para a cultura de Passo Fundo.



## Posse

A posse da nova Diretoria, realizada no dia 29 de dezembro de 2007, revestiu-se de solenidade, com a presença de grande número de acadêmicos e autoridades, constituiu-se num marco de mudança no relacionamento do sodalício com a comunidade.

## CREATI na Academia

A Oficina Literária do CREATI, que congrega escritores da terceira idade, realizou um dos seus tradicionais saraus. Numa homenagem aos 70 anos da Academia, o sarau aconteceu na sede do sodalício, no dia 29 de agosto, com a presença de grande público.

# Academia Setuagenária

A Academia Passo-Fundense de Letras, de expressiva atuação nos meios literários do Município e da região, completou 70 anos de fundação no dia 07 de abril deste ano.

Para comemorar a data, o Presidente Paulo Monteiro, com a Diretoria da entidade, programaram uma solenidade no salão de atos de sua sede, que contou com a atuação do Acadêmico Irineu Gehlen, como Mestre do Cerimonial.

Compareceram o Prefeito Municipal, Airton Lângaro Dipp, o Presidente da Câmara de Vereadores, Luiz Miguel Scheis, o Vereador Edson Nunes, autor do Projeto-de-Lei que instituiu o 07 de abril como Dia Municipal do Escritor, inúmeras autoridades representativas da sociedade, acadêmicos, familiares, professores, alunos e amigos da homenagem. Esteve presente também, prestigiando a data festiva, o Acadêmico Paulo Giongo, único remanescente do antigo Grêmio Passo-Fundense de Letras, antecessor da atual Academia.

Em nome dos confrades e congreiras, a Acadêmica Selma Costamilan saudou a aniversariante, e apresentou um relato de sua atuação histórica, tão significativa para Passo Fundo e seu desenvolvi-

mento, nas áreas da cultura, da educação e da arte.

Após as manifestações previstas no protocolo, realizou-se um Momento Cultural, que contou com a participação do maestro Fernando Montini, e do Grupo “Amigos Cantores”, coordenado pela cantora lírica, Elza Tessaro.

O ponto alto da programação cultural foi a apresentação do Hino da Academia Passo-Fundense de Letras. Trata-se de uma canção inédita, cujo mentor foi o Acadêmico Santo Claudino Verzeleti, Secretário-Geral da agremiação, o qual, para a concretização da idéia, contou com a adesão dos Acadêmicos Helena Rotta de Camargo, que compôs a letra, e José Antônio Machado (Pablo Morenno), compositor da música.

A execução do Hino foi de tal modo contagiante que iluminou o semblante dos presentes e conquistou calorosos aplausos. Todos, acadêmicos ou não, viveram um momento de rara euforia e emoção, inédito na história da entidade. E a canção tornou-se, a partir dessa data, o Hino oficial da Academia Passo-Fundense de Letras.

Em seqüência, a letra da composição:

## Hino da academia passo-fundense de letras

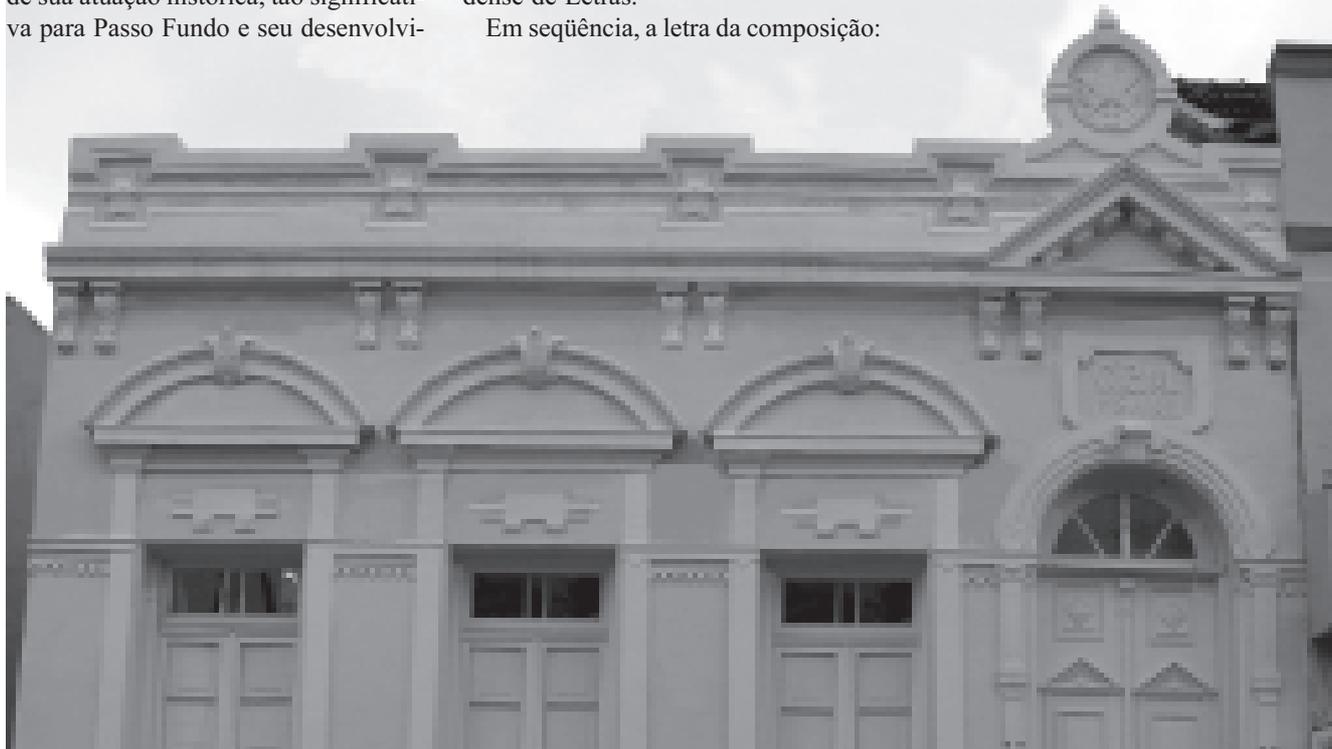
Por Deus predestinada a ser semente,  
florindo em versos, teses e canções.  
Cultura e educação como legenda,  
traçaste o rumo a muitas gerações.

Refrão: Academia de Letras,  
de vultos e de ideais,  
que o nome de Passo Fundo  
há de exaltar sempre mais.

O manto protetor da liberdade,  
a fé de um povo obreiro e lutador,  
forjaram teu destino nesta terra  
marcada pelo brio e o destemor.

O trigo que farfalha pelos campos,  
as matas que refrescam nosso ar,  
nos teus fecundos anos de existência,  
cumpriste tua missão de semear.

Letra: Acadêmica Helena Rotta de Camargo  
Música: Acadêmico José Antônio Machado



# Sumário

Editorial .....	1
Informe acadêmico .....	2
Os 70 anos da Academia Passo-Fundense de Letras .....	7
Encontro de Academias .....	10
A grande mulher que registrou a história de Passo Fundo .....	12
O Ministério Público e a Defesa dos Interesses Sociais e Individuais Indisponíveis .....	16
Memórias da nossa praça .....	18
Homenagem da APL ao Hospital São Vicente de Paulo, pela passagem dos seus 90 anos .....	20
Galileu é meu pesadelo .....	26
Lágrimas olímpicas .....	29
Autoconhecimento e Auto-reconhecimento .....	30
Klênia Sanchez: uma Pintora Terrunha .....	32
A origem do gaúcho .....	34
Resposta aos acadêmicos .....	36
Era uma vez um templo... ..	38
Uma bola, uma paixão .....	39
Existe receita para aprender? .....	40
Notas sobre a leveza, a paixão e a reparação .....	42
Mudança psíquica na constituição da literatura .....	44
Congresso de Ortopedia nas plagas gaúchas .....	48
Praça marechal floriano: Poesia... História e Estórias... ..	50
Quando passo fundo ficou pequena: nos rastros de Tarso de Castro .....	52
Vingança inesperada uma parábola moderna .....	61
A travessia da felicidade .....	62
Tentando compreender a alma humana .....	64
É... sou gaúcho... ..	65
Experiências de levitação .....	66
A velha do rádio .....	67
Das algemas .....	68
Tucanos em convenção .....	70
Entrevista com Pe. Farina .....	71
Uma defensora do funcionalismo público .....	75
A obra de arte: quando está viva e quando está morta .....	78
O Código Descartes .....	79
Conta conjunta .....	82
Autoridade .....	83
Xiko Garcia: a crítica social através da musica e da poesia .....	84
O Mago Ross .....	88
Origem do povo vêneto .....	89
O dilema do determinismo .....	90
Procura-se solução .....	93
História da Medicina em Passo Fundo - Dados relevantes .....	94
Triângulo de Rodrigo .....	103
Vida reciclada .....	104
Herdeiros de conhecimento .....	105
Rio Grande do Sul: da ocupação à imigração colonial .....	106
Mãos rachadas .....	112
O Professor de desenho e o menino "aleijadinho" .....	113
Ascensão e queda de Fritz Haber .....	114
As implicações sócio-econômicas do crime de formação de cartel .....	116
O mito historiográfico .....	120
Cíume ou Inveja? .....	125
A teoria da justiça, de John Rawls, e a questão de uma sociedade justa, na visão comunitarista .....	126
Noites insones .....	132
A falta que ela me faz .....	133
Povoamento do Jacuizinho .....	134
Antônio Donin, poeta e homem de ação .....	138
Lucila Vieira Schleder Ronchi: uma fundadora entre nós! .....	140
Parte de mim .....	141
Os genes de Adão Schell e a política de Passo Fundo .....	142
A última tentação do cientista .....	144



Klênia Sanchez, óleo sobre tela (50x60), 2008.



(FOTOS ARQUIVO APL)

# Os 70 anos da Academia Passo-Fundense de Letras

**SELMA COSTAMILAN**

**I**lmo. Sr. Airton Lângaro Dipp, na pessoa do qual saúdo todas as autoridades, os acadêmicos e pessoas presentes.

Por uma deferência especial do Sr. presidente da Academia e demais acadêmicos, fui incumbida para ser a oradora oficial desta magnífica entidade, em data importante de seu aniversário.

Sinto-me feliz e preocupada.

Feliz pela confiança em mim depositada, e preocupada em representar uma plêiade de homens e mulheres que, com sua sabedoria, traduzem a história da cultura não só no Município, mas no Estado, extrapolando o próprio país. Nela integrou-se o real, o sonho e a fantasia, envolvendo diversidade de pensamentos, mas acenando sempre de perto, a esperança de prosseguimento, através da meta de divulgar e entrosar as letras por dedicados escritores, entrelaçando historiadores, poetas, cronistas, artistas, advogados, professores e outros valores que redigem assuntos específicos.

Portanto, vimos que a mescla é diversificada, motivo que a tornou forte como

árvore de carvalho sempre voltada a sua criação.

Sim... hoje prestamos nossa homenagem especial aos acadêmicos fundadores desta entidade, aos quais devemos os frutos desta frondosa árvore. E como cidadã, fora da Academia, vejo, dentro da neblina do tempo, vultos históricos importantíssimos, sendo que, com muitos deles, eu convivi através de minhas atividades ou de seus familiares, salientando o fundador da Academia Passo-Fundense de Letras, Arthur Ferreira Filho; César Santos, o qual criou a Universidade, dentro da Academia; Túlio Fontoura, grande jornalista e político; Lucile Schleder, 1ª rainha de Passo Fundo; Daniel Dipp, prefeito, deputado estadual e federal. Estes são apenas alguns dos muitos que se foram...

Sempre temos algo a recordar, considerando que o tempo em sua dinâmica transitória envelhece as formas físicas, mas ativa a mente para lembrar o passado, e que o digam nossos especialistas no assunto, que honram nosso quadro de acadêmicos: psicólogo Dr. Getúlio Zauza, psiquiatra Dr. Jorge Salton e médico-cientista, Dr. Osvandré Lech.

É evidente assim, que na 4ª idade vislumbramos claramente fatos do passa-

do! Eles que o digam!!

Mas antes, vamos à pesquisa de dados importantíssimos, que não poderiam deixar de ser lembrados:

No ano de 1938, foi criado o Grêmio Passo-Fundense de Letras. Viviam-se desde 1937 num regime de exceção, o “Estado Novo”, em que Getúlio Vargas implantou uma nova Constituição, portanto, novo regime político, no qual os governantes eram nomeados.

Na época, Arthur Ferreira Filho, “nomeado” prefeito para presidir os destinos de Passo Fundo, fundou uma “Casa de Cultura” com o nome de Grêmio Passo-Fundense de Letras, do qual foi seu primeiro presidente.

Porém, o “idealizador” do Grêmio, hoje Academia Passo-Fundense de Letras, foi o Pastor Metodista Sante Barbieri, com o objetivo de reunir os intelectuais da cidade, para reconhecer o valor das letras na formação moral e cívica do povo, pelo pensamento e pelos ideais de grandeza do Brasil.

A atitude dos seus fundadores vem a confirmar a alma literária dos moradores desta terra. Já nas décadas finais do século XIX, um grupo de jovens da cidade de Passo Fundo criou o “Clube Amor à Instrução”, de caráter literário. Registros

em documentos do ilustre médico e político passo-fundense, Nicolau de Araújo Vergueiro, comentam que o citado clube discutia assuntos, como, por exemplo: “O que tem sido mais benéfico para o Brasil: as armas ou a literatura? - Qual é o relacionamento entre a família e a escola?”. “As reuniões eram acaloradas, trazendo grande bagagem para o aprimoramento da cultura no município de Passo Fundo”, registra a historiadora e membro da Academia Passo-Fundense de Letras, Delma Rosendo Ghem. Um grande nome nesta Academia, uma grande historiadora e escritora que nos engrandece.

Depois de vinte e três anos de trabalho literário, o Grêmio Passo-Fundense de Letras foi transformado em Academia Passo-Fundense de Letras, em 7 de abril de 1961, tendo sido eleito presidente o poeta-prosador e professor da Universidade de Passo Fundo, Celso de Cunha Fiori.

Com o passar dos anos, foram publicadas pelos acadêmicos as mais variadas obras, tais como poesias, ensaios literários, discursos, crônicas e críticas literárias.

A entidade realizou intensas atividades que culminaram com a criação da Biblioteca Pública Municipal, a introdução do Movimento Tradicionalista Gaúcho na Região e a criação da Universidade de Passo Fundo, pelo batalhador, médico, político e cientista, César Santos.

A solenidade, ocorrida no dia 7 de abril de 1961, foi presidida pelo presidente da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras, Arthur Ferreira Filho. Foram fundadores também do Grêmio Passo-Fundense de Letras, que formaram a mesa com autoridades representativas do município, o juiz diretor do Foro, o presidente da Câmara de Vereadores, Centenário Amaral, o prefeito Benoni Rosado e líderes religiosos. No ato que empossa a primeira diretoria acadêmica, assim constituída: presidente, Celso Fiori; primeiro vice-presidente, Túlio Fontoura; segundo vice-presidente, Mário Braga Júnior; secretário geral, Arthur Süssembach; subsecretário, Paulo Giongo; tesoureiro, Verdi De César; tesoureiro adjunto, Rômulo Cardoso Teixeira; bibliotecário, Jurandyr Algarve; e bibliotecário adjunto, Gomercindo dos Reis.

A Academia destina-se a congregar os escritores de Passo Fundo, com a finalidade primordial de expandir a cultura e coopera para que as obras dos escrito-

res de Passo Fundo e do Rio Grande do Sul sejam cada vez mais conhecidas. Procura cultivar a memória dos escritores brasileiros, contribuindo com o aprimoramento da língua nacional, razão por que está em pleno desenvolvimento o Projeto “Machado de Assis, Cem Anos de História”, inspirado pelo seu criador, acadêmico Alberto Rebonato, coordenado pela acadêmica, professora e historiadora, Dilse Peccin Corteze, e colaboradoras, professoras Elizabeth Souza Ferreira, Jurema Carpes do Valle, Santina Dal Paz e Helena Rotta de Camargo, além dos acadêmicos Rogério Sikora, Welci Nascimento e Francisco Mello Garcia, com



Selma Costamilan

o apoio do presidente Paulo Monteiro, o qual não mede esforços para o incentivo do crescimento de nossa Academia.

Com o passar dos anos, o prédio foi se deteriorando em face da ação do tempo, sendo reformado constantemente, até quando não foi mais possível usá-lo. O seu interior foi demolido, restando somente a parede frontal. Em face desta situação, os acadêmicos faziam as reuniões numa das salas da antiga reitoria da UPF, situada na Av. Brasil. Como a Universidade não mais cedeu suas dependências para a Academia, esta passou a realizar suas reuniões na residência ou nos escritórios dos presidentes. Os prefeitos anteriores encaminharam a construção do prédio, sendo que na administração do prefeito Airton Lângaro Dipp foi possível concluir a obra, no ano de 2007, quando era presidente Antônio Augusto Meirelles Duarte, que com muito esforço conseguiu sua concretização.

Nossa saudação hoje a todos os acadêmicos, em especial aos presidentes. A Academia Passo-Fundense de Letras

teve os seguintes presidentes no período de 1938-2008 (em ordem alfabética):

1. Antônio Augusto Meirelles Duarte
2. Antônio C. Oliveira
3. Arthur Ferreira Filho
4. Aurélio Amaral
5. Benedito Hespanha)
6. Celso da Cunha Fiori
7. César José dos Santos
8. Delma Rosendo Gehm
9. Francisco A. Xavier e Oliveira
10. Gelásio Maria
11. Irineu Gehlen
12. Ironi G. Andrade
13. José Gomes
14. José Pedro Pinheiro
15. Mário Daniel Hoppe
16. Nídia Bolner Weingartner
17. Octacílio de Moura Escobar
18. Paulo Monteiro
19. Paulo Renato Ceratti
20. Ricardo José Stolfo
21. Romeu G. S. Pithan
22. Rômulo Cardoso Teixeira
23. Sabino Ribas Santos
24. Sady Machado da Silva
25. Santina Rodrigues Dal Paz
26. Saul Sperry Cezar
27. Túlio Fontoura
28. Umberto Lucca
29. Verdi De César
30. Welci Nascimento

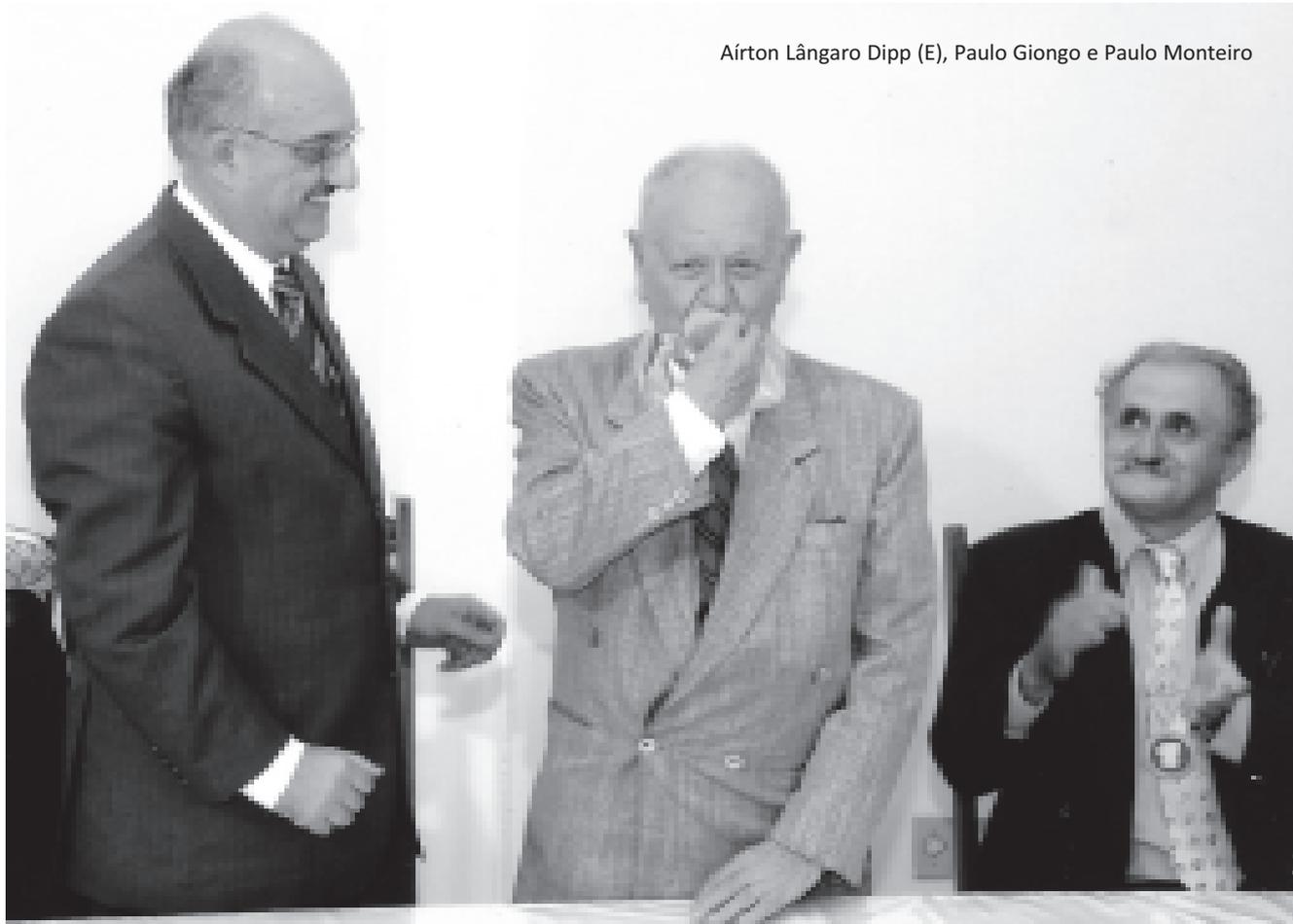
Os acadêmicos são profissionais com dedicação à cultura, com profissões diferentes, mas cidadania assumida. Eles têm responsabilidades com as suas profissões e com a sociedade, e a eles cabe transformar o sucesso individual, qualquer que seja a profissão, em produtiva e eficaz participação social.

Vive-se novos tempos, novos valores, novas lutas. O desenvolvimento é agora postulado e defendido por todas as classes sociais, e com a urgência até por aqueles que, outrora, não reclamavam.

O Brasil carrega e conserva a vocação de sujeito, e não de objeto da história. Não há porque ser dominado pela perplexidade, cantar as trevas, institucionalizar o derrotismo. Devemos sim lutar pela paz, pela união pela verdade libertadora.

Não queremos copiar modelos já gastos e ressuscitar superstições. Mas devemos ser democráticos, convergindo idéias e tradições, na dimensão geográfica e histórica do humanismo sonhado, humanismo que o Oriente não realizou e o Ocidente ainda não vive plenamente.

Recordemos dados da construção do prédio da APL:



### 1º Fase:

A construção desta Academia deve-se, em especial, ao acadêmico Irineu Gehlen. Ora, quem não o conhece, no próprio desenvolvimento do Município.

A Academia Passo-Fundense de Letras teve a sorte de encontrar homens públicos que decidiram construir o prédio e conservar e restaurar a fachada histórica, inauguração que se deu, conforme placa na entrada, na administração de Osvaldo Gomes e Mauro Sparta, quando a Academia completava 64 anos de existência. Grande parte dos recursos para a obra deveram-se também à então Deputada Federal, Ieda Crusius.

A fachada histórica, por sua cultura e arquitetura, não é uma parede morta, mas uma parede viva, com simbologia, que guarda e manifesta a memória passo-fundense. O prédio foi reformado diversas vezes.

### 2º Fase:

Após a demolição e muita polêmica, foi concluída a obra, na gestão do Prefeito Aírton Lângaro Dipp, quando era presidente, Antonio Augusto Meirelles Duarte.

Acredita-se, antes de tudo, na capacidade de trabalho e na criatividade do

brasileiro, ente étnico, cultural e político. Através da cultura, o Brasil, começa a repensar problemas e reescrever a sua história, não para repetir idéias que não pensou, experiência que não viveu, mas para elaborar, com determinação e lucidez, princípios e valores nacionais, representativos da cultura e da educação. Acredita-se sim no presente construído, e no amanhã em construção.

Sinto e compreendo o contentamento dos que, não sem lutas e perseverança, chegaram até aqui, meta importante na grande caminhada. Todos têm histórias para contar, de entusiasmo e de desânimo, sem, porém desviarem-se dos seus propósitos maiores.

Esta solenidade representa uma pincelada no quadro histórico da nossa Academia, que retrata e reafirma os mais belos valores da cultura e da existência, além de provar o quanto é rica, valiosa e salutar a convivência através do estudo e do trabalho cultural. Estuda-se sempre para viver melhor. Trabalha-se para ser mais consciente, solidário, participativo.

Atualmente, administra a APL a Diretoria eleita e empossada em dezembro/2007, assim constituída: Presidente Paulo Monteiro, Vice-Presidente Alberto Re-

bonatto, Secretária Elizabeth Ferreira, Tesoureiro Rogério Sikora, 2º Tesoureiro Francisco Mello Garcia. Conselho Fiscal: Helena R. Camargo, Alori Batista Castilhos e Gilberto Cunha. Estão também em pleno andamento a edição da revista Água da Fonte e outros projetos para avaliação de trabalhos literários.

A solidão dos que competem não alcança nem supera a solidariedade dos que cooperam. Sejam solidários. Sempre solidários por um Brasil mais justo e mais fraterno. Solidários por um mundo melhor, sem violências e injustiças.

A satisfação de ser ouvida não foi maior do que a alegria de reencontrá-los, colegas acadêmicos! Conhecendo-os, não duvido do sucesso nas novas lutas e caminhadas. Cada um é a medida da sua dupla conquista, biográfica e histórica. O crescer e prosperar do ser humano é o próprio prosperar e crescer da sociedade em que se situa.

Obrigada!

### Nota

Discurso proferido pela acadêmica Selma Costamilan, na comemoração dos 70 anos da Academia Passo-Fundense de Letras.

(Selma Costamilan é professora e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)

# Encontro de Academias

PAULO MONTEIRO

A primeira notícia que se tem sobre a criação da Academia Brasileira de Letras (ABL) é uma ata do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), do dia 6 de junho de 1847. A proposta obteve a simpatia do imperador Dom Pedro II e dos nobres do Império. Aprovada no dia 22 do mesmo mês, com o nome de Academia Brasileira, acabou esquecida. Três décadas depois, a 24 de maio de 1878, noutra reunião do mesmo IHGB, de novo sob a presidência do segundo imperador, foi renovada a proposta de criação, com o nome de Academia das Letras Brasileiras. Também não prosperou.

Proclamada a República, a 15 de novembro de 1889, Medeiros de Albuquerque, diretor da Instrução Pública, retomou a idéia. Pretendia que a Academia Brasileira de Letras fosse patrocinada pelo Governo. Isso aconteceu em 1886. Chegou a elaborar uma minuta de Decreto, que seria expedido pelo Governo Provisório, nomeando Machado de Assis presidente da Academia.

Lúcio de Mendonça continuou com a idéia de fundar a Academia Brasileira de Letras. Falou com secretários de ministros, com os próprios ministros, e escreveu artigos expondo a proposta. Chegou até a defender que a Academia Brasileira de Letras fosse fundada a 15 de novembro de 1889. O bom senso fez com que não fosse fundada nessa data. Uma entidade, de nível nacional, para ser verdadeiramente “brasileira”, necessitava contar com a participação de intelectuais monarquistas ou ligados ao antigo regime. Sua organização, na data que lembrava a queda do Império, inviabilizava a participação do elemento ligado ao governo destronado.

Lúcio de Mendonça não desistiu e, a 20 de julho de 1897, foi finalmente fundada a Academia Brasileira de Letras. A primeira diretoria estava assim constituída: Presidente – Machado de Assis; Secretário Geral – Joaquim Nabuco; Secretários – Silva Ramos e Rodrigo Otávio; Tesoureiro – Inglês de Souza.

Os primeiros tempos foram muito difíceis para os acadêmicos. Moldada na Academia Francesa, que começou a reu-



(FOTOS ARQUIVO APL)



Membros da APL em visita à Academia Brasileira de Letras, RJ, 2008

nir-se no ano de 1634, e sem um Riche-lieu para estender as benesses do Estado, os imortais brasileiros passaram a reunir-se nos mais diferentes locais. Aos poucos foram conseguindo o apoio das autoridades constituídas, o que significou um minguado aporte de recursos. Através do Decreto 726, de 8 de dezembro de 1900, a Academia Brasileira de Letras foi reconhecida como de utilidade pública e adquiriu o direito de publicar suas obras através da Imprensa Nacional. A Academia também conseguiu subvenção oficial, o que lhe permitiu pagar um módico *jeton* aos acadêmicos que participavam das reuniões.

Em 1915 a Academia Brasileira de Letras tinha uma subvenção anual de 15 contos de réis, paga em duas parcelas, o que lhe permitiu pagar um *jeton* de 20 mil réis por reunião. A situação mudou da água para o vinho em 1917, com o falecimento do livreiro Francisco Alves de Oliveira. Solteiro, deixou toda a sua fortuna, avaliada em cinco mil contos de réis, incluindo imóveis no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, para

a Academia. Em troca, deveria promover concursos literários e premiar escritores. Dois anos depois, Francisco Ramos Paz legou dez contos de réis em apólices, com a condição de que os rendimentos servissem para patrocinar prêmios literários.

Logo depois, a Academia viveu largo período de turbulência, devido ao processo desencadeado pela Semana da Arte Moderna. A confusão chegou ao próprio seio do sodalício, com a palestra do acadêmico Graça Aranha, em 19 de junho de 1924. As coisas chegaram às vias de fato.

Passado o furacão modernista, a bonança retornou à Casa de Machado de Assis, já instalada no Petit Trianon, prédio que lhe foi doado pelo governo francês. Na década de 1960, o presidente Austregésilo de Athayde, que dirigiu a Academia durante mais de trinta anos, conseguiu que o governo da União doasse à instituição um terreno ao lado do Petit Trianon. A parceria com uma imobiliária permitiu a construção de um grande edifício. Hoje ele está in-



Visita à Academia Petropolitana de Letras, Petrópolis - RJ, 2008

tegralmente nas mãos da Academia. Os alugueis são uma importante fonte de renda, permitindo a manutenção de uma equipe com mais de cem funcionários, contribuindo para que a Academia Brasileira de Letras funcione como uma verdadeira empresa.

Além de diversas publicações, como a Revista Brasileira, desde 1905, funciona a Biblioteca da Academia que possui um acervo riquíssimo. O crescimento do acervo, hoje com mais de 70 mil volumes, fez com que ela fosse desdobrada em duas, surgindo a Biblioteca Rodolfo Garcia, moderníssima e aberta ao público.

Guardiã da Língua Portuguesa no território brasileiro, a Academia Brasileira de Letras tem representado o país, em todos os acordos ortográficos firmados pelos países que falam e escrevem na língua de Camões.

Conservadoras, mas não reacionárias, fazendo sua a velha máxima do “modernizar conservando”, as academias de letras têm seus próprios rituais, o que tem servido para zombarias de espíritos menos sérios. No caso da Academia Brasileira de Letras é o chá das quintas-feiras, às 16 horas.

No dia 25 de setembro de 2008, uma representação da Academia Passo-Fundense de Letras participou do chá na Casa de Machado de Assis. Integravam a comitiva os acadêmicos: Paulo Monteiro, presidente, Santo Claudino Verzeletti, secretário-geral, Helena Rotta de Camargo, presidente do Conselho Fiscal, Jabs Paim Bandeira e esposa, Daniel Viunisky e esposa, Dilce Peccin Corteze e esposo. Além dessas pessoas também confraternizaram com os imortais brasileiros a aluna da Escola Estadual Protásio Alves, Débora de Marco Machado e sua professora, Adriana da

Silva, e as professoras Diva de Marco Machado, representando a 7ª CRE, e Rejane Bernardon, da Biblioteca Pública Municipal.

A delegação de passo-fundenses chegou ao número 231, da Avenida Presidente Wilson, no Rio de Janeiro, poucos minutos antes das 15 horas. Eram esperados pelas senhoras Teresinha e Daniela, assessoras da presidência, que promoveram um rápido encontro com o presidente Cícero Sandroni. Enquanto ele participava de uma reunião de trabalho, nossos conterrâneos visitaram todas as dependências da Casa de Machado de Assis. Esta recebia levas de pessoas que acompanhavam exposições, lembrando a vida e a obra do seu primeiro presidente, cujo centenário de falecimento transcorreria a 29 de setembro.

Logo depois fomos conduzidos à sala onde é servido o chá. Ali, encontramos com diversos acadêmicos, muitos deles saudosos de Passo Fundo. Entre estes podem ser lembrados os nomes do próprio presidente, Cícero Sandroni, do ex-presidente, Ivan Junqueira, do poeta Ledo Ivo, do jornalista Murilo Melo Filho e do poeta e romancista Domício Proença Filho, casado com uma passo-fundense. Deve-se lembrar a maneira fraterna com que nos recebeu o poeta Carlos Nejar, um dos gaúchos com assento na Academia Brasileira de Letras.

É opinião unânime dos passo-fundenses que visitaram a Casa de Machado de Assis, o cavalheirismo com que foram recebidos, e a consideração demonstrada pelos imortais brasileiros por Passo Fundo, o que se deve à respeitabilidade alcançada pelas Jornadas Nacionais de Literatura e os elevados índices de leitura *per capita* do município.

No domingo, 28 de setembro, nova e calorosa recepção, desta vez pela Academia Petropolitana de Letras e pelo Instituto Histórico e Geográfico de Petrópolis, através do seu presidente, Joaquim Eloy Duarte da Silva, poeta e historiador daquela cidade. Mais uma vez pode-se constatar o respeito por Passo Fundo. Ficou acertada para 2009, possivelmente durante a Jornada Nacional de Literatura, a visita de uma delegação de intelectuais petropolitanos.

A conclusão unânime, de tantos quantos participaram dessa viagem cultural, é que a imagem de Passo Fundo mudou radicalmente, nos últimos anos. Do discutível e sempre questionado título de “Cidade mais gaúcha do Rio Grande”, hoje somos reconhecidos como a “Cidade mais culta do Rio Grande”. Os próprios diplomas legais, que conferiram ao município o *status* de Capital Nacional e Capital Estadual da Literatura, tornam inquestionável esse reconhecimento. E isso é muito bom. Quem investiria numa cidade de boçais? Quem gostaria de visitar ou morar numa cidade de tabacudos? É claro que ninguém.

Como alguém que estuda a história de Passo Fundo há quarenta anos, costume repetir que a Academia Passo-Fundense de Letras é a herdeira de uma tradição que recua pelo menos até 1883, quando foi criado o Clube Amor à Instrução, que realizava diversas atividades culturais e mantinha uma grande biblioteca, para aqueles tempos. Desde 7 de abril de 1938, quando surgiu o Grêmio Passo-Fundense de Letras, do qual a Academia é sucedânea, tudo o que aconteceu em Passo Fundo, culturalmente falando, ou nasceu dentro do sodalício ou foi regado por nossos consócios. O primeiro Centro de Tradições Gaúchas de nossa Região, o telegrama ao presidente Getúlio Vargas, propondo a criação da Universidade de Passo Fundo, foram gerados dentro da Academia. Os ativistas culturais, que idealizaram e dirigem nossos principais eventos nessa área, amadureceram acompanhando as atividades da Academia. Por isso, a responsabilidade da Academia Passo-Fundense de Letras é muito grande. Somos e continuaremos parceiros, para que Passo Fundo se consolide, cada vez mais, como um centro de excelência cultural.

**(Paulo Domingos da Silva Monteiro é presidente da Academia Passo-Fundense de Letras.)**

# A grande mulher que registrou a história de Passo Fundo

WELCI NASCIMENTO

**N**a era da eletrônica, o desenvolvimento da técnica, os meios de comunicação social e o conhecimento do próprio homem chegaram a um fâstio tal que ultrapassaram os mais arrojados sonhos de nossos ancestrais históricos.

Tudo isso leva a atribuir-se à missão de dominar a terra uma nova dimensão, mais lúcida e mais objetiva do que aquela que tiveram as gerações que nos precederam.

Na tentativa de analisar sua missão, o homem, desde que surgiu na face da terra, vem confundindo o domínio do mundo com o domínio de outro homem.

Servindo-se de seu irmão, na satisfação de seus interesses próprios, criou o homem múltiplas formas de opressão: da mulher, do filho do escravo, das coletividades, das nações...

A dominação do homem por outro homem, de grupos por outros grupos, de uma nação por outras nações, foi percebida e exercida de modo diferente.

Hoje, de modo mais claro, o homem toma consciência de que pertence a uma comunidade muito mais vasta, a qual se traduz em pequenas comunidades locais.

Essas comunidades sofrem transformações, ao longo do tempo. O homem do século XIX não é o mesmo do século XXI.

Passo Fundo já foi freguesia, vila, e hoje é um pólo regional. O ser humano mudou. Passo Fundo mudou. Já fomos dominadores, porque os políticos exerciam o poder pela força e com a força. Éramos uma comunidade extremamente machista, dominadora.

Mas a história deste município registra o trabalho ativo, nobre, de mulheres que se destacaram nas mais diversas áreas do conhecimento humano e que envolveram, positivamente, a vida social da comunidade.

Com o dinamismo que caracterizava cada uma dessas mulheres, em suas ati-



vidades positivas, elas souberam dar a contribuição necessária para ajudar no processo do desenvolvimento político, social e econômico de Passo Fundo, tornando a cidade mais humana.

Vem-nos à lembrança mulheres como Eulina Braga, Ana Luisa Ferrão Teixeira, Irmã Margarida, Helena Salton, que já nos deixaram.

Mas ainda contamos com mulheres como Heloisa Almeida, Alice Costi e tantas outras mulheres, que lideram inúmeros segmentos da nossa sociedade, com Tania Röesing.

Estamos nós, aqui reunidos, para reverenciar a memória de uma mulher. De uma grande mulher: Delma Rosendo Gehm, cujo nascimento e morte ocorreram na terra do seu coração – Passo Fundo.

Sua trajetória, seu discernimento, sua conduta retilínea, seu interesse inabalável e seu amor pelo município de Passo Fundo, fazem nos reunirmos com os mesmos sentimentos, para reverenciar a memória dessa mulher, carinhosamente chamada de Dona Delma.

D. Delma procurava estar sempre pre-

sente na vida desta comunidade, hoje mais fraterna. Era uma mulher extremamente ativa, jovial no que se referia às idéias, estava sempre pronta para o debate que dissesse respeito à vida da sua cidade natal, que dissesse respeito a seus valores morais, cívicos, culturais.

Sistematicamente, a imprensa local publicava suas idéias e ideais sobre o comportamento humano.

Ela procurava ser fiel aos fatos, aos acontecimentos que envolviam a vida da sua gente.

Neste sodalício, foi uma destacada acadêmica, tendo exercido a Presidência com dignidade e muito empenho em defesa das letras.

Em 1957, ao lado de pessoas ilustres desta cidade, como Antônio Donin e Jorge E. Cafruni, ajudou a fundar e organizar o Instituto Histórico e Geográfico de Passo Fundo, hoje reestruturado, sob a liderança do escritor Pedro A. V. da

Fonseca.

Notórios fatos que envolveram o povo de Passo Fundo foram registrados, graças às pesquisas realizadas pela professora Delma.

Ela escreveu e reescreveu a história deste Município.

O episódio da Guerra do Paraguai foi um exemplo. Daqui, segundo Delma, partiram o 42º e 8º esquadrões, totalizando um efetivo de 1700 homens.

Em 1864, registra que já havia marchado o 9º Corpo com 409 homens, incorporando-se às forças de operação contra os paraguaios. Segundo a nossa historiadora, Passo Fundo enviou mais de 2 mil homens para os combates.

Coube a Francisco Marques Xavier (o Cel. Chicuta), a glória do último feito de toda a campanha, escreveu a professora Delma.

As velhas e novas gerações precisam ficar sabendo dessas coisas. Para isso, há que se ter alguém que pesquise e escreva a história.

Delma fez isso.

Ela costumava debater temas polêmicos, pois era uma oradora nata.



Delma presidindo sessão da APL

“O que tem sido mais benéfico para o Brasil? As armas ou a literatura?” questionava. Delma proferia palestras e trazia à tona as idéias de Nicolau de Araújo Vergueiro.

O Clube Amor à Instrução, criado no ano de 1883, tendo como sede um velho casarão situado na Rua do Comércio, hoje Avenida Brasil, foi objeto de pesquisa por Delma. Tal clube foi a sementeira de grandes ideais como, por exemplo, o movimento abolicionista, a melhoria da instrução e oportunidades para estudar...

Dos olhos e dos ouvidos da professora Delma pouca coisa escapou. Ela costumava registrar tudo para a posteridade. Daí a importância das placas, dos marcos indicativos de fatos. Só o tempo poderá dar o devido valor.

Um dos grandes trabalhos da professora Delma, editado em 1976, foi a obra “Cronologia do Ensino em Passo Fun-

do”. Ela registrou tudo o que aconteceu na área educacional, de 1848 a 1976. Delma foi às fontes. Desde a Imperial Câmara de Cruz Alta até a Câmara Imperial de Passo Fundo. Da criação da mais simples e remota escolinha, lá no meio rural, às faculdades da Universidade.

Outra obra, que deverá estar nas mãos de professores e alunos, é Passo Fundo Através do Tempo, em três volumes, patrocinado pelos prefeitos, Wolmar Salton, Firmino da Silva Duro e Fernando Machado Carrion, e repassados à SAMI e à APAE para beneficiar essas instituições.

D. Delma não comercializava seus trabalhos. Fazia doação das suas obras em favor da comunidade.

Trabalhava porque gostava.

As emissoras de rádio tinham o prazer de entrevistá-la. Delma era objetiva, falava com convicção, com clareza, e sabia estabelecer a comunicação. Falava

com a autoridade de quem sabia.

Senhoras e senhores!

Quem foi essa mulher tão importante para a sua gente?

Delma Rosendo Gehm nasceu em Passo Fundo, no dia 9 de outubro de 1917. Era filha de Manoel Thomaz Rosendo e Universina Ribas Rosendo.

Contraiu núpcias com Waldemar Daniel Gehm, em 2 de setembro de 1939.

Do casamento nasceram as filhas: Valéria, casada com Polidoro Mendes da Costa; Silvana, casada com José Maraes; e Carla, casada com Sérgio Dumoncel Hoff.

O casal Delma e Waldemar ganhou muitos netos.

Seu esposo era do alto comércio de Passo Fundo.

As atividades profissionais de Delma Rosendo Gehm foram essencialmente na área educacional.

Foi uma educadora por excelência. Ela trabalhou em todas as instâncias do magistério. Desde professora do Ensino Primário até galgar o cargo de Secretária Municipal de Educação e Cultura, na gestão Mário Menegas.

Delma, além de ser professora, era uma mulher engajada na vida da sua cidade natal. A personalidade de D. Delma encantava as mulheres que lhe faziam companhia. Ela foi picada pela mosca azul da libertação da mulher.

Delma presidiu a Sociedade das Senhoras dos Caixeiros Viajantes, foi Secretária Geral do Núcleo de Voluntárias da Pátria e da Cruz Vermelha Brasileira, por ocasião da Segunda Guerra Mundial. Presidiu a Sociedade de Amparo à Maternidade e Infância de Passo Fundo – SAMI. Presidiu o Núcleo da Legião Brasileira de Assistência; secretariou a APAE, coordenou cursos profissionalizantes da Fundação Gaúcha do Trabalho; foi membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Passo Fundo e da Academia Passo-Fundense de Letras, da qual foi presidente. A Liga de Combate ao Câncer teve em Delma uma líder.

D. Delma tinha o dom da oratória. Por isso, ela sempre foi designada, por seus pares, para ser a oradora oficial das instituições de que fazia parte integrante.

Dedicada ao estudo e ao saber, sua vida foi pontilhada de cursos, feitos com raro brilhantismo.

Delma foi uma mulher política, no mais elevado sentido da palavra.

Este é o perfil da nossa companheira da Academia Passo-Fundense de Letras: Delma Rosendo Ghem. Incompleto, cer-

tamente. Ela foi muito mais. Ela deu de si, muito mais.

Delma foi uma das acadêmicas mais atuantes deste sodalício.

A presidência, na pessoa do escritor Paulo Monteiro, lhe rende homenagem. Os acadêmicos e acadêmicas lhe rendem homenagens, que tornam públicas, aos seus familiares e amigos aqui presentes, suas amigas desta terra, que Delma sempre amou e à qual se dedicou, incansavelmente.

“Toda a moral social resume-se nisto: instruir-nos e instruir os outros”.

Este pensamento ilustra uma de suas obras.

É o que Delma sempre tentou fazer, ao longo da sua trajetória nesta terra, altamente comprometida com a sua gente.

Com paciência, Delma Rosendo Gehm soube coligir fatos que o homem do passado construiu. “Foi uma historiadora que procurava, na dimensão da plenitude humana, ser fiel e honesta aos fatos que descrevia”.

As memórias históricas de Passo Fundo vieram à tona com os livros da professora Delma.

A famosa e famigerada Revolução Federalista, sepultada pelo povo de Passo Fundo, porque o principal combustível dessa revolução foi o ódio alimentado pelo fanatismo político, foi descrita, batalha por batalha, no território de Passo Fundo, pela professora Delma.

A Guerra do Paraguai, a que nos referimos, ocorrida de 1864 a 1870, e que empolgou toda a alma rio-grandense, foi descrita pela professora Delma, no que

se refere à participação dos passo-fundenses.

A Guerra dos Farrapos também não escapou das anotações da escritora passo-fundense.

Foi Delma que ajudou o povo desta cidade a recuperar a sua memória. Ela deu continuidade aos registros de Francisco Antonino Xavier e Oliveira.

A movimentação política da Revolução de 1930, que colocou Getúlio Vargas no poder, foi também registrada pela professora Delma. Os acontecimentos, os principais personagens, tudo foi objeto de análise da nossa consagrada historiadora.

À sombra dos nossos historiadores que já partiram, outros vão chegando e contando o processo histórico desta comunidade, escrevendo e reescrevendo os acontecimentos e a vida deste povo.

Estamos no mês de agosto, tempo que nos faz lembrar a emancipação política de Passo Fundo.

São 151 anos de vida.

Todos os anos, na Semana do Município, a professora Delma costumava dar entrevistas nas emissoras de rádio, nos jornais, e percorria os educandários, as instituições, dissertando sobre o processo de desenvolvimento da sua terra natal.

Ela falava com autoridade de quem sabia.

“O tempo é sanga que corre para o rio da eternidade”, disse o poeta regionalista, membro desta Academia, Tenebro dos Santos Moura.

A obra da professora Delma Rosendo Gehm, “Passo Fundo Através do Tempo”, é como a sanga que a levou para a eternidade.

#### Nota

Panegírico pronunciado na Sessão em Memória da Professora e Historiadora Delma Rosendo Gehm, no dia 9 de agosto de 2008, realizada no Salão Nobre da Academia Passo-Fundense de Letras.

(Welci Nascimento é professor e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)

## Poesia

HELENA ROTTA DE CAMARGO

### Ode aos 150 anos

Foste outrora  
um menino travesso,  
saltitando  
nas asas do vento.  
E, se as águas do rio  
te acenavam,  
eras riso e cantiga  
e lamento.

Já crescido,  
aprendeste a ser livre,  
ao pugnar na defesa  
da terra.  
A altivez dos pinheiros  
por mote,  
descobriste a bravura  
na guerra.

Homem feito,  
abraçaste a doutrina  
do progresso,  
na enxada e no malho.  
E nos muros da história  
gravaste  
um legado de fé  
e trabalho.

Vitorioso,  
desfraldas agora  
as conquistas do rifle  
e da mente.  
Passo Fundo,  
o porvir te sorri,  
na esperança e no amor  
de tua gente.

(Helena Rotta de Camargo,  
Academia Passo-Fundense  
de Letras.)

(ARQUIVO APL)



Jurema Carpes do Valle e Delma

## Estômagos Inocentes

Estômagos que devoram o mundo,  
Comem incansavelmente tudo o que há.  
A fome é tão grande que não há prazer em comer.  
A comida faz mal.  
O amor não vem.  
A busca continua sem trégua.  
A natureza humana reclama  
E tudo envelhece e cansa.  
É um mecanismo corpóreo,  
É uma procura sem fim,  
É o princípio do fim.  
Há uma saída...  
Mas enquanto não se reconhece,  
Os homens continuam a devorar a terra,  
Tudo por não saber onde estão o amor, o perdão e a paz.  
Continua a saga maldita,  
Confiando somente em sua inteligência.  
Pobres dos estômagos!  
Carregam a cruz mais pesada de um corpo.  
Carregam consigo a culpa do desamor.  
Se não fosse você, estômago, ou máquina de triturar,  
O mundo estaria sem um saco para carregar tanto ódio.

## Lepra, Aids e Alma

A alma grita por socorro,  
Pede clemência, pede compaixão.  
O massacre continua,  
A doença assola, devasta, corrói.  
A doença da alma não dá trégua.  
O homem com seu intelecto fica  
E nem percebe tamanha confusão.  
No meio da catástrofe fica sem as mãos.  
A alma continua a gritar,  
Pedindo solução,  
Ninguém lhe atendendo.  
Ela chora e sente muito.  
Espera uma chance para seus males sanar,  
Enquanto isso as doenças tornam a devorar.  
A doença do corpo, ao morrer, vai embora.  
A da alma continua,  
Esperando outra oportunidade  
De se salvar e curar  
Todas as suas enfermidades.  
Essas doenças corporais,  
Lepra, Aids e tantas mais,  
São apenas o eco  
Do grito da alma.

(Moisés Salazar é electricista e poeta,  
de Passo Fundo/RS.)

# O Ministério Público e a Defesa dos Interesses Sociais e Individuais Indisponíveis

LUÍS MARCELO ALGARVE

O crescimento contínuo da população mundial, a devastação do meio ambiente, a explosão da violência, a transgressão de direitos fundamentais, a disseminação do regime ganancista no mundo inteiro, os avanços tecnológicos e sobretudo o fenômeno da globalização, são fatores que influenciam diretamente para o aumento da competitividade entre os homens, para a diminuição da solidariedade entre eles e para a conseqüente multiplicação dos litígios e surgimento de relações jurídicas cada vez mais complexas.

Paralelamente, sobreleva a importância que assume a existência, nas Constituições dos Estados, de uma função estatal que tenha por objetivo a defesa do respeito pela dignidade da pessoa humana, através de mecanismos que lhe permitam cobrar do Estado e dos particulares o respeito à ordem jurídica, aos fins do estado de direito estabelecidos na Constituição, enfim, cobrar de quem quer que seja - inclusive do Poder Público - o respeito aos direitos difusos e coletivos da população, o cumprimento dos direitos sociais pelo Estado e o respeito aos direitos individuais indisponíveis.

Os registros históricos, todavia, apontam que o primeiro povo a criar um mecanismo complexo de instrumentos de defesa dos direitos individuais foram os romanos, sendo a “Lei das Doze Tábuas” considerada a origem dos textos escritos consagradores da liberdade, da propriedade e da proteção aos direitos do cidadão.

Até mesmo na Idade Média, com a sua organização feudal, em que havia rígida separação de classes, em que vassalos eram subordinados do suserano, diversos documentos jurídicos foram elaborados, reconhecendo a existência de direitos humanos, sempre com o objetivo

de limitar o poder estatal.

Seguramente, a multiplicação dos litígios e o nascimento de relações jurídicas cada vez mais intrincadas demonstram a necessidade de intervenção de uma instituição permanente, essencial à função jurisdicional do Estado, com prerrogativas próprias e com o dever de cobrar dos particulares e dos poderes públicos os direitos das pessoas desfavorecidas, os direitos difusos e coletivos da população, os direitos dos incapazes, a resposta aos delitos que assombam a sociedade e até mesmo a proteção dos bens e direitos de valor artístico, estético, histórico, turístico e paisagístico. Enfim, uma instituição encarregada da defesa da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses sociais e individuais indisponíveis, a qual tenha poderes e prerrogativas que lhe permitam bem desempenhar esse mister, sob pena de desconfiguração de um verdadeiro “estado de direito”.

O artigo 127 da Constituição da República Federativa do Brasil, inserido no capítulo das funções essenciais à Justiça, preceitua que “o Ministério Público é instituição permanente, essencial à função jurisdicional do Estado, incumbindo-lhe a defesa da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses sociais e individuais indisponíveis”. Ainda, refere a Lei Maior que a unidade, a indivisibilidade e a independência funcional são princípios institucionais do Ministério Público, sendo-lhe assegurada a autonomia funcional e administrativa.

Como agentes políticos, os membros do Ministério Público devem atuar com ampla liberdade funcional. Não estarão condicionados senão aos parâmetros da legislação que envolver os diversos casos, à sua apreciação submetidos, e ao que for ditado pelas suas consciências. Tamanha responsabilidade, indiscutivelmente, implica a necessidade de garantias, prerrogativas, deveres, e respon-

sabilidade funcional próprios. E isso também se encarregou de lhes assegurar a Constituição atual.

O Ministério Público é instituição permanente, isto é, trata-se de um conjunto de órgãos com função determinada visando à consecução de um interesse alheio. Conforme o ilustre professor J. Cretella Júnior, “o Ministério Público é um organismo que, criado, entra no mundo jurídico para o desempenho ininterrupto das funções que lhe condicionaram o nascimento”. A perenidade do Ministério Público é a garantia da expectativa do asseguramento de todos os direitos abarcados por sua atribuição.

É instituição essencial à função jurisdicional do Estado, pois, ausente o Órgão Ministerial, jamais se fará Justiça de modo cabal. A essencialidade do Ministério Público à realização da Justiça decorre do princípio da continuidade, já que sendo instituição imprescindível à efetivação perfeita da prestação jurisdicional, obtida com o desempenho da função junto aos órgãos do Poder Judiciário, a perenidade tem de ser assegurada na atividade de distribuição da Justiça, sem o que haveria quebra no processo judiciário.

Ao Ministério Público incumbe a defesa da ordem jurídica, porquanto o ofício ministerial não é de mera ordenação e coordenação de atividades governamentais, mas de postulação e promoção de Justiça. Tarefa essa tão essencial à vida das sociedades contemporâneas e primordial à efetivação do poder emanado do povo. Por isso, o representante do Ministério Público, nos dizeres do mestre Cretella, “luta, porfia, combate, litiga, postula, pede, investiga, zela e promove”, incumbências dirigidas à defesa da ordem jurídica e aos interesses da sociedade.

Compete-lhe, também, a defesa do regime democrático. Amparar o regime implantado no país e denunciar quaisquer



tentativas de introduzir regime outro que atente contra a cidadania, a dignidade da pessoa humana, os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa, etc. Enfim, o Ministério Público resguarda, em suas atividades, as liberdades públicas.

Nessa linha de pensamento, a defesa dos interesses sociais e individuais indisponíveis, sem dúvida, representa o ápice das atribuições do Ministério Público, porquanto nesse âmbito de atuação defende-se a criança e o adolescente, o ancião, o meio ambiente, o consumidor, a vítima, o patrimônio público e social, a aplicação da Lei e da Justiça, enfim, tudo o que for de todos e, inclusive, o réu, o condenado, embora muitos insistam em pensar que o representante do Ministério Público é um acusador sistemático e implacável. Ledo engano, quem bem analisar, vai concluir que o Ministério Público há muito tempo se despiu daquela figura de inexorável acusador, pelo contrário, atualmente, o órgão ministerial, a rigor, não acusa, mas defende. Segundo o ensinamento do grande mestre Roberto Lyra, o Ministério Público “defende a vítima, a lei, a sociedade. Não acusa *um* réu, mas o réu, se for, provavelmente, responsável. É mais advogado do inocente do que o próprio advogado. A tutela, não dos interesses e sim dos direitos do acusado, compete, por elementar dever, ao Promotor. O advogado acompanha o seu constituinte durante o processo, terminando com ele o seu mandato devidamente remunerado. Mas, o Promotor defende o sentenciado, ve-

lando por seus direitos durante toda a execução da pena e até depois dela, com o livramento condicional. Mesmo ao responsável, no decurso do processo, ele assiste, protegendo-o de violências ou abusos, pleiteando o reconhecimento de atenuantes, a unificação de penas, a concessão de *sursis*, reque-rendo a prescrição, etc. Não há debate em que possa ser mal sucedido o Promotor honesto e leal, a quem enobrece confessar-se vencido, não pelo adversário, mas pela verdade”.

Há interesses, individuais e sociais, de que as pessoas e as coletividades podem livremente dispor, sem ofensa a outras pessoas ou a grupos de pessoas. São os interesses disponíveis. A atuação à frente dos interesses sociais e individuais indisponíveis legitima o Ministério Público ao patrocínio de interesses públicos, como a preservação de bens de valor artístico e histórico, assim como de privados, quando merecem especial tratamento do ordenamento jurídico, por exemplo, nos casos particulares de indenização, desde que envolvam interesses de pessoa incapaz.

O Ministério Público, além de patrocinar como titular as ações penal e civil públicas, intervém predominantemente como fiscal da lei em casos de relevância pública que envolvam atendimento a fins de interesse geral, evidenciado pela natureza da lide ou qualidade da parte. É o caso, a título ilustrativo, das ações de desapropriação, de usucapião, de acidente de trabalho, de interesses de incapazes, de curatela, de tutela, de

estado de pessoa, etc, além das causas em que estejam em um dos pólos da demanda a administração federal, estadual e municipal. Também o Ministério Público tem como atribuição fiscalizar e auxiliar na organização das Fundações.

Hoje, o Ministério Público se afigura como autêntico protetor dos interesses sociais, dos interesses difusos e coletivos. É titular da ação que se fizer necessária para proteger o que é de todos. Quando, na ação penal e civil, comunica e apresenta ao Estado-Juiz o fato, e requer a providência jurisdicional, dá voz à sociedade ofendida por uma conduta individual, exerce a função que o mesmo Estado lhe deu, tem verdadeira atribuição de postulante, estritamente ligada à de defensor. Onde quer que se vá, seus integrantes são reconhecidos como expectativa do asseguramento de todos os direitos, como certeza de que sua intervenção assegura o reconhecimento deles, sem reservas.

O oigente ministerial deve ser uma pessoa das inquietudes, das inconformidades com a própria vida e a vida dos outros. Deve ser um cidadão de ideais sem limites, almejando arrebatada glória da unidade nas verdadeiras soluções e não em acomodações. Deve agir com aquele calor, desassombro e bravura indispensáveis aos defensores do interesse público e da lei. Nesse sentido, vale transcrever a lição de Prudente de Moraes Filho, quando definiu a importância do Ministério Público para a sociedade, a saber: “É uma magistratura especial, autônoma, com funções próprias. Não recebe ordens do Governo, não presta obediência aos juizes. Age com autonomia e em nome da sociedade, da lei e da Justiça”.

Dessa forma, em homenagem aos 70 anos da Academia Passo-Fundense de Letras, nada mais justo do que render agradecimento especial à instituição do Ministério Público, na pessoa do combativo e atuante Promotor de Justiça, Ari Costa. O Dr. Ari Costa, hoje Promotor-Corregedor em Porto Alegre-RS, foi o responsável direto pela manutenção da fachada histórica da Academia Passo-Fundense de Letras. A preservação da fachada do prédio histórico deu ânimo ao projeto de restauração, e a atuação do Promotor Ari Costa foi decisiva para o início das obras de revitalização da sede da APL.

(Luís Marcelo Algarve é advogado e membro da APL.)



# Memórias da nossa praça

**LUIZ JUAREZ NOGUEIRA  
DE AZEVEDO**

**P**ara não dizer que não falei de flores, como queria Geraldo Vandré, falarei hoje da praça, precisamente da nossa Praça Marechal Floriano. Praças, como se sabe, não falam e nada sentem. Parodiando Fernando Pessoa, são simplesmente praças, nada mais que praças.

A praça central de Passo Fundo já foi muito mais freqüentada, mais bela e dotada de um encanto que desapareceu nas brumas do tempo. Entre as décadas de 1930 e 1980 do passado século, foi o centro intelectual, social, comercial e econômico da cidade. Diante dela, nas ruas que a circundam, bem iluminadas e arborizadas, estavam os principais estabelecimentos da cidade: cinemas, bancos, livrarias; as melhores lojas, além dos bares, restaurantes e cafés mais requintados. Ali pulsava o coração da cidade, onde se viam as pessoas mais elegantes, mais belas e inteligentes. Era para onde vinham, depois das aulas, os estudantes dos tradicionais IE e Conceição, e as raparigas em flor do colégio das freiras (Notre Dame). Era na praça que se sabia das notícias da cidade e se discutiam os acontecimentos nacionais e in-

ternacionais. Era no célebre Café Elite ou na sala da gerência do Banco da Província que eram tratados os negócios mais importantes. Tudo o que se fazia em Passo Fundo de algum modo passava pela nossa velha praça.

Assim era há pelo menos oitenta anos e nas décadas que se seguiram.

Em sua face sul havia a Casa Floriani, a Casa São Paulo, a Casa das Sedas. Ali funcionava também a Casa A Moda. No mesmo lado havia a revisteira e tabacaria do “seu” Ângelo Grespan, ao lado da loja de couros Kieling, no sobrado que fora a primeira sede do Banco do Brasil. Em frente à Casa Paraíso, de café e bilhares, na esquina com a General Neto, até o fim da década de 50, tínhamos a Casa Edi, dos irmãos Tissot, ao lado do Salão Nacional, já na mesma avenida, nossa mais requintada barbearia, o primeiro salão a receber senhoras para o corte de cabelos. Do lado norte, na esquina da Rua Independência, estavam a Casa Rádio, que, juntamente com o Novo Bazar, eram as mais afamadas lojas de louças, cristais e artigos domésticos. Junto a elas estava a Casa D’Arienzo, especializada em tecidos e armarinhos. Precisamente em frente havia o ponto dos “carros de praça”. Ali estacionavam os primeiros táxis da cidade, onde antes haviam estado os co-

ches de aluguel e seus cocheiros. Na mesma quadra, próximo ao palacete Medaglia e junto ao Banco do Comércio, tínhamos a famosa Farmácia Serrana, com seu magnífico prédio *art-nouveau*. Ao lado do nascente, o quarteirão era flanqueado pelo palacete que sedia o Banco da Província, hoje Banco Itaú, e pela Casa Miotto, a nossa melhor vidraçaria. Ali estavam também o Banco Industrial e o Clube Caixeiral, o lindo palácio rosado da Marechal Floriano. Nos anos sessenta, foi concluído o moderníssimo prédio do Turis Hotel e do cinema Pampa, que tinha lugares para 2.500 pessoas, hoje transformado em garagem.

O mais interessante era o lado do Poente, por onde passa a Avenida General Neto. Ali estavam a mais importante livraria, os melhores cafés, os restaurantes e os dois cine-teatros: Coliseu (depois Real) e Imperial. Começava, para quem vinha da Avenida Brasil, com a Livraria Progresso, de Paulo Pargendler, oferecendo os best-sellers da época. A casa depois se transferiu para a Avenida Brasil, onde continuou sob a denominação Livraria Americana. Ali passou a funcionar o Parque Elétrico, de Paolo Battisti, o primeiro a vender aqui geladeiras, chamadas *frigidaires*, rádios e aparelhos elétricos. Na esquina da rua

Independência, vindo de Santo Ângelo, Eleodoro Antunes instalou a sua Casa Sonora. Foi em frente dela que funcionou o serviço de radiofonia Guarany, de Maurício Sirotski, que foi a origem da radiofonia entre nós, semente do poderoso Grupo RBS.

Seguia-se o mítico Café Elite, também restaurante, inicialmente dos irmãos Bordignon e depois de Alcides Bertoldo, onde depois esteve o Banco Bamerindus. O Elite era o mais importante ponto de encontro da cidade. Ninguém podia faltar ao cafezinho, servido permanentemente nas inesquecíveis xícaras brancas. Ali estavam os industriais, os comerciantes, os médicos, liderados pelo famoso Dr. Sabino Arias e pelo benemérito Dr. Telmo Ilha, depois pelo Dr. Donadussi e pelo Dr. Rudah. Os principais advogados, a começar pelo Dr. Azambuja, com Carlos Galves, Celso Fiori, Frederico Daudt, Verdi de César, Nei Menna Barreto e Pedro Avancini, o rábula mais astuto que aqui tivemos. Mais tarde viriam os professores da Faculdade de Direito, Rache, Busato, Mário Neves, Juarez Diehl, entre outros. E também políticos como Daniel Dipp, Trein e Martinelli, e o jornalista Múcio de Castro. A turma da Cooperativa, de que lembro o inesquecível Júlio Gasparotto. O pessoal do Gaúcho e do 14 de Julho. Frequentavam o Elite os juizes Germani, Isaac Melzer e César Dias Filho e os promotores Aiub e Boeira Guedes. Por ali estavam o escrivão Maíno, do Fórum, e o brejeiro tabelião Honorino Malheiros. Ao lado funcionava a barbearia do José Pacheco (José Barbeiro), prócer do Partido Comunista local,

sempre afável e bem informado.

Depois vinha o prédio da Catedral, inaugurado nos anos 50, após a instalação da diocese, sob a batuta de D. Cláudio Colling, com suas inesquecíveis missas de domingo, onde os padres José Gomes e Jacó Stein, admirados por todos, eram o pároco e o coadjutor.

Continuava com o bar Oásis, hoje pertencente a Jesus Castanho, depois de ter sido de Ernesto Saccomori, de Valentim Norberto e de outros proprietários. Sobrevivente de melhores tempos, baluarte de uma tradição que se está a perder, faz parte da legenda da cidade. Merece ser cantado em prosa e verso, por sua venerável legenda, que se confunde com a história de nossa urbe.

Antes dele havia o Cine Teatro Imperial, construído pelo pioneiro Arthur Rotta. Ali estiveram peças e artistas teatrais famosos, como Procópio Ferreira, com "Deus lhe Pague". No local consagrou-se nosso grupo teatral Delorges Caminha, de que hoje ainda temos o artista-herói máximo, Paulo Giongo. Ali foram exibidos os clássicos de muitas épocas, filmes da Metro, da Universal e da Paramount, sem falar na filmografia européia da *nouvelle vague* e do neorealismo, francês e italiano.

Mais adiante vinha o Hotel Excelsior. Em seu andar térreo funcionava o Café Haiti, super-moderno, dotado de restaurante e boate, onde se podia dançar aos sábados e domingos. Antes estivera no local o Café Colombo, destruído por um incêndio, onde eram servidos chope, guaraná e sanduíches, de sabores inesquecíveis.

Quase terminada a quadra, vinha o

fabuloso Cine Real, que sucedera ao famoso Coliseu, também consumido pelo incêndio que levou consigo o Café Colombo.

Por fim, havia o Café Sonora, ao lado da Casa Sonora, de Eleodoro Antunes. O café, com frequência diferenciada, completava a loja. Ela era a sede de uma indústria e de um comércio significativamente inovadores. Antunes foi quem desenvolveu os primeiros crediários. Também trabalhava com refrigeração comercial. Era um esplêndido homem de empresa, irradiando simpatia e calor humano.

Do outro lado da rua, em prédio até hoje existente, estava o Bar Independência, frequentado predominantemente pelo pessoal do antigo PTB. Ali era o seu reduto, onde eram concebidas as artimanhas para derrotar o PSD.

Aquela era a praça da minha juventude, de tempos que já se foram. Hoje, quase abandonada, insensatamente transformada e transfigurada, jamais recuperará o esplendor e a alegria de outrora. Como o poeta, a mim só resta indagar: *où sont les neiges d'antan?*

(Luiz Juarez Nogueira de Azevedo é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

## Poesia

JABS PAIM BANDEIRA

### Praça Grande

Quem não sentiu o perfume  
Do lenitivo costume  
Anunciando a primavera?  
São flores desabrochando,  
São corações se amando,  
Numa mesma atmosfera.

Em cada copa um buquê,  
Nas flores que nem se vê,  
Um aroma incandescente.  
É o fruto da natureza,  
Numa sinfonia de beleza  
Embriagando a gente.

É assim que te descrevo,  
Justo como te vejo,  
Praça Grande Marechal!  
Se Floriano é teu nome,  
Sempre foste o cicerone  
Do Planalto sem igual!



(FOTOS: CLAUDIO WIENER E VERA MARASCA)

1954



# Homenagem da APL ao Hospital São Vicente de Paulo, pela passagem dos seus 90 anos

**WELCI NASCIMENTO**

Há poucos dias a Academia Passo-fundense de Letras perdeu uma de suas mais ilustres mulheres. Não só esta casa, mas também a cidade de Passo Fundo. Refiro-me à morte da professora Delma Rosendo Ghem, historiadora que, ao longo dos anos, registrou os acontecimentos mais significativos que constituem a história deste município, especialmente da cidade.

No dia 24 de junho do ano de 1918, na noite de São João, certamente muito fria, com fogueiras pelas ruas da cidade, que ruas estas ainda não eram calçadas, nasceu o Hospital São Vicente de Paulo.

Nessa época, era lançado o primeiro loteamento organizado da cidade: “a Vila Rodrigues”, uma iniciativa do empresário Faustino Rodrigues da Silva que, dois anos depois, organizava também

a primeira feira de animais, em nossa cidade.

No interior do Município começava o povoamento da sede Sarandi, com famílias alemãs e italianas.

A Câmara de Vereadores aprovava a emancipação política do Distrito de Boa Vista do Erechim.

Na cidade era inaugurado o Banco Pelotense e prosseguia a arborização da Avenida Brasil, assim denominada em 10 de dezembro de 1913.

Era construída uma linha telefônica ligando a cidade à localidade de Marau, uma iniciativa do Capitão Jovino da Silva Freitas, pai de um dos primeiros médicos do Hospital São Vicente de Paulo, o Dr. Jovino, conhecido por todos nós.

O Município, naquela época, ainda se refazia dos estragos ocasionados pela Revolução Federalista de 1893.

Os maragatos se organizavam na cidade, sob a liderança do Dr. Artur Caetano, e o povo sentia no ar um outro

conflito, que viria no ano de 1923, por motivos eminentemente políticos.

Poucos antes de ser fundado o HSVP, Passo Fundo elegeu dois deputados: Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, chimango, e Dr. Artur Caetano, maragato.

Fazia 29 anos que a República havia sido proclamada no Brasil.

Na cidade já havia um hospital, ainda em organização, fundado em 1914. Era o Hospital de Caridade, hoje Hospital da Cidade.

Ele atendia os doentes num velho casarão de madeira, situado na Rua General Osório, esquina com a Rua General Neto. Atendeu as primeiras pessoas infectadas pela terrível gripe chamada espanhola, que atacava o mundo inteiro.

A professora Delma registrou que, em maio de 1918, os Vicentinos de Passo Fundo, que se organizaram em 1916, promoveram um espetáculo no cinema central, em benefício do Hospital de Caridade, para auxiliar os doentes ali in-

ternados, infectados pela terrível epidemia, que o povo costumava chamar de “peste”.

Foi daí que os Vicentinos de Passo Fundo tiveram a iniciativa de criar outro hospital.

Esse hospital nasceu nas entranhas da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição Aparecida, sob a liderança do Padre João Rafael Iop, com um grupo de vicentinos e do apostolado da oração.

Dessa feliz iniciativa surgiu e foi registrada a Sociedade Hospitalar Beneficente São Vicente de Paulo. Desde a sua fundação até hoje, o Hospital São Vicente de Paulo é mantido por esta entidade. Ela, até os dias atuais, não distribui lucros aos sócios nem remunera a sua diretoria.

Ao longo do tempo, vem aplicando, integralmente, as sobras financeiras para manutenção e desenvolvimento de suas finalidades sociais e assistenciais. Daí, certamente, um dos segredos do sucesso, ao longo dos anos, das sucessivas gestões do HSVP. A gestão da coisa privada, em última análise, não deixa de ser, também, uma gestão pública, porque tudo vem de Deus.

No dia 29 de dezembro de 1918, o jornal “O Gaúcho”, órgão do Partido Republicano local, estampava nas suas poucas páginas, uma notícia:

“É inaugurado, oficialmente, na cidade de Passo Fundo, um hospital com o nome de Hospital São Vicente de Paulo.”

Informava o jornal que, desde muitos dias, o referido hospital já vinha prestando relevantes serviços, tendo já agasalhado doentes infectados pela gripe espanhola. E acrescentava: o hospital é fruto de uma associação civil.

O padre João Rafael, pároco da igreja matriz, respeitosamente, comunicou o funcionamento do HSVP ao Dr. Borges de Medeiros, Presidente do Estado do Rio Grande do Sul.

Este, satisfeito com a boa notícia, respondeu a missiva do Padre Rafael, congratulando-se com o fato e disponibilizou os serviços médicos do Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, então chefe do Posto de Higiene local, para, por conta do Governo do Estado, prestar seus serviços ao hospital.

Os senhores, Herculano Trindade, que veio a ser o primeiro presidente da Sociedade Hospitalar, e Ludovico Dela Mea, ambos vicentinos, tomaram a iniciativa de construir um pavilhão de madeira, para servir de isolamento dos doentes

infectados pela moléstia contagiosa.

O corpo de enfermagem era constituído por pessoas leigas. De formação técnica, só contavam com a boa vontade. Registra-se que quase todos foram contaminados pela epidemia.

Hoje o HSVP conta com mais de mil técnicos, altamente especializados.

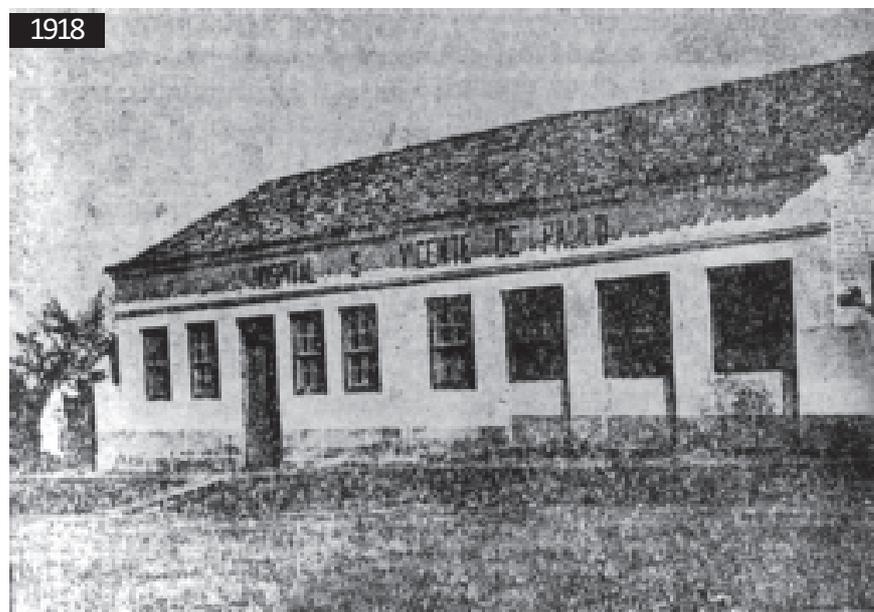
Naquela época, o Padre Rafael solicitou à equipe médica do hospital, constituída por três médicos, que atestassem as condições da casa de saúde. A equipe médica atestou, a pedido do Padre Rafael, que os doentes eram bem atendidos e que havia boas condições de higiene. Hoje, a taxa de infecção hospitalar do HSVP é de 3,7%, representando

o restante precedente de 460 outros municípios. A taxa de ocupação dos leitos atinge um percentual de 94%, como média/ano.

Por que São Vicente de Paulo?

Porque este santo da Igreja Católica é o padroeiro de uma sociedade de caridade fundada em Paris, na França, no ano de 1833, pelo jovem estudante da faculdade de direito, Antonio Frederico Ozanan.

São Vicente de Paulo costumava dizer que a pobreza é evangélica. A miséria, não. Esta precisa ser curada pela sociedade. Por isso São Vicente de Paulo procurava multiplicar esforços, a fim de arremediar, sob o estandarte da ca-



a metade do que preconizava os órgãos controladores da infecção hospitalar no Brasil. Por outro lado, a taxa de satisfação dos doentes e seus familiares atinge o índice de 98% favorável, segundo pesquisas realizadas pela própria casa de saúde.

O hospital, naquela época, fazia uso de um velho casarão situado na rua Paisandu. Esse casarão levava o número 16. Eram duas enfermarias e uma sala de cirurgia. Somava 240 metros quadrados de área disponível.

Hoje são mais de 50.000 metros quadrados de área construída, com dezenas de enfermarias. Realiza quase 30.000 internações/ano, sendo que 61% pelo Sistema Único de Saúde. Realiza ainda centenas de cirurgias, muitas delas de alta complexidade, atendendo pessoas de vários níveis sociais.

Há que se destacar que somente 40% dos atendimentos são oriundos do mu-

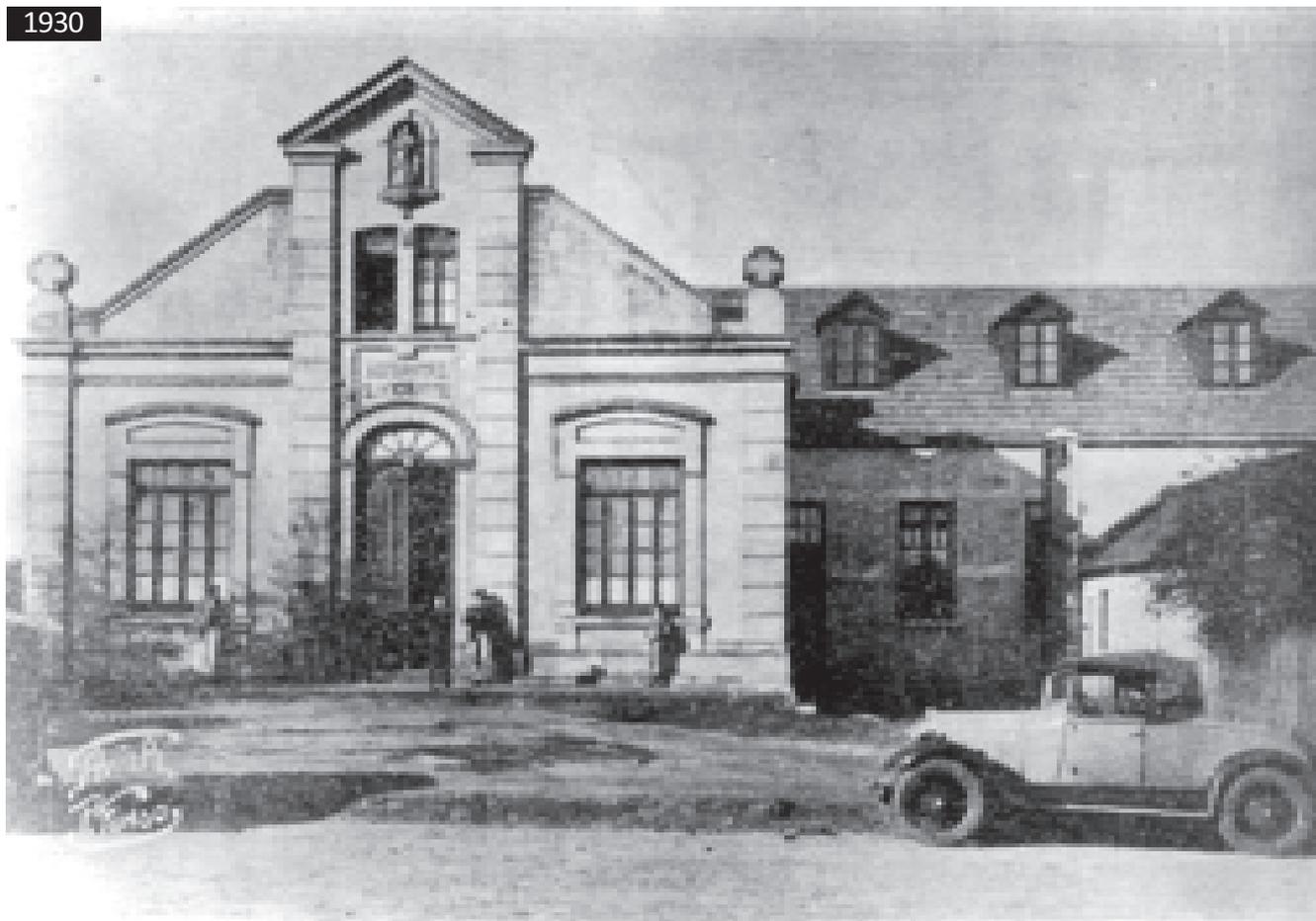
ridade, o maior número de serviços aos pobres. “Quem possui um vasto domínio”, dizia São Vicente, “recebe de Deus o encargo das almas”, isto é, quem tem bens e poder tem o dever rigoroso de socorrer os necessitados. A sociedade São Vicente e Paulo está espalhada, hoje, pelo mundo inteiro. São os chamados vicentinos.

Morreu no dia 27 de setembro de 1666.

São Vicente de Paulo é reconhecido no mundo inteiro como “o Embaixador da Caridade”, pelo que fez pelas pessoas miseráveis, fruto de uma sociedade injusta. Daí porque as pessoas daquela época escolheram São Vicente de Paulo como patrono do Hospital da Cidade de Passo Fundo, fundado no ano de 1918.

Que responsabilidade!

De lá para cá, o HSVP vem procurando, na medida de suas forças, elaborar projetos que beneficiem as pessoas de todos os níveis sociais. Pelo menos nos



parece, e a população de Passo Fundo pode constatar, o São Vicente não é do tipo daqueles hospitais que, infelizmente, costumamos ver nos noticiários da televisão brasileira. Milhares de pessoas, todos os dias, buscam a vida no HSVP, e a encontram.

Pela sua capacidade técnica na realização de procedimentos especializados de urgência, emergência e alta complexidade, é que o hospital foi reconhecido pelo Ministério da Saúde, como um hospital referência para o sul do Brasil. Lá, para todas as pessoas, com ou sem recursos materiais, são disponibilizadas a medicina e técnicas mais modernas.

O hospital é uma das empresas que mais gera empregos. É um bem para a família passo-fundense e um bem para as finanças da prefeitura.

O Intendente Municipal, Pedro Lopes de Oliveira, que administrava o município no ano de 1918, sabia muito bem por que deveria auxiliar no desenvolvimento do hospital. No ano de 1918, o Bispo da Diocese de Santa Maria aprovou sua fundação, dizendo:

“Já não resta dúvida de que o HSVP tem por si a bênção de Deus ...vai ser uma Santa Casa em seu melhor sentido.”, dizia o prelado. O Intendente mu-

nicipal destinou a quantia de dois contos de réis para ajudar o novo hospital. O povo da cidade acorria, generosamente, enviando auxílios. Convém salientar que, para garantir o atendimento dos doentes, em especial das famílias pobres, havia um grupo de pessoas, no mais das vezes vicentinos, que organizavam listas de “zeladores” que, mensalmente, recolhiam dinheiro para o sustento do hospital. A estrutura financeira básica tinha como ponto de partida a organização do povo. Faziam a arrecadação deste dinheiro pessoas da mais alta estima e consideração da cidade, como por exemplo: Padre Rafael,

Ludovico Dela Mea, Antônio Albuquerque, João Colavin, entre outras, que residiam no Distrito de Carazinho e nas Colônias do Alto Jacuí.

As irmãs religiosas que atuam no HSVP foram e são verdadeiros anjos de caridade. E as enfermeiras sempre souberam dispensar carinho e dedicação, que consolam e aliviam os doentes.

Quem, dos que aqui estão, ainda não foi atendido, ou um dos familiares, ou amigo, por estes verdadeiros anjos da caridade?

E as décadas do Século XX iam passando, passando, passando,... E o hospital ia acompanhando suas transforma-





ções sociais e os avanços tecnológicos.

A velha casa alugada na rua Paissandu já não conseguia atender as exigências da medicina, que avançava, após o término da primeira guerra mundial.

Era necessário construir um prédio próprio, adequado, nos moldes de um verdadeiro hospital. Mas não estava fácil, não!...

O dinheiro andava escasso.

As manifestações políticas se estendiam por todos os lados da cidade, e uma nova revolução estava por acontecer.

A década de 20 não seria boa. Desde a guerra do Paraguai, a família passo-fundense não teve sossego.

Mesmo assim, a construção de um pavilhão, na Rua Teixeira Soares, foi concretizada. E a década de 20 chegou ao seu final, conduzindo Getúlio Vargas ao poder, pela revolução de 1930.

Passo Fundo foi uma terra de passagem para o movimento das tropas, e o hospital serviu de abrigo para muitos soldados.

Na década de 40, mais precisamente no ano de 1942, o hospital foi ampliado com a construção de mais um pavilhão.

Em 1945, ao término da segunda guerra mundial, o Brasil foi redemocratizado e elegeu o seu Presidente da República, sob a ótica de uma nova Constituição.

O HSVP continuou crescendo e acompanhando as transformações sociais, iniciando-se a década de 50 com espe-

ranças redobradas. Nasceu o movimento da música Bossa Nova, instalou-se a era Jucelino, e a indústria automobilística brasileira deu sua arrancada.

Por aqui, dois fatos marcaram a trajetória do hospital, durante essa década:

A instalação da Diocese de Passo Fundo, com a conseqüente nomeação do Bispo Dom Cláudio Colling; e a criação da Universidade de Passo Fundo, com a fundação da Faculdade de Medicina, em 1969.

Dom Cláudio foi um marco para o Hospital. Com ele surgiu, entre outros benefícios, o ensino no interior do hospital. Por ocasião da inauguração do novo bloco cirúrgico, na década de 60, na gestão do Sr. Plínio Grazziotin, Dom Cláudio dizia:

“Tudo crescerá ... Não haverá parada no caminho.”

De fato, hoje são mais de 20 salas compondo o bloco cirúrgico, que logo será inaugurado, marcando uma nova fase do hospital.

Dom Cláudio antevia esse desenvolvimento, claramente, há mais de 40 anos. Por coincidência, ele nasceu no dia 24 de junho.

A década de 60 marcou o tempo da revolução cultural no Brasil e também de transformações políticas. A mulher começou a ocupar o seu espaço, os estudantes foram para as ruas contestar, surgiu a pílula anticoncepcional, a música de protesto e a capital do Brasil mudou de lugar.

O Hospital São Vicente de Paulo também não parou.

Construíram-se novos pavilhões, ampliando a área física. Aparelhos de última geração foram instalados nas décadas que se sucederam.

Quando o novo milênio chegou, o Hospital São Vicente de Paulo já estava preparado para recebê-lo.

Ele exigia mais qualidade e mais competitividade nas ações.

Os tempos mudaram... E o hospital mudou também.

Houve mais respeito à vida, ao meio ambiente; mais valorização dos recursos humanos, e a exigência de um corpo clínico altamente especializado.

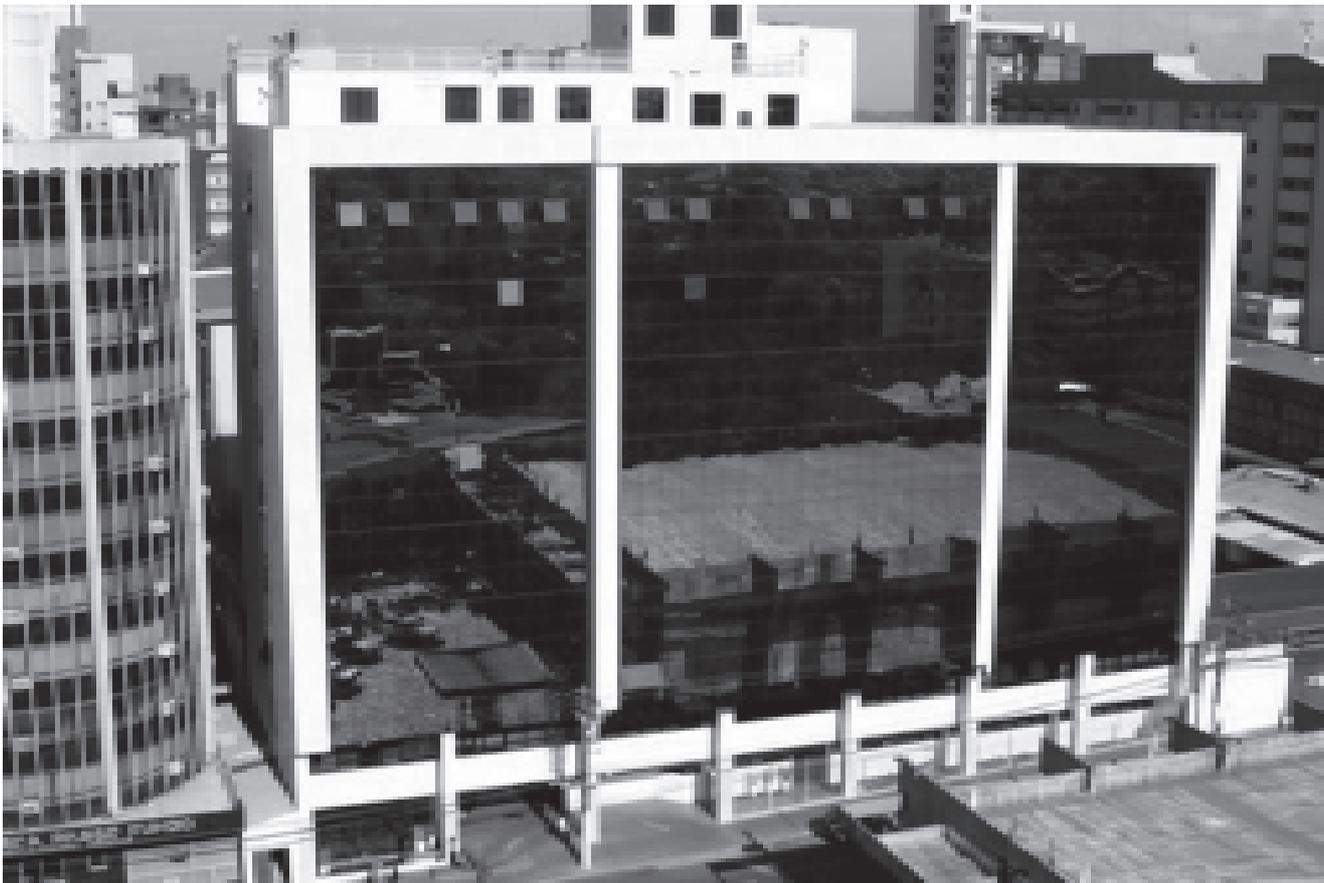
O tempo não pegou o Hospital São Vicente de Paulo de “calças curtas”, como diz a sabedoria popular. E sua vocação, ao longo dos anos, tem sido resolutive.

Há, no interior do Hospital São Vicente de Paulo um pedacinho do céu, mesmo em meio a toda a tecnologia dos novos tempos. A psicologia e a ciência médica, nestes últimos anos, têm valorizado muito um novo serviço que ajuda na recuperação dos doentes.

Refiro-me ao serviço da Pastoral Hospitalar, com a presença de Jesus Eucarístico junto ao leito dos doentes, e a Palavra de Deus, animando-os, continuamente.

Senhoras e Senhores!

A Academia de Letras sente-se sumamente honrada em homenagear o Hos-



Novo prédio da XV de novembro

pital São Vicente de Paulo, quando ele atinge 90 anos de vida. Essa vida é dos seus diretores, dos seus médicos, dos seus enfermeiros, dos seus funcionários, sejam eles técnicos ou burocratas, serviços de limpeza, vigilância e segurança. Todos merecem ser lembrados e homenageados.

Esta casa, fundada 20 anos depois do Hospital São Vicente de Paulo, já abrigou homens e mulheres ilustres que, certamente, ajudaram no desenvolvimento do hospital. Só para lembrar, citamos os nomes: Dr. César Santos, médico; Dom José Gomes, prelado da Igreja Católica; Sadi Machado, da Igreja Metodista; Daniel Dipp, ex-prefeito e deputado federal; Nicolau de Araújo Vergueiro; Delma Rosendo GheM, entre tantas outras personalidades.

Parece que houve uma interação de propósitos entre as duas instituições: a instituição cultural e a de saúde.

Senhores, Décio Ramos de Lima e Ronaldo Marson, que representam a família vicentina junto ao hospital;

Senhores, Ilário De David e Rudah Jorge, que representam respectivamente, a gestão administrativas e médica do HSVP;

Queiram receber, da Academia Passo-Fundense de Letras, a saudação carinho-

sa dos acadêmicos e acadêmicas deste sodalício, e em especial, do seu presidente, Paulo Monteiro.

“A caridade não pode ser confundida com filantropia”, dizia São Vicente de Paulo.

O Hospital procura fazer filantropia, caridade e, acima de tudo, procura ter compaixão com os doentes, porque esta vem de Deus, nosso Senhor.

O Hospital São Vicente de Paulo vem procurando seguir o caminho de seu patrono, São Vicente de Paulo:

“Direitos iguais para quem pode ou não pode pagar”.

Hospital São Vicente de Paulo ! “Escolhe, pois, a vida”, porque 75% das crianças nascidas na cidade de Passo Fundo abrem seus olhinhos no interior do centro obstétrico do HSVP.

Saudamos todos os vicentinos, na pessoa do confrade José Bertoglio, hoje com 96 anos de idade. Ele que passou quase a metade da sua existência nas atividades da Sociedade São Vicente de Paulo.

Lembramos Félix Sana, Bernardino Guimarães e tantos outros que já se foram.

Lembramos o nome de todos os vicentinos, na pessoa de Olírio Graziottin, Plínio Graziottin, Dionísio Tedesco e

Carlos Rigo que, felizmente estão junto a nós;

as novas gerações: Marco Mattos, Deonir De Marco.

É o passado brilhando no presente.

E, para finalizar, queremos, neste momento, lembrar as palavras proferidas por Dom Miguel Lima Valverde, Bispo da Diocese de Santa Maria, no ano de 1918, quando aqui esteve.

#### **Dizia o Prelado:**

“Foi a caridade de Cristo que forçou, impeliu e constrangeu as pessoas de Passo Fundo a descerrar as portas deste abrigo para os pobres, os quais, muitas vezes, menos pela graveza da moléstia que pela falta de socorros adequados, vêm confortando o fio da existência.”

Passo Fundo, 27 de junho de 2008.

#### **Nota**

Discurso proferido pelo acadêmico Welci Nascimento, na sede da Academia Passo-Fundense de Letras, no dia 27 de junho de 2008, em alusão à passagem dos 90 anos do Hospital São Vicente de Paulo.

**(Welci Nascimento é professor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)**

## Marcas

Na caminhada da vida, muitos passam...  
 Uns demoram, outros permanecem  
 Como se sempre estivessem...  
 Alguns desaparecem...  
 Todos têm um significado.  
 Outros surgem...  
 E, assim, sucessivamente...

Segue o curso:  
 Uns vão, outros vêm,  
 Poucos retornam.  
 Nada pára, tudo prossegue,  
 Ficando a lição e a contribuição  
 Daqueles que, não só passaram,  
 Mas, marcaram...

(Mara da Graça Carpes do Valle  
 é professora, de Passo Fundo/RS.)

## Passagem

Reviver e recriar,  
 Juntar, arrumar e desarrumar.  
 Ser uma espectadora atenta  
 E, por vezes, desatenta...  
 Rumar ao desconhecido,  
 Desvendar, através do potezinho do arco-íris  
 (e além do arco-íris).  
 Vestir fantasias e , com elas,  
 Viver outras...  
 Ouvir os outros e a mim mesma.  
 Prestar atenção aos sinais...  
 Eles nos dizem muito.  
 Observar com atenção os ruídos  
 Da natureza...  
 Amar muito e ser amada.  
 Assim será importante e proveitosa  
 Esta passagem...

LUCIANA FARIAS

## Desfaça-me

Desate meus nós. Desfaça as amarras aqui de dentro. O ar fica mais e mais rarefeito à medida que o tempo passa. Destrua meus castelos. Não preciso mais de reinado. Meus vestidos continuam bordados com diamantes e a redoma que me salvou, agora causa cegueira do lado de fora. Desamarre-me. Desloque-me. Ponha-me à deriva da linha reta. Não quero ter de me explicar ao mundo. Por que os holofotes não mudam de direção? Destrua os monstros do meu sono. Desalinhe-se por mim. Descontinue-se por mim. Desajuste-se. A areia esvai-se na ampulheta. Quero criar o mundo novo que seja admirável aos seus olhos apenas. Que a realidade desmistifique-me a fórceps. Pouco me importa agora o olhar por detrás das paredes. Desenfrear-se é preciso. Desviar-se da vontade, não.

## Espera

Espero pelo sono. Espero por várias coisas. Espero pelas pessoas e delas também espero. Espero pelo dia seguinte, pela semana seguinte. Espero pelo momento que não é o agora e que nunca me espera chegar. Espero alguma coisa que não sei bem o quê. Ou talvez saiba exatamente o que espero e não diga, porque, se o fizer, sei bem o que me espera. Mas não espero sentada. Espero com olhos de tempestade que devasta. Mas o vento não me espera. O tempo tampouco. Melhor assim. A espera do tempo é breve, se comparada à falta de esperança, que mata e não espera. Por favor, espere sempre alguma coisa de mim. Se não puder agora, eu espero.

(Luciana Farias é advogada.)

# Galileu é meu pesadelo



**GILBERTO R. CUNHA**

Um homem de 70 anos, vestindo a túnica branca dos penitentes, caminha a passos lentos pelo amplo salão do convento dominicano de Santa Maria Sopra Minerva, em Roma. A aparência e o semblante denotam o peso da idade e a dor que sente no corpo e na alma. Seguindo o ritual, se posta na frente de sete cardeais-inquisidores, ajoelha, e começa a ler uma confissão: “Eu, Galileu, filho do falecido florentino Vincenzo Galilei, setenta anos de idade,... juro que sempre acreditei e continuarei a acreditar em tudo o que crê,

prega e ensina a Santa Igreja Católica e Apostólica... Fui julgado altamente suspeito de heresia por ter acreditado e defendido que o Sol está no centro do universo e não se move, e que a Terra não é o centro e se move... Com sinceridade e verdadeira fé, abjuro, amaldiçôo e abomino os citados erros e heresias... Juro que doravante nunca mais direi ou afirmarei, oralmente ou por escrito, qualquer coisa que possa atrair semelhante suspeita sobre mim.”

Desnecessário dizer que essa passagem histórica me atormenta. Resta entender por que.

Aquela quarta-feira, 22 de junho de 1633, entraria para a história, suscitando

debates que se estendem até nossos dias, na busca de explicação sobre o que teria levado o eminente matemático e filósofo Galileu Galilei a viver tão deplorável situação. O julgamento de Galileu, para melhor entendimento, requer um retrocesso até 1610. Nesse ano ele se tornou filósofo da corte do grão-duque da Toscana (Cosimo II). Defendeu um novo jeito de fazer filosofia, que hoje chamamos de prática científica. Angariou prestígio e, como é comum acontecer, ocupou espaços buscados por outros, que, sentindo-se preteridos, passaram a odiá-lo e - por que não dizer? - invejar suas conquistas.

Na corte, em Florença, Galileu tinha a

função de coordenar os debates filosóficos. Um deles em particular era deveras delicado. Dizia respeito ao fato de a Terra se mover. Contradizia ou não a Bíblia? Galileu dizia que ciência e religião não deveriam ser misturadas. A seu ver, Deus era autor tanto das sagradas escrituras quanto da natureza. Entretanto, em certas ocasiões, caso da célebre passagem do Antigo Testamento (Josué, 10:13) freqüentemente usada para justificar que o Sol se movia ao redor da Terra (Josué em batalha orou e pediu a Deus para o sol se deter no céu), admitia que a linguagem da bíblia foi ajustada para ser compreendida pelo homem comum. Também, em algumas reuniões, demonstrou a plausibilidade do sistema copernicano, que afirmava que a Terra poderia estar em movimento, mesmo que não conseguíssemos sentir isso. Essas opiniões ele expressou em carta endereçada ao amigo e matemático em Pisa, Benedetto Castelli, que fez várias cópias e distribuiu a conhecidos, difundindo as idéias de Galileu.

Uma dessas cópias da carta de Galileu caiu nas mãos de inimigos dele, que formavam uma espécie de irmandade chamada de Liga do Pombo. Os “irmãos” da Liga do Pombo, em 1614, encontraram apoio nos padres Tommaso Caccini e Niccoló Lorini, que passaram a pregar contra Galileu e sua teoria do movimento da Terra. O último denunciou-o à Inquisição em Roma, afirmando que a carta era portadora de afirmações heréticas contra a fé cristã, numa época em que o papa Paulo V exigia rigorosa obediência às leis da Igreja.

Os inquisidores, num primeiro momento, julgaram as acusações sem fundamento. Galileu começou a ficar preocupado, diante da guerra de informações contraditórias que recebia. Sentiu-se mais aliviado quando o cardeal Roberto Bellarmino, eminente teólogo jesuíta, garantiu que não havia problema se ele tratasse os movimentos da Terra apenas hipoteticamente. O perigoso era afirmar que a Terra se movia, pois isso sim agredia a fé cristã, contradizendo a Bíblia.

Em 26 de fevereiro de 1616, o cardeal Bellarmino deu um aviso a Galileu sobre a situação dele perante a Inquisição. Sem protestar, Galileu concordou em abandonar suas opiniões copernicanas. Teve uma audiência com o Papa e saiu tranquilo, levando a orientação que recebera por escrito do cardeal Bellarmino. Não imaginava que muitos anos depois seria

importunado por essa acusação. E muito menos após a ascensão do cardeal Maffeo Barberini, amigo e admirador de Galileu, que se tornou o papa Urbano VIII, em 1623.

O livro de Galileu, “Diálogo sobre os dois grandes sistemas”, aprovado pelas autoridades da Igreja em 1630, foi publicado em 1632 (tiragem de mil exemplares). Os inimigos do matemático e filósofo não paravam de conspirar contra ele em Roma. Insinuavam que o título completo do livro de Galileu era “Diálogo sobre os dois grandes sistemas do mundo, o ptolemaico e o copernicano”. Não resta dúvida que queriam indispor Galileu com a Igreja. Diziam que usava a teoria das marés para, indiretamente, tentar provar que a terra se movia. A teoria das marés de Galileu, inclusive, estava errada. Isaac Newton, o grande astro científico do século 17, inventor da idéia da força de gravitação universal, anos mais tarde, demonstraria isso. Newton,

que lera a versão inglesa da obra de Galileu, supôs que as marés oceânicas eram resultantes da força de gravitação universal. Ele inferiu corretamente que as marés decorrem do diferencial entre as forças da gravidade da Lua e do Sol sobre as águas oceânicas em lados opostos da Terra.

Inesperadamente, o papa Urbano VIII, que até então era defensor de Galileu, se virou contra ele. Alguns supõem que foram as guerras religiosas que ocorreram na Alemanha que levaram Urbano VIII a mudar radicalmente de postura. Ele apoiara a França e a Suécia contra a Espanha. Teria sido criticado por ser a Suécia um país protestante e a Espanha uma nação católica. Entre os críticos, havia amigos de Galileu. Convenceram o papa que o “Diálogo sobre os dois grandes sistemas” favorecia os protestantes. Um jesuíta, Christoph Scheiner, tinha um ressentimento particular contra o livro de Galileu. Este religioso afir-



mara que Galileu roubara-lhe informações sobre as manchas solares (uma inverdade!). O Papa determinou que uma comissão investigasse Galileu. E foi durante os trabalhos dessa comissão que teria sido descoberta, nos arquivos da Inquisição, uma ata de 1616, em que constava ter Galileu recebido ordem de nunca mais mencionar os movimentos da Terra. Então, por desobedecer a essa ordem, ele deveria ser julgado.

A Inquisição, encabeçada pelo Papa, convocou Galileu. Ele deixou Florença em 20 de janeiro de 1633 e chegou a Roma em 13 de fevereiro. Foi-lhe dada permissão para alojar-se na embaixada da Toscana (em vez de ser mandado para a prisão). A Inquisição retardava os trabalhos. Galileu se afligia com o tempo. Até que, em 12 de abril de 1633, uma terça-feira, a Inquisição mandou prendê-lo. Ele foi interrogado no mesmo dia e acusado de que, em 1616, recebera ordem de não difundir e não ensinar a visão copernicana de universo. Insinuavam que Galileu era defensor do proscrito Copérnico. Usaram como prova a tal ata encontrada nos arquivos da Inquisição, que não estava assinada. Juridicamente podia ser contestada. Hoje não serviria como meio de prova, especialmente em face do certificado assinado pelo cardeal Bellarmino de que Galileu tinha posse, isentando-o de culpa. Galileu negou com veemência as acusações. Alegava que seguira rigorosamente o certificado que lhe fora dado por Sua Eminência o Cardeal Bellarmino. Que seu livro mostrava o contrário, ou seja, que as razões apresentadas por Copérnico eram inválidas e inconclusivas. Os inquisidores não acreditaram. O Papa Urbano VIII estava decidido a obter algum tipo de condenação. Um relatório acerca do “Diálogo sobre os dois grandes sistemas” foi encomendado a três teólogos. Todos os três foram taxativos em afirmar que Galileu realmente defendera Copérnico e, mais ainda, suspeitavam que ele acreditava na opinião condenada. A favor de Galileu havia o certificado assinado pelo Cardeal Bellarmino. Os inquisidores procuravam, a todo custo, encontrar algo que Galileu pudesse confessar e, com base nisso, ser punido. O papa e os cardeais da Inquisição chegaram a vacilar na tomada de decisão, mas acabaram optando pela culpa de Galileu, em 16 de junho de 1633. Inseriram seu livro no *Index Librorum Prohibitorum* (Índice dos livros proibidos) e declararam-no suspeito em segundo grau

de heresia. Uma semana depois, 22 de junho, ocorreria a fatídica cerimônia de retratação pública de Galileu perante a Inquisição, na igreja de Santa Maria Sopra Minerva, em Roma.

Galileu sentiu o peso do julgamento. A idade avançada, a morte de uma filha querida (a Irmã Maria Celeste), em 1534, e a indignação com uma condenação absurda, motivada por inveja de opositores, abalaram sua saúde frágil, fazendo com que mergulhasse numa profunda depressão. Dizia que tinha a sensação de que seu nome, de fato, fora inscrito no livro dos mortos. Restabelecido da crise, começou a escrever a obra que é considerada o seu testamento científico: “Duas novas ciências”. Devido à proibição pela Inquisição, este livro não pode ser impresso na Itália. Acabaria sendo publicado na Holanda, em 1638. Infelizmente, neste mesmo ano, Galileu ficaria cego definitivamente, não chegando a visualizar a obra impressa. Com a saúde cada vez mais debilitada, Galileu Galilei morreu na noite de 8 de janeiro de 1642. Foi sepultado modestamente e de forma discreta. O papa Urbano VIII não permitiu cerimônias, nem que monumentos fossem erguidos em memória do eminente filósofo. Somente em 1737, a Inquisição autorizou que seus restos mortais fossem transferidos para a parte principal da igreja de Santa Croce, em Florença.

O nome de Galileu é símbolo da luta pela liberdade na ciência. Foi invocado pelo poeta John Milton na Inglaterra, que, em 1644, escrevendo sobre os países europeus tiranizados pela Inquisição, no ensaio *Areopagitica*, destacou que, na Itália, visitara “o famoso Galileu, envelhecido, prisioneiro da Inquisição por pensar em astronomia de modo diferente do que pensavam os censores franciscanos e dominicanos”. Na França, Blaise Pascal usou o nome de Galileu na luta pela liberdade de religião e pensamento. Em carta aberta aos jesuítas, escreveu: “Em vão obtiveste em Roma o decreto contra Galileu, condenando sua opinião sobre o movimento da Terra”. Cem anos depois, Voltaire iria mais longe: “Quando os sete cardeais da Inquisição declararam herética e absurda a teoria de que a Terra se movia, e quando o grande Galileu, aos 70 anos de idade, teve de pedir perdão por estar certo, pareceu não haver chance de a verdade sobre a Terra ser recebida”.

Os três autores citados usaram Galileu para defender causas próprias. Mil-

ton retratou o caso para combater a censura do governo. Pascal, na sua obsessão de culpar os jesuítas por qualquer coisa. E Voltaire foi simplista em demasia, levando a crer que todos sabiam que Galileu tinha razão. Galileu, efetivamente, estava certo. Mas não foi por isso que a Inquisição o condenou. Ele foi considerado culpado, sobretudo, por desobediência.

A preocupação com a correção dos atos da Inquisição é recente. A Igreja católica foi mudando de postura aos poucos. A edição de 1835 do “Índice de livros proibidos” foi a primeira a não incluir os livros de Copérnico, Kepler e Galileu, depois dos conturbados anos do século 17.

Ainda hoje, há quem acuse a Igreja católica de ter cometido um erro grave ao condenar Galileu. Há certa injustiça nisso. A Igreja não pode carregar o fardo de atos de um passado tão remoto. Para dar cabo à polêmica, em 1979, o Papa João Paulo II decidiu investigar o caso Galileu e esclarecer (ou tentar) de uma vez por todas. Declarou que a Igreja agora concordava com a idéia de Galileu, e que religião e ciência contêm verdades que nunca podem entrar em conflitos. Em 1981, nomeou uma comissão para definir a posição da Igreja sobre Galileu. Em 1992, saiu a conclusão, afirmando que a sentença imposta a Galileu não era absoluta e podia ser retificada (a Igreja, inclusive, mudara sua posição quanto ao movimento da Terra, já no século 19). Também admitia que as autoridades da Igreja, no século 17, haviam errado ao considerar questões astronômicas como questões de religião. No entanto, pelo que se conhecia na época, haviam agido de boa-fé. Analisando-se sobre uma perspectiva histórica, não se poderia esperar que agissem de outro modo. Seus erros de julgamento levaram à imposição de sofrimento indevido a Galileu. “Esses erros precisam ser reconhecidos com franqueza”, concluiu o relatório.

Minha opinião: os verdadeiros culpados pela condenação de Galileu foram os “irmãos” da Liga do Pombo, que, não conseguindo vencer o mestre no terreno das idéias, se valeram dos tribunais da Inquisição, para dar azo às suas frustrações pessoais e pôr em prática um torpe plano de vingança.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# Lágrimas olímpicas

SANTO CLAUDINO VERZELETI

**E**m toda disputa, os concorrentes entram para vencer. Tanto por seu próprio instinto de prevalência, como também por imposição da torcida, que não aceita outro resultado que não seja o êxito.

As Olimpíadas de Pequim comprovaram plenamente essas afirmações.

Depositou-se, sobre os ombros e o peito de nossos atletas, a obrigação da Medalha, a qualquer preço. Tal cobrança incutiu nos participantes uma verdadeira gana de vitória, a despeito do despreparo psicológico e, em certos casos, também técnico.

E o que presenciamos, quando a supremacia escapava do escore brasileiro, foi um mar de lágrimas. Os competidores, assediados por filmadoras e câmaras digitais, se diluíam em pranto, desolados, inconformados, constrangidos. Justificavam-se, até com sentimento de culpa, pelo dever não cumprido. A frustração foi tamanha que atingiu os próprios familiares dos atletas.

E nós, que torcemos de longe, e engolimos em seco o amargor do fracasso, quedamo-nos apáticos, procurando justificativas para os desacertos de nossos ídolos.

Já nas primeiras reflexões, encontramos um punhado delas. E foi em cima dos fatos ocorridos que cheguei às conclusões que aqui exponho.

O Brasil é um país de divisões sociais expressivas, onde as iniciativas de desenvolver o esporte partem quase sempre dos meios pobres e do pró-

prio atleta, cuja obstinação pessoal o leva à prática da atividade esportiva por sua conta e risco. Só mais tarde terá a intervenção das respectivas entidades e das autoridades constituídas.

Na maioria dos casos, o atleta brasileiro vai para a arena, a fim de conquistar um lugar no pódio, movido apenas por sua força individual, ou patrocinado por ações entre amigos.

Enquanto isso, os outros países traçam metas a longo prazo, para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento do esporte, oferecendo a seus competidores condições efetivas de participação e êxito. Daí que seus sonhos se concretizam,

com risos na vitória, sim, mas sem choro na derrota, pois entendem que é assim a regra do jogo.

Quanto aos nos-

sos representantes na China, a emoção à flor da pele mostrou-se corriqueira. E nós vimos, cá de longe, as lágrimas rolar de seus olhos, tanto na conquista de medalhas quanto na sua perda.

O Governo brasileiro, por meio de programas diversos, oferece bolsas de auxílio aos jovens, para estudo e pesquisa. Por que não se cria também uma bolsa destinada à prática esportiva, supervisionada pelas Federações, para aqueles que se vinculam a clubes de esporte e desejam avançar nessa área?

O município de Passo Fundo, por sua vez, possui diversas quadras para competições e jogos. Entretanto, poucas apresentam condições adequadas à sua finalidade. Todos os nossos espaços se encontram em estado lastimável, a exemplo do próprio Ginásio Teixeirinha.

Sabemos também que muitos recursos federais são desviados de seu real objetivo, qual seja, garantir o efetivo aprimoramento técnico dos atletas.

Além disso, no tocante a certos meios de comunicação, parece que sentem um prazer mórbido em imiscuir-se, com seus microfones, entre os competidores e seus familiares, ansiosos por ver as lágrimas escorrerem. Essa interferência excessiva contribui para o desfecho negativo ou inesperado, porquanto, induz o participante à obrigatoriedade de vencer.

Cabe salientar também que, ser derrotado numa prova, nas oitavas ou quartas de final, não é nenhum demérito, se considerado o grande número de concorrentes.

Mas, infelizmente, a frustração é sempre dolorosa, para o atleta que participa das provas, para sua família, os amigos e a pátria, que, distantes, torcem por seu êxito. Daí o mar de lágrimas que se esparrama pela nação inteira, tanto na vitória quanto na derrota.

Um país que pretende participar de competições do porte das Olimpíadas, deve, acima de tudo, oportunizar a seus atletas acompanhamento psicológico, a fim de motivar a criatividade, aperfeiçoar a liderança, promover a autoconfiança e a capacidade de enfrentar os desafios.

Finalmente, cumpre-me destacar que os sistemas de ensino e as próprias escolas também têm um papel a cumprir, neste contexto. Eles precisam alterar a sistemática da educação, embasando adequadamente o preparo dos participantes em futuras competições. Cabe às instituições, neste nosso país jovial e promissor, pleno de diversidades e também de valores humanos e esportivos, compensar o desleixo político e a falta de responsabilidade social.

(Santo Claudino Verzeleti é membro das Academias Passo-Fundense de Letras e de Ciências Contábeis do RS.)



# Autoconhecimento e Auto-reconhecimento

GETULIO VARGAS ZAUZA

**H**averá alguma diferença de sentido entre essas duas palavras? De certa forma, existe. Conhecer significa um saber relativamente pouco profundo. Nós topamos com algo pela primeira vez, conhecemos esse algo. Quando, nas próximas vezes, nos deparamos com a mesma coisa, temos consciência de que já sabíamos de sua existência. Então reconhecemos o objeto em causa e podemos examiná-lo mais detida e profundamente.

A palavra “auto”, no caso, significa “si mesmo”. Neste caso, conhecimento de si mesmo.

Há um momento, na evolução pessoal, em que a criança se refere a si na terceira pessoa. Ela diz, por exemplo: o Joãozinho, em vez de eu, pois antes do seu terceiro ano de vida ainda não interiorizou o eu, e não tem uma autoconsciência.

Assim como para o indivíduo existe um momento para auto-designar-se como um eu, há também um momento, na história da humanidade, no qual o ser humano passou a ter um eu e ter consciência disso, quer dizer, consciência de si mesmo, ou, autoconsciência.

Contemplando mesmo superficialmente, percebemos que o ser humano normal é constituído de quatro membros, ou seja: 1) o corpo físico; 2) determinado gênero de forças que permitem que esse corpo físico seja vivo; 3) a capacidade de ter sensações e sentimentos (alma, ou como se diz na Psicologia oficial, psique); 4) o quarto membro, o eu (espírito), o qual nos dá a capacidade de pensar e com isso discernir e organizar tanto a vida exterior, quanto a interior (vida emocional).

O autoconhecimento, no sentido humano, se refere ao conhecimento dos processos psicológicos (vida emocional), normais, mas principalmente os patológicos, objeto da Psicoterapia e da Psiquiatria.

Quanto à auto-reconhecimento, o saber

é mais profundo e extenso. Ele abrange os processos inerentes ao eu (espírito).

Para tanto, se faz necessária uma consciência muito mais enérgica. O eu é um membro da organização de cada indivíduo, que o define como homem (ser humano). Se nós não tivéssemos um eu, não seríamos realmente um ser humano.

Atualmente, para a maioria dos seres humanos, o eu significa apenas o pronome da primeira pessoa do singular, que serve para designar a si mesmo. É considerado apenas como uma categoria gramatical. No entanto, ele é a força mais significativa, a que torna possível ao homem ser pensante e, em consequência, alçar-se acima do meramente natural, e ser um criador de cultura e tecnologia.

Essa ignorância a respeito do eu (espírito) deve-se ao dogma decretado no Concílio de Constantinopla, o qual determinou como heresia crer que o homem era formado de corpo, alma e espírito e sim somente corpo e alma, dessa forma rebaixando-o ao nível do animal, que não possui um eu, mas apenas a força que o torna capaz de ter sensações e mesmo sentimentos, como é o caso dos animais superiores.

Duramente, nos quarenta e quatro anos como psicoterapeuta, tendo tratado em consultório cerca de mil pacientes, não houve um só que tivesse consciência que o eu é o membro que coordena os nossos atos.

Em função do desconhecimento da importância desse membro e mesmo da não-consciência de que ele é o responsável pela ordenação da vida emocional e da vida exterior, de todos os nossos atos, criei o exercício de autoconcentração, cuja finalidade é tornar possível ao paciente e a qualquer um que o faça, perceber a enorme diferença existente em pronunciar a palavra eu, com ou sem a consciência de sua força.

Autoconhecimento pressupõe a existência do eu fortalecido. Pois, como seria possível a contemplação dos processos anímicos, uma vez que é exigência para tal um bom nível de autoconcentração, em virtude da fluidez com que acontecem?

A auto-reconhecimento exige como premissa o autoconhecimento. Ela é um degrau superior de desenvolvimento da consciência, pois que trata não só do conhecimento dos processos anímicos, mas do homem total, ou seja, daquilo que ele é e do que ainda virá a ser.

No nível da auto-reconhecimento, o homem deverá paulatinamente vir a ser capaz de reconhecer os quatro membros atuais, bem como as forças que virtuem na formação da sua individualidade, a sua forma de ação e a sua natureza e origem. Disso depende a evolução da humanidade.

Os INICIADOS da antiga Grécia já sabiam disso. É tal a importância do autoconhecimento, numa primeira etapa, e da auto-reconhecimento, numa segunda, que no frontispício do mais importante templo de iniciação (Templo de Apolo), estava escrita a frase “Nosce te ipsum” (expressão latina).

É quase incompreensível que, vários séculos antes do acontecimento Christus, já fosse reconhecida a importância do conhecimento de si mesmo para a vida humana, e que, na nossa época, a prática do autoconhecimento não faça parte da educação.

A ausência do autoconhecimento leva a pessoa a tomar o falso pelo certo, incorrendo em sérias ilusões. Leva-a a des-caminhos na vida, a enganos e sofrimentos, que poderiam ser evitados, e também a causar sofrimentos aos outros.

(Getulio Vargas Zauza é psicólogo-clínico e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)

## O céu e os olhos

Um único céu azul no cosmos existe  
onde o Sol esplende sua luminosidade  
que nenhum humano resiste  
sem sentir uma enigmática saudade.

No transcorrer de cada dia  
todas as cores e todos os matizes  
sugerem-nos tristeza ou alegria  
se estivermos ou não felizes.

E a variação de tons nas cores  
tem semelhança com os olhos das pessoas  
que dependendo de vários fatores  
fazem-nos sentir emoções más ou boas.

Os castanhos lembram um entardecer de outono  
são acolhedores como um ambiente morno  
e sugerem entrega com total auto-abandono  
e seguimos na suave viagem sem querer retorno.

Os olhos negros são misteriosos como a noite escura  
e escondem abismos insondáveis como sua cor.  
Cuidado!... querer segui-los é o sumo da loucura  
pois acabará perdido nas malhas do amor.

Os olhos verdes lembram a primavera  
Explodindo em broto, folha e flor.  
Fazem sonhar que após a longa espera  
se encontre o sonhado amor.

Os azuis lembram o límpido céu do meio-dia  
quando a natura reina em perfeita calma.  
Eles são promessas de muito amor e harmonia  
nos seduzem e levam consigo nossa alma.

(Ao amigo Dr. Helio Garbin, que ama todos os olhos,  
de todas as cores e matizes, sejam tristes ou felizes.  
P.F. 26.07.08)

Santa Ceia Pampeana



# Klênia Sanchez: uma Pintora Terrunha

**M**aria Klênia Nunes Sanchez nasceu em Santa Maria e veio com dois anos de idade para Passo Fundo. Seu pai, Carlos Andrade Nunes, era músico e barbeiro. Tinha o cacoete de cumprimentar a todos com um “Ô! Fingido”, o que lhe valeu o apelido de “Fingido da Sanfona”, como um dos pioneiros do Movimento Tradicionalista Gaúcho em Passo Fundo. A mãe de Klênia Sanchez, Ruth Alves Nunes, era dona de casa, e uma excelente administradora.

“Nossa casa era na Teixeira Soares, esquina com a Nascimento Vargas. Mãe economizava o que podia. Acabou comprando todo aquele quarteirão. Chegamos a ter nove casas de aluguel”, conta Klênia, com visível admiração.

Ruth fora professora primária em Restinga Seca, interior de Santa Maria, antes de fixar residência em Passo Fundo.

Assim, teve a preocupação de dar estudos superiores ao casal de filhos. Cleber cursou Medicina em Porto Alegre. Especializou-se em Oncologia e não retornou mais para Passo Fundo. Klênia casou muito jovem. Seu marido opunha-se a que ela continuasse estudando, mas Ruth demoveu a oposição do genro e cuidou dos dois netos para que a filha cursasse Belas Artes, na Universidade de Passo Fundo.

“Fui estudar Belas Artes porque, desde pequena, gostava de desenhar. Em frente da nossa casa ficava o Quartel do Exército. Era uma força de cavalaria e cresci admirando os cavalos que passavam nas redondezas. Os cavalos para mim sempre representaram um símbolo de fortaleza. E muito cedo comecei a desenhá-los. Minha mãe pegava os desenhos, mandava emoldurá-los e colocava nas paredes da casa. Eu me acha-

va o máximo. Tanto observei os cavalos; tanto os admiro desde criança, que tenho na memória todos os movimentos, todas as minúcias dos seus músculos. Por isso, a constância com que pinto cavalos.”

Depois de casada, Klênia recebeu estímulo do sogro. “Um desenhista excepcional, autodidata, com um dom incrível para o desenho.”

Formada, Klênia lecionou no CIM João De César, nas escolas Ana Luísa Ferrão Teixeira, Cecy Leite Costa, Bom Conselho, e na Universidade de Passo Fundo, onde se formou. Realizou sua primeira exposição em Francisco Beltrão, no Paraná, juntamente com Maria Lucina Bueno. Logo a seguir expuseram no Clube Caixeiral, de Passo Fundo.

Sônia Fontanelli, uma amiga residente no Rio de Janeiro, conheceu e casou com o italiano Felice Colvone, dono

das três maiores cerâmicas de Nápoles. Essa amiga, ainda morando no Rio, promoveu um minivernissage de Klênia.

Um casal de italianos viu, gostou dos quadros da pintora e convidou-a para que expusesse na Itália, no ano seguinte. De fato, em 1988, ela partiu para a Itália. O objetivo era ficar trinta dias, mas acabou permanecendo três meses.

Dois anos depois retornou à Itália. Como nunca ouvira falar sobre pirogravuras naquele país, muniu-se de couro e pirógrafo, e acabou fazendo o maior sucesso. Trocou a maioria das peças com outros artistas, mas um de seus trabalhos foi parar no Parlamento Italiano, levado por Giovani Benvenuto, como presente ao então primeiro-ministro Giovanni Gorla. Nesse mesmo ano pintou um painel com 150m<sup>2</sup>, num túnel em Funone, perto de Salerno, a convite do prefeito daquela cidade, cuja esposa era amiga de Sônia Fontanelli.

Klênia gosta de painéis. Pintou muitos deles para o Grupo Terra Pampeana, entre elas, o 2º Chamamento do Pampa e a trajetória da Família Salton. Aliás, trabalhou vários anos realizando pinturas em vidro, com jato de areia, para a Vidraria Salton.

De todos os trabalhos realizados por



ela, o que ela mais aprecia é um quadro pintado há oito anos, intitulado “Santa Ceia Pampeana”. Reproduz a última ceia de Jesus, com figuras de músicos gaúchos. Jesus representado por Renato Borghetti, tendo a sua esquerda o pai da pintora. Apenas Judas Iscariotes, o traidor, que aparece sentado acendendo um palheiro, tem as feições desper-

sonalizadas.

“Cheguei a temer que minha obra fosse censurada pela Igreja, mas acabei recebendo muitos elogios de sacerdotes que a viram. Já recebi propostas de compra, mas não vendo. Está guardada na casa de pessoas amigas”, confessa a pintora, manifestando uma ponta de orgulho. **(Paulo Monteiro).**

LUCIANA FARIAS

## Compensações

A compensação é um mecanismo de defesa inconsciente. Gostamos de pensar que nos autodeterminamos e que nossos atos são fruto de nossas escolhas conscientes. Mas nem sempre é assim. A compensação é um exemplo. Compensamos lacunas com exageros. Compensamos bloqueios com taças de vinho. Tristeza com chocolate. Medos com cinismo. Fraquezas com excesso de frieza. Confusão mental com arrogância. Saudade com música boa. Enfim, nosso cérebro funciona para fugir da dor, sempre. E, para isso, usa a compensação. Não com intuito de nos enganar, mas apenas para nos proteger. É o mecanismo natural de que dispõe. Em verdade, temos plena capacidade de enfrentar diretamente as faltas que desencadeiam

essa busca natural pelo equilíbrio. Podemos viver sem compensar. Basta ter forças para agüentar as deficiências (reais ou imaginárias) que a nós se apresentam. Ninguém aqui está dizendo que é fácil. Nossa tendência é de direcionar automaticamente as frustrações para foco diverso da ação ou do objeto inalcançado. Quando nos deparamos com nosso próprio fracasso ou com nossas carências, atravessamos a rua. E transferimos a atenção para a outra calçada. Evidentemente, quando a transferência gera frutos positivos – a arte é um bom exemplo –, a fuga momentânea da incompetência pode ser relevada. Claro que, cedo ou tarde, o fantasma voltará a assombrar. Mas a vida é agora. Lutemos, portanto.

## Choveu

Choveu. E ainda assim quero mais. Ainda que o mais não seja propriamente a água. E sei que a água não é propriamente a cura. Quero, sim, apesar de tudo, a tempestade que esvazia a alma da inquietação insuportável que queima. Choveu. E ainda assim não satisfaz. O som fez menção de aplacar o fogo, que, no silêncio, se espalhou. E o oposto da esperança tomou corpo. Ardeu no vento que, da alma, só lavou a tentativa de se expor. Choveu. E ainda assim quero mais. Que chova até o limite da lágrima do olhar imaginado, da palavra engasgada e do suspiro relegado.

**(Luciana Farias é advogada.)**



# A origem do gaúcho

**JABS PAIM BANDEIRA**

*“O homem é um ser que floresce quando imerso em sua própria história”.*

“Nada é mais universal do que o regional.” - Cecília Meirelles.

**A**lguém já afirmou que, ser gaúcho, é um estado de espírito. Gaúcho pode vir a ser qualquer indivíduo que nasça fora do Rio Grande, basta cultivar nossos usos e costumes que seja nobre e de espírito honrado, que se comprometa com a palavra empenhada e, sobretudo, respeite a tradição, reverencie suas origens e ame este chão, berço de nossos heróis, pátria de nossas conquistas, relicário inesgotável de exemplo de coragem e civismo.

“O homem pampeano é uma cruz entre o índio, o negro e o europeu, mas só se tornou gaúcho quando se fundiu com o cavalo.”

Vamos iniciar nossa abordagem sobre o gaúcho, examinando, primeiramente a origem do vocábulo.

A origem da palavra gaúcho é muito discutida e tem sido causa de verdadeiras confusões. Os estudiosos e historiadores ainda não pacificaram a expressão.

Não é possível afirmar com segurança essa origem, apesar dos estudos já realizados por Buenaventura Caviglia Hijo, erudito escritor uruguaio, e pelos nos-

sos conterrâneos, em especial Nelson de Senna e Augusto Meyer.

Vejam algumas hipóteses etimológicas: segundo Augusto Meyer o gaúcho deriva de “gauches”, palavra usada na Espanha para expressar sobre vagabundos ou ladrões do campo, acostumados a matar touros chimarrões (gado alçado), tirar-lhes o couro e levá-los ocultos para a venda ou troca com outros gêneros nos povoados. Ou então, o gaúcho deriva do árabe “chaucho”, como define Emilio Daireaux.

Já o professor Dudolfo Lens, estudioso da língua araucana, diz que é possível que a palavra venha do araucano “cachu” ou “cathu”, ou talvez “cauchu”, pois assim chamavam os índios da região o gaúcho. “Cauchu” é sinônimo de esperto, fino, arteiro e astuto. Tem muito a ver com o nosso campeiro, mas deixa a desejar por falta de testemunho histórico.

O historiador Paul Groussac, diretor da Biblioteca Nacional de Buenos Aires, apresenta a tese de que o gaúcho vem de “guacho”, como chamamos os animais desamparados, criados longe das mães. Crousac admite a transposição por semelhança de guacho com gaúcho.

Mas, deixando as hipóteses e passando à história, a primeira palavra que aparece em forma literária é “gaudério”, designando um novo personagem do pampa. Homem sem lei, não sabe sua origem nem o porquê de gaudério. O que se sabe é que precedeu o gaúcho.

Segundo os estudiosos, gaudério é aquele que não tem ocupação, que vive à custa de outros. Aqui e ali, errante, sem destino certo. A expressão de teatino, como sinônimo de gaudério, significa alguém sem dono e sem destino, parasita, vagabundo.

De gaúcho, em forma literária, há pelo menos dois registros:

O primeiro é que a palavra gaúcho aparece escrita em castelhano (gauhochos), numa carta que um comandante da fronteira, no Uruguai, Dom Pablo Carbone, escreveu à Espanha, em 1771.

O segundo aparece em documentos uruguaiois no século XVIII. Manuel Cipriano de Melo, segundo comandante da aduana de Montevideo, após uma expedição às fronteiras do Uruguai, descreveu em breve informe: “Os dezoito presos que compreendem esta relação são gaúchos vagos, que foram presos por vadiagem. Parada de Sam Nicolas de Cerro Largo, 24 de março de 1791”.

## **A formação do gaúcho**

Após a destruição das reduções jesuítas, os rebanhos chimarrões (gado doméstico que se tornou selvagem), se espalharam pelo território, tornando-se atrações para índios, assim como para aventureiros paulistas e europeus.

Com já afirmamos anteriormente, o homem pampeano é uma cruz do negro, do índio e do europeu do qual, ao se fundir com o cavalo, nasceu o gaúcho.

Assim sendo, nesta época, os que se

procurava em terras americanas eram minerais, muito escassos no pampa. Mas o gado veio alimentar as esperanças perdidas dos aventureiros, que encontraram uma nova riqueza, o couro e o sebo.

Esse tipo de gente era composta de marinheiros, soldados, que vieram na busca de novos horizontes e fortuna fácil; de alemães, ingleses, franceses, holandeses, italianos, com predomínio dos povos ibéricos (Espanha e Portugal) e do negro, emigrante forçado e escravizado.

Esses aventureiros faziam parte de uma população predominantemente masculina. O pampa era percorrido no começo da época colonial, por homens isolados, indivíduos sem lei e sem Deus, dedicados à caça dos rebanhos vacuns, cavalares e muares.

Nessa época, o homem era tudo, a mulher ocupava um lugar secundário.

A mulher branca, em número reduzido no pampa, um espécime raro, foi uma das razões da existência da miscigenação, geralmente entre homens brancos e mulheres índias. Gerou-se, com isso, o mestiço (cafuso). Já do abuso de amos brancos, com suas escravas negras, nasceu o mulato. Enquanto, o acasalamento entre a mulher índia e o negro, fez nascer o mameluco.

Assim, o mundo começou a testemunhar o nascimento de um tipo essencialmente americano, nem índio, nem português, nem espanhol, mas na

verdade, o gaúcho.

Já pelos idos de 1750, essa nova raça, comandada por homens de posse, os rebeldes (deserdados da sorte, ladrões, assassinos, desertores, índios, aventureiros e mestiços), começou a desenvolver as seguintes habilidades: resistência física, habilidade com armas, equitação própria, uso de recursos naturais do campo, uso de instrumentos, como laço, boleadeira, garrucha e encilha adequada, indumentária adaptada (do branco e do índio) e, sobretudo, uma coragem seca e áspera, de acordo com a vida que levavam.

Assim foi o estágio: dos quateiros (ladrões do campo); do changueador (fazia pequenos serviços no campo); do gaudério (sem paradeiro fixo), e, finalmente: do gaúcho!

### O gaúcho na atualidade

É um novo homem, esmerilhado como pedra bruta, lapidado pelo tempo e sofrimento. Nasce uma raça forjada no pampa, que se confunde com a natureza, pela beleza da alma, firmeza de caráter e bondade de sentimento, aliadas à rusticidade, em que se destaca a sua perfeita sintonia com o cavalo (entendendo o animal e se fazendo entender, até mesmo pelo pensamento).

Vejamos a descrição do gaúcho, na expressão de Gaspar Silveira Martins: “Recebeu a luz da vida... Foi marcado no berço pelo esplendor das alturas. Sua existência haveria de guar-

dar o nível das montanhas.”

### Em relação aos cavalos

Os primeiros exemplares chegaram em 1516. Já o gado chegou no ano de 1617.

Eis o gaúcho, cuja lenda é retratada na maior obra literária sobre ele, que é o clássico *Martin Fierro*, do argentino Jose Hernández:

“Y atientam la reación  
que hace um gauchu perseguido,  
que padre y há sido  
empenhoso e diligente,  
y sim embargo la gente  
lo tiene por um bandido.”

Ou ainda, na obra ANTONIO CHIMANGO, do gaúcho Amaro Juvenal, conselhos a Borges de Medeiros, que inicia assim:

“Ao Rio Grande:  
Velho gaúcho, insaciável  
De fazer aos mandões guerra,  
Nestas páginas encerra  
Por um pendor invencível,  
Seu amor, incorrigível,  
As tradições desta terra.”

### Nota

Palestra realizada no dia 05/03/2004 para os formandos do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo.

(Jabs Paim Bandeira é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

## Poesia

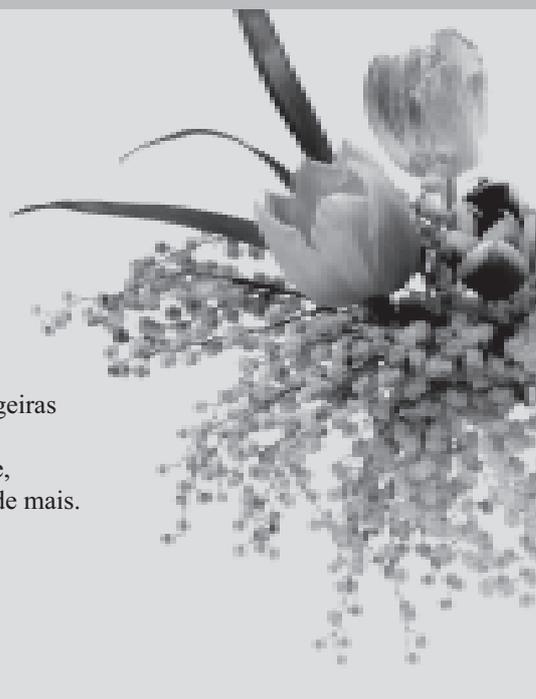
BERNADETE DOS SANTOS

### Delírio

O repouso do meu sono,  
olhar fascinante,  
momento do sorriso foi a noite  
que passou.  
A despertar do sol.  
O delírio do momento.  
O olhar apaixonado.  
Arco-Íris colorido.  
O céu.  
A Terra.  
O verde.  
O Sol.  
A flor.  
Nada é tão grande quanto o  
amor que sinto por você.  
Amo-te!

### Vitória

Plante seu jardim  
e decore sua alma.  
Não viva sempre esperando,  
que alguém lhe traga flores.  
Você vai aprender que,  
por mais difícil a situação,  
vencerá.  
Que as lutas na vida são passageiras  
e as vitórias permanecem.  
Que se pode ir muito mais longe,  
depois de pensar que não se pode mais.





# Resposta aos acadêmicos

**ODILON GARCEZ AYRES**

Por ocasião da entrevista que concedi aos ilustres Acadêmicos da APL, Paulo Domingos Monteiro e Gilberto R. Cunha, dia 15 de julho de 2006, na TV Câmara, de Passo Fundo, ao ser perguntado como adquiri o gosto pela literatura, dado à exigüidade de tempo de que dispúnhamos, cortei longo caminho, dizendo que era graças a minha atividade profissional, quando na verdade ela deve ter aparecido muito tempo antes. Senão, vejamos: A primeira leitura que marcou minha infância aconteceu já no primeiro ano primário, quando, numa disputa de leitura em sala de aula, deixei meu colega Nilson Bones empacado no “crucifixo”, enquanto eu disparava na frente com meu “crucifixo”.

Depois, minhas leituras passaram pelas revistas antigas que minha mãe guardava numa arca de madeira, vindo logo a seguir a influência de meu avô materno, Pacífico Dias Garcez, um homem viajado, acostumado a lidar com bacharéis e rúbulas, de Passo Fundo a Santa Maria, e de lá pendendo para a fronteira oeste. Ele era, a bem da verdade, um grande contador de causos e histórias, com as quais nos deliciávamos, numa gran-

de roda de chimarrão com pinhão, alummiados por um lampião alemão a querosene, nas gélidas noites de geada da Coxilha.

O caso que eu mais gostava de ouvir, contado pelo meu avô, era do caçador que atirou num tigre, pensando que fosse uma jaguatirica, pois meu avô, ao contar, ria tanto, que no fim, quando o caçador teve que subir numa “mamica de cadela” pra escapar da fera, dela resvalou, pois se borrara todo. Meu avô não conseguia terminar o caso, ficava num vermelhão só, coberto de lágrimas, e sua voz sumia da garganta. No fim também chorávamos de rir do caso e do avô.

Não sei como nem por quê, mas meu padrasto foi guindado a capataz da madeireira do saudoso Mário Goelzer, mais ou menos no ano de 1952. E, por essas e por outras, José Pedro Schleder começou a aparecer lá em casa, todos os meses, com uma Seleções do Reader’s Digest, e eu me tornei seu leitor permanente, até poucos anos atrás.

Do Grupo Escolar de Vila Coxilha, hoje Visconde de Araguaia, vim para o Colégio Fagundes dos Reis, logo que “matará” o GG, (Getúlio Vargas), concluir o 4º ano primário. Dali fui para o Conceição, onde os Maristas eram professores de primeiro mundo. Cabe aqui lembrar

três fatos: A restrição feroz que faziam os Irmãos Maristas a tudo que escrevera Monteiro Lobato, ao Protestantismo e à Maçonaria. Como nos recomendavam que não passássemos pela frente desses templos, raramente nos aventurávamos a passar pela Av. Brasil, entre a Cap. Eleutério e a Bento Gonçalves, pois dum lado ficava a Igreja Metodista e do outro, a Maçonaria.

Um fato, também, merece destaque, pois desmitifica muitos políticos como donos da criança. No ano de 1956, um Marista vindo da Alemanha, em sua palestra nos contava que, naquele país, as crianças iam de manhã para a escola, estudavam, almoçavam, praticavam esportes, lanchavam e só voltavam para casa às 16 horas, porque no inverno escurece muito cedo. Portanto, passavam o dia inteiro no colégio, e nós, ainda hoje, engatinhamos com um Ciep aqui e outro acolá.

Nesse tempo é que começamos a tomar contato com o Grêmio Literário, na primeira série ginásial, e aí fui marcado pelo apelido de “Pedro Calmon”, um lá não tão conhecido integrante da Academia Brasileira de Letras, o qual eu escolhera para meu Patrono e sobre o qual fiz o meu trabalho literário.

Depois, no Colégio Cristo Rei, fui o idealizador do Grêmio da 2ª. série, do qual

fui Secretário, e o Darcy Peruzzolo, o Presidente, vindo mais tarde este a ser Prefeito de Getúlio Vargas. No internato, além dos jogos, o meu melhor passatempo era a leitura, e lá, durante o ano de 1959, li mais de quarenta livros, dos quais destaco: Os Farrapos, Prisioneiro dos Pampas, Ubirajara, O Gaúcho, de José de Alencar, e o Filho do Gaúcho, que eu pensava ser do mesmo autor, no entanto é de Franz Freller, um brasiliense. Todos esse livros direcionaram o meu gosto para o Regionalismo.

Nessas alturas, me pergunto: onde andava o meu crítico e interlocutor, Acadêmico Paulo Monteiro, já que não cruzáramos caminho na juventude? Respondo: Conhecendo agora sua trajetória, ele estava na EENAV, no Grupo Nova Geração, e eu, levado pelo Bel. José Enio Serafini, enveredava por um caminho, promissor, mas que até servia de “deboche”, pela comunidade contemporânea. Tratava-se do Tradicionalismo. Imbuídos do ideal de que tradição não se resumia a danças, fandangos e gineteadas, fomos em busca de Simões Lopes Neto, Barbosa Lessa, Paixão Côrtes, Antônio Carlos Machado, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Diretor William Schissler Filho, Tenebro dos Santos Moura e outros tantos mais, escritores, poetas, declamadores e tradicionalistas, para a montagem do primeiro Informativo Folclórico do CTG Getúlio Vargas. E, embora o José Enio tenha ido embora, para o Fórum de Santa Maria, quando o Informativo se encontrava em sua terceira edição, consegui cumprir o contrato com os anunciantes, fazendo circular as doze edições de 500 exemplares. Uma delas, conjunta, e com mil exemplares, foi distribuída gratuitamente para todos os CTGs do Rio Grande do Sul, para autoridades municipais, estaduais e federais, e no 17º Rodeio Internacional de Vacaria. O material foi transportado no “gordini” do Bel. Valdomiro Loch, da Rodoviária até o Parque de Rodeios, e ali distribuídos

Aqui é que entra a resposta dada na entrevista na TV Câmara: Na CDL, por força da função, atas, ofícios, discursos, notícias para a imprensa e crônicas de minha autoria começaram a povoar os jornais. A primeira, intitulada “Minha Rua”, foi autorizada pelo próprio Múcio de Castro, abrindo-me as portas dali em diante para outras, entre as quais destaco “Turismo Sem Cascata”, que mereceu uma reunião especial para debatelá, a maioria torceu o nariz, e somente

uma pessoa a apoiou. Mesmo assim, Passo Fundo tornou-se uma cidade alicerçada em eventos para desenvolver o seu potencial turístico.

Nesse período - para mim é de suma importância destacar e hoje estão aí os frutos daquela época - ocorreu a afirmação dos nossos CTGs no concerto dos demais; a vinda da 7ª Coordenadoria; o Rodeio Internacional de Passo Fundo e o próprio Festival Internacional de Folclore, cuja base tinha sido construída, com capricho, na realização de quatro Festivais de Folclore, com as escolas de primeiro grau de Passo Fundo (1975 a 1978), sendo o terceiro e o quarto de âmbito regional. As atividades culminaram com a vinda da 2ª fase do Projeto Cultur, do Governo do Estado, para nossa cidade, graças, à intervenção da CDL, da 7ª Delegacia de Educação, da Secretaria Municipal de Educação, dos CTGs Getúlio Vargas e Lalau Miranda, escudados pelas escolas municipais, estaduais e eartculares da Região da Produção.

Outras realizações, na área cultural, olvidei, olvidaram. Mas isso não vem ao caso, pois o que interessa hoje é o momento que estou vivendo: a realização de um pequeno sonho. Após escrever meu primeiro livro, “Oché y Sefé Tiarayú”, editei o segundo. E, isso se Deus quiser, amanhã ou depois farei o lançamento da pesquisa já concluída e intitulada “Caboclo Serrano, Em O Puchirão do Gé Picaço - Nas Revoluções de 1923, 30 e 32”. Ali será possível ver, até com certo espanto, quanto foi escondido de nosso passado histórico, por aqueles que nos transmitiram a história de Passo Fundo das Missões.

Muito obrigado, por aturarem a minha arenga, já que ela é simples e comum aos conterrâneos da minha época. Enfim, somos parte dessa história literária, à qual damos nossa vida.

**(Odilon Garcez Ayres é escritor. Autor dos livros “Oché y Sefé Tiarayú” e “Caboclo Serrano, Em O Puchirão do Gé Picaço - Nas Revoluções de 1923, 30 e 32”.)**



# Era uma vez um templo...

(ARQUIVO SANTO VERZELETI)



Posse de diretores de escola, no Centro de Eventos da UPF, em dezembro de 2006.

## SANTO CLAUDINO VERZELETI

**E**m tempos idos, a professora gozava do respeito e da admiração dos alunos e colegas. Representava uma personalidade ímpar no meio comunitário, símbolo de sapiência e conhecimento. Seu modo de trajar se destacava pela elegância e altivez frente à vida cotidiana.

Dedicadas à causa da educação, com entusiasmo e prazer, as mestras não mediam esforços na educação e aprimoramento daqueles que dependiam delas, mesmo se isso lhes custasse sacrifício pessoal. Muitas vezes percorriam distâncias quilométricas, a cavalo ou a pé, até o interior dos municípios pelo Rio Grande afora. Além das adversidades topográficas, as estradas também eram péssimas, para chegar às comunidades do interior.

Mas o respeito e o carinho dos alunos dava a elas coragem suficiente para enfrentar tais contratemplos. E, nesse afã de semear o saber, a cultura e a educação, percorriam, com outras colegas, diversas localidades. Professoras residentes em Passo Fundo deslocavam-se pela região, até Getúlio Vargas, Coxilha, Campo do Meio, Ser-

tão, Ernestina, e outras mais.

Quantas vezes o veículo encrascava no caminho, obrigando-as a pegar carona nos caminhões que transitavam pelo interior, não raro carregados com toras de madeira. Uma delas se acomodava na cabine e as demais vinham mesmo a cavalo nos troncos.

Sem dúvida, uma vida atribulada e repleta de dificuldades. Em seus corações, porém, ardia o desejo de ensinar e melhorar a vida das crianças e da própria comunidade. Só depois de longos anos nessa maratona pelo interior, as mestras conseguiam remoção para a cidade.

Assim era a vida das educadoras, cinquenta anos atrás, quando as madrugadas eram sinônimo de sacrifício e desprendimento pessoal. E a viagem marcada por peripécias, mas também de muita alegria, esperança, e até mesmo de elegância pessoal. Elas é que ditavam a moda da época, com seus trajes demonstrando bom gosto e cuidado com a aparência.

Hoje a situação sofreu uma mudança radical. Ao acompanhar, recentemente, no Centro de Eventos da UPF, a investidura de um grupo de Diretores de Escola, de toda a grande região de Passo Fundo, fui tomado de surpresa, ao constatar o quanto os professores de hoje

foram aviltados pelos sistemas de ensino, no decorrer dos anos. A própria fisionomia dos mestres, no ato de posse, denotava preocupação ante os desafios que se impunham. Havia frustração e medo naqueles rostos. Insegurança no olhar. Pareceu-me que a vida vem correndo os semblantes antes mesmo de o tempo executar sua tarefa. Com raras exceções, os professores se apresentavam em trajes simples, revelando até seu baixo poder aquisitivo. Não se percebia aquela empolgação de outrora, nem aquele halo luminoso que cercava os educadores de antigamente. Até alguns protestos foram ensaiados no decorrer da cerimônia de posse, ressaltando a desatenção do Poder Público com as escolas. De um modo geral, porém, reinava certa alegria e descontração, a despeito do desencanto.

Isso tudo levou-me a refletir. A situação financeira e o aviltamento da profissão é uma grave questão social e familiar, em vista dos altos custos de sobrevivência impostos pelos padrões da modernidade. E a situação se agrava com o desinteresse de muitos pais que não interagem com a escola, atribuindo só aos professores a responsabilidade pela educação dos filhos.

A falta de remuneração adequada,

minguando, ano a ano, os salários de nossos mestres, é outro fator de desestímulo.

Quanto aos alunos, muitos não trazem do berço os princípios básicos de convivência e bom relacionamento. Na maioria das vezes, criados sem muitas regras, vão descarregar na escola suas frustrações e problemas mal resolvidos. Por sua vez, o Estado, enfrentará problemas cada vez mais sérios, em decorrência do caos que vem se instalando nas escolas. Arrombamentos frequentes, invasão de gangues organizadas, desacato aos mestres e condutores do processo escolar, e depredação do patrimônio público. Tudo faz parte de um processo lastimável que leva à perda dos referenciais e de perspectivas saudáveis. Trata-se, pois, de um processo que tem de ser revertido com urgência. A escola, no entanto, revela-se frágil e impotente diante da situação, que acabará por solapar os valores dela e de seus obreiros. E o prejuízo, obviamente, será da educação, dos alunos e da comunidade.

A difícil situação financeira, a remuneração inadequada, com a consequente perda do poder aquisitivo do professor e o aviltamento de sua profissão, preocupam todos nós, na medida de sua interferência na vida familiar, social e cultural dos mestres, e sobretudo na qualidade do trabalho docente. Há um desprestígio generalizado da escola e dos seus agentes. Antes respeitadas como um templo sagrado, e geridas por sacerdotes do conhecimento, as casas de ensino são agora profanadas por depredações e inseguranças, quando não, feridas drasticamente em seus princípios de dignidade e valorização do ser humano.

Há que se fazer, portanto, uma reforma educacional no país, e com urgência, antes que o caos se instale, promovendo estragos ainda maiores.

Cabe a todos nós, sem distinção, apelar por essa reforma. Urge que se estabeleçam normas mais rígidas, de respeito, obediência à hierarquia, participação coletiva no processo de educar, gerenciamento da escola como um bem comunitário, não como uma empresa.

A escola precisa evoluir, moral, financeira e institucionalmente, para que o futuro não a encontre irremediavelmente comprometida.

(Santo Claudino Verzeleti é membro das Academias Passo-Fundense de Letras e de Ciências Contábeis do RS.)

# Uma bola, uma paixão

HELENA ROTTA DE CAMARGO

**H**ouve um tempo, um tempo de muitas folgas e poucos divertimentos (mas isso já faz bem mais que meio século, espichado e bem vivido!), em que quase nada havia para se gastar as horas, nas sagradas tardes de domingo.

Daí a importância do esporte, do único esporte que se conhecia, naquelas paragens bucólicas. Gente grande e gente miúda era arrastada por ele até a beira do tapete verde, que ondulava e faiscava como se o tivessem lustrado com parafina.

Ali se presenciava uma disputa pacífica, sem olas, pancadaria, ofensas à mãe. A torcida estava mais para devoção que para arruaça.

Só quem não comparecia eram as senhoras, consagradas que foram pela aliança matrimonial do recato. Seus deveres eram outros. Suas diversões também. Se é que se pode chamar de diversão limpar bumbum de neném, pôr a casa no lugar, consertar a roupa esfolada de tanto uso, tanta água e barra de sabão.

A turma se reunia, um grupelho de meninas irrequietas (não pensem que, só por ser antigamente, éramos todas umas tontas! Um pouco, sim, mas nem tanto...). E, de mãos dadas numa corrente – isso nos garantia segurança, unidade, presença -, buscávamos o melhor lugar junto à cerca de arame.

O céu olhava de longe com uns olhos de azul soberbo. As nuvens, por sua vez, raramente apareciam para conferir o placar do jogo. E o vento, quietinho. Só de vez em quando ziguezagueava pelo cercado um zéfiro primaveril que adocicava a tarde.

Como não escancarar todos os sentidos do corpo e da alma àquelas emanações tão fluidas quanto sentimentais?

A torcida feminina, um pouco menos barulhenta que a dos moleques, queria mesmo era mostrar a cara e dar vazão a suas emoções, sempre tão reprimidas, tão condizentes com as

convencções familiares e sociais.

A bola tornava-se, assim, uma defloradora dos bons modos, da discricção, da contenção cotidiana.

Presumo ter sido essa descarga de adrenalina represada, essa fuga de limites rigidamente impostos, o fator determinante da paixão que a esfera de couro fazia explodir nas vozes, nos gestos, nas palavras de ordem. Um trejeito mágico se desenhava nos pés dos jogadores, quando corriam, muito arrojo e pouca técnica, envergando um calção que mal cobria as virilhas. Uma visão feérica, que provocava comichão na garganta e febre no corpo. Um delírio que punha em fuga o pudor provinciano daquelas meninas habitualmente bem comportadas.

Não sei definir se era a própria bola, por seus requebros contagiantes, ou o esquisito malabarismo dos atletas, ou a momentânea sensação de liberdade que o jogo despertava, a causa desse namoro prematuro com aquele ente simbólico e promíscuo.

Falando sério: o futebol é um esporte rude, truculento, de safanões e pontapés. Sua capacidade de seduzir as multidões, que o torna o ópio do povo, resulta, sem dúvida, da empolgação coletiva que salta do bico das chuteiras, quando os pés rabiscam estrelas no chão de esmeraldas...

E eu, aqui e agora, a narrar uma novidade velha, tão gasta que até perdeu a cor... O antigo encantamento é só bruma, silêncio, saudade. Uma faísca teimando em se manter acesa, para não perder, nos flancos da disputa, o derradeiro rebote da paixão.

(Helena Rotta de Camargo, Academia Passo-Fundense de Letras.)





# Existe receita para aprender?

**DILSE PICCIN CORTEZE, MARILUCI MELO FERREIRA, SANDRA MARA BARICHELLO, SIRLEI DE FÁTIMA DE SOUZA e VERA LUCIA DALBOSCO**

A maioria dos professores, em algum momento da profissão, já deve ter-se perguntado: O que fazer para o aluno aprender? Como superar aulas tradicionais e repetitivas? Como evitar a “decoreba” ou fazer o aluno desenvolver o interesse pelas aulas? Assim como muito já se perguntou, muito já se escreveu sobre o assunto. No entanto, uma coisa é certa: muito pouco foi proposto no sentido prático. Não que esperemos encontrar respostas prontas para nossas dificuldades em sala de aula, mas todos nós, educadores, necessitamos de algumas orientações ou conhecimentos que possam ser testados no nosso cotidiano de sala de aula.

Nesse sentido, podemos citar alguns estudos interessantes realizados por pesquisadores, como Juan Ignacio Pozo ou Fernando Becker, os quais concordam em algumas questões, entre elas, a de que as aulas somente poderão ir além do tradicional, se forem desafiadoras para os alunos, o que implica não trazer o conhecimento pronto, pelo contrário, deve ser construído por eles com a mediação do professor. E nesse processo o professor não transmite, mas ensina o aluno a aprender.

Aqui é importante definir o aprender

como o desenvolvimento da capacidade de utilizar o conhecimento apreendido e aplicá-lo em novas situações do cotidiano. Desse modo, o conhecimento simplesmente transmitido passa a fazer parte de um aprendizado efetivo, ou seja, que realmente possa ser aplicado pelo aluno.

No entanto, é importante considerar que a passagem do apreendido para o aprendido faz parte de um processo, no qual existem dois elementos importantes a se considerar: o sujeito (aluno) e o objeto (conhecimento). Porém, não basta apenas o professor apresentar o objeto (livro, textos, paisagem, mapa, filme, etc.) ao aluno; é necessário que o sujeito estabeleça alguma interação com o objeto. Assim, o resultado final dessa interação será o conhecimento aprendido pelo aluno.

É justamente nesta questão, a interação do sujeito com o objeto, que reside a chave para a superação de muitos problemas em sala de aula. Até aqui parece simples, mas como fazer essa interação? Como fazer para que o sujeito se interesse tanto pelo objeto a ponto de querer interagir com este, transformando isso em conhecimento?

Uma das formas seria a problematização desse conhecimento. Com essa atitude, o sujeito se defronta com uma situação para a qual irá formular alguns questionamentos. Assim, na medida em que ele sente a necessidade de resolver ou compreender aquela situação, ele

estará construindo algo, interiorizando conceitos que podem se transformar em novos conhecimentos.

Porém, problematizar em sala de aula também requer o entendimento de algumas situações, por exemplo, a de que a problematização pode ter sucesso, quando contemplar a contradição entre os conhecimentos prévios dos alunos e o objeto em questão. Essa é uma das formas de motivar e criar o ambiente necessário para a aprendizagem. A superação dessa contradição transforma-se no que o aluno aprende.

Proporcionar uma educação problematizadora ou construtiva não significa, porém, ignorar os conhecimentos acumulados através dos tempos e, sim, abordá-los de outra perspectiva, que aqui chamamos de “situações-problema”. Essas se constituem num desafio porque propiciam ao educando pensar em novas situações e desenvolver habilidades como a de aplicar o conhecimento em novos contextos.

No entanto, não podemos ser ingênuos em acreditar que a aprendizagem em tal perspectiva seja o único fator responsável para uma efetiva aprendizagem, pois muitos outros elementos podem interferir. Entre esses podemos citar a realidade do aluno e seus conhecimentos prévios, a atenção e as motivações intrínsecas presentes no indivíduo, a recuperação e a transferência da informação e a tomada de consciência da aprendizagem, bem como as condições

do ambiente escolar.

Esta bagagem trazida pelo aluno deve fundir-se com o conhecimento formal da escola e transformar-se num conhecimento mais significativo. Em algum momento pode ocorrer que os conhecimentos prévios dos alunos (teorias implícitas ou sociais) não sejam compatíveis com os conceitos expostos. Surge, então, uma contradição, muito positiva para a aprendizagem, porque por meio dela é possível que aconteça uma reestruturação conceitual. A mudança conceitual será facilitada se o aluno for exposto a um conflito, que pode ser criado com a apresentação de dados, conceitos ou experiências, postas em confronto com os conhecimentos dos alunos.

A aprendizagem de procedimentos é caracterizada pelo autor como as técnicas (destrezas, habilidades, hábitos, etc.) e estratégias (táticas, planos, etc) de aprendizagem e implica o saber-fazer, não apenas o dizer ou compreender. Assim, não responde a um processo de ensino baseado apenas na exposição. Segundo o autor, dizer algo e fazer pertence a dois âmbitos diferentes do conhecimento e da aprendizagem, não necessariamente ligados entre si. A aprendizagem de procedimentos consiste em seqüências integradas de ações que vão requerer condições práticas mais exigentes tanto em quantidade de prática como na organização da mesma. Pôr em marcha uma estratégia de aprendizagem implica em ir além da técnica; implica no domínio de uma série de procedimentos componentes. Tanto os elementos componentes como seu uso técnico ou estratégico devem ser treinados, se quisermos que os aprendizes, além de jogadores, sejam treinadores de si mesmos.

O perfil do profissional do século XXI requer que ele adapte, de forma estratégica, as habilidades adquiridas a um mundo com demandas flexíveis, mutantes, que exigem dos aprendizes terem e manterem o controle do que estão fazendo, além das rotinas automatizadas. Captar, por exemplo, novos clientes para a empresa, criar novas necessidades de mercado, vai além do mero treinamento técnico.

Assim, para que possamos superar a cultura tradicional que ainda predomina nos diversos espaços educativos, é necessário, sobretudo, contemplar atividades que levem o educando a agir sobre o objeto. No entanto, essa ação só é conseguida, a partir de soluções de problemas ou atividades mais amplas do

que simplesmente exercícios com respostas prontas e fechadas, que não possibilitam a reflexão do aluno. Além disso, é importante que a questão-problema, para despertar a motivação, parta dos conhecimentos prévios dos alunos, pois isso permite que seja possível estabelecer conexões com os novos conhecimentos e trazer mudanças.

Pensar o ensino de História com base nessa perspectiva remete-nos a diferentes questionamentos. Uma primeira questão a se considerar é: Qual o objeto do conhecimento dessa disciplina? Segundo: como fazer a interação entre o sujeito e o objeto? E, por último: como considerar os conhecimentos prévios do aluno e progredir para além do que ele já sabe?

Na opinião da pes-

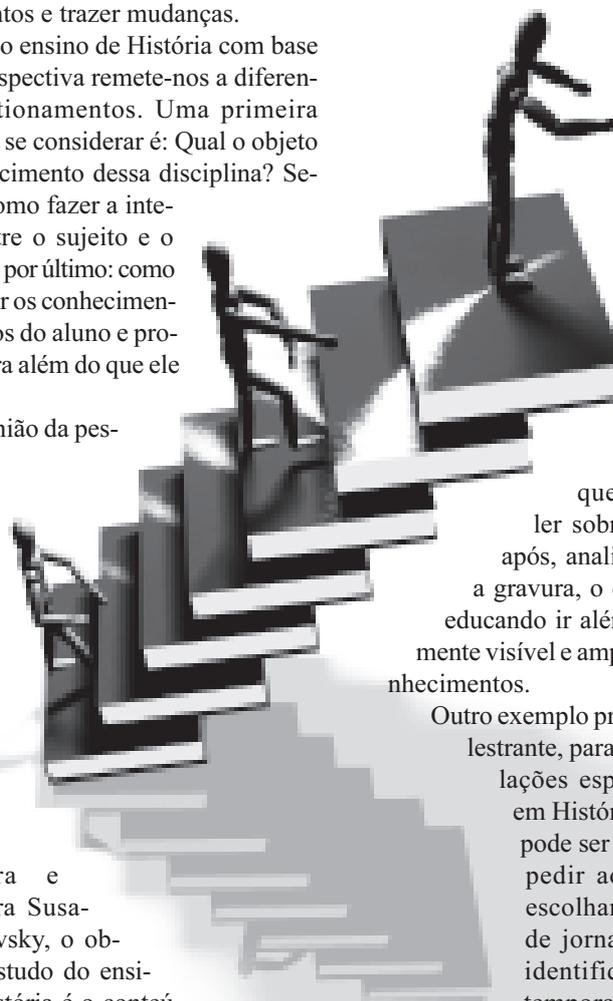
quisadora e educadora Susana Zaslavsky, o objeto de estudo do ensino de História é o conteúdo que se propõe trabalhar.

Por sua vez, a ação do sujeito sobre o objeto pode se dar a partir do que ela chama de “experiência lógico-matemática”, que se baseia na problematização, no fazer perguntas ao objeto. Essas perguntas devem partir do que as crianças já sabem e, progressivamente, ser aprofundadas em relações sempre mais complexas, avançando rumo a um conhecimento mais amplo.

Nesse mesmo sentido, a autora chama a atenção para a importância de se problematizar, nas aulas de História, a constituição de diferentes relações de tempo e espaço e o processo histórico, o que implica compreender tal processo para além da sucessão cronológica, entender as continuidades, as rupturas e os ritmos diferentes. Além disso, é preciso entender o sentido do texto, problematizá-lo e estabelecer relações com

outros conteúdos, tempos e espaços.

Um exemplo prático de relação entre o sujeito e o objeto, proposto por Zaslavsky, e que pode ser realizado em sala de aula, é mostrar uma gravura, deixar o aluno falar sobre esta (o que ele está vendo) e, com base no que ele já sabe,



propor novos questionamentos, ler sobre o assunto e, após, analisar novamente a gravura, o que permite ao educando ir além do aparentemente visível e ampliar os seus conhecimentos.

Outro exemplo proposto pela palestrante, para estabelecer relações espaço-temporais em História e Geografia, pode ser assim descrito: pedir aos alunos que escolham dois artigos de jornal ou revista e identifiquem palavras temporais e espaciais.

Certamente, depois disso será possível estabelecer relações entre diferentes tempos e mesmos espaços, diferentes espaços e mesmo tempo e, também, entre diferentes tempos e diferentes espaços, ou mesmo tempo e mesmo espaço, sempre fazendo com que o aluno identifique e relacione cada um.

#### Bibliografia citada

BECKER, Fernando. **A origem do conhecimento e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2003.  
POZO, Juan Ignacio. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2005.

(Dilse Piccin Corteze, Mariluci Melo Ferreira, Sandra Mara Barichello, Sirlei de Fátima de Souza e Vera Lucia Dalbosco são integrantes do Grupo de Estudos “História e Realidade”, de Passo Fundo/RS.)



# Notas sobre a leveza, a paixão e a reparação

JORGE ALBERTO SALTON

## Sobre a leveza

Poucas coisas fazem tão bem ao espírito como a leveza. O contato com o leve promove descanso, bem-estar, paz. O leve está em toda parte, há que descobri-lo.

O grande escritor italiano, Ítalo Calvino, insistia: “A função das artes em geral e da literatura em especial é a busca da leveza em reação ao peso, do viver”. É aliviar a linguagem de todo seu peso até fazê-la semelhante à luz da lua.

“...grãos de poeira num raio de sol, na penumbra do quarto.” (Lucrécio)

“...alva neve que baixa sem ter vento”. (Cavalcanti)

Em 1917, KAFKA escreve uma história curta: “*O Cavaleiro da Cuba*”, da vasilha de armazenar carvão no inverno. Em plena Primeira Guerra, época de miséria, um homem parte com sua vasilha vazia em busca de uma porção qualquer de carvão. A cuba lhe serve de

cavalo e chega a erguê-lo até a altura do primeiro andar das casas. A carvoaria fica num sub-solo e o cavaleiro da cuba voa alto demais. O carvoeiro, lá embaixo, parece disposto a atendê-lo, mas não o ouve direito. Já a mulher do carvoeiro, que está no andar superior, o ouve bem. Mas faz de conta que não. O homem grita, implorando. A mulher do carvoeiro tira o avental e espanta o intruso, como se estivesse a enxotar uma mosca. A cuba é tão leve que se vai, flutuando, levada pelo vento do avental, com seu cavaleiro além das montanhas de gelo.

A leveza nos eleva acima do egoísmo, acima das relações humanas frias, indiferentes, geladas.

A literatura universal é rica em figuras suspensas no ar: cavalos voadores, tapetes voadores, gênios que saem de garrafas...

Milan Kundera, em seu romance *A Insustentável Leveza do Ser*, nos mostra que muito daquilo que escolhemos e apreciamos pela leveza, acaba se transformando num peso insustentável. Pode

acontecer com nosso casamento, com nossa atividade profissional, com tudo.

Mas, lendo Ovídeo, aprendemos uma lição. Perseu massacra a golpes de espada um monstro marinho. E agora, trata de fazer o que faria qualquer um de nós, após tamanha façanha: vai lavar as mãos. Mas, antes disto, o que fazer com a cabeça do monstro segura pelos cabelos por sua mão direita? Para que a areia áspera não esfole aquela cabeça degolada, Perseu primeiro junta folhas, algas, ameniza a dureza do solo e só então deposita com cuidado aquela cabeça com a face voltada para baixo. Ou seja, há leveza em Perseu, não importa se seu trabalho seja degolar monstros.

Há leveza em você? Há leveza em seu companheiro? Observe com atenção.

Pois, mesmo quando o pássaro caminha, percebe-se que ele tem asas.

## Sobre a paixão

Nada, nada como uma paixão.

Será mesmo?

Vejamos a paixão de Charles...

Robert Akeret, escritor norte-americano, descreve Charles como um homem adulto e jovem, alto e forte, cabelos longos, artista de circo, que procura um terapeuta alegando viver situação perigosa.

Domador de leão? equilibrista? pensa o terapeuta.

- Vivo uma paixão perigosa - informa Charles.

Trata-se então de outro perigo, perigo do coração.

- Mas ela é maravilhosa, belíssima - diz, alcançando uma foto ao terapeuta.

- Uma urso?!

Sim, é a foto de uma enorme urso polar que se chama *Zero*. - É provocativa, sedutora. Desejo-a desesperadamente - explica Charles, - Amor à primeira vista.

- E ela?

- Bem, tenho de conquistá-la.

Noutro dia, Charles vai à terapia com o ombro enfaixado. Entrara na jaula de *Zero* e não fora bem recebido.

- Que esperava que ocorresse entre vocês dois? - pergunta o terapeuta.

- Bem, eu estava excitado sexualmente. Mas me precipitei, ela não estava suficientemente preparada. Os riscos do amor, doutor.

Nada, nenhum argumento afasta Charles de *Zero*. Até que o terapeuta descobre a lei do circo: todo animal que mata alguém, é morto.

*Zero* matará Charles, *Zero* será morta.

A contragosto, Charles concorda. Resignado, afasta-se de sua paixão. Sacrifica-se para que *Zero* viva o máximo possível. E para que ele, mesmo à distância, possa sonhar cenas de sexo e amor.

Imaginação ou realidade? Não sei se *Zero* realmente existiu.

Sei que nem sempre nos apaixonamos por quem nossa mãe, nosso pai... nossos avós... com toda sua sabedoria, escolhem para nós.

Um psicólogo indiano, certa vez, me disse:

- Na Índia, os pais continuam a escolher os pares dos filhos. Paixão é sempre negativa, deve ser combatida pela raiz. Conheci minha mulher um dia antes do casamento. Um boa escolha. Quer saber o que é diferença cultural? É eu achar correto que meus pais escolham, e você achar correto essa escolha feita pela paixão, essa escolha inconsciente, maluca, de vocês ocidentais.

Tenho vontade de dizer ao indiano: não se preocupe, poucos de nós trabalhamos em circo e... nossos circos... não

costumam carregar ursos polares tão bonitas quanto a *Zero*.

### Sobre a reparação

Nada é melhor do que a possibilidade de reparar algum mal que tenhamos feito. Nada é pior do que a impossibilidade de reparação.

"*Um som de trovão*", conto do escritor norte-americano Ray Douglas Bradbury, nos faz refletir.

Eckels, o personagem principal, vive no ano 2055. Com o avanço da técnica, já foi possível construir uma Máquina do Tempo que permite aos habitantes da Terra organizarem sofisticados safáris ao passado. No cartaz de propaganda se lê:

Cia. Safári do Tempo

Safáris em qualquer ano do passado

Você escolhe o animal

Nós o levamos até ele

Você o mata

Eckels resolve matar um *Tyrannosaurus rex*. Volta no tempo levado pelo guia Travis, que o adverte:

- Não queremos alterar o futuro, muito cuidado.

O animal escolhido era caçado segundos antes da hora em que iria naturalmente morrer. E havia que se ter extremo cuidado para não matar mais nada. Nem um rato. Porque, matando um rato, todas as demais famílias oriundas desse rato não existiriam. Por falta de dez ratos, uma raposa morre. Por falta de dez raposas um tigre morre de fome. Dalí a milhões de anos, um homem das cavernas sai à caça e não encontra o tigre que iria encontrar e naturalmente comer. Esse homem morre antes de reproduzir. Significa que milhares de homens não mais nascerão. Um povo todo não existirá.

Eckels não pode pisar fora de uma plataforma suspensa. Ocorre que ele, por desatenção, se desequilibra e pisa com a bota direita na relva.

De volta ao ano 2055, Eckels observa que a sala de onde haviam partido estava lá, mas não era *exatamente* a mesma. O mesmo homem estava sentado atrás do mesmo balcão, mas o mesmo homem não estava sentado *exatamente* atrás do mesmo balcão. Havia algo diferente no aroma do ar. As mesmas ruas estavam lá, mas não eram *exatamente* as mesmas. O cartaz de propaganda do Safári estava lá, mas algumas letras eram estranhas.

Eckels imagina o pior. Examina seu calçado. Vê barro embaixo de sua bota. Retira-o e verifica que, misturado com ele, há uma borboleta morta. Que horror,

matara uma borboleta. Matar uma borboleta não podia ser tão importante assim! Podia! O planeta não era mais *exatamente* o mesmo.

- Será que não podemos fazer a borboleta viver de novo? Não podemos começar tudo de novo? - geme Eckels.

Não, não havia reparação possível. A Terra era outra, para sempre.

Conclusão: Eckels ajoelha-se e espera por Travis, que agarra o rifle, faz pontaria e puxa o gatilho. O som que se ouve também está diferente. Não é o som que Eckels conhece ser o de um tiro. O último som que Eckels ouve antes de morrer é um *som de trovão!*

A borboleta se foi e com ela muita coisa mais. Mas, reparar não significa necessariamente dirigir uma boa ação exatamente para a borboleta. Se Eckels usasse de criatividade, não ouviria o *som de trovão?*

(Jorge Alberto Salton é médico, escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

## Poesia

HELENA ROTTA DE CAMARGO

### Poesia Mulher

Essa brisa que se instala nas frinchas do cortinado, vertendo pingos de orvalho nas vidraças sonolentas, só pode ser a poesia - arfante e bisbilhoteira - que chega assim de roldão...

Uma gueixa sussurrante, com riso de lantejoulas e envolta em panos de cor... Só ela, mãe e mulher, gera a vida e benze a morte, planta o grão e rega a flor...

Versos prontos, exultante, se livra dos pesadelos, manda embora a escuridão. Uma prece ao pé do leito, ela se abraça à alegria e veste o chambre da paz...

(Helena Rotta de Camargo, Academia Passo-Fundense de Letras.)

# Mudança psíquica na constituição da literatura<sup>1</sup>

LÉA MASINA

Ao iniciar minha participação neste Seminário de Psiquiatria Dinâmica, quero, em primeiro lugar, deixar claro que meu “locus” de enunciação é a literatura, lugar de onde falo e me movimento, na tentativa de perseguir um tema de grande amplitude e riqueza. Quero dizer também que, para tanto, considero a literatura como fenômeno, algo vivo, que resulta do encontro de três elementos: o autor, a obra e o leitor (público)<sup>2</sup>. Minha breve fala será sobre a dinâmica desses três elementos na constituição desse fenômeno que chamamos “literatura” e que só acontece quando o ciclo se completa com o ato da leitura. As modificações psíquicas, que acompanham essas três instâncias, tornam a literatura um espaço aberto para acolher a diversidade, a mobilidade, a formulação de pensamentos, bem como para instigar novos sentimentos, novas idéias e sua expressão criativa. Literatura, como toda a arte, consubstancia-se numa forma, produto de um autor que deseja comunicar-se. E esse ato comunicativo termina, quando o leitor acolhe a mensagem do texto e a incorpora a suas vivências mais íntimas.

Por outro lado, mudanças psíquicas existem sempre, se considerarmos a literatura como um fenômeno, portanto, alguma coisa viva, *espaço de liberdade* (como disse Barthes)<sup>3</sup>, onde tudo acontece na linguagem, linguagem esta que está mais livre para não limitar-se a veicular valores, idéias e ideologias, podendo concentrar-se mais em sensibilizar, emocionar, provocar a reflexão dos leitores a partir do seu próprio signo. Segundo o mesmo Barthes, em sua “Lição” (1978), a literatura tem o real como objeto de desejo e, para alcançar representá-lo, necessita pôr em movimento o autor, o leitor e o próprio texto, eis que o real não se deixa descrever ou representar fixamente, mas apenas é “demonstrável”. Assim, substitui-se a idéia do texto como um espaço fixo, pela idéia de um teatro onde atuam, dinamicamente,

esses três elementos, sujeitos às mudanças psíquicas inerentes a um mundo em plena mutação e trocas. Por essas razões, a literatura amplia a visão de mundo dos leitores e favorece o mergulho hermenêutico mais intenso, treinando a escuta e ampliando a capacidade de ler as sombras, as margens e as entrelinhas que enriquecem o texto. Assim, lido por psiquiatras ou psicanalistas, o texto literário ecoa num outro estágio de compreensão e apreensão, pois seguramente nele o autor irá encontrar questões humanas com que lida na sua vida profissional, com a diferença de que poderá examiná-las por diferentes ângulos e amplitudes. A leitura permite um ir e vir que possibilita a análise e o adensamento da escuta, movimento interno de apreensão e troca que as personagens literárias, em seu “texto-teatro” suscitam.

Proponho, por uma questão didática, examinar as mudanças psíquicas que a literatura, enquanto fenômeno, favorece. E, para tanto, divido a literatura, didaticamente, nas três conhecidas instâncias: autor (que escreve o texto), obra (o texto escrito, consubstancializado numa linguagem específica a uma época) e leitor (o público a quem a obra se destina, que está presente na intenção do autor, mas também no ato da leitura, transformando o texto escrito no fenômeno literário).

Assim, nada acontece enquanto o texto não for escrito e lido. Nesses momentos situam-se os contextos de produção e recepção do texto, o que significa dizer que ele medeia uma troca intensa de idéias, emoções, percepções e informações atemporais. Ler Shakespeare, hoje, comprova o que estou dizendo. Como, por exemplo, duvidar da atualidade do ciúme e da inconstância emocional de Otelo? E do amor incondicional e adolescente de Romeu e Julieta? E como não se deixar levar pelo desespero e pela ira de Lear, quando abandonado e traído pelas próprias filhas?

Sendo o autor e o público sujeitos a mudanças sociais e comportamentais, eis que são seres históricos. Por óbvio, autores e públicos de diferentes épocas

tendem a se comportar de modos diferentes. Essas alterações, que se fundamentam em seu comportamento com relação à produção e a recepção da obra, são examinadas através de diversas teorias, conhecidas genericamente como teorias da Recepção. Segundo essas teorias, genericamente existe uma expecta-

tativa dos leitores com relação ao que pretendem ler, mas esse comportamento modifica-se à vista das novas propostas que uma obra oferece. Encaixa-se nessa questão a existência das *vanguardas*, cujas propostas formais, por não integrarem o contexto de expectativa do leitor de uma época, não raro são rejeitadas, sendo mais tarde absorvidas ou anuladas. Muitas vezes ocorre a rejeição de algumas obras em prol de outras mais tradicionais, que correspondam ao “gosto” costumeiro e dominante entre os leitores. Essa assertiva vale não só com relação às propostas formais, como

também aos temas que surgem, para dar conta das modificações psíquicas que se encontram na dinâmica dos contextos de produção e recepção da literatura. Exemplo, na literatura brasileira, é a convivência, na primeira metade do século XX, no Brasil, de poemas simbolistas, parnasianos e modernos.

Do mesmo modo, uma obra considerada antiga, pode ser “relida” através dos séculos, dela se extraindo diferentes versões e reflexões sobre o mundo. Há obras consideradas “canônicas” ou “clássicas, como as de Sófocles, Eurípidas, Platão, Aristóteles, e tantos outros, que são lidas há milhares de anos, desde que foram escritas ou coligidas, e

continuam “na moda”, sendo re-encenadas, servindo de “inspiração” para textos novos, e sustentando outras formas de comunicação midiática.

Nesse mesmo sentido, uma obra pode ter determinados significados em uma época e outros em outra, do mesmo modo como pode ser valorizada e esquecida, à medida que mudanças psíquicas afetam os novos leitores, alterando seu contexto de recepção. Como se sabe, em função de fatores culturais, há épocas mais conservadoras, assim como há outras que são mais inovadoras, dependendo de circunstâncias políticas e sociais diversas. A literatura ocidental é rica em exemplos, e lembro, apenas, a questão suscitada com romances, como “O Amante de Lady Chatterley”, de D.W. Lawrence, ou “Madame Bovary”, de Gustave Flaubert, cujos autores foram processados por veicular, em seus livros, obscenidades. Ambos, hoje, são considerados romances clássicos.

Se nos dispusermos a pensar, individualmente, cada uma das instâncias que compõem o fato literário, veremos que, um autor que escreve diferentes livros, nem sempre espelha a mesma e unívoca visão de mundo. Até por causa do tempo: sua obra de juventude espelha preferências temáticas que não se irão encontrar na velhice. Exemplo: Shakespeare, Machado de Assis, Borges. Suas obras, escritas ao longo da vida, espelham diferentes visões de mundo. Também experiências individuais e modificações psíquicas substanciais podem alterar a visão de mundo do autor, deixando ler em sua obra diferentes facetas de um mesmo escritor e alterando, inclusive, o estilo, entendido como articulação formal de alguma força pulsional que leva alguém a escrever. Isso ocorre exemplarmente com os heterônimos de Fernando Pessoa e, entre nós, com a obra de Lya Luft, que inicia sua obra escrevendo crônicas e poemas, depois romances, teatro e livros de auto-ajuda. O fato é que existe uma necessidade pulsional e violenta de criar e esta procura sua forma (inconsciente) adequada. Nesse momento, é preciso referir a técnica: quanto maior o domínio da expressão escrita, tanto mais qualificado será o texto e mais expressivo e exato com relação ao mundo interno do escritor. É nessa vertente que podem auxiliar os exercícios de criação e o trabalho realizado por oficinas ou seminários de criação literária.

Isso porque a obra é escrita conforme

os valores e usos lingüísticos, e preferências de uma época, seu contexto de produção. Mas ela atravessa os séculos, é alterada pelas mudanças psíquicas dos tradutores e dos compiladores, para adequar-se, quem sabe, à nova recepção, ou para tornar-se mais “palatável” ao gosto do leitor da época. Como é escrita, nessa linguagem literária encontram-se grafadas as formas de cada época, e as alterações psíquicas daqueles que manipulam o texto (podem-se examinar obras com edição comentada, vendo-se as alterações incluídas pelo próprio autor ou pelo editor ou tradutor, que trocam palavras ou expressões, traços visíveis de mudanças psíquicas decorrentes de fatores culturais. Em obras clássicas, como a “Trilogia Tebana”, de Sófocles, ou as obras de Homero, observam-se alterações que decorrem da intenção do tradutor ou organizador do texto, com conseqüências sobre a forma: transformar prosa em poema, por exemplo, ou seu contrário.

Já com relação aos leitores, são eles que mais permitem observar as mudanças psíquicas que ocorrem na literatura. Seu comportamento diante da obra abrange desde a escolha do que deve ou não ser publicado ou lido num momento (crítica literária), à seleção do que vale a pena ser traduzido e trazido para um novo sistema literário, deixando claro quais os valores literários a serem ou não importados de outras culturas; depois, há que pensar nos “formadores de opinião”, a “mídia” em geral, a “multimídia”, etc, disseminando informações e formando o gosto e a preferência dos leitores (revistas, jornais, internet, com seus sites, blogs, orkut, etc); além disso, precisam ser consideradas as preferências e as escolhas individuais, fortemente marcadas pelas mudanças psíquicas, e atentas à formação do gosto e da preferência dos leitores. Dentre os psiquiatras e psicanalistas, a exemplo de Freud, há uma tendência a preferir a leitura de obras clássicas, pois neles se encontram, por assim dizer, “em primeira mão”, os sentimentos mesclados a mitos de origem, o que os torna sobremaneira enriquecedores, para os intérpretes dos sentimentos humanos. Recentemente, li partes de um livro muito interessante, escrito por Paulo Sergio Rouanet, *Os 10 amigos de Freud*. Nele, indiretamente, em carta a seu editor, Freud diferencia os “bons livros” dos “clássicos”, daqueles que “precisamos” ler<sup>4</sup>. Não fazê-lo, segundo o crítico Harold

Bloom, nos causa desconforto e mal-estar social.

Enfim, outra característica dos leitores diz respeito às diferentes leituras que se fazem de um mesmo texto, mas com diversas intenções. Os leitores se comportam de modo diverso, se estudam ou fruem, se buscam respostas ou se apenas se deixam levar pelo desejo de entretenimento. Também as leituras se alteram, dependendo da época e da fase da vida em que se realizam (por exemplo: Clarice Lispector lida por adolescentes e por adultos; Machado, Guimarães Rosa, Tchekow, Maupassant, Philip Roth, Paul Auster, etc).

Já no caso dos médicos psiquiatras e dos psicanalistas, o aprofundamento nos estudos da literatura tem a ver com o fato de que, tanto a Teoria Literária quanto a Psicanálise são ciências que abstraem do concreto a sua reflexão, e a transformam em hipóteses e teses. Essa garimpagem integra o procedimento do pesquisador e do estudioso, porque permite reler conceitos e ampliá-los, aprofundando o conhecimento, e aprimorando a escuta e a percepção da própria mudança psíquica que se dá, ao ler num fluxo contínuo da vida para o texto e do texto para a vida.

#### Notas

1- Texto apresentado durante a XXIV JORNADA SUL-RIOGRANDENSE DE PSIQUIATRIA DINÂMICA, sobre o tema MUDANÇA PSÍQUICA (fatores biológicos, psicológicos e culturais), em mesa coordenada pelo Dr. Jorge Alberto Salton, com a participação da Profa. Dra. Maria Eizirik e do Dr. Zelig Libermann, em 23/08/2008.

2- Conforme o crítico Antonio Candido, ao considerar a literatura como sistema, no qual interagem três elementos, do que resulta a constituição do "fato literário". *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*, 2.ed. SP: Martins, 1964, v. 1.

3- BARTHES, Roman. *A aula*. São Paulo: Cultrix, 1979.

4- Publiquei, no ano passado, pela L&PM, de Porto Alegre, o *Guia de Leitura: 100 autores que você precisa ler*, livro de bolso organizado para atender a demanda de consultas sobre leituras dos clássicos. Neles, os livros estão comentados por diversos intelectuais, procurando informar o futuro leitor do contexto e do conteúdo a ser buscado num livro "clássico" ou "canônico".

(Léa Masina é bacharel em Direito e Literatura, com Mestrado em Literatura Brasileira e Doutorado em Literatura Comparada. É crítica literária, possuindo artigos publicados em revistas do país e exterior. Professora Associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente, dedica-se ao assessoramento do trabalho de escritores e editores.)

## Experimente outra vez

Quando as coisas dão errado,  
Não pense que todos os esforços foram vão.  
Talvez tudo foi para melhorar...  
Por isso, sorria,  
E experimente outra vez.  
Pode ser que seu aparente fracasso  
Venha a ser parte mágica,  
Que conduzirá a uma nova felicidade  
Que você jamais conheceu.  
Você pode estar enfraquecido pela luta,  
Mas não se considere vencido,  
Pois isso não quer dizer derrota.  
Não vale a pena gostar, é preciso tempo.  
Em lágrimas e lamentos,  
Levante-se  
E vá em frente outra vez.  
Se você guardar na mente  
O alto objetivo de suas aspirações,  
Os seus sonhos se realizarão.  
Tire proveito de seus erros,  
Colhendo experiência e dores.  
E então um dia você dirá:  
Graças a Deus eu ousei  
Experimentar outra vez...



## O momento certo

Não desperdice nenhum momento.  
A vida é curta e o tempo voa.  
Se podemos sonhar, também podemos tornar realidade nossos sonhos.  
Existem verdades que a gente só pode dizer  
Depois de ter conquistado a vitória.  
Você nunca será velho, enquanto tiver um ideal.  
Nós temos visão, a arte de enxergar,  
E este valor está em nossas mãos.  
Concentre sua força em seus objetivos,  
As portas do destino se abrem.  
Nada existe que não se possa vencer.  
Agradeça pela vida que você tem no momento.  
A bondade é a flor mais atraente do seu jardim,  
Por isso cultive-a sempre.  
Não é possível colher no mesmo dia o que se semeou.  
Ouça sempre o que o coração lhe diz...



## Buscas

Deixa que eu busque  
A plenitude das auroras  
O fascínio da amplidão  
O perfume dos jardins  
A melodia que acalma  
A paz dos templos  
O consolo da oração.

Para que não haja desencontro  
Deixa-me só  
Na magia dos meus sonhos  
Na procura do Infinito.

## Devaneio

Sonhara com um caminho  
Verdejante  
Margeado de flores raras  
No ar um perfume de rosas  
No céu um azul violeta  
Porém, pouco adiante  
Encontrara pedaços de mármore  
Que ferindo seus pés  
Despertaram-me para a realidade....

## Felicidade

Na parede alva  
Uma tapeçaria singular  
Tecida com harmonia  
Ternura  
Esperança  
Como moldura, o Amor.  
Contemplá-la  
É atingir a Plenitude.

## Silêncio

Está presente  
Na longa noite  
Na bruma de um segredo  
Na omissão da verdade  
Na fuga consentida  
No esquecimento simulado  
Na distância que é saudade.



(Jurema Carpes do Valle é professora, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais e membro atuante da Academia Passo-Fundense de Letras.)

## *Requiescat in pace* amigo Eramy

Sim, meu saudoso amigo, Miguel Eramy Guedes, descansa em paz. Terminaste tua jornada aqui na Terra e voltaste ao plano espiritual. Teus trinta anos de permanência neste mundo foram realmente marcantes, porque tua preciosa vida foi cheia dos mais belos exemplos. Descansa em paz, amigo Eramy, e recebe mais esta significativa homenagem que a nossa prezada amiga, poetisa Jurema Carpes do Valle, te dedica a pedido de “*Seleções Dominicais*” desta coluna que costumava ler todos os domingos, aliás, para gáudio deste modesto jornalista, que não esquece o seu ardoroso e assíduo leitor. Aqui vai, amigo Eramy, a homenagem de “*Seleções Dominicais*”, através da poesia inspirada da confrade Jurema, ao seu ilustre PATRONO na Academia Passo-Fundense de Letras, onde tua primorosa inteligência esteve presente, onde teu grande espírito sempre foi admirado.

## Partida

JUREMA CARPES DO VALLE

Domingo de outono  
diferente  
tarde ensolarada  
céu límpido  
Num dia assim  
todos os poetas deveriam partir...

Na limpidez do firmamento  
os ideais  
Na ensolarada tarde  
a intensidade  
de uma breve vida.

Lapidada já estava a Inteligência  
e apesar da brevidade  
a missão já estava executada.

Na partida  
a amizade foi presença.

Na ausência  
os valores  
que nortearam a existência  
serão sempre presença.

Diário da Manhã (P. Fundo, 18-04-72)

# Congresso de Ortopedia nas plagas gaúchas

O confrade Osvandré Lech preside o 40º Congresso Brasileiro de Ortopedia ([www.cbot-2008.com.br](http://www.cbot-2008.com.br)), o maior da América Latina e um dos maiores do mundo. A realização do evento, no Rio Grande do Sul, demonstra os avanços da medicina gaúcha nesta especialidade. Na entrevista abaixo, detalhes do evento:

## O que o ortopedista brasileiro pode esperar da 40ª edição do Congresso Brasileiro da Família SBOT?

**Osvandré Lech** - A ortopedia brasileira tem muito a comemorar com o CBOT anual, instituído a partir de 2000. Com 126 serviços de formação, quase 9.000 sócios, mais de 300 ortopedistas envolvidos no processo diretivo (regionais, comitês, comissões e diretoria executiva) e grande representatividade junto à AMB, CFM e outros setores da medicina e política brasileira, a SBOT é hoje uma entidade madura e consolidada. A SBOT deve seu crescimento e status às ações que realiza em prol dos ortopedistas brasileiros e à seriedade e competência como vem sendo dirigida ao longo do tempo. Não é exagero falar em “Família SBOT”. Numerosa como é, nada mais saudável que se reunir anualmente num grande evento, como o 40º CBOTchê. Quem vier a Porto Alegre em novembro retornará muito satisfeito.

## O que representa ao Sul do país sediar um congresso nacional após tanto tempo?

**Osvandré Lech** - Em Porto Alegre, o CBOT ocorreu apenas duas vezes. Em 1944 (Guerra Blessmann) e em 1956 (Elias Kanan). Estamos de volta ao circuito, com muito prazer. O nosso estado possui uma ortopedia vibrante. Obtivemos 100% de aprovação no último exame em Campinas. Publicamos muito. A distância entre “os melhores e os piores” é muito pequena. Uma grande equi-



Osvandré Lech



pe trabalha de forma séria e intensa para oferecer o que há de melhor à FAMÍLIA SBOT. Quem vier ao 40º CBOTchê retornará muito satisfeito.

## O clima solidário, no qual o evento está sendo organizado, se expressa até mesmo na adaptação do nome, agora 40ºCBOTchê. Fale-nos sobre isso.

**Osvandré Lech** - Num país continental, expressões como “uai”, “mermão”, “trem”, dizem muito mais do que se imagina. No Rio Grande do Sul, temos grande riqueza cultural local. As expressões “tchê”, “piá”, “bah”, “tri-legal”, são de uso contínuo e conhecidas em todo o país. Associar o CBOT ao “tchê” foi um feliz acaso. Resume com simplici-

dade que o nosso congresso brasileiro será no RGS. O nome dos auditórios e das “ruas” do Pavilhão de Exposições receberam o nome de cidades gaúchas. Teremos duas praças para convívio: a alemã e a italiana. A principal atividade social será a “Noite das Etnias Gaúchas”, onde celebraremos nossa riqueza étnica.

## Qual sua expectativa para este encontro? Quantos congressistas espera receber?

**Osvandré Lech** - A nossa equipe espera repetir os acertos e evitar os erros dos congressos anteriores. O aprendizado é contínuo e novas situações sempre se apresentam.

Parafraseando a cirurgia, nenhum congresso é igual a outro. Um trabalho baseado em gestão e aprendizado vem sendo desenvolvido há tempos. O número de participantes é sempre uma incógnita. O 39º CBOT obteve um recorde digno de aplauso, com mais de 6.000 inscritos. Embora estejamos trabalhando com números mais modestos, não será surpresa se o 40º CBOTchê mantiver o número crescente de inscritos. Não há qualquer competição neste e noutros itens. Trabalhar pela SBOT é um grande prazer.

## Dentro do conceito da educação médica continuada e da medicina baseada em evidências, como o sr. vê a importância de um grande encontro como o CBOTchê?

**Osvandré Lech** - Embora ainda controversa em alguns pontos, a MBE (medicina baseada em evidências) veio para ficar. “Eu acho” e “eu só faço desta maneira, porque sempre deu certo”, são expressões do passado. O nível científico das apresentações da ortopedia brasileira é superior, sem dúvida. Isto valoriza muito a qualidade da apresentação e recompensa o esforço do con-

gressista que fechou o consultório e veio ao 40ºCBOTchê. Respeito científico e ética é tudo.

#### Haverá inovações? Quais?

**Osvandré Lech** - Existem várias: 1) Para otimizar o tempo, serão três dias apenas de CBOT e um de pré-congresso; 2) Para melhor aproveitamento científico, o “dia da especialidade” acontecerá ao longo dos três dias, sendo daí possível participar de três reuniões, ao invés de apenas uma; 3) O congressista terá oito diferentes opções científicas simultaneamente; 4) Simpósios retornam com força total; 5) Os temas-livres serão mesclados com conferências, possibilitando um bloco completo de informações sobre o mesmo assunto; 6) O Uruguai será o primeiro país homenageado da SBOT.

#### Que atrativos a região oferece para os congressistas?

**Osvandré Lech** - O Cânion do Itaimbezinho, a 150km de distância, é um local paradisíaco. Calçados em Novo Hamburgo. Espumantes de qualidade internacional, em Garibaldi. O Vale dos Vinhedos, em Bento Gonçalves. Missões espanholas em Santo Ângelo. O tradicionalismo e a literatura, em Passo Fundo. E para descansar desta maratona... o circuito Gramado, Canela, São Francisco de Paula, claro! Porto Alegre é uma cidade e tanto para explorar!

O aeroporto Salgado Filho é central. A rede hoteleira é moderna. A segurança pública é eficiente. A vida noturna é contagiante. O Centro de Eventos da FIERGS é o elegante endereço para o evento, com 7 restaurantes, estrutura high-tech e muita comodidade. Te arramanga e vem, tchê !

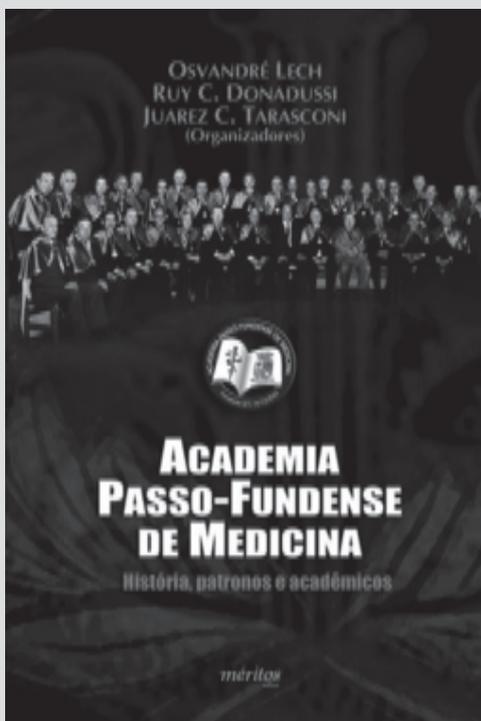
#### Programa Científico resumido

01 Assembléia Geral  
01 Espaço SBOT  
01 Dia Pré-Congresso  
02 Conferências Culturais  
03 Dias de CBOT  
13 Dias da Especialidade  
16 Cursos  
16 Simpósios  
16 Mesas-Redondas Modernas  
30 Work-shops e Simpósios  
51 Conferências “Magnas”  
107 Temas “Como eu Trato”  
127 Temas Livres  
250 Horas de Atividade  
750 Palestrantes

# Livro da Academia Passo-Fundense de Medicina

Por iniciativa do confrade Osvandré Lech, o livro “Academia Passo-Fundense de Medicina - História, Patronos e Acadêmicos” será lançado em breve. Esta é a primeira publicação oficial da mais nova Academia de Passo Fundo. O confrade Marco Damian foi o responsável pela pesquisa histórica que trouxe dados importantes da medicina de Passo Fundo. Charles Pimentel, da editora Méritos, é o responsável pela edição. Os organizadores do livro assim se expressaram na apresentação da obra:

Iniciando a quarta gestão, a Academia Passo-Fundense de Medicina da cidade de Passo Fundo, a primeira do gênero fora das capitais brasileiras, cumpre o seu papel de forma inequívoca. Desde 2003, as diretorias têm-se empenhado para estruturá-la cada vez melhor, dar-lhe visibilidade no cenário local e nacional, e oferecer uma interessante programação de con-



ferências sobre os temas mais amplos da ciência médica e da atualidade que nos cerca, onde participam não apenas os acadêmicos, mas

também a classe médica e estudantes universitários, dentre outros. Este livro foi escrito por muitas mãos. O historiador Marco Damian realizou excelente pesquisa biográfica sobre os patronos, resgatando dados importantes. Cada acadêmico contribuiu com seus próprios dados, pautados por discrição e humildade. O trabalho dos organizadores foi, por certo, muito facilitado pelo envolvimento de todos.

Idealizado na gestão de Júlio Teixeira, iniciado durante a gestão de Juárez Tarasconi, desenvolvido na de Rui Donadussi e, finalmente, publicado na de Plácido Scussel, este livro demonstra o espírito de cooperação e trabalho integrado, desenvolvido pela novel Academia.

Por fim, e não menos importante, o livro auxilia na compreensão dos motivos que levaram a cidade de Passo Fundo a ser apontada pelo IBGE como o terceiro pólo médico do sul do Brasil. Boa leitura!

# Praça marechal floriano: Poesia... História e Estórias...

FRANCISCO MELLO GARCIA

**T**em quem diz que águas passadas não movem moinhos. Também que, quem faz visitas a locais históricos ou gosta de reverenciar ou falar disso, é turista de cemitério ou museu... Como frase de efeito imediato, até não contesto. Porém, quem não considera o passado como parte integrante do seu eu, creio que passou pela vida como aqueles gravadores que, quando acionados na fita magnética, nada gravavam, apenas davam a falsa impressão de que tudo estava documentalmente gravado... Imaginem alguém que guarda uma fita desta, sem ter conferido se ela é portadora de uma ocorrência que nos significou muito, por qualquer motivo...

E quando, depois de muito tempo, por qualquer circunstância, vamos ao seu encontro, convictos de que lá está o que queremos... mas, ao acionarmos o aparelho, nada ouvimos... e concluímos que, na realidade, nada mais temos para recordar. O que foi importante naquela época, o que foi positivo ou negativo, no nosso passado, será a mesma coisa, no nosso futuro... Como sou alguém que não quero ter qualquer aparelho que me falhe, no momento que mais preciso... acho que gravei bem meu passado, dentro do possível vivo o presente, como inspiração para embasar o futuro... Com isto quero dizer que conheci a cidade de Passo Fundo, com aproximadamente dez anos de idade, e isto foi um verdadeiro sonho para um menino que vivia na roça... Entre tantas coisas, que o gravador de minha mente gravou, em fita muito especial, foi a nossa Praça Marechal Floriano, e de forma muito destacada, o lago que ainda hoje ali permanece. Nele existiam muitos peixes coloridos e de vários tamanhos, amarelos, vermelhos e alguns que ostentavam até três cores, vermelho amarelo e branco... Além disso, belos canteiros com flores, também de tantas cores, entre uma vegetação verde, que era e ainda é o que predomina no ambiente...

Após alguns anos, vim definitivamente

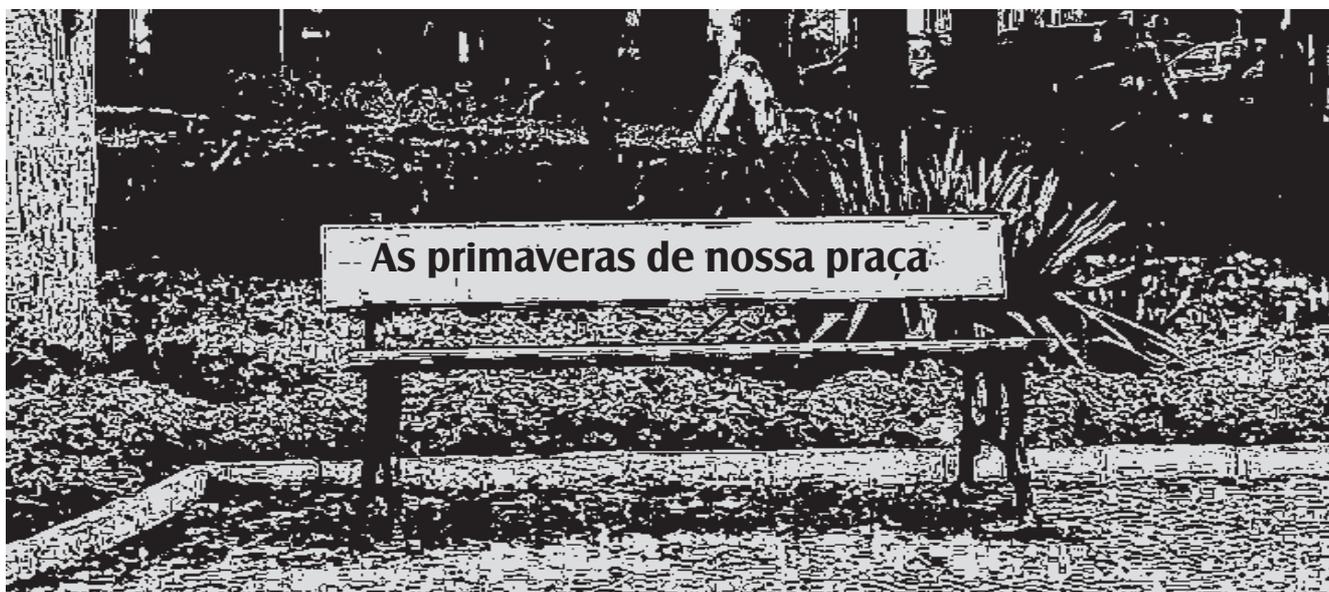


te morar nesta estimada cidade, bem como desfrutar do que ali funcionava, como lazer, recreação e religião... Tudo ao redor da Praça Marechal Floriano, pois quem for de minha faixa de idade e o gravador da mente funcionou bem, será que não tem gravado na fita da saudade, as entradas e saídas dos cinemas Real, Imperial e Pampa, os restaurantes, cafés e casas de jogos que ali funcionavam, as missas da Catedral em diferentes horários, sendo que a das dez horas da manhã de domingo tinha um glamour especial, pois, após seu término, havia um desfile de quem, romanticamente, estava se dispondo a encontrar o preenchimento de algum sonho

íntimo. O mesmo era feito antes e após as saídas dos cinemas... Porém, tudo isto tem um registro de coisas do passado, mas na essência, não o é, pois nossa praça ali está, eu também ainda por aqui estou e tantos outros e outras. Também é verdade que muitos já se foram, a exemplo do inesquecível Peri, que guarnecia a praça com tanta dedicação e carinho, como se ela fosse sua propriedade particular... Porém, como acho que neste mundo pouca coisa é realmente da gente, aproveito para documentar, através de uma poesia, o que significa para mim a praça principal de Passo Fundo, considerando que nem da própria vida somos do-

nos. A praça vai continuar participando do presente e do futuro de muitos, mas, com certeza, para todos que sejam seres vivos e pertencentes à comunidade de Passo Fundo, e sabem que a Praça Marechal Floriano é um centro de reflexão, meditação e paixão, para quem, de alguma forma, ama esta terra.

Porém, se considerarmos só o presente e o futuro, gostando ou não, e que um dia tudo o que aconteceu estará no passado, com certeza eu mesmo não estarei mais aqui para contar história ou estórias em forma de poesia, como a que segue... Mas, se alguém lembrar de mim no futuro, que seja como poeta, em respeito aos historiadores...



Meu amor, ainda hoje eu me lembro:  
Fim de setembro e o desabrochar das flores,  
Rosa em botão que mexeu meu coração  
E encheu meus olhos de beleza e de cores.

Meu amor, ainda hoje às vezes volto,  
Ando na praça da sempre minha cidade,  
Os passarinhos me parecem ser os mesmos,  
Nos meus amigos eu espelho a minha idade...

A catedral, como fiel testemunha,  
Viu em silêncio o nosso amor atrevido,  
Naquele banco, entre arbustos e flores,  
A gente achava que estava muito escondido...

O tempo foi e nesta praça eu não te encontro  
Eu volto e conto esta história só pra mim,  
Mas acredito que, ao passares neste ponto,  
Fazes o mesmo lembrando que foi assim...

Mas na verdade esta saudade não passa,  
Nunca desfaça lembranças boas assim,  
E, se voltares a sentar no mesmo banco  
Conte pra ele o que falavas pra mim...

Na realidade, sou mais um velho na praça  
Que anda sem graça, chegando a lugar nenhum.  
Hoje é o tempo e tua falta é que me abraça,  
Beijo e amasso se tornou coisa comum...

Outros idosos que freqüentam este ambiente,  
Sinto que todos têm um passado na mente,  
Quem envelhece, pelo que já me parece,  
Só solidão é que vai sobrando pra gente...

Na nossa praça ainda sinto o teu visual,  
Ninguém esquece uma paixão de adolescente,  
Pra que a velhice se torne menos real,  
Eu imagino nosso passado presente...

Na primavera, quando o ar se enche de odores,  
Aqui eu volto e voltarei até meu fim...  
Pra lembrar o que vivi naquele banco,  
Com a flor menina que enfeitava meu jardim...

Mas na verdade esta saudade não passa  
Nunca desfaça lembranças boas assim,  
E, se voltares a sentar no mesmo banco,  
Conte pra ele o que falavas pra mim...

(Francisco Mello Garcia – Xiko Garcia é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# Quando passo fundo ficou pequena: nos rastros de Tarso de Castro



**MAURO GAGLIETTI, MÁRCIA HELENA SALDANHA BARBOSA e CARLOS ALCEU MACHADO**

Neste texto, busca-se desvendar os múltiplos fios que ligam um indivíduo - muitas vezes esquecido - ao seu tempo. Reporta-se, no caso, a Tarso de Castro, pensando na articulação entre a trajetória individual do referido jornalista - analisada por Sônia Bertol (2001) e Tom Cardoso (2005) - e o contexto no qual esta se realizou como uma via de mão dupla, em que se estabelece uma interação ente ambos. Desse modo, examina-se a tensão, e não a oposição, entre o individual e o social. Tal procedimento ancora-se nas teses do historiador Michel de Certeau (1984, p.xi), segundo o qual cada ser humano deve ser entendido como “um *locus* no qual uma incoerente e freqüentemente contraditória pluralidade de determinações relacionadas interagem”<sup>1</sup>.

Com base em tal afirmação, entende-se que, embora cada jornalista, cada escritor seja singular, algumas trajetórias têm pontos em comum. Tal é o caso, por

exemplo, de George Orwell e Tarso de Castro<sup>2</sup> Este último nasceu na década em que o primeiro trabalhava para o jornal britânico *Observer*. Essa atuação, situada entre 1942 e 1948, deu-se nos tempos da Segunda Guerra Mundial, e, sobretudo, dos conflitos relacionados ao surgimento do fascismo, do nazismo, do comunismo, do capitalismo, do liberalismo, do socialismo e do anti-semitismo, principais correntes ideológicas que marcaram o século XX. Trata-se de um terreno paradoxal, que é o do indivíduo e da coletividade, da liberdade e da mecanização, de temas que se constituem, ao mesmo tempo, em objeto e em produto da linguagem introduzida por Orwell.

George Orwell escreveu seu primeiro artigo para o *Observer* em fevereiro de 1942. Sua relação com o periódico inglês, no entanto, começara quase um ano antes, ao conhecer David Astor, então proprietário e futuro editor do jornal. A empatia foi imediata - o editor admirava a “absoluta franqueza, honestidade e decência” de Orwell, e a íntima amizade entre os dois avalizou os artigos que o escritor redigiu para o periódico londri-

no ao longo da década de 1940.

David Astor desejava modernizar o veículo, que, em sua opinião, estava sufocado, política e editorialmente, nas mãos do jornalista demissionário J.L. Garvin. Com o intuito de fomentar a polêmica, David Astor introduziu uma coluna, por ele denominada de “Fórum”, e encarregou Orwell de inaugurá-la. Então, com um artigo pioneiro, intitulado “A vez da Índia”, Orwell defendeu radicalmente a independência desse país, marcando a longa oposição do *Observer* ao colonialismo britânico, o que custou milhares de leitores a David Astor, em especial em 1956, no período em que o jornal organizou a reação à campanha de Suez. Ironicamente, a primeira contribuição de George Orwell para o *Observer* apareceu logo abaixo da última publicação de J.L. Garvin, em 22 de fevereiro de 1942.

George Orwell escreveu no *Observer* sobre um conjunto bastante amplo de temas: Dickens, Birmânia, De Gaulle, Guerra Civil Espanhola, crianças desamparadas, Oscar Wilde, anti-semitismo e Guarda Civil britânica, da qual fora um membro diligente. Como

a maior parte de sua produção jornalística, esses artigos eram produzidos em alta velocidade.

Para se ter uma idéia do impacto político da obra de George Orwell, convém retomar o fragmento em que Winston Smith - personagem do livro *1984* e autor do texto intitulado “Liberdade é escravidão” -, pensa sobre a situação que vivencia quando está prestes a capitular com o Partido:

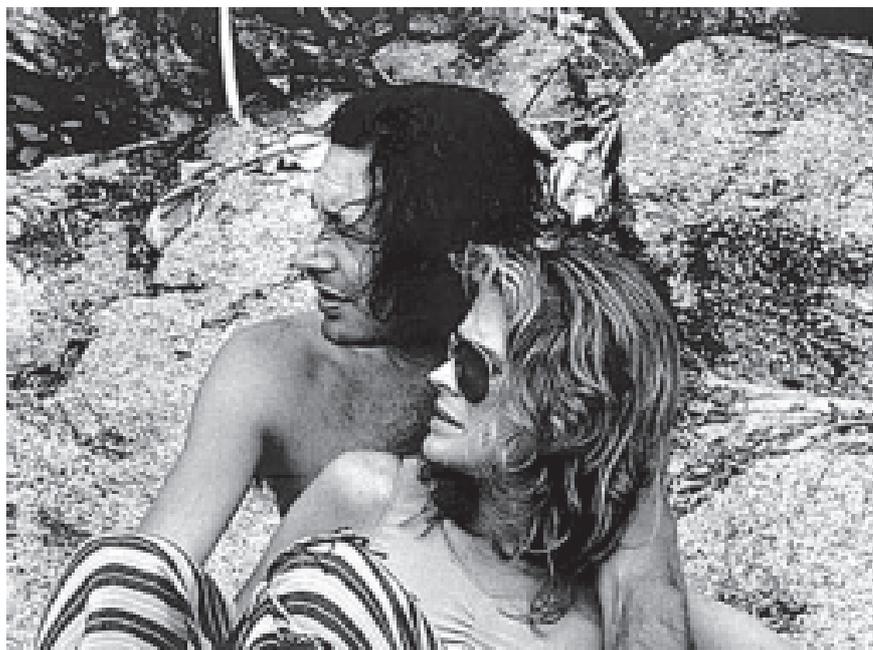
Capitulara; não havia dúvida. Na realidade, percebia agora que estivera pronto para capitular muito antes de tomar essa decisão. Desde o momento em que se encontrara no Ministério do Amor – e mesmo durante aqueles minutos em que ele e Júlia haviam esperado, inermes, as ordens da voz férrea da teletela – percebera a frivolidade, a inutilidade da sua tentativa de levantar-se contra o poder do Partido. Sabia agora que havia sete anos a Polícia do Pensamento o vigiava como quem examinava um besouro sob a lupa. Não havia ato físico, nenhuma palavra em voz alta, que não tivesse sido observado, nenhuma associação de idéias que não tivesse podido inferir. Não poderia mais lutar contra o Partido. Além disso, o Partido tinha razão. Devia ter: como poderia enganar-se o cérebro imortal coletivo? Por que padrão extra-sensório poderia medir seus raciocínios? A sanidade era estatística. Era apenas questão de aprender a pensar como o Partido. (1984, p.257)

O escritor faz, assim, parte do rol seleto de autores que mescla política e literatura, sem, com isso, prejudicar a linguagem estética em detrimento da obediência a um pensamento político unilateralmente direcionado.

George Orwell, após ter trabalhado em Paris como operário, presencia as ações violentas do Império Britânico na Birbânia e luta na Guerra Civil Espanhola, ao lado de anarquistas socialistas, juntando-se, a partir de 1937, às fileiras do Partido Operário de Unificação Marxista. Em 1944, concluiria o célebre *A revolução dos bichos*, uma crítica mordaz não só aos rumos que o comunismo havia tomado, como também a todo tipo de regime centralizador, fielmente representado na conhecida expressão: “Todos os animais são iguais, mas alguns animais são mais iguais do que os outros”. Durante os três anos seguintes, escreveria o clássico *1984* – publicado em 1949, pouco antes de sua morte, aos 46 anos, provocada pela tuberculose -, um marco da alegoria moderna de supressão do

indivíduo pela utopia coletiva, pelo controle centralizado da linguagem e, conseqüentemente, do poder.

As formas do exercício do poder discricionário no Brasil também adquiriram contornos bem definidos. Em 31 de março de 1964, por exemplo, o presidente João Goulart foi deposto pelas Forças Armadas. Na história recente do Brasil, o verbete “regime militar” é sintético e pouco esclarecedor, como se tocasse numa ferida não cicatrizada, que inspira cuidados. Inúmeros protagonistas dos chamados “anos de chumbo” estão vivos. Além disso, as versões para os fatos históricos estão impregnadas de fan-



tasmas que rondam porões, onde centenas de brasileiros foram submetidos à tortura e ou levados à morte. Desse modo, os historiadores tentam decifrar a longa noite que se abateu sobre as instituições democráticas por 21 anos, com suas contradições e enigmas.

Os primeiros expurgos deram-se no calor do golpe - que teve expressivo apoio de diversos segmentos da sociedade brasileira -, ainda como parte dos impulsos vingativos e punitivos daqueles que o promoveram. Os barões da imprensa, que ajudaram a planejar o golpe visavam, sobretudo, à destruição de seu principal concorrente, ideológico e de mercado, a cadeia de jornais *Última Hora*, criada por Samuel Wainer. Este e muitos outros jornalistas ligados ao chamado “campo popular” exilaram-se ou foram presos. Houve “limpezas” em redações de jornais regionais em todo o país e nos periódicos alternativos *Binô-*

*mo*, de Minas Gerais, e *Panfleto*, do Rio de Janeiro<sup>3</sup>.

Conforme dados divulgados por extensa bibliografia, 366 brasileiros morreram ou desapareceram como resultado da ação das forças de segurança do Estado, enquanto durou o regime militar, de 1964 a 1985. Ressalta-se, também, que milhares de indivíduos tiveram seus direitos políticos e civis cassados. Todavia, a ditadura no Brasil foi menos feroz do que na Argentina, onde ocorreu uma verdadeira matança da população civil. Entidades de direitos humanos calculam que lá chegou a 30 mil o número de mortos e desaparecidos, muitos dos

quais foram jogados de aviões (sem pára-quadras), mas não sem antes haver recebido a extrema-unção de um padre que estava a bordo da aeronave.

Assinala-se, ainda, que o regime militar brasileiro foi o primeiro na América Latina a abrir espaço para intervenções semelhantes no Uruguai (julho de 1973), no Chile (setembro de 1973) e na Argentina (março de 1976). Há indícios de colaboração entre os militares do Cone Sul. No Estádio Nacional do Chile, logo após o golpe de Augusto Pinochet, prisioneiros ouviram instrutores militares falando em português ao orientar interrogadores chilenos, como atesta em entrevista – concedida a um programa da TV-COM (RBS), em março de 2004 - o presidente do Movimento de Justiça e Direitos Humanos (MJDH) do Rio Grande do Sul, Jair Krischke. Em seu depoimento, o entrevistado destaca, também, que parte das técnicas de

interrogatório usadas no Brasil eram de inspiração francesa, tendo sido provenientes da guerra da Argélia, e que, até a Segunda Guerra Mundial, a principal influência do Exército brasileiro era a escola militar da França.

Outra técnica utilizada foi a de origem inglesa, testada no combate ao grupo separatista irlandês IRA, a qual consistia em submeter o interrogado a temperaturas extremas de calor e frio ou a alternância de luminosidade máxima e penumbra. Isso ocorria ao mesmo tempo em que as paredes da sala do interrogatório se moviam em direção ao acusado. Cabe ainda lembrar uma invenção brasileira, o “pau-de-arara”, técnica exportada para a Argentina e para o Paraguai - que ganhou a denominação de “periquera” (referente a periquito), afirma Krische5-, a qual consistia em pendurar a pessoa de cabeça para baixo, e submetê-la a toda a sorte de sevícias e de agressões.

Destaca-se, outrossim, que, durante a vigência do regime militar, o primeiro procedimento de caráter repressivo foi a auto-censura. Mesmo durante as fases mais ostensivas do regime militar no Brasil, raros foram os jornais ou revistas submetidos a um controle do aparato de censura, a saber: *O Estado de São Paulo* e o *Jornal da Tarde*, entre os periódicos de referência nacional; entre os jornais considerados alternativos, a *Tribuna da Imprensa*, o *Opinião*, o *Movimento* e o *Pasquim*; além de *O São Paulo*, da Arquidiocese de São Paulo, e da revista *Veja*. Acrescenta-se ao controle exercido sobre os veículos de comunicação o fechamento do *Última Hora* e de *O Correio da Manhã*. Atos isolados de censura, por períodos breves - de alguns dias ou semanas -, atingiram muitos jornais alternativos, alguns periódicos regionais e o *Jornal do Brasil*, veículo de referência no Brasil. A maior parte da imprensa convencional do país, inclusive grandes jornais como *O Globo* e *Folha de São Paulo*, nunca sofreu atos de censura por parte de agentes enviados às redações pelo governo6. Um dos poucos veículos submetidos a essa espécie de censura, *O Estado de São Paulo*, acatou ordens dos censores, as quais eram comunicadas por telefone, até o momento em que se instaurou nesse periódico a censura prévia. Constata-se que *O Estado de São Paulo* operou a maior parte do tempo sob exercício de algum grau de auto-censura. A censura prévia, realizada por cen-

sor enviado à redação, só entrou em vigor nesse jornal em 12 de março de 1973, sendo abolida dois anos depois, em janeiro de 1975. A censura na revista *Veja*, por seu turno, durou cerca de dois anos e quatro meses, acabando em junho de 1976. Na chamada imprensa alternativa a censura prévia não apenas continuou como foi intensificada, findando somente em 1978.

Em contraste com o sistema abrangente, formal e duradouro implantado por Getúlio Vargas durante o Estado Novo, sob a égide do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), o regime militar pós-1964, aplicava a censura prévia de modo circunstancial, e sem obedecer a regras claras. Assim, o próprio regime exercia a censura como um procedimento ilegal e ilegítimo, sem deixar registros formais de seus atos, mesmo após instituir o Decreto número 1077, no ano de 1970. Salienta-se, no entanto, que esses momentos e incidentes de censura ou intimidação foram muito freqüentes7. Desse modo, a falta de regras transparentes reforçava o controle da informação. Mantinham-se sob intimidação os proprietários dos meios de comunicação, sempre receosos de sofrerem prejuízos, pois tanto a censura prévia como o confisco de uma edição já impressa podiam representar grandes perdas às empresas jornalísticas.

Cabe ressaltar que a censura prévia - mesmo limitada, como foi praticada nesses periódicos - introduziu um componente de imprevisibilidade, entre as fases de produção dos originais e sua reprodução comercial, difícil de ser superado no curto intervalo do ciclo jornalístico. Se a reportagem principal de uma edição fosse censurada, por exemplo, como substituí-la, rapidamente, por outra de igual densidade, atualidade e importância? O confisco era prejuízo certo porque a edição poderia, inclusive, deixar de ser vendida. A auto-censura, desse modo, eliminava tais riscos, que eram grandes no regime político inaugurado em 1964, caracterizado pela ambigüidade, por mudanças bruscas de humor e pela falta de regras objetivas acerca das matérias, reportagens e artigos que não poderiam ser publicados. Por outro lado, a censura prévia continuada e severa devastou os jornais alternativos: *O Pasquim*, *Opinião*, *Movimento*, *O São Paulo*, *Tribuna da Imprensa* e *Política*8.

Antecipando-se a esse tipo de represálias, muitas vezes imprevisíveis, e ten-

tando adivinhar as idiossincrasias do sistema, jornalistas, editores e donos de jornais esmeravam-se na auto-censura, no controle antecipado e voluntário da informação. Esse exercício generalizado da auto-censura, estimulado por atos isolados de censura exógena realizados pela ação das Forças Armadas, determinou o padrão de controle da informação durante os primeiros dezessete anos de regime autoritário. Os demais métodos, inclusive a censura prévia e os sucessivos expurgos de jornalistas, figuravam, assim, como acessórios e instrumentos na implantação da auto-censura. Dessa forma, explica-se também o reduzido número de processos contra jornalistas durante esse período do regime militar9.

A fase compreendida entre 1965 e 1968 é de recuperação acidentada da autonomia jornalística, à medida que, em todo o mundo, e também no Brasil, estudantes e segmentos médios da população protestavam, nas ruas, contra o sistema. Esse processo é interrompido com o AI-5, que sinaliza aos barões da imprensa a nova etapa de consolidação do autoritarismo. Bernardo Kucinski (1991) registra que, pouco antes do AI-6, um editorial do jornal *O Estado de São Paulo*, o qual defendia certo grau de censura aos espetáculos, levou o editor do caderno de cultura do periódico, Décio de Almeida Prado, a demitir-se e a ingressar num período de silêncio jornalístico que duraria mais de trinta anos.

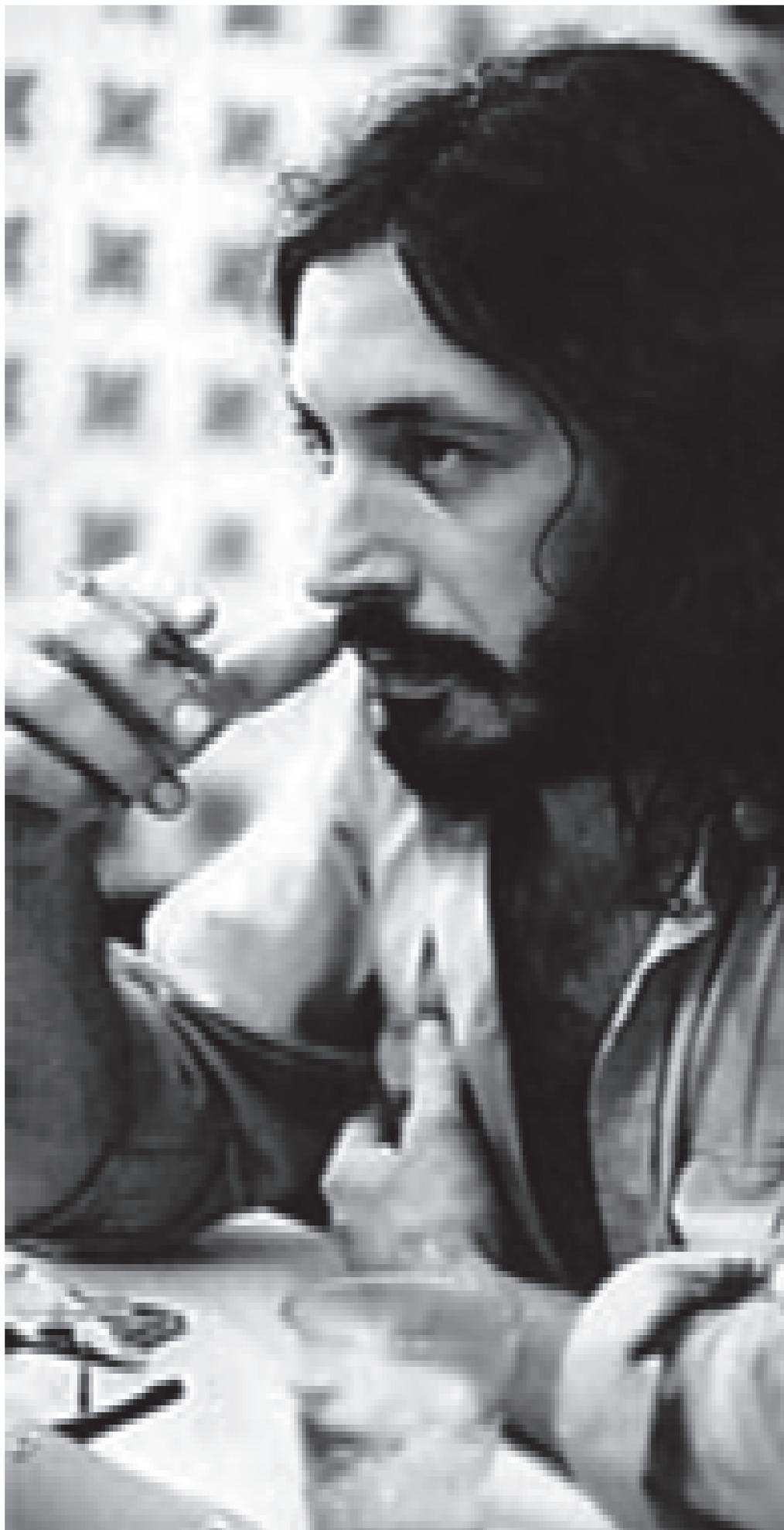
Os donos de jornais adaptaram-se rapidamente à nova situação, destruindo a autonomia que fora conquistada pelos jornalistas na fase anterior e que, obviamente, chocava-se com os rumos do regime militar. Demitiram jornalistas mais combativos e críticos e tornaram-se complacentes em relação às violências do regime. Na mesma semana do AI-5, Alessandro Porro obteve a demissão de dirigentes da revista *Realidade*. Algumas semanas depois, Antônio Aggio substituiu Miranda Jordão na *Folha da Tarde*, e a redação se dissolveu. Niomar Muniz Sodré, proprietária do *Correio da Manhã*, recusou-se a promover um expurgo, mas, após dois atentados contra o jornal, ela foi presa, juntamente com o diretor superintendente Oswaldo Peralva e o diretor Nelson Batista. Em março daquele ano, o jornal pediu concordata e, em setembro de 1969, foi arrendado a terceiros, até, finalmente, desaparecer. Alguns meses depois, seria demitida a equipe de *Veja* responsável pelas capas sobre a tortura. Entre 1973 e 1974, foram

fechadas três emissoras de rádio: Nove de Julho e Marconi, em São Paulo, além da Cultura, de Feira de Santana. A equipe de *O Pasquim*, por sua vez, foi presa por dois meses, em novembro de 1970, pelo DOI-CODI, o órgão mais brutal de repressão. Hélio Fernandes, diretor da *Tribuna da Imprensa*, muitas vezes, foi preso e confinado.

Celina Duarte (1987) mostra que foi, precisamente, o general Golbery que, em 1974, teve a idéia de chamar um grupo de jornalistas de prestígio para criar um discurso consensual com o intuito de justificar a adoção de um modelo específico de abertura política. Golbery começou por abolir a censura nos dois únicos veículos de grande circulação que ainda existiam, os jornais da família Mesquita. Logo depois, em 1976, caiu a censura em *O Pasquim* e na revista *Veja*. Assim, a imprensa transformou-se no principal mecanismo de articulação política durante o governo Geisel. Todavia, os proprietários de jornais continuavam temendo as represálias dos órgãos de repressão, num período em que as receitas obtidas com a publicidade comercial também haviam sofrido uma queda, aumentando a dependência dos veículos em relação a verbas do governo.

Convém ressaltar que foram os quadros jornalísticos de direção, sobretudo os editores, muito mais do que os donos de jornais, que formaram uma rede de apoio à abertura. Ao mesmo tempo, o assassinato do jornalista Vladimir Herzog pelo DOI-CODI de São Paulo, em outubro de 1975, pôs em crise o jornalismo complacente dentro das redações. Desse modo, constata-se que a história da aliança idealizada pelo general Golbery, que aproxima um grupo de jornalistas da idéia de uma abertura política gradual, é fundamental para se entender o jornalismo brasileiro da ditadura, da transição e, por que não dizer, as características da política e da imprensa nos primeiros anos do século XXI.

Pode-se mensurar todo esse processo, focalizando, por exemplo, a trajetória de Tarso de Castro, um dos quadros da imprensa brasileira que, no final dos anos 1960, provocou transformações no jornalismo oficial, em virtude das novidades implantadas mediante a criação de *O Pasquim*, cujo “símbolo” era o rato Sig. Leia-se o que afirmou o próprio Tarso, em agosto de 1969, a respeito das cartas que os leitores enviavam para a redação de *O Pasquim*, desejando saber a “origem do Sig”:

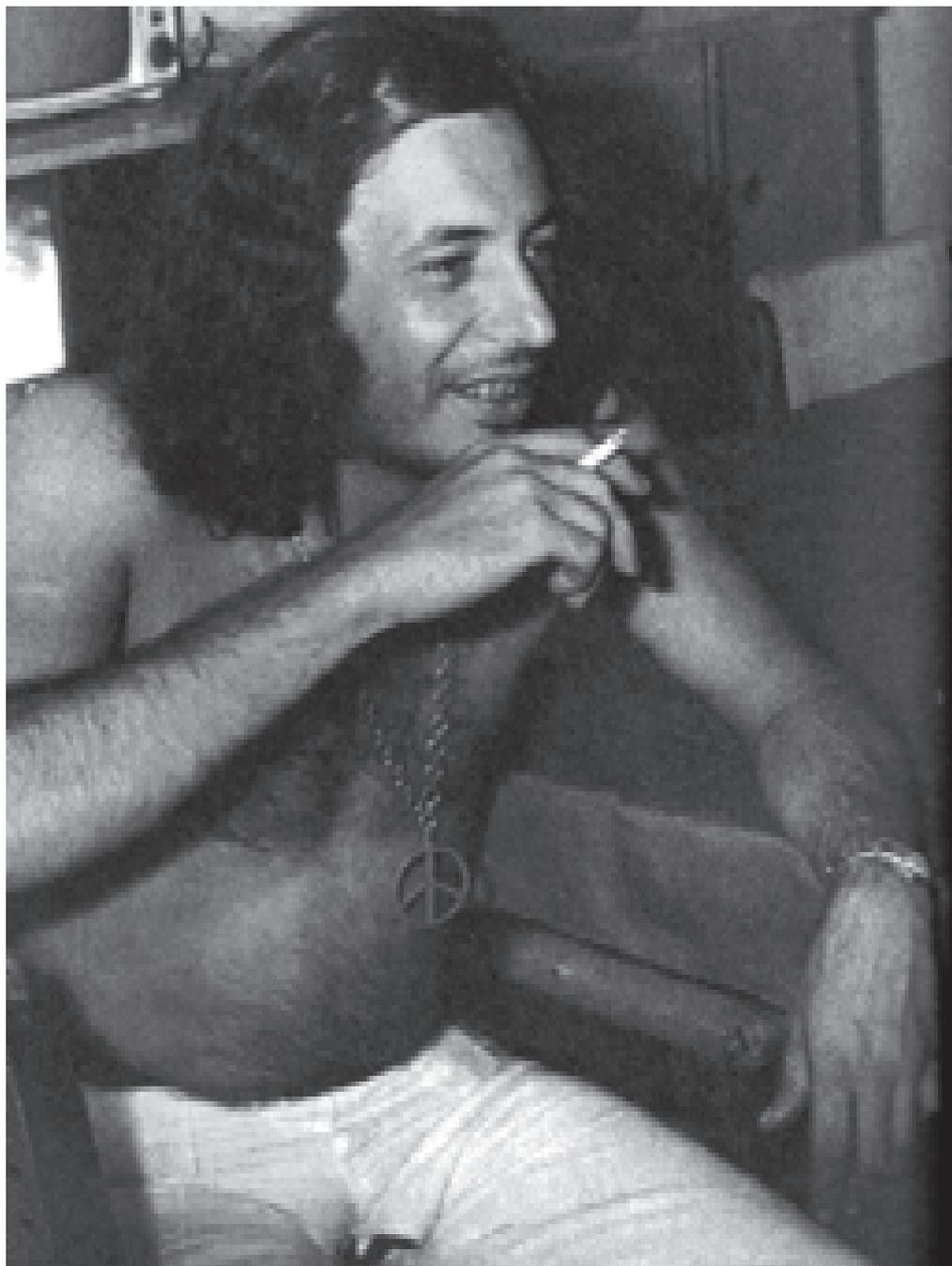


- Símbolo é a mãe - respondeu Sig ao ver uma dessas cartas, sendo tomado de grande revolta.

O registro desse fato é importante: depois de certos acontecimentos, o intelectual brasileiro não raro é chamado de símbolo disso e daquilo, como coisa que neste País a gente ainda estivesse precisando de símbolos para dizer alguma coisa. Quer dizer: basta o cara pensar que logo é classificado de rato, como aconteceu com certo locutor de televisão. Se fôssemos um País de tradição, naturalmente Sigmund já teria seu lugar na história, mas infelizmente estamos ainda na base do subdesenvolvimento (perdão, Dr. Roberto, eu quero dizer **em vias de desenvolvimento**) e, portanto, qualquer um se acha no direito de negar o valor do Sig. Alguém precisa, portanto, esclarecer que Sig é como Deus: negado, existe. (Sérgio Augusto e Jaguar, 2006, p.33)

Tarso de Castro foi um “dois em um”. De um lado, destaca-se o profissional inventivo, audacioso, criador de publicações, rato de redação desde a adolescência, quando começou a trabalhar em *O Nacional*, diário fundado pelo seu pai, o deputado do PTB, Múcio de Castro. De outro lado, sobressai o personagem: o boêmio, que tomava vodca com limão no café da manhã; o conquistador que teve todas - ou quase todas - as mulheres que desejou, entre as quais Leila Diniz, Danuza Leão, a hoje baronesa Sílvia Amélia de Waldner e Candice Bergen<sup>10</sup>; o indivíduo de amizades fidelíssimas com Chico Buarque, Caetano Veloso, Glauber Rocha, entre outros. Cardoso (2005) revela, a esse respeito: “[...] eu gostaria de ter sido jornalista naquela época, quando havia uma cumplicidade entre artistas e jornalistas”.

Tarso de Castro (1941-1991) foi um homem do seu tempo, um tempo que parece ter acabado, ou, mais precisamente, se deslocado. E isso ocorreu, não por culpa sua ou de alguém em particular, mas porque o curso da história parece haver fechado as portas para jornalistas com o perfil de Tarso: combativos, (no sentido de indomável), polêmicos - de fato, e não caricatos -, idiossincráticos - ele escrevia o que lhe dava na telha - e apaixonados - tratava-se de um indivíduo que atacava e ridicularizava os inimigos da hora, os quais podiam ter sido os amigos de ontem ou viriam a ser os amigos de amanhã. O jornalista Tom Cardoso, que escreveu *Tarso de Castro - 75 Kg de músculos e fúria*, lançado em



2005, afirma que procurou fazer justiça ao personagem, um dos homens de imprensa mais polêmicos do país entre os anos 1960 e 1980: “apesar de ser um porra-louca, um homem de bar, Tarso era um profissional responsável, um fazedor de muitas coisas. Infelizmente, pouco se fala dele hoje”. Gaúcho de Passo Fundo, filho de um dono de jornal e cacique do PTB que era muito ligado pessoalmente a Leonel Brizola, Tarso herdou do pai o entusiasmo pelo jornalismo e a admiração por Brizola, paixões essas que se fundiram em vários momentos de sua curta trajetória. Não era, contudo, um “homem de esquerda”, como alguns até hoje pensam.

Aliás, Tarso de Castro não era nem de

direita nem de esquerda; Tarso era Tarso, a tal ponto que não tinha sequer pejo de dizer que, com ele, era assim: para os amigos, tudo; para os inimigos nem a justiça. Do ponto de vista intelectual, dedicava escasso tempo a leituras de caráter filosófico e menos ainda a grandes elucubrações ideológicas; nem mesmo sobre o “socialismo moreno”, pregado por Brizola, ele teorizava. Preferia, como historicamente se sabe, a ação à introspecção, e se a ação envolvesse sexo, qualquer outra coisa seria secundária, exceto situações realmente excepcionais.

Suas relações com o PDT, partido criado por Brizola após perder a lendária sigla do PTB para Ivete Vargas, foram

sempre superficiais. Assim, se era o PDT quem não o queria como liderança política, ou, se, ao contrário, era Tarso quem fugia de qualquer cargo ou função públicos que em nada lhe interessavam, não se pode afirmar com certeza. Seria possível dizer-se que Tarso pendia à esquerda apenas e tão-somente se considerados aspectos afetivos, ou seja, sua amizade pessoal com Brizola e/ou o “DNA” emocional paterno, também intimamente ligado ao carismático líder gaúcho. Desse modo, no que se refere a sua posição política, Tarso era considerado comunista pela ditadura militar, mas “somente” um “brizolista” pela esquerda brasileira.

Comunista ou socialista, Tarso não era. E o que era, naqueles tempos, um “brizolista”? Para além da definição lógica - isto é, um indivíduo seguidor das idéias de Leonel de Moura Brizola -, outra praticamente inexistia. Getúlio Vargas, no Brasil, e Domingos Perón, na Argentina, tal como Brizola, arregimentaram milhões de seguidores, da direita à esquerda, sem que, sob as denominações “getulista” ou “peronista”, houvesse alguma doutrina política; o que havia, de fato, eram as idéias pessoais de ambos os caudilhos sobre como deveria ser a vida política.

Por esse motivo, Tarso passava, frequentemente, a impressão de ser uma pessoa autoritária. Talvez ele, realmente, o fosse, não só porque nascera e se criara à sombra do “trabalhismo” de Vargas, que atingiu seu ponto máximo entre 1937 e 1945, com a criação do “Estado Novo” no país - uma ditadura de caráter populista -, mas também porque “o velho Múcio”, seu pai - jornalista sem papas na língua e ex-deputado estadual pelo PTB de Getúlio, Jango e Brizola - possuía a forte personalidade que caracterizava os líderes sul-rio-grandenses, indubitavelmente, legada ao filho mais velho. Daí o epíteto de “porra-louca”, que foi conferido a Tarso de Castro por Tom Cardoso.

Tarso nasceu em 1941. Na adolescência, já incomodava, adotando um estilo sarcástico ao escrever textos para *O Nacional*. No final dos anos 1950, Passo Fundo ficou pequena, e Tarso mudou-se para Porto Alegre, a fim de trabalhar na sucursal gaúcha do *Última Hora*, o jornal de um de seus ídolos, Samuel Wainer, outro getulista “dos quatro costados”. Como repórter de política do periódico, viajou para Montevidéu, onde entrevistou Che Guevara. A foto em que

aparece ao lado do líder guerrilheiro serviu para que ele contasse a Candice Bergen a história de que havia chegado a Havana ao lado dos revolucionários, em 1959. Ela acreditou e se encantou por ele. No início dos anos 1960, logo depois da campanha da Legalidade, já estava no Rio de Janeiro, ajudando na campanha de Leonel Brizola e chefiando a redação do *Panfleto*, jornal que dava sustentação ao projeto político do ex-governador gaúcho.

Também atuou no *Última Hora*, onde conquistou uma coluna em que ironizava ou atacava até mesmo os militares. Em 1969, ajudou a criar o mais importante dos jornais de esquerda surgidos durante a ditadura, o periódico intitulado *O Pasquim*. Sobre o nome do mais famoso tablóide brasileiro de todas as épocas, uma observação se faz necessária: é muito provável que o referido título tenha sido sugerido por Tarso. Ele - assim como quase toda a cidade de Passo Fundo (RS) - nasceu e cresceu ouvindo seu pai chamar o periódico que concorria com o dele de “pasquim”, querendo dizer, com isso, que “o outro” era apenas um arremedo de jornal. E Tarso, com certeza, não iria desperdiçar a excepcional oportunidade que lhe surgia para pôr em ação sua veia sarcástica.

De acordo com Tom Cardoso (2005), Tarso foi convidado para substituir Sérgio Porto como editor de *A Carapuça*, que se transformaria, logo em seguida, em *O Pasquim*, o grande catalisador de informações, de jornalistas e de leitores. Hoje, no entanto, mesmo alguns que tiveram uma participação pouco expressiva em *O Pasquim* são mais associados ao jornal do que Tarso de Castro, afirma Tom Cardoso. Dos dois mais notórios desafetos de Tarso dessa época, o autor de sua biografia conseguiu entrevistar apenas um deles, Ziraldo, pois Millôr Fernandes não respondeu à solicitação de Tom Cardoso. Millôr acaba sendo descrito no livro como uma espécie de vilão, em especial porque foi o único prócer de *O Pasquim* a quem os militares não colocaram na prisão.

A carreira jornalística de Tarso teve outros grandes momentos no jornal *Folha de São Paulo*, ao qual esteve vinculado em três diferentes ocasiões: entre 1975 e 1977, quando foi editor do caderno *Ilustrada* e criou o *Folhetim*, suplemento dominical lançado em 23 de janeiro de 1977 que foi revolucionário para a época, em termos de linguagem jornalística, contendo grandes entrevistas, per-

fis, reportagens e textos assinados por colunistas de peso, que tratavam de política, cultura e comportamento; entre 1982 e 1985, quando assinou uma coluna, muito apreciada pelos leitores, no caderno *Ilustrada*; na *Folha da Tarde*, periódico vinculado à *Folha de São Paulo*, trabalhou entre 1988 e 1991. Inicialmente, conquistou a admiração do dono do jornal, Octavio Frias de Oliveira, e de Claudio Abramo, diretor de redação, mas, durante sua segunda passagem pelo veículo, não concordou com as mudanças que vinham sendo implantadas e acabou perdendo sua coluna em virtude de “divergências com as concepções jornalísticas em prática na *Folha*”, conforme nota do próprio periódico e reproduzida no livro de Cardoso.

Em sua obra, Tom Cardoso não omitiu as características mais conhecidas de Tarso. Pode-se encontrar, na biografia, adjetivos como “irascível”, “incontrolável”, “inconciliável”, “intransigente”, “inveterado alcoólatra” (“Prefiro viver pela metade por uma garrafa de uísque inteira a viver a vida inteira bebendo pela metade”, teria afirmado o jornalista gaúcho). “Tarso ia a campo, conseguia muitas pautas e entrevistas no bar”, revela Tom Cardoso. A admiração do biógrafo pelo personagem, muitas vezes, faz com que as versões do próprio Tarso acerca dos temas então em voga sobressaíam aos fatos, ainda que, não raro, exista um tanto de folclore nessas versões. Porém, esse procedimento também confere paixão ao relato sobre um homem que sempre foi passional e que, em várias situações, partia para a briga sem se importar em saber quem sairia mais ferido - o adversário ou ele próprio. Tarso de Castro foi um dos protagonistas dos últimos capítulos da história de uma imprensa que não existe mais, a do jornalista polêmico e/ou desaforado - que gostava de chamar a militância do Partido dos Trabalhadores de “as normalistas do PT” -, parcial - ele se posicionava, quase sempre, ao lado de Brizola - e idiossincrático, embora tal atributo pudesse ser confundido com incoerência. Tarso comprava brigas, das quais, embora não confessasse, poderia se arrepender no momento seguinte.

O conflito mais notório dentre aqueles em que foi obrigado a voltar atrás, ele estabeleceu com Tancredo Neves. Em artigos, Tarso chegou a dizer que o ex-governador mineiro deveria ter herdado o revólver, e não a caneta de Getúlio Vargas. Porém, depois que ambos se

conheceram, Tarso mudou radicalmente de opinião a respeito de Tancredo Neves. Entre os ódios eternos que cultivou, o mais forte foi aquele que nutriu por seu ex-colega de *O Pasquim*, Millôr Fernandes, que, em sua opinião, “era um homem corroído pela inveja e pela cobiça pelo poder”. Millôr afirmara que Tarso “roubava o jornal” para sustentar o vício da bebida.

Durante a curta história de *O Pasquim*, ocorreram episódios folclóricos, muitos provavelmente criados por amigos de Tarso, para fortalecer sua imagem de jornalista inteligente, o que ele, efetivamente, era. Um dos episódios contatos por seus amigos é o de que fora de Tarso a idéia de substituir cada palavrão dito por Leila Diniz (e foram dezenas), na sua histórica entrevista ao jornal, pelo símbolo do asterisco. Há sérias dúvidas sobre a veracidade dessa versão, e mais ainda daquela segundo a qual os censores da ditadura demoraram “vários meses para entender a criação de Tarso”.

É esse personagem, uma mistura de boxeador com camicase, que emerge das duas biografias - *Tarso de Castro: editor de “O Pasquim”*, de autoria de Sônia Bertol (2001), e *Tarso de Castro - 75 Kg de músculos e fúria: a vida de um dos mais polêmicos jornalistas brasileiros*, do também jornalista Tom Cardoso (2005). O título deste último livro foi extraído da frase que o próprio biografado sempre utilizava para dar início a um texto (“Neste momento, 75Kg de músculos e fúria se reúnem para escrever mais uma coluna”).

Percebe-se que *O Pasquim* foi o divisor de águas na vida de Tarso de Castro e vice-versa. Um não teria existido sem o outro. Foi Tarso o principal catalisador do grupo reunido em torno do projeto do periódico; o homem que se sentia no direito de enquadrar Paulo Francis, Ziraldo, Jaguar, Luiz Carlos Maciel e Millôr. Por seu turno, foi *O Pasquim* que deu visibilidade a Tarso, criando o mito do jornalista que dava expediente no Antonio’s, bar carioca - sem nunca pagar a conta -, e que alimentava suas fontes nas madrugadas do Leblon e nas areias de Ipanema.

Depois que saiu de *O Pasquim*, Tarso valeu-se da amizade de Chico Buarque de Holanda, Martha Alencar, Eric Nepomuceno e Claudio Abramo para se aventurar na criação de outros periódicos, como o *Jornal de Amenidades*, o *Enfim*, o *Folhetim* e, por último, para fundar uma filial de *O Nacional* no Rio de

Janeiro<sup>11</sup>. Em todos esses veículos, deixou sua marca de ironia e humor corrosivo, e, tendo vivido intensamente, partiu cedo demais. Nem mesmo o casamento com a fotógrafa Gilda Barbosa e o nascimento do filho João Vicente, em 1983 - a quem dedicou o livro *Pai solteiro e outras histórias* -, fizeram com que Tarso mudasse seu comportamento em relação à bebida. Nos últimos meses de vida, foi internado dezenas de vezes, a ponto de ninguém mais acreditar na sua recuperação, até morrer de cirrose hepática, em maio de 1991, aos 49 anos de idade.

Nesses tempos de espetacularização da corrupção, sobretudo no âmbito da política nacional, falta à população, ao que parece, um jornal de informação que busque, por intermédio do humor “anárquico”, contextualizar e criticar o que está ocorrendo no Brasil. É justamente nes-

sas horas que se costuma lembrar de *O Pasquim*. Lançado em 26 de julho de 1969, pelo jornalista Tarso de Castro, o jornal seria uma das grandes forças contra a repressão política da ditadura militar nos anos 1970. Com a tiragem inicial de 20 mil exemplares por semana, o periódico chegaria na metade da década de 1970 a 200 mil cópias. Tratando de assuntos até então considerados tabus, como divórcio, sexo, drogas, aborto e feminismo, e reunindo uma das melhores equipes da história da imprensa nacional<sup>12</sup>, *O Pasquim* foi aclamado como ícone de um tempo e passaria a influenciar vários jornais alternativos nas décadas seguintes, os quais auxiliaram na crítica política e social, sobretudo, no período de abertura e da Campanha das *Diretas Já*, em 1984. Assim, a relevância política alcançada por *O Pasquim*, faz passar despercebido ou, pelo menos,



oblitera um dado curioso, omitido por muitos daqueles que escrevem sobre o tema: o jornal era deficitário, não obstante o extraordinário aumento da sua tiragem em menos de cinco anos<sup>13</sup>. Quando Tarso foi substituído por Sérgio Cabral na direção do periódico, no final de 1971, a dívida da empresa jornalística beirava, segundo informações disponíveis, os trezentos mil dólares, e viria a ser saneada somente na gestão de Millôr Fernandes.

O governo militar sempre almejava pôr um fim a *O Pasquim*, mas não imaginava que vários artistas e intelectuais iriam se reunir para mantê-lo funcionando. Ironicamente, a vitalidade e a grande força desse periódico vinha, justamente, de sua postura crítica em relação à realidade social daquele período ditatorial. Nos anos de 1980, década que marca o final do regime militar no país, o jornal, que até então tivera uma excelente tiragem, começava a perder espaço. A queda das vendas foi tão intensa



que, a partir de 1982, o veículo já não despertava o mesmo interesse, cedendo lugar, na preferência dos leitores, para revistas como *Chiclete com Banana* e outras publicações. *O Pasquim* encerraria sua história em 11 de fevereiro de 1991 (poucos meses antes da morte de Tarso de Castro). Naquele momento, só restara, da equipe original, o desenhista

Jaguar. Tentando recuperar a magia dos velhos tempos, Ziraldo, em 2001, financia o relançamento de *O Pasquim*, então com o nome de *Pasquim 21*. O jornal volta a contar com bons jornalistas, e com alguns de seus antigos colaboradores, porém não consegue obter a mesma química dos anos 1970, acabando, definitivamente, em 2004.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Cláudio. *A regra do jogo*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.  
 AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, imprensa, estado autoritário: e o exercício cotidiano da dominação (O Estado de São Paulo e Movimento)*. São Paulo, dissertação de mestrado, USP, 1990.  
 BERTOL, Sônia. *Tarso de Castro: editor de "O Pasquim"*, Passo Fundo (RS): UPF, 2001.  
 BOURDIEU, Pierre. *L'illusion biographique. Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, (62-63), p. 69-72, juin, 1986.  
 DE CERTEAU, Michel. *The practice of everyday life*. Berkeley/Los Angeles/Londres: University of California Press, 1984.  
 CARDOSO, Tom. *Tarso de Castro - 75 Kg de músculos e fúria: a vida de um dos mais polêmicos jornalistas brasileiros*. São Paulo: Planeta, 2005.  
 CASTRO, Tarso de. *Pai solteiro e outras histórias*. São Paulo: Laser Press, 1990.  
 DUARTE, Celina Rabello. *Imprensa e democratização no Brasil*. São Paulo, dissertação de mestrado, PUCSP, 1987.  
 KRISCHKE, Jair. Entrevista na TV-COM (RBS), março de 2004.  
 KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta Editorial, 1991.  
 MARCONI, Paolo. *A censura política na imprensa brasileira: 1968-1972*. São Paulo: Global, 1980.  
 ORWELL, George. *A revolução dos bichos*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.  
 \_\_\_\_\_. *Dias na Birmânia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.  
 \_\_\_\_\_. 1984. 18. ed. Tradução de Wilson Velloso. São Paulo: Nacional, 1984.  
 SÉRGIO AUGUSTO; JAGUAR (Org.). *O melhor do Pasquim*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2006.

#### Notas

1 No mesmo sentido, o sociólogo Pierre

Bourdieu (1986, p.70), criticando o método das histórias de vida, opôs-se ao que chamou de "ilusão biográfica". Para o sociólogo, os pesquisadores que utilizam esse método geralmente partem de uma noção de identidade "entendida como constância a si mesmo de um ser responsável, ou seja, previsível ou pelo menos inteligível", oposto ao "sujeito fracionado, múltiplo" da realidade.  
 2 Ver biografias de Tarso de Castro escritas por Sônia Bertol (2001) e por Tom Cardoso (2005).  
 3 José Maria Rebele, editor do *Binômio*, estava na lista dos primeiros exilados, além de Ivan Lessa, Tarcísio Lage, Arthur José Poerner, Oswald Peralva e Hermano Alves.  
 4 Alguns analistas situam o fim do ciclo autoritário em 1989, quando ocorreu a eleição direta para presidente da República.  
 5 KRISCHKE, Jair, 2004, p.4.  
 6 KUCINSKI, Bernardo, 2002, p. 533-552.  
 70 levantamento das matérias censuradas de *O Estado de São Paulo* e do *Movimento*, feito por Maria Teresa Aquino (1990), mostra que os censores suprimiram informações em vários campos, especialmente os referentes a violações de direitos humanos, mas atingindo, em média, uma matéria apenas, a cada quatro dias. Também a amplitude e frequência dos bilhetinhos e telefonemas aos jornais sobre temas proibidos ou sensíveis, conforme o levantamento de Paolo Marconi, sugere uma

intensa atividade por parte da censura. Ver Marconi, 1980.

8 Ver Kucinski, 1991.

9 Apenas quinze jornalistas foram processados por crimes de imprensa, a maioria em casos ligados a denúncias de corrupção ou de mandonismo. Hélio Fernandes, a equipe de *O Pasquim* e jornalistas do *Coojornal* foram presos ou confinados por períodos curtos.

10 Comenta-se que, "nesse setor" – modo como se falava à época –, até o carrancudo Paulo Francis tentou ciscar no quintal de Tarso, contraindo uma paixão não correspondida pela belíssima Bárbara Oppenheimer, primeira esposa do jornalista gaúcho.

11 Sobre a viabilidade jurídica desse projeto, chegou a consultar Carlos Alceu Machado, tendo como intuito evitar as despesas e os trâmites burocráticos que adviriam da fundação de um novo jornal.

12 O "Dream Team" do jornalismo brasileiro era composto por Tarso de Castro, Paulo Francis, Jaguar, Millôr Fernandes, Paulo Garcez, Sérgio Cabral, Luiz Carlos Maciel, Fortuna, Henfil, Ziraldo, Tárk de Souza, Ruy Castro, Fausto Wolff, entre muitos outros.

13 Outro fato inédito no jornalismo brasileiro, no que se refere a jornais com grande tiragem e amplo círculo de leitores: *O Pasquim*, nos seus primeiros longos anos de vida, não aceitava publicidade.

(Mauro Gaglietti é Doutor em História/PUCRS, Professor e Pesquisador da Faculdade Meridional (IMED), em Passo Fundo (RS), Professor Colaborador do Mestrado em Direito da Universidade Integrada do Alto Uruguai e Missões (URI), em Santo Ângelo (RS) e Professor do Instituto Menino Deus (IMD) em Passo Fundo (RS) – E-mail: [maurogaglietti@via-rs.net](mailto:maurogaglietti@via-rs.net)

Márcia Helena Saldanha Barbosa é Doutora em Letras/PUCRS, Professora e Pesquisadora do Curso de Graduação em Letras e do Mestrado em Letras (PPGL) da Universidade de Passo Fundo (UPF), e também autora de vários artigos, ensaios e livros. E-mail: [marciabarbosa@via-rs.net](mailto:marciabarbosa@via-rs.net)

Carlos Alceu Machado é Advogado e integrante da Academia Passo-Fundense de Letras.)

## Luz

A luz que ilumina a verdade  
é a luz desenvolta na Razão,  
é a luz que reconhece a realidade,  
gera o puro amor no coração.

Luz que ilumina o caminho,  
afasta a treva, liberta do escuro;  
então não se anda mais sozinho,  
nos eleva ao amor puro.

Luz, amor a toda criatura,  
gostar ou não gostar, incondicional.  
Luz que ilumina o mundo interior.

É a Luz-Verdade, Luz-Amor.  
É amor-liberto, amor espiritual.  
Graça conquistada, graça pura.

P.F. 23/03/07 (22h30min.)

## Humanidade suicida

Eu ia falar do Brasil,  
da dita 'alta sociedade',  
que age de forma imbecil,  
mas assim é a humanidade.

Pensando como se comporta,  
como vive sua vida,  
percebemos que a coisa já vai torta,  
pois seu comportamento é suicida.

Antes era pouco a pouco  
Que se agredia a Natura,  
que ia sendo destruída.

Agora, surdos, ouvidos moucos,  
no frenesi da loucura,  
vão destruindo a própria vida.

## Co-expervivendo a dor

Minha'alma tanto, tanto chorou,  
de tanto em silêncio ver o pranto  
de quem tanto se desespera  
e pela vida perdeu todo o encanto.

Ver tanta tristeza sangra o coração,  
n'alma causa tanta, tanta dor,  
quando só nos resta a compaixão  
e assistir com grande amor.

É doloroso ter que tudo isso ver  
e em silêncio a dor compartilhar,  
tendo que apenas assistir e reconhecer:  
não temos o poder de os fazer cessar.

P.F. 31/03/07 (12h)

# Vingança inesperada uma parábola moderna

SANTO CLAUDINO VERZELETI

O tempo é o mediador de nossas ações cotidianas, de nossas atitudes no convívio familiar, social e comunitário.

Por sua vez, as entidades são nossas representações perante a sociedade. Se sua atuação for profícua e para o bem do grupo que as compõe, se estampará na face de todos a satisfação e o bem-estar.

Entretanto, quando as vaidades despontam, tentando alguém sobressair-se entre os demais, pode ocorrer o que popularmente se denomina *um tiro no pé*.

Pois bem. Havia, em certa ocasião, uma antiga e prestigiada casa de cultura, cujos participantes pretendiam viver em harmonia, promovendo a união, o convívio fraterno, a liberdade, o respeito às leis e aos princípios da confraria, entre os quais a alternância de comando.

Como determinam as normas, ocorrem eleições na mencionada confraria. Alguns interessados ficaram sabendo, mas nem todos, pois houve deliberada intenção de camuflar o processo.

E assim surgiu um sujeito de nome Augustus, com a pretensão de derrubar seu adversário a qualquer preço, por achá-lo indigno de ocupar o posto, e inventando artimanhas para tirá-lo do páreo.

Consultados os anciãos, acertou com eles o resultado, marcando as cartas do jogo.

E a vitória sorriu para Augustus, que foi ungido pelos doutores, e reinou absoluto, por um período além da prescrição legal, indo e vindo sem consultar nenhum oráculo, no auge de sua empolgação.

Depois de longas e estrepitosas aparições em público, e sucessivas mensagens nas protuberâncias do ego, resolveu editar uma epístola, determinando dia e hora para confirmar sua pretensão: ser novamente ungido como imperador, e por vezes sucessivas.

Foi então que Augustus procurou a

fonte das profanas divindades, para purificar-se e invocar a proteção dos oráculos, por meio da ninfa Pitia. Tudo programado, em perfeito acordo com os efes, esses e erres, fixou um documento na porta da “*casa de exercícios intelectuais*”, determinando data e horário para o exercício do voto. Mas o fez, à última hora antes do pleito, para que ninguém visse, nem soubesse, nem aparecesse.

Aconteceu, porém, que alguns membros da confraria tiveram um pressentimento, e se fizeram presentes, mesmo desconhecendo a convocação para a assembléia.

Augustus, na cabeceira da mesa patriarcal, tentou passar uma rasteira nos presentes (e nos ausentes também), alegando motivos sobrenaturais, como elevada dedicação à confraria, desejo impulsivo de continuar “*fazendo o bem*”, questão de justiça para com sua “*meritória atuação*” à frente da irmandade. Presume-se até que, em seu íntimo, tenha orado aos deuses, sentado à cabeceira da mesa extensa, privilégio de suas edificantes virtudes.

Os poucos intelectuais presentes se entreolharam incrédulos (deixando de lado até o café com bolachas, petisco indispensável naquelas horas de convívio), diante do fato estranho, que estampava no rosto de Augustus o riso impertinente da vitória. Cercavam a mesa, o corajoso Paulus, o eclético Zaratus-tra, o poeta-cantor, o causídico notável e a verzejadora impetuosa, xará da mãe de Constantino (o Imperador), entre outros intelectuais mais taciturnos.

Houve então um breve tumulto, mo-



tivado pela oratória de Paulus, que não comungava com a forma pífia da eleição sem voto, que dava as costas à democracia e à igualdade de direitos, entre todos os ocupantes de cadeiras na confraria.

Paulus, então, falou e disse. Em seguida retirou-se, em sinal de protesto. E, um tanto aparvalhados com o inusitado da situação, os demais permaneceram no local, apreensivos e insatisfeitos. Uma nuvem pesada, escurecendo os semblantes, desceu sobre o silêncio da mesa oval... Por fim, alguns se pronunciaram. E a verzejadora também. Para desespero de Augustus, solicitou a palavra, a fim de apresentar uma alternativa de oposição.

Reiterado e insistente no seu propósito de atropelar a lei, Augustus ainda tentou adiar o enfrentamento, obviamente no intuito de preparar uma falseta para o inevitável embate. Não logrando êxito em seu intento, pela desaprovção de seus pares, foi forçado a promover o pleito.

E, ao proclamar o resultado do escrutínio, obrigou-se a reconhecer o que nem em sonhos cogitara: Paulus foi eleito o novo condutor da confraria. Caiu por terra o mito, e a humildade tomou o lugar da soberba...

(Santo Claudino Verzeleti é membro das Academias Passo-Fundense de Letras e de Ciências Contábeis do RS.)

# A travessia da felicidade

MARISA FAERMANN EIZIRIK

“E existe a trajetória... em matéria de viver nunca se pode chegar.”  
(Clarice Lispector)

Há questões que ocupam a empreitada humana em todas as épocas e, tal como o amor e a amizade, a felicidade é uma delas. É um tema recorrente e fundamental em toda a história do pensamento. As duas principais correntes filosóficas helenísticas, o epicurismo e o estoicismo, se ocuparam dela. Epicuro, em sua famosa Carta sobre a Felicidade (sec. 4 a.C.), define-a como a ausência de dor física e de turbulência do espírito, pregando uma distensão. Em contraponto, Sêneca (sec. 1 d.C.), em *Da Vida Feliz*, acredita que a felicidade implica tensão, busca da virtude, da sabedoria, algo que precisa ser trabalhado, investido, como um ideal que não é da ordem da posse, mas da procura. Localizada no plano da ética, a questão da felicidade – como aquilo que o homem é capaz de criar por si mesmo – ocupou os filósofos em todos os tempos, de Platão, Aristóteles, Spinoza, Kant e Nietzsche, para citar alguns, aos nossos dias, em que os filósofos da liberdade (como Sartre) ou da diferença (como Derrida) concordam em que não há a possibilidade de uma idéia geral de felicidade, como um fim a ser atingido, mas escolhas existenciais, movidas por desejos e expectativas extremamente diversificadas, individual e socioculturalmente.

Falar sobre o que é a felicidade é refletir sobre o que é importante na vida, com a clareza de que não será o mesmo para todas as pessoas, que as prioridades e os caminhos, os gostos e as necessidades, são diferentes, sem a expectativa de esgotar as questões e chegar a uma idéia definitiva que satisfaça todas as exigências. Assim, não podemos falar em felicidade abstrata. Como a vida, a felicidade é “minha”, pois afeta o núcleo íntimo da vida. Ela é particular e intransferível. Está em conexão com o que eu sou e desejo, e, mais ainda, com o que desejo

ser, necessito ser.

A felicidade, segundo Gianetti, “não é algo que se compra, embrulha e leva para casa”. Não é algo ligado ao ter, mas ao fazer. “Ela não é um humor ou um estado de ânimo, por mais exaltados e duradouros que sejam, mas o resultado de uma vida bem conduzida, ou seja, das escolhas e valores que definem nosso percurso. Jamais será um estado final, que se possa adquirir e tomar posse de uma vez por todas”. Como uma atividade, a felicidade se cultiva e constrói e, por alguns momentos, se conquista e desfruta. É fonte de alegria, mas está sempre a exigir de nós empenho, amor, e contínuo recomeço.

Acentuando a característica humana de ser e já não ser, não ser e talvez não poder vir a ser, Marías define a felicidade como “o impossível necessário”, aquilo que pode ser uma realidade desejada e nunca alcançada, ou concluída: é o esforço para atingir porções, ilhas ou momentos de felicidade, o que já é uma forma de vivê-la. Felicidade é apaixonar-se pela possibilidade de viver. Enquanto algo ideal, feito nirvana ou paraíso a ser encontrado e possuído, sabemos que é uma miragem. Porém enquanto busca, é sempre instigante o movimento de valorização e aceitação de si e, ao mesmo tempo, de batalha para não permanecer o mesmo. Viver a felicidade enquanto travessia, desfrutando dos prazeres possíveis, das conquistas concretas, em nossos diferentes momentos de vida.

Existem as contingências às realidades, e a elas não é necessário submeter-se de forma passiva e resignada. É preciso “escolher a si mesmo”, considerando as possibilidades pessoais e os constrangimentos objetivos do mundo. Mas o que significa “escolher a si mesmo”? É no teatro do cotidiano, na experiência do dia-a-dia, na escolha de si que podemos encontrar beleza, harmonia, inventividade, oposição à moral corrente, insubmissão, coragem, ética. A escolha de si como autor do próprio futuro pode consistir na construção de uma vida simples. A simplicidade do projeto não des-

merece ou nega a autenticidade de quem a fez. Ao contrário, mostra que a potência humana se manifesta na e pela decência com que nos mantemos leais a nós mesmos. Viver segundo aquilo em que se crê é uma empreitada transitória, mundana e humana, com a crença de que todos temos o direito de pensar e agir sobre nossas vidas. Tudo que podemos fazer - e persistimos fazendo - é confiar em nossa capacidade natural de preferir viver a morrer. É ter um compromisso com



a vida, dar um salto existencial, fazer escolhas e responsabilizar-nos por elas.

Escolher-se a si mesmo, em termos de uma ética e de uma estética de si, significa que não se escolhe apenas seu amado, mas toma-se a si mesmo como amante. O salto significa destinar a si mesmo e não determinar (ou deixar-se determinar) a si mesmo. Ser determinado é ser “empurrado” pelo passado e pelas circunstâncias; autodestinar-se é ser “puxado” pelo que se escolhe como com-

promisso para toda a vida. Entretanto, autodestinar-se, dar o salto, não ocorre apenas através de uma escolha racional do sujeito. A consciência da escolha feita está presente ao se fazer a opção. Mas é a continuidade da vida - a sequência dos compromissos assumidos - que qualificará a escolha como decisão. A aposta se dá na vida como potência, como devir, como expansão das dores e das alegrias.

Isso nos remete a Foucault que, desde uma outra perspectiva, também encara a ética como a relação consigo mesmo. Não se encontra, todavia, em sua obra, ênfase na palavra felicidade, e sim uma acentuação nas expressões estilo, ética e estética da existência. Para Foucault, estilo de existência significava um trabalho de si sobre si, como um artista de si mesmo: um melhoramento de si, na dimensão da existência humana, concebida como uma prática, um agir onde o homem é o autor que delibera, deseja, age e justifica suas ações. Tornar-se a si mesmo, criar um modo de viver segundo valores que se escolhe e se responsabilize, renunciando a outros e respeitando as escolhas existenciais dos outros, por meio de ações que expandam nossa imaginação e criatividade. Esse trabalho sobre si próprio não é uma atividade difusa, mas todo um conjunto de ocupações; implica sempre um trabalho que demanda tempo e um tempo que não se dá no vazio; ele é povoado por exercícios, tarefas práticas, atividades diversas, permanentes, ao longo de toda a vida. Trabalho que não se dá apenas individualmente, mas se sustenta na relação com os outros.

A vida, sempre em processo, não pára, a fim de que mudanças possam ser feitas. Não há um tempo para a reflexão e um tempo para a transformação. O mistério da vida é que tudo está acontecendo, o medo e o prazer, o sofrimento e a alegria, basta não estar fechado ao real. As transformações acontecem ao ar livre, sempre agitado, do conflito, do afrontamento, da luta, da resistência. O indivíduo contemporâneo é em primeiro lugar um passageiro metropolitano: em permanente movimento, cada vez mais longe, cada vez mais rápido. Com o movimento, sob o impacto da velocidade, perdendo-se a espessura. Com a generalização, há falha no próprio princípio da representação - as imagens passam a constituir a realidade, banalizam-se. O olhar enfrenta um espaço aberto, fragmentado; fratura e rompe a superfície

lisa, foge à totalização, dá lugar ao lusco-fusco das zonas claras e escuras. O impulso inquiridor do olho nasce justamente da descontinuidade, desse incabamento do mundo.

Conceber o pensamento sob o signo da viagem, aconselhava Nietzsche, e não sob o signo da parada, seria fugir do imobilismo. Pensar é mudar. Trocar de pele, olhar diferentemente para o que se conhece, exercitar um olhar viajante, um olhar estrangeiro, como sinaliza Cardoso. Há os acomodados, caseiros e sedentários. Transitam num espaço ordenado, compacto e pouco acidentado, que tudo acomoda; desdobramento cerrado e contínuo. “Ofuscamento dos cortes do horizonte, neutralização dos relevos”. Há os inquietos - curiosos ou insatisfeitos - aos quais “o ponto cego do horizonte obseda, fustiga e desafia. Desdenham o homogêneo e o contínuo; são sensíveis às diferenças e atentos aos limites. Afrontam obstáculos e vazios, são impelidos para o espaço aberto”. Porém, as direções e os sentidos também podem tornar-se indiferentes quando dilui-se o desejo. Viagem supõe distância (proximidade), tempo, espaço, inclusões e exclusões, extensões - potência de estar em algum lugar - um entre/passagem. Supõe também saltos e rupturas, supõe riscos, desassossego, vertigem.

Nem todos querem fugir da ordem, do já programado e conhecido, errar e se dissipar em meio a aventuras, que podem ser dispersas e fragmentadas, e, por isso mesmo, constituir viagens em intensidade, que abrem passagem para olhar mais além, mais profundamente, as brechas e fissuras, os desníveis, as indeterminações, inesgotáveis experiências de sentido e de tempo. Viagens assim sempre tem um preço, que é nossa própria transformação. Um projeto pode ser, portanto, um modo de existência.

#### Bibliografia

- CARDOSO, Sérgio O Olhar viajante (do etnólogo) IN: NOVAES, A. et al. *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988: 347-60.  
FOUCAULT, M. *An Aesthetics of Existence*. N. York: Routledge, 1988;  
EIZIRIK, M. F. *Michel Foucault, um pensador do presente*. Ijuí:Unijui, 2005.  
MARÍAS, J. *La Felicidad Humana*. Madrid, Alianza Editorial, 1988.

(Marisa Faermann Eizirik é psicóloga, professora, doutora em Educação pela UFRGS, coordenadora do Comitê de Pesquisa da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul.)

# Tentando compreender a alma humana

**SIMONE MULLER CARDOSO**

“Saúde é um completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doenças” – OMS, 1947

Quando uma pessoa recorre a um especialista da saúde com uma queixa, ela não deve ser olhada e escutada somente pela via da doença. Deve-se buscar compreender o ser humano na sua integralidade. O profissional tem que avaliar antes como estão todas as dimensões da sua vida: família, profissão, relações sociais e afetivas, isto é, corpo, mente, afeto e espírito. Precisa saber como é o ambiente que ela transita e as relações que ela estabelece nesses ambientes. Muitas vezes o ambiente pode desencadear, manter ou perpetuar um sintoma.

Olhar a pessoa de forma integral, como um todo, significa não compartimentalizá-la, não considerar a queixa de forma isolada, enxergando o paciente como um corpo ou uma mente doente, mas antes como um ser humano que está em sofrimento.

Alguns profissionais têm a tradição de colocar rótulos nas pessoas que as procuram e acabam por não enxergar o potencial de saúde existente nelas. Al-

gumas vezes, medicalizam qualquer sintoma. Noutras vezes, querem realmente ajudar, dar respostas e atropelam.

Na verdade, eles precisam antes estimular os fatores de proteção – com o que a pessoa se sente feliz, por que ela se interessa na vida, o que lhe causa prazer – e diminuir os fatores de adocimento. Ver o lado saudável do paciente.

Para ajudar o profissional tem que ser, antes de tudo, próximo, disponível, verdadeiramente atento e interessado em todos os sinais que o paciente emite, servindo como facilitador, mediador na sua melhora. Uma relação somente se torna efetiva se existe confiança mútua. Assim sendo, muito mais importante que titulação, competência, abordagens ou técnicas utilizadas pelo profissional, é o tipo de relação estabelecida com seu paciente.

O profissional deve ser, antes de tudo, flexível, considerar a diversidade humana. Isto significa ter a compreensão de que as pessoas são diferentes no seu modo de pensar, ser e agir e que as coisas não têm somente um jeito de serem entendidas, que felicidade e sofrimento são conceitos pessoais e relativos, que o que é bom e serve para uma pessoa, pode não ser satisfatório para outra. Que a expressão de um sentimento de raiva muitas vezes pode ser sinal de saúde e não de doença, servindo para pôr limites em alguém que já passou da conta.

Ter uma boa saúde é estar feliz. Nossa saúde não se compartimentaliza nem se categoriza. Na vida, cada um responde a

sua maneira, de acordo com sua história de vida e suas experiências. Existem pessoas que têm desafios maiores para se sentirem felizes. A isso chamamos de transtorno.

Trabalhar com saúde – mental, física, social, é sempre apostar no outro. Aceitá-lo como ele é, com suas qualidades, seus defeitos e suas angústias. É acreditar na sua capacidade de mudança, que é possível ajudá-lo a ser mais feliz.

Os profissionais da saúde não têm todas as respostas. A crença que a pessoa que os procura tem que esses vão fornecer ajuda é que realmente ajuda. A pessoa falando se escuta também e assim vai aprendendo a conhecer-se e ajudar-se.

(Simone Muller Cardoso é psicóloga, membro correspondente da Academia Passo-Fundense de Letras, residente em Caxias do Sul).



Antigo hospital

# É... sou gaúcho...

DANIEL VIUNISKI

**M**as “bah tche”! Do mais profundo dialeto gauchês, tenho orgulho em ser gaúcho. Até porque, gaúcho que é gaúcho gosta de mate, tchê! E eu gosto muito.

A história começa na cidade de Duse-to, Lituânia.

Meu avô, Velvel Blacher, tinha uma grande família. Esta era chamada, em lituano, de “Katrolika vaiki šešaulika šaimina” ( quatorze crianças - dezesseis toda a família.). A situação econômica, social e política e, acima de tudo, o medo de perseguição religiosa, uma vez que os judeus fugiam da discriminação existente em seus países de origem, e buscavam a oportunidade de viver em paz,

fez com que meu vovô Velvel tomasse a iniciativa de mandar seus filhos para outros países. Com sua morte prematura, a missão ficou a cargo da vovó Feigue Liebe. De início, mandou dois filhos para a África do Sul, mais precisamente para Joanesburgo e Cidade do Cabo. Logo após, enviou duas filhas para os Estados Unidos. E, aproveitando a compra da Colônia dos Quatro Irmãos, na época pertencente a Passo Fundo, emigrou para o Brasil, com os demais 10 filhos. Lá na Lituânia, permaneceram alguns familiares, entre os quais sua mãe, *Mume Feige-Liebe*. Parece que ela foi recusada a entrar em outros países, porque havia perdido a visão.

Os tios que seguiram para a África tornaram-se grandes empresários, e, economicamente, foram muito bem su-

cedidos. Casaram, surgiram os descendentes e levaram longe o nome dos Blacher.

O mesmo aconteceu com as duas tias que partiram para os Estados Unidos. Constituíram família, com uma prole numerosa e com descendentes ramificados também no Canadá e em Israel.

Quanto aos tios que vieram para o Brasil, mais precisamente para o Rio Grande do Sul, todos se instalaram nas terras fornecidas pela I.C.A. (Jewish Colonization Association) em Baronesa Clara, interior do interior de Quatro Irmãos, que nesta época já era distrito de Erechim.

Minha mãe, a jovem Rachel, era a filha mais nova. Bonita e elegante, como todas as mães, vista pelos olhos dos filhos e de seu futuro esposo, conheceu meu pai, Moyses Viuniski. Este, também oriundo da Europa, ou seja, da Polônia, vindo da cidade de Pinsk, chegou com seus pais e com outros irmãos. Também ganharam uma gleba de terras da I.C.A. Depois de um namoro longo, papai pediu a mão de minha mãe em casamento. Desta união nasceram Valdomiro, Arno e eu. Nasci em Quatro Irmãos. Para quem não conhece, Four Brothers é hoje um pequeno município, que fica a 10.317 km ao sul de Paris... Podia ter nascido nos Estados Unidos, na África do Sul ou mesmo no Canadá ou Israel, mas o destino permitiu que nascesse nestas plagas. Eis por que gosto do chimarrão. Eis por que... sou gaúcho.

(Daniel Viuniski é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Prefeitura de Quatro Irmãos

(FOTOS ARQUIVO DANIEL VIUNISKI)

# Experiências de levitação

**SANTO CLAUDINO VERZELETI**

**E**m novembro de 1969, recebi a visita de minha mãe, Theresa Maria Beal Verzeleti, que me proporcionou a alegria de conviver com ela, após muitos anos de afastamento, motivado pelos estudos e pelo trabalho.

Já casado e com dois filhos, essa convivência trouxe-me intensa emoção e boas lembranças, levando-me a recordar a infância vivida na roça.

Quando resolveu retornar a Rondinha, onde morava com o pai e os irmãos, achei por bem levá-la de carro, um fusca que nunca me deixava na mão.

A viagem na estrada nova, entre os municípios de Passo Fundo e Carazinho, transcorreu normalmente, na paz do Senhor. Entretanto, ao chegarmos ao trevo entre Carazinho e Sarandi, que ainda era de chão batido, dobrei à direita para contorná-lo. Inexplicavelmente, ao fazer a manobra, fui acometido por uma sensação estranha que me provocou a perda dos sentidos. Não sei dizer se foi

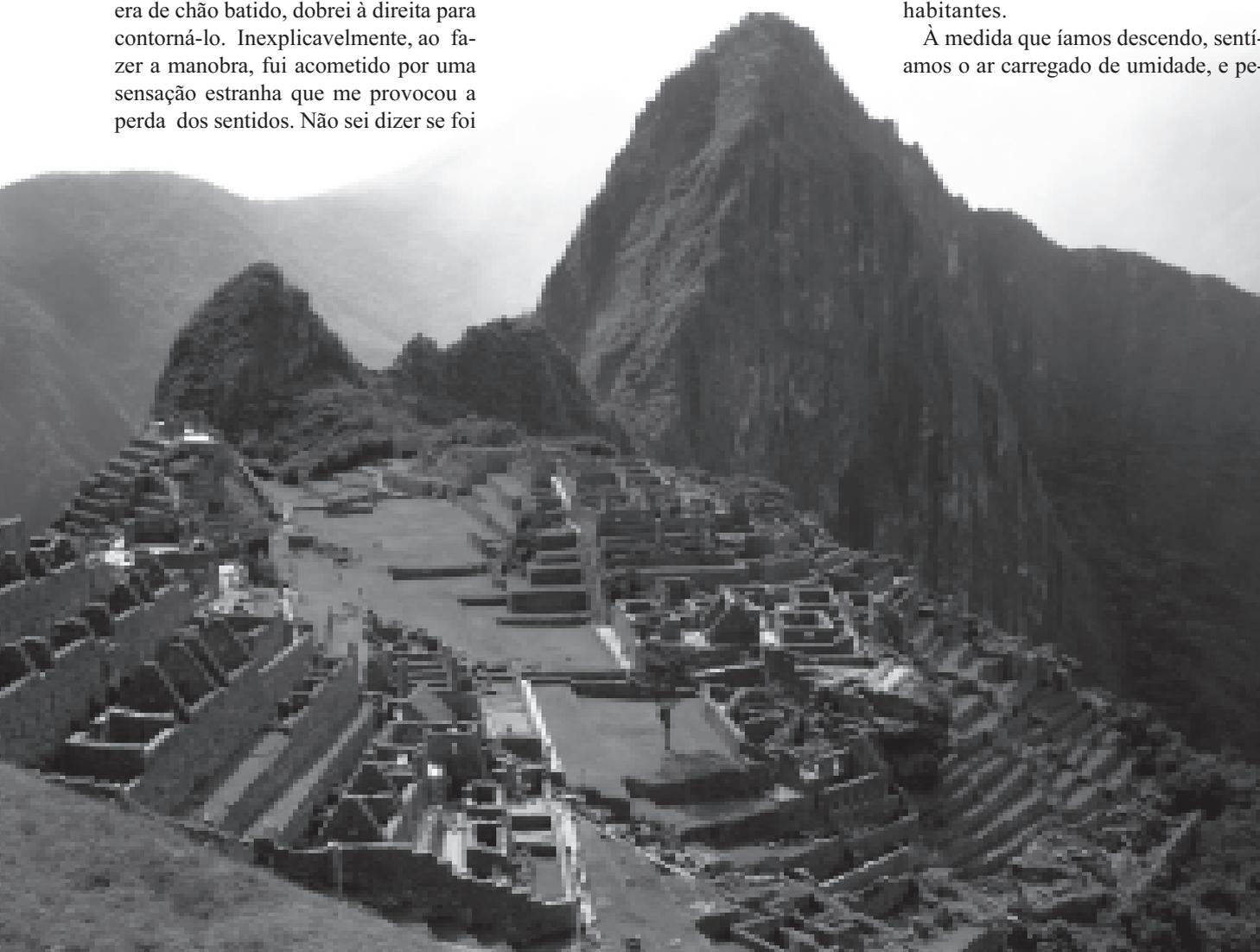
um mal súbito ou se aconteceu algo inusitado, uma espécie de transe. Até hoje não encontrei explicação para o estranho fenômeno. Só o que sei é que fraturei a quinta vértebra lombar e fui parar no Hospital São Vicente de Paulo por um longo período. Durante essa reclusão, em dado momento, fui acometido por muita dor e febre alta. Eram quatro horas da tarde. Envolvido por uma grossa camada de gesso, tive a sensação de estar entrando dentro de mim mesmo. Uma espécie de levitação e de prazer fantástico, um conforto corporal que estaria na razão inversa da vida real. Tenho a convicção de que cheguei às portas da outra vida...

Quinze anos mais tarde, em janeiro de 1984, levado pelo prazer de viajar, aceitei o convite para acompanhar uma excursão através dos Andes, mais preci-

samente ao Altiplano Andino. O itinerário passava pelo vale santo dos incas, pela torrente do Vilcamayo, e por Machu Pichu, a cidade mais impressionante do Peru.

Trata-se de um lugar esplêndido e místico. A estrada eleva-se a 3800 metros, até começar a descida. Tomamos o trem às três horas da madrugada, descendo 112 quilômetros, num desnível de 1800 metros. Nesses espaços infinitos, o tempo não conta. Margeamos o Rio Vilcamayo, onde os raios do sol se demoram nas ravinas e gargantas, até o pé das geleiras que branqueiam os cumos de seis mil metros de altitude. É assim o vale sagrado dos Incas... Foi lá em Viracocha que se criou a planta mais preciosa da América, o milho. O vale do rio perde-se nas florestas impenetráveis das baixadas, que talvez encubram o mistério da origem de seus primeiros habitantes.

À medida que íamos descendo, sentíamos o ar carregado de umidade, e pe-



sado de odores da floresta virgem bem próxima (a floresta amazônica). A água do Vilcamayo rasga passagem através do desfiladeiro. E sua garganta desemboca, bruscamente, num vasta bacia, cercada por paredões de montanhas por todos os lados. Um verdadeiro beco sem saída. Nesse local se ergue a estação de Machu Pichu, ponto final da ferrovia.

Aos poucos fomos galgando o cume, por um caminho íngreme e difícil que vai dar ao centro da cidade, numa praça quadrangular, orientada no sentido norte/sul. Por meio de seus prolongamentos, ela divide a cidade em duas partes. No mapa, esse espaço traz o nome de *Inti-pampa*, que significa *Campo do Sol*. Escadarias e patamares levam aos edifícios, aos jardins situados mais abaixo, ao bairro dos palácios, aos lugares sagrados e aos fortes. Ergue-se próximo o mais belo monumento de Machu Pichu, o *Torreão*, ou torre redonda - mausoléu, talvez, - cuja base se solda às paredes da *Casa da Princesa*, um edifício cons-

truído com blocos de andesita branca, destinado a afrontar os séculos.

Todos esses monumentos se destacam por uma disposição retangular geométrica, e pelo aspecto severo. Austeridade pré-concebida e ausência de ornamentação distinguem tais monumentos das construções feitas pelos demais povos ameríndios. Tudo lá exprime poder, solidez, vontade de fixar-se e de manter um domínio tirânico. Seria um local de meditação, de reflexão, situado à altura das nuvens, a meio caminho da mansão dos deuses?

Postei-me entre a *Casa da Princesa*, a área sagrada e a casa dos sacerdotes. Em frente, deparei-me com uma elevação de pedra, com o desenho de um puma em baixo-relevo. Para que seja bem observado, a pessoa deve colocar-se diante dela, em posição ereta, observando o paredão, e gingando o corpo da esquerda para a direita, em movimentos lentos. Observará então que o animal se movimenta. No recinto se respira real-

mente um ar sagrado.

Estava eu sozinho, enquanto pensava em tudo aquilo que via. E, o corpo imóvel como uma estátua, fiquei alguns minutos a refletir e imaginar. Eis que, em dado instante, me senti acima do chão, levitando, tomado de um prazer indescritível. Eu estava suspenso no ar, sem nada ver... Numa elevação equivalente à altura em que me encontrava. De repente, fui sacudido por um violento susto. Foi como acordar de um transe... O pavor que me dominou foi tanto que tratei de afastar-me, o mais rápido possível, daquele lugar misterioso...

Foi deveras um momento de transe, em que me senti flutuando, envolvido por uma energia positiva, como num passe de mágica. Sensação de bem-estar numa antes vivenciada. Um momento de êxtase sobrenatural...

(Santo Claudino Verzeleti é membro das Academias Passo-Fundense de Letras e de Ciências Contábeis do RS.)

# A velha do rádio

HELENA ROTTA DE CAMARGO

**T**odos os dias e o dia todo, ela senta no mesmo lugar. Na companhia apenas de um radinho de pilha, fora de sintonia, tocando músicas chiadas. Por vezes, acho que a vida parou ali. Na esquina do prédio. Na porta do Banco.

Como uma criança quando embala a boneca, a velhinha embala o corpo assentada na pedra fria. Mais gélido que ela, só o olhar dos transeuntes.

A mística da solitária mulher tem uma causa: o abandono. E uma consequência: a indiferença.

Ninguém que passa por ela tira do peito um cumprimento gentil. No máximo tira da bolsa uma moeda. E oferece de longe, para não sentir o bodum, que traçou um círculo ao redor da pobre. Um círculo que ninguém deseja romper. Que todos tratam de respeitar.

Ela e seu radinho. Ela e seu corpo

rijo ao som gasto duma canção qualquer. Ela e seus olhos fixos que nem sabem em quê. A visão morta de quem desaprendeu a percepção. Uma vela no toco. Semiderretida.

Não creio que tenha família, lar, afeto. Sua casa é a rua. Seus entes, as pessoas que passam sem percebê-la, menos ainda, senti-la.

Contudo, a velhinha parece feliz. Ali, no seu espaço tradicional.

Afinal, um lugar reservado para ver o mundo, cheio de gente, de cores, de coisas indecifráveis que ríem nas vitrines, é um privilégio!

Esse é, de fato, um quadro legítimo. Aqueles pintados a mão, *óleo sobre tela*, são perenes, imutáveis. Não enrugam. Não cai a cor. Ao passo que, corpo de gente sobre a mureta da calçada, pode não estar ali amanhã. E alma de gente, então, dessa gente sem eira nem beira, quem sabe desvendar o fatalismo do seu futuro?

Eu dizia que é legítimo o quadro. E explico: Nele mora a verdade, incisiva e arguta. Muda e loquaz. Nele a

alma sem máscara, o corpo sem truques.

Pois não é que a velha do rádio me faz lembrar dos filósofos? Das suas intrincadas teorias? Dos seus sofismas mais que retorcidos?

Enquanto outros circulam diante daquela figura tosca, alheios à sua beleza cáustica, cá estou eu, alcoolizada na contemplação, fora do ar, digerindo a cena da crua e infensa degradação. Isso que fomos criados, segundo as escrituras, à imagem e semelhança de Deus...

Fico imaginando, se assim não fosse, como seria a velhinha? Uma bela dama sobre um salto agulha? Coberta de balangandãs? Sorrindo da própria elegância?

Vocês estão percebendo: tenho mesmo uns repentes sado-masoquistas. Gosto mais da velha do rádio. Do seu olhar intacto, da tez curtida, da saia sem corte, do som ca-breiro.

Estou satisfeita. Hoje foi um dia especial. Daqueles que casam com nosso destino e o marcam para sempre.

(Helena Rotta de Camargo, Academia Passo-Fundense de Letras.)

# Das algemas

**ALBERTO ANTONIO  
REBONATTO**

O vocábulo “algemas” está presente, com algum destaque, na mídia nacional. A condução dos presos algemados, por parte da polícia, vem sendo objeto de debate entre juristas e leigos. Duas das mais altas autoridades do país manifestaram-se a respeito. O ministro, Presidente do Supremo Tribunal Federal, afirmou que o uso das algemas estava se transformando numa “espetacularização”, ao mesmo tempo em que o senhor Presidente da República pedia menos sensacionalismo.

A palavra “algemas” é originária do árabe e significa pulseira (al djamia). O dicionário da Academia Brasileira de Letras Jurídicas informa: “Algema: (...) pulseira de ferro empregada para manietar alguém, a fim de dificultar sua fuga, quando em

transporte fora do lugar de confinamento”.

A atuação da Polícia Federal, nos dias atuais, parece ser a principal causa em torno da celeuma sobre o tema. Pelo que se pode observar, ela age com liberdade e autonomia, e investiga suspeitos em todos os segmentos sociais, inclusive os considerados “intocáveis”, como políticos, autoridades governamentais, banqueiros e magnatas. É comum a exibição na mídia de prisões, com ou sem algemas, de pessoas de notória relevância nos meios políticos e econômicos. Os melhores advogados do país são acionados e a justiça é provocada em todas as suas instâncias. Aí começam a discussão e as decisões contraditórias, porque não há legislação específica. As interpretações variam de acordo com o entendimento pessoal de cada um.

Contribui, também, para tornar o assunto controverso, nossa tradição de deixar tudo para depois. No presente caso, a Lei de Execuções Penais, promulgada em 1984, antes, portanto, da Constituição vigente, estipulava, em seu artigo 99: “o emprego de algemas será disciplinado por decreto Federal.” E o decreto ainda não existe. Com isso, deixa-se ao arbítrio do executor a possibilidade do seu uso. Ante a inexistência de norma própria, recorre-se, algumas vezes, à legislação subsidiária, o que nem sempre é recomendável. Por outro lado, nem todos os policiais possuem a formação ou o discernimento necessários para avaliar corretamente a periculosidade de determinados presos e, conseqüentemente, o uso ou



não de algemas. Penso que, antes de criticar, dever-se-ia disciplinar o assunto através de lei e, então, punir eventuais abusos. O Senado Federal está tentando aprovar um projeto, mas, até agora, foi confirmado apenas em primeira votação, na Comissão de Constituição e Justiça.

O cuidado para que os presos sejam tratados com dignidade é tradição em nosso país, desde as Ordenações Filipinas(século XVII), passando pelo Código Criminal do Império (1830), e chegando à atualidade, com o Código de Processo Penal(1941) e Constituição Federal(1988). O mesmo ocorre com tratados internacionais dos quais o Brasil é subscritor, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU e o Pacto de São José da Costa Rica (internalizado no país pelo Decreto Federal 678, de 6/11/1992).

As algemas são utilizadas pela polícia de quase todos os países do mundo. A grande pergunta é: o uso de algemas na condução de presos é um instrumento de segurança ou um ato vexatório? Uns entendem que o uso de algemas viola a dignidade dos presos e só pode ser utilizado em circunstâncias especiais; outros, que é um instrumento para ser usado, quando há periculosidade real ou presumida para o preso ou para as autoridades policiais

que o conduzem, e que essa periculosidade sempre é presumida quando existe um mandado judicial. A exceção, nesses casos, é o não emprego de algemas. O assunto, como se observa, ampara várias interpretações.

O episódio que mais repercutiu foi o do banqueiro Daniel Dantas, que teve sua prisão decretada e, em curtíssimo espaço de tempo, conseguiu sua soltura por decisão do senhor Presidente da nossa Suprema Corte. Não se questiona a capacidade daquela autoridade em deferir o habeas-corpus, nem se os motivos foram justos ou não. O que chama a atenção é a celeridade com que o despacho foi exarado.

É significativo, também, na cultura jurídica brasileira, o empenho em resguardar os direitos dos delinquentes ou suspeitos de atos ilícitos, mesmo que esses direitos não estejam perfeitamente regulamentados, como ocorre com o uso de algemas. O próprio ministro que concedeu o habeas-corpus afirmou que os “criminosos também têm direitos fundamentais”. Não questionamos os direitos dos criminosos, ao contrário, pensamos que devam ser respeitados. Uma pergunta, contudo, se impõe: será que existe a mesma preocupação em preservar o direito das vítimas ou das suas famílias? Ou será que estes são meros problemas de responsabilidade da assistência so-

cial pública ou privada?

O Supremo Tribunal Federal, em decisão recente, restringiu o uso das algemas. Segundo o entendimento da nossa mais alta Corte, algemar, doravante, só em casos excepcionais.

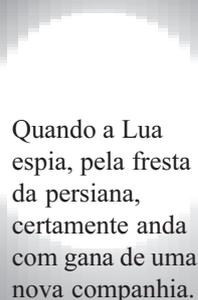
Como se depreende, o assunto produziu manchetes e começou a ser normatizado, quando a polícia passou a algemar pessoas de prestígio nos meios políticos e econômicos. Enquanto se algemava “lambaris”, poucos se preocupavam. Bastou pescar “tubarões”, e a celeuma esquentou, embora a súmula do STF, que ditou as normas, tenha sido exarada em julgamento de crime cometido por operário. Até o Senado da República passou a debater um projeto regulador que lá se encontrava desde 2004.

Temos esperança que, com o presente debate público, o uso das algemas seja devidamente regulamentado, para que sua utilização seja uniforme para todos os brasileiros, independentemente da sua situação econômica, do cargo que ocupam ou da sua expressão política, e que, se for considerado segurança, o seja para todos, e se for entendido como indignidade, também o seja para todos.

(Alberto Antonio Rebonatto é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

## Para leitura e reflexão

HELENA ROTTA DE CAMARGO



Quando a Lua espia, pela fresta da persiana, certamente anda com gana de uma nova companhia.

Há pensamentos que fulgem como fogos de artifício, e palavras que doem como queimaduras expostas.

Os loquazes e fofoqueiros nos importunam tanto, porque vivem com o zíper aberto.

O amor, na sua decantação, epifania, sacralidade, acontece mesmo é na rima dos corpos, na poesia das almas.

No mundo recluso da consciência, as idéias podem saltar traiçoeiras como o bote da cascavel.

Numa cidade grávida de prédios, o que mais se vê são pessoas abortando o convívio.

Quando nos damos conta de que a juventude é fugaz, ela já calçou as botas, vestiu a capa e ganhou a estrada.

Lúcida e leve, a felicidade mergulha no turbilhão das fontes, para hidratar-se de frescor e cheiros.

Como pode o sexo ser pecado, se é fonte de nascimento, vida, multiplicação?

As oportunidades, como os trampolins, só ejetam quando acionadas.

De tão decrepita, a arrogância já adquiriu corcunda e perdeu os dentes.

Há o amor que dinamita, há o que neutraliza e ainda o que transfigura.

(Helena Rotta de Camargo, Academia Passo-Fundense de Letras.)



# Tucanos em convenção

**ODILON GARCEZ AYRES**

**E**les apareceram na zona sul de Passo Fundo, no dia 19 de agosto de 2002. Eram apenas três. No outro dia, uma manhã fria de inverno, mas ensolarada, trouxeram mais dois, perfazendo cinco.

Eu não sei o que eles vieram fazer aqui na minha casa, pois eu não sou tucano, sou do PMM (Partido do Mato ou Morro), mas, eles continuaram insistindo, me assediaram muitíssimas vezes, principalmente no inverno, talvez pensando que eu fosse fraquejar e me mudar para suas hostes.

Todos esses anos, eu tenho permanecido firme nas minhas convicções. Até a vizinhança, desconfiada, me perguntava, porque aqueles tucanos iam tanto lá em casa, será que estariam tramando alguma coisa mais séria? Quem sabe, pretendiam derrubar alguma rosa ou até alguma estrela.

Enfim, cansaram de me assediar e foram cantar não muito longe dali. Agora, há pouco, metade do mês de

abril, resolveram os tucanos da zona sul de Passo Fundo fazer uma Convenção da pesada, para trocarem idéias estratégicas. Tal foi o que fizeram depois de muito deliberarem.

Reuniram-se, nos altos da Vila Reis, melhor dizendo, no início da vila Lucas Araújo.

Eu, de tocaia, de tanta convivência, pois já conhecia seus hábitos, os vi chegando no local da convenção, em pleno dia, cedo da tarde, quase uma hora. Chegou primeiro o chefão, depois mais um e mais outro, e eu contando, e não parava de chegar tucano, ao todo, contei dezessete.

A reunião foi agitadíssima, pois passaram o tempo todo, como fazem deputados e senadores, se movimentando de um lado para outro, gesticulando, pulando e gritando, que, se eu não soubesse que era uma Convenção de Tucanos, juraria ser uma de macacos ou bugios.

A algazarra foi tanta, que juntou uma assistência de mais de cinqüenta admiradores dos tucanos, até que, de repente, se fez silêncio, e o chefão que foi o primeiro a chegar, também foi o primeiro a sair. Batendo as

asas de quase um metro de envergadura, transferiu a dita reunião, do centenário louro, de mais de trinta metros de altura, para uma sapoema perto dali, de onde, após alguns minutos, puseram em ação a estratégia decidida na convenção.

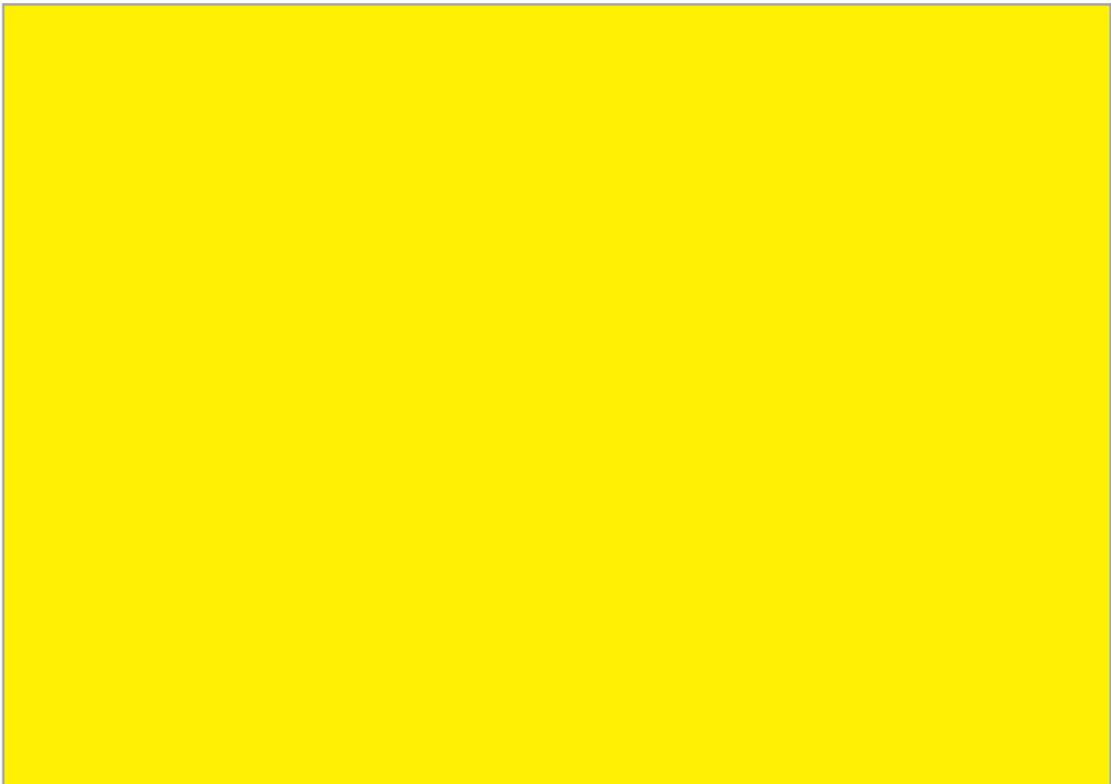
Cada grupo de dois ou três tomou um rumo diferente, um para cada matinho das cercanias, pois nesses tempos de escassez para os tucanos, qualquer frutinha de cangerana é uma lauta refeição.

Eu também saí de volta para casa, feliz da vida com a Convenção dos Tucanos, pois, a bem dizer ontem eram três, e agora já são dezessete. Pretos, de papos vermelhos e amarelos, bicos verdes, dando gritos, de atalaia, no alto das árvores que ainda restam no sul de Passo Fundo.

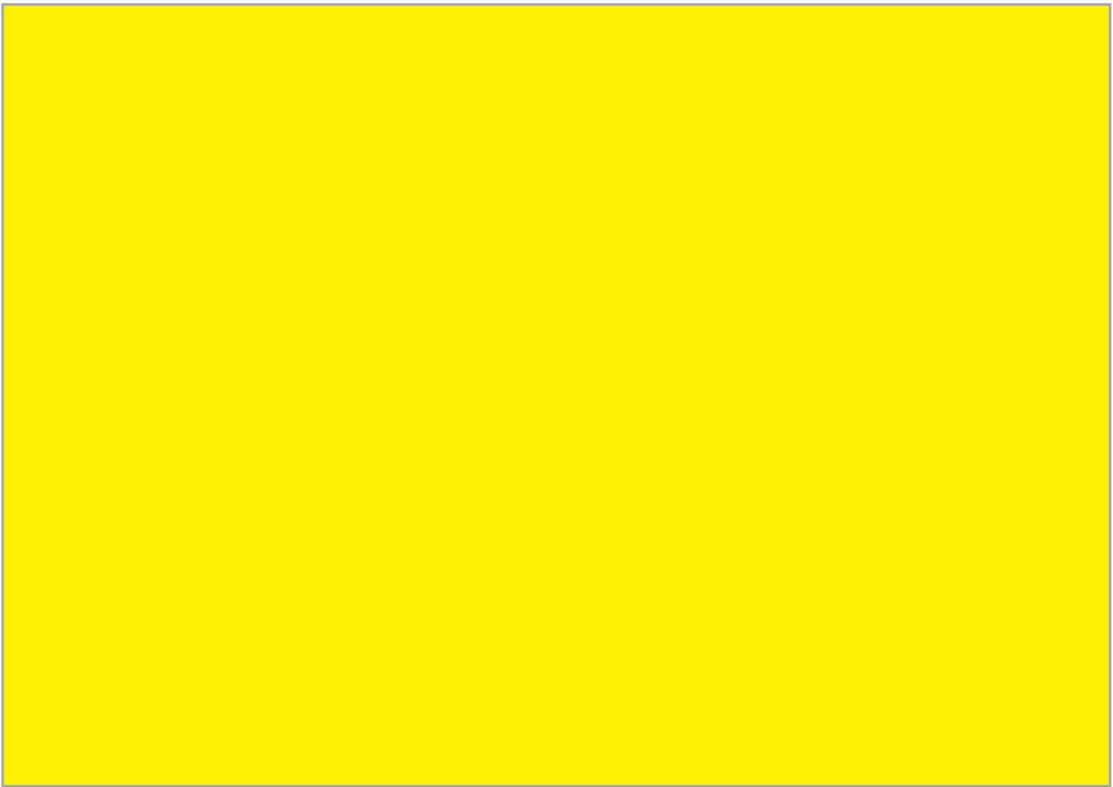
Dizem os sabiás: Enquanto houver tucanos, haverá vida!

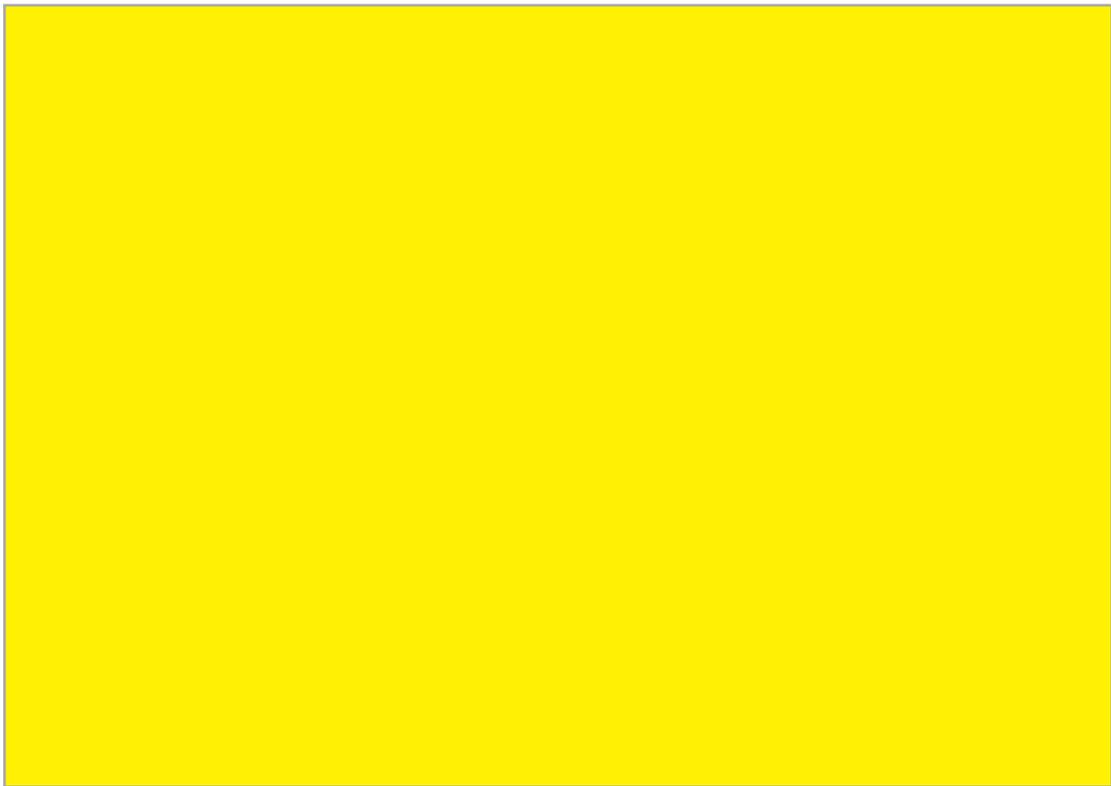
Ao meu avô, Pacífico. 1º de maio de 2007.

(Odilon Garcez Ayres é escritor, de Passo Fundo/RS.)









# Uma defensora do funcionalismo público

SANTINA RODRIGUES DAL PAZ

Relembrando pessoas especiais, destacamos hoje a professora Suely Gomes de Oliveira, que foi a primeira Deputada Estadual, rompendo os tabus daquela época e abrindo da política no estado. Suely tomou posse em 31 de janeiro de 1951, pelo PTB. Foi reeleita por cinco vezes. Esta mulher fez ouvir a voz do magistério e do funcionalismo público. Seu trabalho marcou pela elaboração de lei, em benefício de sua classe, sempre injustiçada. Sua marca ficou na “Lei Suely”, que concedia um ano sobre o tempo de serviço, para aposentadoria, a cada seis anos trabalhados, ao funcionário público assíduo. Foi aprovada em 1966. Atuou com firmeza na elaboração do Plano de Carreira do funcionalismo público, ainda em vigor com alterações; e do Plano de Classificação de Cargos, para professores estaduais. O referido trabalho conferiu à deputada o prêmio “Springer Carrier: Por um Rio Grande Maior”, no ano de 1970, na categoria “Comissões”. Destacou-se como grande defensora dos direitos dos servidores públicos. A parlamentar foi autora do primeiro Estatuto do Magistério Estadual, em 1954.

Sua caminhada, durante seis legislaturas no Parlamento gaúcho, foi brilhante por sua atuação na Comissão de Serviços Públicos e Assistência Pública, que presidiu por muitas vezes, e foi integrante do legislativo por 24 anos.

Suely Gomes de Oliveira nasceu em Osório, RS. Aluna destaque, formou-se no “Instituto de Educação General Flores da Cunha”, em 1936, em Porto Alegre. Quando exercia suas funções na Região Sul do estado, em Pelotas, também se destacou como primeira Vereadora daquele município. Suely deixou a Assembléia, em janeiro de 1975, quando ocupava uma cadeira no MDB.

Já é momento de prestar uma justa homenagem à esta mulher, que muito fez pelo povo gaúcho, e em especial à educação. O presidente da Assembléia Le-



gislativa, deputado Frederico Antunes (PP), em solenidade no salão Júlio de Castilhos (21/12/2007), apresentou o perfil parlamentar da deputada Suely Gomes de Oliveira, primeira mulher que atuou no Legislativo gaúcho. A obra integra a série publicada pela Divisão de Biblioteca e Memória Parlamentar, do Departamento de Relações Institucionais da AL, que editou outros dez volumes sobre a vida e atuação de deputados estaduais.

O presidente também salientou ser esta a primeira obra dedicada à deputada. Durante a homenagem, o presidente ressaltou seu trabalho louvável, tendo sido a primeira a conquistar uma cadeira no plenário deste poder. A cerimônia foi prestigiada pela neta, Mariane Lima, e pela filha, Maria Lourdes de Oliveira que, emocionada, agradeceu a homenagem, em reconhecimento aos trabalhos prestados à AL por sua mãe.

Na Assembléia Legislativa, Suely foi

“comprometida com as causas populares e com a temática feminina, que lhe caíam permanentemente nos ombros, como representante política singular no Legislativo Estadual. Ela foi uma extraordinária militante em favor da educação e dos educadores, que nela tiveram, durante mais de duas décadas, a necessária voz e a devida representação” destaca o presidente da AL.

Foi realmente motivo de orgulho ter uma deputada lutando pelos direitos do magistério e dos demais funcionários do estado. Muita gente se beneficiou com suas leis. E os deputados eleitos hoje, beneficiam a si próprios ou beneficiam seus eleitores, suas bases, sua pátria?

Temos aqui um exemplo de parlamentar, digna representante de sua classe e do povo rio-grandense.

(Santina Rodrigues Dal Paz é professora e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

## Dádiva

Você chegou em um momento  
Tão complicado em minha vida  
Quando sozinho eu tentava  
Cicatrizando uma ferida  
De um amor que eu desejei  
E enamorei perdidamente  
Quando pensei que era eterno  
Tudo acabou tão de repente

Jurei jamais amar de novo  
Vivia amargurado e triste  
Você surgiu em meu caminho  
E me mostrou que o amor existe  
E transformou em pingos d'água  
Os oceanos que chorei  
No seu olhar pude encontrar  
A paz que tanto procurei

Então das cinzas ressurgi  
Quando seus lábios eu beijei  
Lhe entreguei meu coração  
*Me deu tudo o que sonhei*  
Você mulher é um presente  
Que Deus lá do céu me enviou  
É um anjo bom de carne e osso  
A face perfeita do amor

## Liana

No dia em que te conheci  
A vida se modificou  
Doces brisas pelos céus sopraram  
As nuvens se dispersaram  
E o sol brilhou

No lume dos teus lindos olhos  
Há algo que me enfeitiçou  
Nos teus lábios que tanto desejo  
Quero encontrar num beijo  
A essência do amor

Liana, eu te amo pra valer  
E do amor que estou sentindo nem sei dizer  
Se eu tiver a chance de poder te amar  
Juro a ti corpo e alma entregar

Jamais amei alguém na vida  
Da forma como amo você  
Meus sentidos a ti são voltados  
Há anos eu guardo  
Algo pra dizer

Embora minha timidez  
Me limite ao falar de paixão  
Eu juro que por toda vida  
Será seu querida  
O meu coração

Liana, eu te amo pra valer  
E do amor que estou sentindo nem sei dizer  
Se eu tiver a chance de poder te amar  
Juro a ti corpo e alma entregar

## Pétalas do Coração

“Quem ama supera tudo  
Quem ama jamais esquece  
E qualquer minuto longe  
O seu coração padece  
Chora quando a dor machuca  
Saudade aberta e entristece  
Mas mesmo que sofra assim  
Seu sentimento é um jardim  
Que todo dia floresce.”

## Mãe

(para Mai Chimango)

Mãe, Mulher que nos concede a vida  
Imagem querida de um anjo guardador  
Anjo que nos guia pelos caminhos  
Uma rosa sem espinhos, uma jóia de raro esplendor

“Lembras minha primeira palavra, meu primeiro passo  
Recordo teu gostoso abraço e o macio afago de tuas mãos  
Nas madrugadas frias, da fresta da porta me assistia dormir  
Quando eu saía me divertir, zelava por mim em oração”

Mãe, nas tempestades é nosso abrigo  
Na tristeza o ombro amigo que conforta e consola  
Mãe, tudo o que hoje somos, a ti devemos  
Nas lições de vida que aprendemos, tua casa foi nossa escola

Mãe, só tu sabes amar, e amas até com renúncia  
Por isso vão muito além da pronúncia as palavras que agora falo  
Não há como retribuir, mesmo de toda forma tentando  
Só nos resta dizer te amo, e por tudo muito obrigado

## Almas Gêmeas

Morávamos na mesma rua  
Foi assim que tudo começou  
Pela doce e bela menina  
O menino se apaixonou  
E desde aquele tempo  
As pessoas costumam dizer  
Que você nasceu para mim  
E eu nasci para você

O tempo passou correndo  
O menino em homem transformou-se  
A menina se fez mulher  
E a paixão tornou-se um amor  
Nasceu entre nós o desejo  
De sentir um do outro o calor  
E num ato de total entrega  
Do prazer conhecemos o esplendor

Vivemos a história mais bela  
Que a Terra inteirinha já viu  
Jamais o ciúme ou a inveja  
Nosso sonho de amor destruiu  
Depois veio um par de alianças  
Nossa linda história consumir  
E aos olhos de toda gente  
Juramos para sempre amar

A nossa casa foi o recanto  
De tranqüilidade e carinho  
Lá nós cultivamos esperanças  
Lindas rosas ausentes de espinhos  
Os filhos foram os belos frutos  
De um amor que jamais teve fim  
Hoje eles seguem pelo caminho  
Construído por você e por mim

Na terra nada é eterno  
E morre tudo que tem vida  
Quando Deus lhe chamou de volta  
Deixou minha vida entristecida  
Cultivando sua eterna saudade  
Segui vivendo os meus últimos dias  
De noite em minhas orações  
Pra lhe reencontrar eu pedia

E um dia O Senhor finalmente  
Para mim as portas do céu abriu  
E enfim teu belo semblante  
Olhou para mim e sorriu  
Abraçamo-nos demoradamente  
Lágrimas banharam nosso olhar  
Somos nós duas almas gêmeas  
Para eternamente se amar

## Mulher

Quisera eu ter os versos de Vinícius  
Para descrever seu andar, seu olhar, seu calor...  
Quisera eu ter a pureza de Quintana  
Para dizer-lhe ao ouvido singelas palavras de amor

Dos meus versos você é a rima  
É a estrela que ilumina o viver deste poeta  
E mesmo que eu morra em minha vereda lacrimosa  
Sua presença majestosa me acalenta e me desperta

Genitora da vida, pelos homens querida e aclamada  
Mulher amada... mãe, esposa, menina, garota...  
Ah! as Mulheres! Nascemos do ventre de uma  
Para morrermos nos braços de outra

# A obra de arte: quando está viva e quando está morta

GETULIO VARGAS ZAUZA

Para as considerações que se seguem, farei uma comparação entre as duas categorias de homens que têm acesso ao mundo das idéias, o filósofo e o artista.

Há semelhança entre eles, quanto ao fato que ambos partem do mesmo ponto para o seu realizar. Partem da idéia, mas a forma como ela entra na consciência de cada um é que se diferencia, bem como a feição da obra de cada um.

O filósofo ascende ao mundo da idéia por meio de rigoroso esforço de escolagem do pensar superior. O artista, tendo desenvolvido habilidades através de uma também rigorosa escolagem estética, recebe o influxo da idéia pela intuição.

O filósofo, após haver apreendido a idéia, a elabora na



forma de conceitos bem contornados, expressa-os como pensamentos lógicos e os cristaliza na palavra escrita.

O artista é como que tomado pela força da idéia, expervive-a como emoção estética, plasma-a na forma da beleza, segundo o seu talento.

Enquanto filósofo e artista criam a sua obra, a idéia que lhe deu origem vive em suas almas e consciências. Uma vez pronta a obra, e entregue ao mundo dos sentidos, a idéia se retrai para seu mundo e então a obra de arte está morta. Mas ela foi feita para viver, porém isto só é possível se, no decurso de sua existência,

houver pessoas capazes de afinar suas almas e as cordas da lira de que a idéia vibrava nos criadores da obra. Só então tem o poder de realizar o milagre da ressurreição.

Quando o contemplador consegue realizar esse milagre, ele é agraciado com as mais belas e gratificantes emoções estéticas. É um bem-aventurado, e o mundo das idéias (mundo espiritual superior) agradece. A realização de uma obra de arte é um ato sacrificial.

O mesmo acontece com a obra filosófica, quando se consegue reconhecer as verdades elaboradas



pelo filósofo, cujas reconhecenças nos são por ele reveladas, mas neste caso expervive-se a emoção ética, que é tão gratificante quanto a emoção estética.

É isso que o poema “Palavra Morta”, a seguir transcrito, quis me dizer.

## Palavra Morta

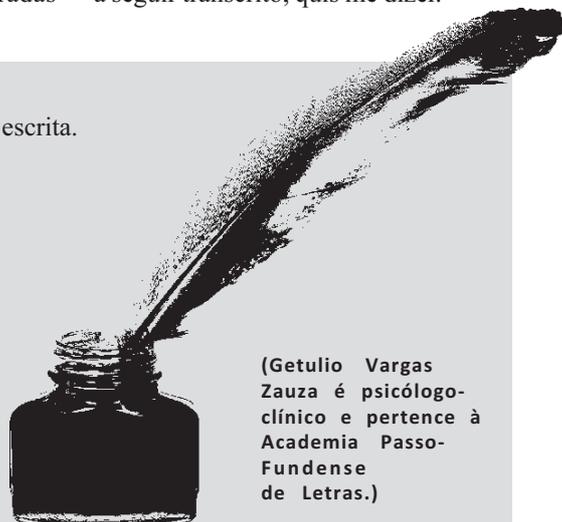
A noite fria  
teima em não passar.  
Poemas fluem celeremente  
e em seu vôo  
preenchem o espaço vazio  
de minha insônia.  
Voam... voam para o temporal  
e somem no infinito inespacial  
para nunca mais voltar.  
Por quê?

Eles não querem vir a ser palavra escrita.

Isso é morte!

E ninguém garante  
que haverá alguém  
que afinará a sua alma  
e a lira do seu coração  
no mesmo diapasão do criador  
e fará o milagre da ressurreição.  
Oh! dor!!!  
Oh! dor!!!

P.F. 20/05/08



(Getulio Vargas Zauza é psicólogo-clínico e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)

# O Código Descartes

**GILBERTO R. CUNHA**

São muitos os mistérios que rondam a vida e a morte de René Descartes. Este francês que nasceu em La Haye (desde 1967, chamada de Descartes), no dia 31 de março de 1596, é considerado um dos fundadores da filosofia moderna e um dos maiores gênios da história da matemática.

De família abastada (seu pai era conselheiro do Parlamento da Bretanha), com oito anos, entrou para o colégio dos jesuítas de La Flèche. Nesse estabelecimento, por gozar de saúde frágil na infância (e influência familiar), teve privilégios diferenciados em relação aos outros alunos (dormir até tarde, por exemplo), adquirindo uma sólida formação filosófica e matemática. Em 1616, formou-se em Direito, pela Universidade de Poitiers. Iniciou, no ano seguinte, um período de viagens pelo continente europeu, em busca de

aventuras e conhecimentos. Viveu na primeira metade do século 17 (tempos de D'Artagnan e as aventuras que Alexandre Dumas descreveu em "Os três mosqueteiros". Descartes, exímio espadachim, trajava naquele estilo), caracterizada pela "Guerra dos Trinta Anos", envolvendo conflitos entre católicos e protestantes. Alistou-se como voluntário em campanhas militares, integrando, por exemplo, apesar de católico, o exército de Maurício de Nassau (o novo príncipe de Orange, defensor dos protestantes nas guerras religiosas), na Holanda. Na condição de voluntário, não era obrigado a participar de batalhas. Também se fazia acompanhar, nas campanhas militares, por um fiel camareiro. Nessas viagens (mesmo vivendo em acampamentos) fez contatos com pessoas ilustres e se dedicou ao estudo da ciência, particularmente da matemática. Foi quando, segundo suas palavras, "brilhou a luz de uma revelação admirável".

Descartes nunca teve problemas financeiros (administrava rendas que re-

cebera como herança). Manteve, até o fim da vida, criados e um camareiro. Em 1625, instalou-se em Paris. Três anos depois deixou a França para viver na Holanda. Tinha preocupações com a Inquisição (acompanhava, a distância, o julgamento de Galileu, na Itália), por isso, mesmo sendo católico, optava por morar em domínios protestantes. Em 1637, aparece em Leyden o

seu famoso “Discours de la méthode” (Discursos sobre o método). Suas obras encontraram oposição nos meios holandeses e seus livros foram proibidos pela Igreja. Pensou em voltar para a França. Contudo, atendendo convite intermediado pelo embaixador francês na Suécia, Pierre Chanut, para atuar como preceptor de filosofia da rainha Cristina da Suécia, em 1649, decidiu-se a viver nesse país.

Em 1650, cinco meses depois de chegar a Estocolmo, Descartes adoeceu. Para tratá-lo, a rainha Cristina enviou um médico chamado Weulles. O dr. Weulles era um “inimigo jurado de Descartes, desde o tempo em que os pastores e teólogos de Utrecht e Leyden lhe haviam declarado guerra” (dizem que “queria ver Descartes morto”). O mistério que permanece é porque logo ele foi designado para cuidar do filósofo francês em sua enfermidade. O conhecimento da medicina no século 17 era precário. A sangria era prática corrente. Descartes, inicialmente, por considerar essa prática inócua e perigosa, não quis se submeter ao procedimento. Não confiava em Weulles. A saúde de Descartes piorava a cada dia (febre e dor de cabeça). Weulles fez o prognóstico de que o paciente morreria. De repente, Descartes sentiu-se bem. A febre baixara. Ele recobrou a razão. Sentou-se na cama, leu, comeu um pouco de pão e tomou água. Disse a todos a sua volta que a doença parecia ter chegado ao fim. Pediu para beber álcool condimentado com tabaco (há quem julgue esse pedido como uma tentativa de Descartes em induzir o vômito). O dr. Weulles deixou o quarto e retornou com um copo cheio de um líquido escuro. Descartes bebeu e, na manhã seguinte, a sua saúde piorou bruscamente. Ele vomitava sangue e um fluido enegrecido. Expeliu catarro pela boca e agonizava. Prestes a perder as esperanças, acabou cedendo à insistência de Chanut, e permitiu que o médico o sangrassasse. Não adiantou e, cada vez mais fraco, ele viria a morrer, com quase 54 anos, às 4 horas da manhã do dia 11 de fevereiro de 1650.

Os primeiros biógrafos de Descartes mencionam que, imediatamente após a sua morte, começaram os rumores de que ele havia sido envenenado por Weulles, em uma conspiração com outros membros da corte da rainha. Ainda hoje se acredita que isso possa ter acontecido, pois muitas pessoas invejavam o lugar que Descartes ocupava. Temiam a influência que ele exercia sobre a rainha Cris-

tina. O filósofo francês era católico (alguns o consideravam ateu), e a rainha e a maioria de seus súditos, luteranos. Quatro anos após a morte de Descartes, essas desconfianças se confirmaram: em 1654, Cristina abdicou e converteu-se ao catolicismo. O fato de Descartes ter sido tratado por um médico que havia jurado vê-lo morto, para alguns historiadores da ciência torna a suspeita de envenenamento bastante plausível.

No espólio de René Descartes, que morreu (sob circunstâncias misteriosas) em Estocolmo, no dia 11 de fevereiro de 1650, e foi enterrado com discrição, no cemitério do orfanato da cidade (possivelmente, por se católico em um país protestante. O corpo de Descartes seria exumado em outubro de 1666, sendo repatriado à França, em janeiro de 1667). Havia uma caixa com documentos, cartas e manuscritos, que o filósofo mantinha em sigilo, escondido do mundo. Este material, o embaixador francês, Pierre Chanut, tomou sob sua “proteção particular”. Quando, dois anos e meio depois, se preparava para deixar a Suécia, a fim de ocupar um novo posto diplomático na Holanda, ele resolveu enviar os manuscritos e cartas de Descartes para Claude Clerselier (que era seu cunhado e havia sido amigo, editor e tradutor de obras de Descartes), em Paris. E foi em busca desses manuscritos que Gottfried Wilhelm von Leibniz, no dia 1º de junho de 1676, apeou de uma carruagem em frente a uma casa em Paris, subiu alguns degraus e bateu na porta da morada de Claude Clerselier. Ele, provavelmente, sabia o que estava procurando: o segredo dos escritos de Descartes.

Leibniz, com uma carta de apresentação do duque de Hanôver, conseguiu ser recebido por Claude Clerselier. Este ouviu atentamente a história contada por Leibniz e cedeu, com certa relutância, em mostrar-lhe os escritos de Descartes e permitir que os copiasse. No primeiro manuscrito que abriu, “Preâmbulos”, ele pode ler sobre a referência de Descartes



à sua esperança de descobrir por si mesmo toda a ciência, e a sua clássica assertiva de “avançar mascarado pela vida”. Havia mais (muito mais), em o “Tesouro matemático de Polybius, o cosmopolia”, por exemplo, Leibniz compreendeu que Descartes havia planejado escrever um livro sobre uma importante descoberta matemática, usando um pseudônimo. Mas o que o surpreendeu mesmo viria a seguir, quando leu: “Oferecido, uma vez mais, aos estudiosos eruditos de todo o mundo, e especialmente a G.F.R.C.”. Na cópia que fez do manuscrito, Leibniz acrescentou uma palavra entre parênteses, escrevendo: G. (Germania) F.R.C. O acrônimo “F.R.C.” lhe era familiar (conhecia-o muito bem), pois significava *Fraternitas Roseae Crucis* (Fraternidade Rosa-Cruz). Foi aí que Leibniz se deu conta de que um vínculo secreto e invisível o ligava ao falecido filósofo francês.

É incontestável que René Descartes, quando viajou pelo sul da Alemanha, em 1619, manteve contatos (consciente ou não) com os membros de uma sociedade secreta de sábios, conhecida como Fraternidade Rosa-Cruz, que havia sido fundada naquele país sob inspiração da vida de Christian Rosenkreuz. Os irmãos da Rosa-Cruz, também conhecidos como rosacrucianistas, eram indetectáveis.

Em parte, mantinham seus conhecimentos em segredo, por causa das implicações de suas descobertas científicas, para teorias que a Igreja considerava sagradas. Sua obra de referência, *Fama Fraternitatis* (Declaração da Fraternidade), de 1614, influenciaria sobremaneira Descartes. O nome de um de seus escritos nunca publicados, “Olympica”, e expressões como “entusiasmo”, “ciência admirável” e “descoberta maravilhosa”, eram comumente usadas como linguagem cifrada (a exemplo de outras sociedades secretas/discretas), pelos membros da Fraternidade Rosa-Cruz. Coincidências? Talvez, mas nem tanto. Inclusive, quando retornou a Paris, nos anos 1620, correu um boato que Descartes seria um rosacrucianista. Ele tratou imediatamente de negar qualquer conexão com a fraternidade alemã (e faria isso durante toda a sua vida). De qualquer forma, o sonho de Descartes, em que ele vê seu quarto repleto de centelhas, lembra a lenda da descoberta da caverna em que fora enterrado o fundador da ordem (Christian Rosenkreuz). Também a parte do dicionário tem semelhança com descrições de rituais rosacrucianistas. E, ainda, o encontro de Descartes com o matemático e místico Johann Faulhaber, um verdadeiro rosacrucianista, e suas conversas sobre o compasso, em Ulm, em 1620, não teria acontecido por mero acaso.

Gottfried Wilhelm von Leibniz que, em 1666, em Nuremberg, havia ingressado na Fraternidade Rosa-Cruz (segundo algumas fontes, chegou a ser eleito secretário da ordem), possivelmente, era conhecedor dessas coisas e tinha a convicção de que havia algo de importante a ser descoberto. Foi quando, depois de cinco dias de pesquisa nos escritos ocultos de Descartes, ele perguntou a Clerkselie se havia alguma coisa mais. E a resposta: “Sim. Há o seu caderno de notas secreto. Afora eu, ninguém jamais o viu antes.”

Gottfried Wilhelm von Leibniz tem na sua frente um pergaminho de 16 páginas. Trata-se do caderno de notas secreto de Descartes, intitulado “De solidorum elementis”, que, com certa relutância, acabara de lhe franquear Claude Clerkselie. Abre e, conforme insistira Clerkselie, constata que seu conteúdo era composto por símbolos estranhos, seqüências de números aparentemente sem qualquer nexos e desenhos incomuns. Tudo parecia incompreensível, para um mortal comum. Mas este não

era o caso de Leibniz, que tinha uma aptidão especial para a matemática e era fascinado pelo misterioso, pelo oculto e pelo proibido. Se havia alguém capaz de decifrar o código Descartes, esse, indubitavelmente, era ele.

Leibniz, de imediato, identifica que muitos dos chamados caracteres estranhos usados por Descartes eram, na verdade, símbolos da alquimia. Visualiza três figuras que se sucediam como sendo um cubo, uma pirâmide e um octaedro. Recordar-se dos sólidos platônicos e escreve um número: 6a66 (seiscentos e sessenta e seis), relacionando-o, pela seqüência das figuras, com as seis faces do cubo, as seis arestas da pirâmide e os seis vértices do octaedro. Chega a imaginar que Descartes estivesse envolvido com a busca oculta da besta do apocalipse. No Livro do Apocalipse (13:18), lê-se: “Aqui está a sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta, pois é número de homem. Seu número é seiscentos e sessenta e seis”. Abandona essa idéia, era simplista demais. Não era o número 666 que Descartes estava buscando. Olha com atenção as misteriosas seqüências de números. Prende-se em uma: “4 6 8 12 20 e 4 8 6 20 12”. Continua suas anotações. Retoma a concepção dos sólidos regulares de Platão. Leibniz percebe que Descartes começou contando o número de faces dos cinco sólidos regulares: 4 (octaedro), 6 (cubo), 8 (octaedro), 12 (dodecaedro) e 20 (icosaedro). E, em seguida, Descartes contou o número de vértices, obtendo a ordem: 4 (tetraedro), 8 (cubo), 6 (octaedro), 20 (dodecaedro) e 12 (icosaedro). Leibniz compreendeu que aquelas figuras obscuras das páginas do pergaminho eram os cinco sólidos regulares platônicos e que, nas seqüências de números, havia uma chave. O mistério era saber o que fazer com esses números. Esse era o código de Descartes. Leibniz descobriu e anotou-o na margem da cópia que estava fazendo. Pela relação entre faces (F), vértices (V) e arestas (A), Descartes havia chegado à fórmula  $F+V-A=2$ , que ficaria conhecida como teorema/fórmula de Euler (hoje, sendo cada vez mais chamada de fórmula Descartes-Euler). Mas, continuava o mistério, por que Descartes quis que essa importante descoberta permanecesse oculta?

Uma página e meia e uma nota na margem de uma delas. Esta cópia feita por Leibniz foi o que restou do caderno de notas secreto de Descartes. Leibniz tam-

bém silenciou sobre o que havia encontrado nos manuscritos de Descartes. Este mistério permaneceria oculto até 1987, quando o matemático e sacerdote francês, Pierre Costabel, examinando a cópia feita por Leibniz, percebeu que ele havia quebrado o código Descartes. Mas, por que Leibniz também silenciara? Que importante descoberta havia feito Descartes? Por que o segredo?

O pensamento de Leibniz estava impregnado de idéias aristotélico-escolásticas sobre o universo. Isso o impedia de aceitar a filosofia de Descartes. Mantinha uma relação de amor e ódio com o legado do falecido filósofo francês. Buscava os escritos de Descartes e, não raro, escrevia contra as idéias dele (com agressividade exagerada, inclusive). Leibniz havia percebido, mais de três séculos antes de Pierre Costabel decifrar as suas notas, que Descartes encontrara as peças de um quebra-cabeça maior e mantivera segredo.

Descartes tinha lá as suas razões para escrever em código. Sua descoberta reforçava a teoria de Kepler e a visão copernicana do universo, cujo modelo passava pela existência dos cinco sólidos regulares e suas propriedades topológicas. E ele, por temor da Inquisição, preferiu ocultar. Não obstante Descartes tivesse, durante toda a sua vida, evitado controvérsias com a Igreja, em 1663 (13 anos depois da sua morte), seus escritos foram incluídos no Índice de Livros Proibidos e, em 1685, o rei Luís XIV banuiu o ensino da filosofia cartesiana na França.

Hoje, Descartes, pela essência do seu trabalho secreto, poderia ser considerado um dos primeiros cosmologistas. Novos achados, via flutuações de microondas, se harmonizam bem com o modelo de sólidos regulares para a geometria do universo. O espaço seria visualizado como uma disposição tridimensional de octaedros, icosaedros ou dodecaedros que se estenderia em todas as direções. Caso isso venha a resistir ao criticismo da ciência, neste início de século 21, Descartes e Kepler terão provado que estavam certos.

#### Nota

Para os interessados, recomenda-se o livro “Descartes’ Secret Notebook: A True Tale of Mathematics, Mysticism, and the Quest to Understand the Universe”, de Amir D. Aczel. Este texto foi baseado nele.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



# Conta conjunta

JÚLIO CÉSAR PEREZ

Era um velho cliente. Começamos a falar a propósito de nada. Ele quase resmungando, eu preocupado com a fila e a lhe dar pouca atenção. Depois, percebi que estava sendo mal educado e voltei a lhe dar ouvidos. Diante da sua insistência e como não se afastava de perto do guichê, falando sempre, não tive outra alternativa. Só então pude entender o que estava dizendo:

- A conta é conjunta com a filha. Sabe como é que é... Sempre é bom prevenir.

- Pois é... É mesmo... - dizia eu, querendo logo me livrar dele.

- A gente nessa idade... nunca se sabe...

- É... Claro... Tens razão.

- Um gerente de vocês daqui morreu num acidente...

- Ah, sim. Seu Kaminski. Uma lástima.

- Então. A gente nunca sabe, por isso...

- Conta conjunta! - arrematei a ver se com isso ele terminava de falar e com o dedo já no botão do controle para cha-

mar outro cliente.

- Fiz com a filha... Pessoa da família... de confiança, sabe?

Nisso eu já havia chamado um novo cliente. Só assim consegui com que ele se afastasse um pouco do balcão. No entanto, de cabeça baixa, sempre resmungando, continuava a dizer coisas ininteligíveis. Por pura carência, com certeza, de conversar e ter quem o ouvisse.

Dei de ombros, afinal tinha todo um expediente pela frente e já conhecia o hábito dos velhinhos, pois o meu caixa era justamente para atendê-los. Se a gente não toma a iniciativa de terminar o assunto eles não arredam pé. No entanto, eu não esperava que o final daquela conversa teria o desfecho trágico que teve, nem nada denunciava que um acontecimento definitivo estivesse prestes a acontecer e marcar para sempre as nossas vidas. Digo, a minha, porque a dele... Bem, com isso me antecipo e antes é preciso dizer algo à guiza de introdução.

Tão logo comecei a atender a senhora que tinha chamado, o velho desan-

dou numa tosse que se não fosse repugnante pelo que devia estar revolvendo no interior do seu peito, seria cômica, porque tossia realmente a ple-nos pulmões e sem o menor senso de medida, quase sobre a senhora que atendia, a qual afastava-se fazendo cara de nojo. Entre ela e os pigarros do velho, apenas a mão trêmula e macilenta do ancião que, de certo, não conseguia conter tudo o que parecia expelir (evitava olhar para não ter de compartilhar o nojo da velha).

No entanto, como eu disse, aquilo não era cômico e começou a se tornar cada vez mais sério, à medida que ele não conseguia conter os acessos e parecia sufocar sob eles. Alguns, que riam, mudaram de expressão. A senhora que eu atendia deixou a cara de nojo. Ao nos voltarmos para ele, percebemos que a situação não era para brincadeiras: ele sufocava. Estava roxo e começava a dobrar as pernas. Fez menção de se apoiar no balcão, mas não teve tempo. Caiu já sem vida.

Foi aquele alvoroço. Muita gente acorreu para o socorrer, mas já era tar-

de. Estava sem pulso e sem respiração. Arrastamo-lo para um canto, abrimos o colarinho da camisa, as mulheres o abanavam, fizemos massagem cardíaca (ninguém teve coragem para uma respiração boca a boca), mas nada fez o pobre velho voltar à vida. Parecia que a sua hora tinha chegado. De tão velho, branco e macilento que era, ninguém tinha dúvidas disso. Não havia mais o que fazer. Sequer muita comoção causou, já que aquilo parecia ser a conse-

qüência mais óbvia do seu estado. A ninguém escapa, afinal, que a morte faz parte da vida, ao menos quando ela deixa de animar um corpo e, no caso em questão, parece que a vida há muito havia deixado aquelas veias grossas e escuras, já sem o que levar e trazer, aquela pele enrugada, aqueles ossos pontudos e salientes, os olhos sem brilho. Chegaram afinal os paramédicos. O corpo foi recolhido e aos poucos a agência foi retornando à rotina.

Em mim, no entanto, ficou a impressão de que ele havia me escolhido para suas últimas palavras. Eu, um reles bancário a quem ele havia recorrido para a despedida, já que ninguém mais o ouvia e, a propósito de me falar da sua conta conjunta com a filha, travar comigo seu último diálogo.

(Júlio César Perez é auditor público e escritor.)

## ELISABETH SOUZA FERREIRA

A autoridade não é algo que se impõe, mas que se conquista aos poucos, ao longo do caminho.

Quem grita pode até ser ouvido com nitidez, porém nem sempre será atendido prontamente em seus apelos.

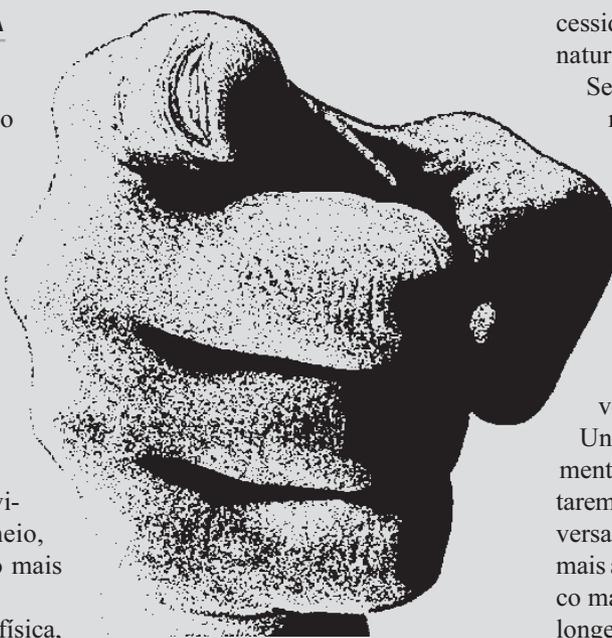
Quem franze a testa pode até intimidar quem se encontra em meio a um burburinho, mas isso nem sempre irá significar uma vitória sobre o pensamento alheio, que prossegue na sua agitação mais íntima.

Quem faz uso da violência física, para dominar os mais fracos, não tem noção da sua ignorância e covardia diante da grandiosidade de um coração bondoso e compassivo, que ganha os outros pela força do amor e não pela influência da guerra.

Quem dá ordens rispidamente pode até ver seus desejos obedecidos de imediato, todavia isso nem sempre representa a fraqueza de caráter de um povo, mas a ilusão do tirano que não se dá conta do quanto é odiado pelo mesmo.

Quem comanda uma batalha pode até acreditar que esteja fazendo alguma grande limpeza nos ideais contraditórios de quem não compartilha os seus mesmos objetivos, entretanto, costuma enganar-se a si mesmo, ao criar a falsa expectativa de ter calado para sempre a voz da multidão.

Quem está no poder até pode sonhar com a continuidade da sua situação de conforto e estabilidade, contudo, a permanência de tudo e de



# Autoridade

todos poderá transformar os seus agradáveis sonhos em terríveis pesadelos.

Ninguém fica eternamente no mesmo lugar.

Agora podemos estar ao pé de uma grande montanha. Amanhã poderemos estar escalando essa mesma montanha, que nos apresentará os mais diversos graus de dificuldade para a sua travessia. Num futuro mais distante, chegaremos ao pico dessa montanha. Mas, para tanto, precisaremos tomar cuidado no decorrer da nossa missão. O vento poderá soprar forte demais sobre nós, tentando nos derrubar. As necessidades vão aumentando com o passar do tempo. Cabe-nos a tarefa de não criarmos ne-

cessidades além das que já nos são naturais.

Se continuarmos em frente, poderemos ter a certeza de que um dia chegaremos lá. Se olharmos para baixo ou para trás, poderemos cair e nos machucar. Se pararmos, não chegaremos a lugar nenhum. E, ainda que fiquemos parados, seremos obrigados a mudar de posição de quando em vez, porque o mundo não pára. O

Universo está em constante movimento. E, quer queiramos ou não, estaremos sempre ocupando as mais diversas posições na vida. Um pouco mais à direita ou à esquerda. Um pouco mais acima ou abaixo. Um pouco longe e um pouco próximo das pessoas queridas. Um pouco sozinhos e um pouco acompanhados. Um pouco com saúde e um pouco com algum tipo de enfermidade. Um pouco carregados de energia e um pouco enfraquecidos pelo desânimo. Um pouco sábios e um pouco ignorantes. Um pouco obscurecidos e um pouco iluminados. Um pouco sonolentos e um pouco despertos. Mas, a autoridade, em toda e qualquer circunstância da vida em que nos alcançar, deverá ser exercida sem apego, para que todos nós possamos nos beneficiar.

A autoridade é força com doçura. É paciência com sabedoria. É amor e compaixão na condução de todos em direção à luz. Sem amor, toda e qualquer autoridade será uma mera ilusão. Uma lição em branco nas páginas da vida real.

(Elisabeth Souza Ferreira é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# Xiko Garcia

## A crítica social através da música e da poesia

**DIEGO CHIMANGO**

**A** mordaçados pelo açaimo da injustiça, o povo vive calado como o gado que segue para o matadouro, permitindo-se assistir a episódios inadmissíveis como a corrupção, a enxurrada de impostos e o estrangulamento dos salários. Por não conhecerem plenamente os seus direitos, temerosos por sucumbir ao detrimento da moral, o povo esquiva-se da função legal de cobrar competência dos seus governantes, reduzindo ao desvanecimento a sua condição de cidadão. A maior necessidade do brasi-

leiro é falar, e a outra é ser ouvido. Perante as desvantagens impostas pelo subdesenvolvimento, surgem, em meio à população, verdadeiros ícones que, seja na literatura, na música, no jornalismo ou até mesmo nas atividades sociais, alcançam o patamar de porta-vozes do povo, manifestando, através de seu ofício, o retrato explícito do desequilíbrio social.

Com uma linguagem simples e analítica, a poesia popular tem o papel de criticar as mazelas e cobrar providências. Em outras palavras, o poeta popular é aquele que manifesta tudo aquilo que está engolfado na garganta do povo. No Brasil, em tempos de repressão militar, pessoas vindas das humildes camadas da sociedade revolucionaram a opinião pública, por meio de versos e melodias, tais como

Chico Buarque, Juca Chaves, Caetano Veloso, Elis Regina e tantos outros. Muito antes destes, a dupla caipira Alvarenga & Ranchinho já denunciava, através de sua irreverência e coloquia-

lismo, a obscura realidade social do Estado Novo. Seguindo esta linha ideológica, nomes consagrados da música sertaneja de raiz, como Tonico & Tinoco e Tião Carreiro e Pardinho, da música nordestina, como Gonzagão e suas áridas composições, ou ainda pelo intelecto palpável do rock de Raul Seixas e Renato Russo, que inspiram até hoje muitos artistas. Todos estes, cada qual com seu estilo, deram aos brasileiros a oportunidade de fazerem das suas canções um hino, e da poesia um grito de alerta, um chamado para a realidade, e por isso foram imortalizados

(Diego Chimango é radialista, de Passo Fundo/RS.)

## Morto não fala...

**XIKO GARCIA**

O dia que eu morrer  
Quero deixar por lembrança,  
Poesias e versos cantados  
Não produtos da bonança,  
Pois daqui nada se leva  
A não ser só a esperança,  
De encontrar na eternidade  
Não o que aqui me cansa,  
Lá paz e sinceridade  
Nunca mais a desconfiança...

Pode não haver mais nada  
Liberdade e nem cobrança,  
Nem o medo de pecado  
Nem da idade que avança,  
Nem a sede de justiça  
Nem vontade de vingança,  
No que escrevo eu vou ficar  
Pra alguém ler quando descansa,  
Também deixo boas músicas  
Pra quem toca, escuta e dança...

Para alguns vou ser saudade  
Registro prova ou lembrança,  
Pra quem agrega pessoas  
E quem odeia a vizinhança,  
Para as cabeças vazias  
Mas bolso cheio e a pança,  
Quem acha que resolve tudo  
Com o saldo da poupança,  
Para alguém que salva vidas  
E quem provoca a matança,  
Quem na fé encontra a cura  
Outros já sem esperança...

# A última viagem

XIKO GARCIA

Um dia Deus vai voltar!  
Tem muita gente que espera,  
Enquanto outros só pensam:  
Que nada! Esse Deus já era!  
Um dia Deus vai voltar!  
Tem muita gente que espera,  
Tem quem vai virar cordeiro  
E que antes era fera...

Ai, ai, ai...  
Um dia Deus vai voltar!  
Vai ter gente rezando,  
Que nunca soube rezar...  
Ai, ai, ai...  
Um dia Deus vai voltar!  
Vai ter gente cantando,  
Que nunca soube cantar...

Esse dia eu imagino  
Que deverá ser assim:  
Dou-te tudo o que tenho,  
Venda-me a vaga pra mim.  
Serão ricos, também pobres.  
Embarcando para a viagem,  
Em uma mesma estação,  
Sem ter que comprar passagem.

Serão todos transportados  
Pela mesma condução.  
Não terá primeira classe,  
Reserva ou numeração.  
Para se embarcar nela,  
Uma simples condição:  
Não poderá ser bandido,  
Mentiroso e nem ladrão...

Pois Deus, ao chegar aqui,  
Não aja por influência,  
Nem deixe alguns brasileiros  
Usar toda a inteligência.  
Com estes até o diabo  
Tentou, mas pediu falência.  
Não agüentou os esquemas  
Que eles põem em evidência,  
Pra enganar o desatento  
Muito mais à inocência.  
É só Deus pra resisti-los  
Mas, se manter a coerência,  
Ele mesmo não vacile,  
Pra evitar a convivência...

Ai, ai, ai...  
Um dia Deus vai voltar!  
Quero ver gente rezando,  
Que nunca soube rezar,  
Ai, ai, ai...  
Um dia Deus vai voltar!  
Vai ter gente cantando,  
Que nunca pode cantar.

E no retorno, os anjos  
Façam nova revisão,  
Pois poderão encontrar  
Algum viajante enrolão,  
Que se parece Maria  
Porém sempre foi João,  
Usando os mesmos nomes,  
Vale também a inversão,  
Pois antes de entrar no céu,  
Todos desembarcarão...

Não vai ter guarda no trânsito,  
Sensibilizando bola,  
Nem assalto na chegada,  
Ninguém vai levar sacola.

A todos que lá chegarem,  
A mesma recepção.  
Não vai ter imprensa escrita  
Nem rádio e televisão.  
Ninguém será entrevistado,  
Ninguém vai dar opinião.  
Ninguém se julga o fulano,  
Ninguém faz oposição.

Será a viagem distinta,  
Por não haver distinção,  
A não ser pela justiça,  
Pela paz e a razão.  
É a esperança que resta,  
Que temos no coração.  
Isto é missão para Deus,  
Porque para homens não,  
Pois aqui são os sacanas  
Que sempre têm salvação.

Pra quem quer modernizar  
E quem tem pavor de mudança,  
Quem só frequenta o trabalho  
Quem só procura festança,  
Quem a consciência é uma pena  
Também quem quebra a balança,  
Pra muitos que até regridem  
E quem progride e avança...  
Pra quem ler que até sem vida  
Em Deus mantenho a confiança...

E da alma feminina e eterna  
Virá o aval ou a fiança,  
Imagino que seja bela  
Cabelo solto ou de trança,  
Pra esta última morada  
Ninguém vai levar mudança,  
Pobre ou rico só a passagem  
É o que sobra como herança...  
No máximo o espírito nu  
Como nasce uma criança...  
E como morto não fala  
Escrevi... Por segurança...

# Na nossa costa... ou nas nossas costas?...

Por causa das calmarias  
Alguém chegou a nossa costa,  
Pois aqui tinha de tudo  
Tudo que a indiada gosta,  
Pois daquela data em diante

“O rolo”... E falsa papelada  
Transforma-se em veredito...  
É a Capitania Hereditária  
Sem batalha e sem conflito,  
Não sou Juiz dessa pelada

A pergunta não tem resposta,  
Será que aqui melhorou?...  
Ou tudo virou numa coisa?...

Mas do meu jeito eu apito...  
Pois desde mil e quinhentos  
Tudo segue o mesmo rito...  
Rezo pra meu pai já morto  
Que no céu seja bendito,  
Foi ele que me ensinou

Pra nós o fato é importante  
Também aceito por certo,

O descobrimento eu penso  
Que já estava descoberto...  
De toda parte do mundo  
Gente pode aqui chegar,  
Uns resolvendo problemas  
E outros vindo pra criar...

Pobre, mas com gabarito,  
Por me manter no hábito  
Meu miolo vira palmito...  
Ao ver cueca, mala e cartão.  
Fica... O dito pelo não dito,  
Poucos tapeando milhões,

E ninguém era vizinho  
Todos lá do além-mar,  
Alguns tidos por bons  
Outros... Bom é nem lembrar,  
Mesmo que já falecidos

Muitos tapeando mosquito,  
É ladrão voando de avião  
E eu fiquei no bolo frito,  
A pé, na procissão do povo.  
Povo que acredita em mito...

Podem vir a incomodar...  
Tipo assim ainda hoje  
Há quem chega e pra ficar...

Meu voto pra esses “santos”  
É um tarugo e não palito...  
Os milagres que eles fazem  
Neste poema está dito...  
Se alguém merece oração

Na verdade minha Pátria  
É um paraíso infinito,  
Pois sempre serviu de abrigo  
De poderosos e de aflito...  
Mas de tanto ser judiada  
Canto e também deixo escrito,  
Quanta coisa oficializada  
Que eu morro e não acredito,  
É gato que passa por coelho  
Lobo em pele de cabrito...  
Grande área escriturada  
O grileiro papa no grito,

É um grupo muito restrito,  
O futuro chega pra todos  
Mesmo que devagarito...  
Que alguém vai reler isto  
No futuro eu acredito,  
Vou ser o finado “XIKO”  
Lembrado como perito...  
Por ver bem nosso presente  
Paro... Penso... E explicito,  
Pra que amanhã não exclamem  
O Brasil... Já foi tão bonito!...

## “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura...”

XIKO GARCIA

Sempre explicito a vida  
Demonstrando a face oculta,  
E encontrei os resultados  
Que só na essência resulta,  
Quem sempre paga o tributo  
Não tem que temer a multa,  
Onde houver grande mentira  
Pequena verdade avulta...

Ver de frente a realidade  
Para alguns se torna insulta,  
Os autores todos morrem,  
A obra ninguém sepulta.  
Tem o que se faz no instinto,  
Bom seria uma consulta,  
Gravidez é uma ocorrência  
Que ao surgir já é adulta...

Sempre existe quem me aplaude,  
Outros vão me desfazendo.  
São coisas da sociedade,  
Por ser assim não me ofendo.  
Em tudo eu sou o que sou...  
E continuar eu pretendo,  
Aparentar e não ser  
É tempo que estou perdendo...

Às vezes fico na moita...  
Mesmo assim eu não me rendo,  
Nem sempre aparecer muito  
É prova que está vencendo,  
Se subir mais não consigo,  
Alegra estar me mantendo,  
Já é uma grande vitória  
Perante os que estão descendo...

Mas, quando mexo com fogo,  
Todo braseiro eu “acendo”,  
Se alguém me comprou por bobo,  
Só se eu não fiquei sabendo,  
E se a vida for um peixe,  
Quanto ao meu, sou eu que vendo,  
Água também fura pedra  
Mas se continuar batendo...

# O meio que me falta

XIKO GARCIA

Se eu viesse de um meio rico  
Ou de um meio conchavado,  
Isto valeria mais...  
Que meio caminho andado,  
Com certeza o outro meio  
Já teriam me arranjado,  
“E meio de saco cheio”  
Nesse meio tenho andado  
Pois sei que é de meio em meio  
Que o inteiro é completado...

Mas eu venho de outro meio  
Que o meio não é culpado,  
Mas pra sair desse meio  
Eu meio tenho ralado,  
Porém quem vem desse meio  
Já vem meio carimbado,  
E daí por qualquer meio  
Somos meio descartados,  
No geral todos os meios  
Deixam-nos meio de lado...

Quase meio a mil e quinhentos  
Abril... Já do meio passado,  
O meio desse descobrimento  
Sempre é meio questionado,  
Tem uns que meio acreditam  
Que isto é meio mal contado,  
Que este meio continente  
Meio... fora visitado,  
Já estava mais descoberto  
Que saldo de aposentado...  
E era um meio paraíso  
E também meio habitado,  
Por quem era do meio  
Que andavam meio pelados,  
Esses foram meio extintos  
Ou vivem meio cercados,  
E um meio de mil anos  
Nesse meio foi passado,  
Sendo aqui meio de muitos...  
É um meio miscigenado,  
Pra cá vem meio de tudo  
Meio sem ser questionado,  
Se sempre foi meio assim  
É mais que meio explicado...  
Por isto no meio do mundo  
Somos meio desacreditados...

Quanto a mim meio ironizam  
Que eu ando meio apartado,  
Que eu tenho que achar um meio  
Mesmo meio inconformado,  
Submeter-me ao meio  
Pois sou meio rejeitado,  
Tem um meio que nem gosta  
De quem é meio informado,  
Dizem que meio dão jeito  
Pra manter meio abafado,  
Mesmo assim por algum meio  
Sempre acabo meio usado,  
E assim meio sem meio  
Meio passo o meu recado...

Para quem é do outro meio  
Sempre um meio é encontrado,  
E quem não for desse meio  
Tudo é meio complicado,  
Mesmo assim procuro um meio  
E meio... Tenho procurado,  
Prometem-me alguns meios  
E meio logo... É o resultado,  
Quero algo meio bom  
Meio ruim, meio tenho encontrado,  
Meio a isto eu sou vovô  
Desses meio motivados,  
Imagem nesse meio  
Ser meio desanimado.

Pra quem não conhece os meios  
Acha até meio engraçado,  
Sermos muito mais que um meio  
Meio desconsiderado,  
Compomos um grande meio  
Assim meio conformado,  
Grande grupo desse meio  
Vive meio desligado,  
E até meio sem pão  
Meio doente e não amado,  
Sempre meio sem emprego  
Ou meio mal assalariado,  
Mesmo assim meio iludido  
Que o meio vai ser mudado...  
Por meios tão prometidos  
Que meio... Tem-nos enganado,  
E através desse meio  
Meio... Aumenta os abonados,  
É meio assim no mundo todo  
Em meio a tudo estão enfiados...

Já ando meio nervoso  
Também meio apavorado,  
Pois só me falta esse meio  
O outro... Meio tenho mostrado...  
Na idade passei do meio  
Mais que meio decepcionado,  
De tanto ver tantos meios  
E nenhum ter me sobrado...  
Quem quer andar meio certo  
É meio assim o resultado...  
Vivo meio de esperança  
Que o meio será encontrado,  
Mas não aqui neste meio  
No meio do outro lado,  
Vou chegar lá nesse meio  
Mais que meio desconfiado,  
Temendo que o meio eterno  
Tenha meio nos copiado...  
Estando meio igual aqui  
O inteiro está contagiado...

# O Mago Ross

MARCO ANTONIO DAMIAN

O ainda incipiente futebol gaúcho dos anos 1910 teve a ajuda técnica dos uruguaios. País de pequenas dimensões começou, assim como a Argentina, a ser industrializado por ingleses e alemães. Nesses países europeus o futebol já era uma realidade, com clubes e competições bem organizadas. Longe da pátria, eles praticavam e ensinavam aos hermanos a técnica futebolística.

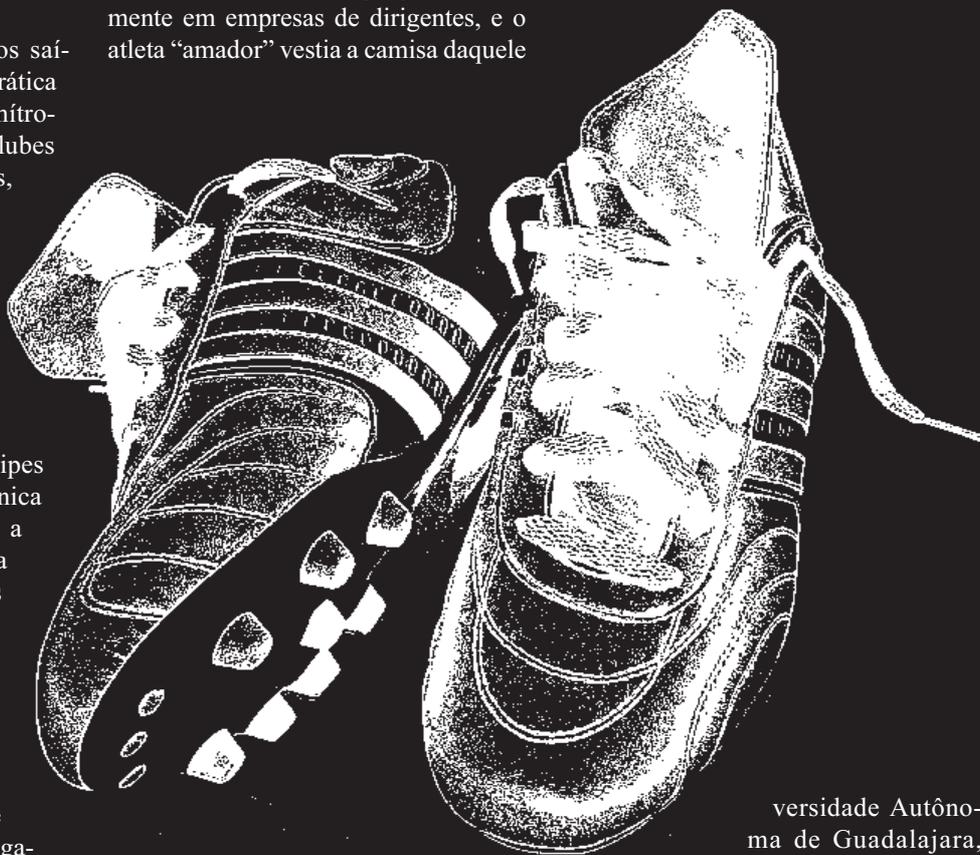
Assim, uruguaios e argentinos saíram muito à frente do Brasil na prática desse esporte. Em razão das limitadas fronteiras, era comum os clubes gaúchos convidarem uruguaios, especialmente, para fazer parte de seus times: 14 de Julho e Grêmio Santanense, de Santana do Livramento; Guarany e Grêmio, de Bagé; Pelotas e Brasil, de Pelotas; Juventude, de Caxias do Sul; Grêmio, Internacional, Cruzeiro, de Porto Alegre. Todos recheavam suas equipes com uruguaios, que além da técnica mais apurada, traziam consigo a força, melhor preparo físico e uma garra ainda incomum em nossas plagas.

Muitos desses craques uruguaios foram decisivos nas primeiras conquistas do recém-criado campeonato gaúcho de futebol. Exemplo foi o Guarany de Bagé, que alcançou o título de 1920, tendo, em seu elenco de jogadores, Esteban Ruiz e Alfredo Granja, ambos oriundos do famoso Penharol, de Montevideú.

O principiante futebol passo-fundense contou com uruguaios já em seus primórdios. O mais famoso deles chegou à terra de Fagundes dos Reis, precisamente em 1926. Chamava-se Donald Ross. Um meia-esquerda de extrema técnica. Habilidoso no trato com a bola, forte, valente, guerreiro. Natural de Montevideú, nascera no ano de 1904, portanto, contava com 22 anos de idade. Chegou para vestir a camisa vermelha do 14 de Julho. Veio de Cachoeira do Sul, onde jogara no ano anterior, trazido por um comerciante cachoeirense que se aque-

renciou em nossa cidade, de sobrenome Trommer. Donald Ross fez sucesso em Passo Fundo. Apresentou um futebol diferenciado, de muita técnica, e ajudou a fazer do 14 de Julho um campeão citadino e regional.

Jogou tanta bola que o Internacional de Porto Alegre o "convidou" a residir na Capital e jogar em seu time. Na época era assim mesmo. Quem queria contar com um jogador em seu elenco, simplesmente convidava-o a residir em sua cidade, arrumava-lhe emprego, normalmente em empresas de dirigentes, e o atleta "amador" vestia a camisa daquele



clube. Dessa forma, Donald Ross ajudou o Internacional a conquistar seu primeiro título estadual, em 1927. Foi um dos artilheiros do time.

Passados três anos, Ross foi jogar no Pelotas, nas mesmas condições em que saíra de Passo Fundo para o Internacional. Naquela época os clubes pelotenses eram tão grandes, economicamente, como os de Porto Alegre. No Pelotas foi mais uma vez campeão gaúcho, em 1930.

Depois Donald Ross, que havia atuado em clubes uruguaios, como Roberto Charley e Defensor, foi para o Chile defender o Santiago Futbol Club, clube já extinto, para encerrar a carreira.

Ao deixar os gramados, passou para a função de técnico de futebol com uma carreira brilhante. Foi campeão rigorosamente em todos os clubes que treinou. Primeiramente, o Colo-Colo do Chile, depois o Millionários da Colômbia. Mais tarde foi contratado pelo futebol mexicano, para sagrar-se campeão no Guadalajara, a primeira conquista do tradicional clube, na temporada 1956/1957, e no Necaxa, em 1960.

Em 1970, o Brasil foi campeão mundial de futebol no México, atuando as primeiras fases na cidade de Guadalajara, onde foi recepcionado e festejado pelo povo mexicano. Foi na mesma cidade que Donald Ross faleceu. Ele treinava a Uni-

versidade Autônoma de Guadalajara, quando foi acometido, em 1972, por um infarto agudo

no miocárdio, dentro de um ônibus urbano, que o levava ao campo de treinamento.

Até hoje o nome de Donald Ross é lembrado e festejado no Uruguai e no México, especialmente, por seus feitos dentro do futebol. Infelizmente o Brasil tem curta memória. A cidade de Passo Fundo e o 14 de Julho contaram com um ícone do futebol mundial e desconhecem este fato.

(Marco Antonio Damian é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



# Origem do povo vêneta

**SANTO CLAUDINO VERZELETI**

**A**o visitar a Turquia com o intuito de efetuar, *in loco*, um estudo a respeito da etnia vêneta que se espalhou pelo mundo todo, cheguei às conclusões referidas na explanação abaixo.

Os caminhos dos vêneta descritos pela História coincidem com o que testemunhamos, ao percorrer as localidades de Istambul, Izmir, Pérgamo, Kusadasi, Éfeso, Antioquia de Pisídia, Konya, Nevsehir, Capadócia e Ancara, até encontrar os afluentes do Rio Kizilirmak (Rio Vermelho).

Dali seguimos para o Norte, margeando o referido rio até as suas planícies, ocupadas naquela época pela tribo vêneta, entre as cidades de Çorum, Osmançik, Saraydüzü, Duragan, até o lago Altinkaya Baraji, seguindo ao norte para Bafra e o Mar Negro.

Esse é o rio mais longo da Turquia. Começa a leste do país e, após formar um grande estuário, deságua no Mar Negro. Tem a extensão de 1882 km, e sua cor valeu-lhe o nome de Kizil, que quer dizer “vermelho”.

Aumentado pelos afluentes, o Kizilirmak (Marassantiya para os hititas, ou Halys, durante o período helenístico e romano), é um dos fatores do incomparável panorama da Capadócia.

Ao longo da história, foi testemunha do nascimento e da queda de grandes civilizações do império hitita.

A região de Anatólia (Éfeso, Pérgamo, Konya, Capadócia e outras da época) possuía relações comerciais com os vêneta, dotados de excelente conheci-

mento agrícola, marítimo e, especificamente, na criação de animais de raça, como o cavalo.

As planícies úmidas do norte da Turquia possibilitaram seu crescimento e acentuado desenvolvimento.

Todos os povos daquela região mantinham propícias relações políticas com os vêneta, uma vez que, em sua organização, não eram dados a guerras. Um grupo de anciãos incumbia-se de dirimir os conflitos.

E sua imigração para outras terras deveu-se às guerras constantes provocadas por outros povos ali radicados.

A revista *QUATRO CIÁCOE (Quatro Histórias)*, da cidade italiana de Pádua, uma publicação mensal em dialeto de cultura e tradição vêneta, em sua edição de Janeiro/2008, confirma a nossa informação a respeito do assunto. Diz a revista:

“I VENETI – I Veneti, di stirpe indoeuropea, invasero il territorio Del Veneto e dell’Istria qualche secolo dopo, insediandosi al posto degli Euganei, ricacciati in qualche vallata secondaria. Gli storici antichi, tra cui il padovano Tito Livio e il greco Erodoto, individuarono nella Paflagonia, in Asia Minore, la loro terra d’origine, in cui i Veneti abitavano assieme ai Paflagoni ed agli Ittiti. Catone, d’altra parte, insisteva sul fatto che i Veneti fossero di stirpe troiana. Mentre il sommo poeta Virgilio nell’Eneide riferisce di quella leggenda di Antenore, un príncipe troiano al seguito di Enea, che, dopo essere penetrato nell’insenatura dell’Adriatico settentrionale, conquistò l’intera regione, fondando Padova, prima di appendere al chiodo le armi grondate di sangue di Troia: diede così una

nuova dimora per gli **Eneti** che capeggiava, da cui derivò il nome di **Veneti**.

Quindi l’epoca a cui gli autori classici attribuiscono la venuta nel Veneto degli Eneti paflagonici va posta poco dopo la guerra di Troia, e cioè attorno al XII secolo, período di passaggio tra l’età del bronzo e quella del ferro. La via di arrivo dei Veneti dall’Asia Minore nell’Adriatico è, secondo le stesse fonti, marittima. Tito Livio riferisce della morte durante la guerra di Troia di Pilemene, il capo degli Eneti, che videro appunto nel già citato Antenore un condottiero in grado di sostituire la precedente guida e di portarli in salvo verso terre lontane, dopo la guerra civile con i Paflagoni che aveva sancito l’impossibilità per loro di continuare la coabitazione in terra anatolica.

I Veneti trovarono nuclei insediativi già stabilizzati, che essi contribuirono a rafforzare e a moltiplicare, costituendo una vera e própria civiltà (detta anche “*atestina*” da Atheste, il nome latino di Este, uno dei centri più importanti), di cui anche nell’Alto Vicentino sono state rinvenute delle tracce: strutture abitative a Castelgomberto, Costabissara, Montecchio Precalcino, Santorso e Trissino; necropoli ad Angarano e Montecchio Maggiore; santuari a Caltrano e Magrè. Denominatori comuni di queste località sono la vicinanza com importanti corsi d’acqua per la pesca e la navigazione e l’ubicazione pedemontana, in genere allo sbocco vallivo dei fiumi stessi.”

(Santo Claudino Verzeleti é membro das Academias Passo-Fundense de Letras e de Ciências Contábeis do RS.)

# O dilema do determinismo



**GILBERTO R. CUNHA**

A palavra tempo está na raiz daquilo que William James (1842-1910) rotulou de dilema do determinismo. Dependendo do entendimento que temos de tempo, pode-se dizer que o futuro está posto ou não. É como reviver o controvertido diálogo travado entre Heráclito e Parmênides (que teria continuidade ao longo do tempo, no pensamento de Epicuro, Lucrecio, Kant, Hegel, Bergson, Heidegger, Einstein e muitos outros, até os tempos atuais). Parmênides insistia que nada era novo. Tudo já existia e continuaria existindo. Por sua vez, Heráclito fincava pé na mudança. Todas as coisas estão em progresso e nada permanece estático. “Nunca pisamos duas vezes no mesmo rio, pois suas águas estão sempre fluindo e se renovando” - disse ele.

Nossa visão de mundo, herança da escola, não raro, mesmo tratando-se de pessoas com titulações acadêmicas elevadas (Ph.D. e Dr.), remonta ao século 19. Uma época em que as leis físicas, formuladas por Isaac Newton, estavam no auge do pensamento científico e eram vistas como o ideal de objetividade do conhecimento. Foi o reinado absoluto da física clássica na ciência. Newton foi formulador de uma teoria determinística. Por ela, a variável *tempo* é vista como sendo reversível. Futuro e passado desempenham o mesmo tipo de papel. Não existe direção na variável *tempo*, no contexto da dinâmica newtoniana. Uma vez conhecida a função que governa um fe-

nômeno qualquer, em um dado tempo, o mesmo pode ser previsto como será no futuro ou, retroativamente, conhecido como era no passado. Reside aí a origem, possivelmente, do determinismo que, de forma consciente ou não, propalamos no nosso dia-a-dia. Embora, para alguns fenômenos, possa haver muito de verdade nisso, o determinismo não pode ser algo correto, pelo seu caráter de restrição. Aceitar a reversibilidade do tempo é dar razão a Parmênides: acreditar num mundo em que nada de novo pode surgir.

A visão clássica, impregnada pelo determinismo, enfatiza ordem e estabilidade no mundo. Este, certamente, não é o mundo que conhecemos, quer seja pela lógica das ciências físicas ou biológicas, quer das sociais ou econômicas. Em tudo no mundo, com um mínimo de esforço, seja em biologia ou na cosmologia, vamos encontrar a flecha do tempo como uma propriedade fundamental do universo. Vingando o ponto de vista clássico, na natureza, tudo seria automático. No entanto, não é isso que se constata. Observam-se instabilidades, bifurcações e evolução por toda parte (basta um pouco de atenção).

A questão que se impõe é o entendimento da irreversibilidade do tempo. Aceitar o conceito de flecha do tempo. Tempo é uma variável que não tem início nem fim. O Big Bang pode marcar o início do nosso universo, mas não necessariamente o início do tempo. O que presenciamos, em associação com a variável *tempo*, é uma sucessão irreversível de eventos. E são esses eventos

físicos afastados do equilíbrio, como ocorre no mundo natural, que dão origem a bifurcações, no contexto da teoria da complexidade, permitindo o surgimento do novo. Com isso passamos a ter uma visão de universo mais satisfatória, que é probabilística e não determinística. Em que, uma vez aceitando-se a irreversibilidade dos processos, não existe periodicidade de eventos. Não importa o que havia antes do Big Bang (nunca vamos saber mesmo). Nessa nova concepção, o aparecimento do universo é um processo irreversível. A direção do tempo é, possivelmente, a mais fundamental das propriedades do universo. Por ela, o futuro não é determinado. Einstein, por exemplo, estava errado quando disse que tempo é uma ilusão. Isso é válido para sistemas integráveis, mas o mundo ao nosso redor é basicamente formado por sistemas que não são passíveis de integração matemática (sistemas complexos).

Diante do exposto, parece que distinguir o antes e o depois ainda continua sendo um mistério para muitos de nós. De qualquer forma, o conceito de irreversibilidade do tempo introduziu uma visão diferente de realidade. Talvez até nos permita ver que o homem não é uma máquina dentro de uma máquina cósmica (como acreditava Laplace) ou abandonar a idéia de que todos somos máquinas, só que não sabemos disso (visão de Spinoza).

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



## Mar Dourado

Enquanto andava,  
Vislumbrava um tapete amarelo  
Que cobria muitas coxilhas.

É como se perdesse a noção do tempo.  
Aquele lavoura sem fim,  
Aquele mar dourado!

O vento sopra, balançava  
Embalava as espigas.  
Era como se ninasse sua criança,  
Acreditando em seu futuro,  
Em uma colheita farta.

O sol amarelava as espigas,  
E o vento as acariciava.  
O trigal tornava-se um mar  
Cheio de ondas douradas.

E o meu coração forte batia,  
E a emoção enchia a alma.  
Era um momento único  
Aquele,  
Em que o trigal acontecia!

Lavouras de trigo são como exércitos de soldados enfileirados  
protegendo seus grãos para que num futuro muito próximo  
aconteça o milagre do pão.



Liciane Toazza Duda Bonatto (óleos sobre tela)  
Homenagem da artista pelos 35 anos da Embrapa Trigo

## Enfim, a obra do amor

Pele alva, lábios doces e carnudos,  
Esguia, pétalas de ouro, olhos verdes,  
Delicada, carinhosa, linda, um anjo!

Lembras, poeta?  
Das noites de sábado,  
Das garrafas de champagne,  
Do olhar perdido,  
Da janela do teu quarto,  
Lembras?

Então, encontraste a mulher amada!  
O anseio do teu espírito.  
A justificativa dos teus dias.  
As linhas dos teus versos.  
Então, encontraste ela!

Quantas foram as noites e os dias!  
Quantas foram as interrogações!  
Quantos foram os momentos de prazer ao imaginá-la!  
Quantas dores, sofrimentos, perdições! ...

Recordas, poeta?  
Quem foram os que te acompanharam?  
Os que te consolaram?  
O lápis e o papel!

E agora, ao lado dela estás.  
Vais abandonar as tuas linhas e palavras,  
Os teus versos, a tua essência?  
Qual o destino dos teus diálogos interiores?

- Pele alva, lábios doces e carnudos,  
Esguia, pétalas de ouro, olhos verdes,  
Delicada, carinhosa, linda, um anjo!

- Encontrei meu grande amor!  
Quase batendo na porta dos 30,  
No meio de um jardim,  
Bem pertinho de mim,  
Encontrei a minha amada.

Ela, a razão das minhas linhas,  
Não impedirá a minha obra.  
A obra vai prosseguir.  
Agora, sob a forma de um dueto!  
Um dueto eterno!  
Um dueto de amor!  
Inicia-se, então, uma bela obra de amor!

## Colônia-nosso lar

Que lugar é este?  
Que luz!  
Que sonho!  
Será devaneio, onde estou?

As cores são mais vivas  
As pessoas mais alegres  
Os pássaros conversam  
O amor é mais fraterno.

Aqui, não há preconceitos  
Não existem ricos e pobres  
Todos se assemelham.  
Existe amor e paz.

Aqui, o azul é mais forte  
O sol amarelo-vida  
As estrelas mais presentes  
E os corações são girassóis.

A água é fonte inesgotável  
O amor é o alimento da alma  
A água purifica e abençoa  
O amor aproxima destinos.

O sono é mais tranquilo  
O infante planta flores  
O idoso brinca no jardim  
Aqui, vive-se o Olimpo.

As lutas são para socorrer  
As pedras, para construir  
A foice, ajuda a plantar  
E os desafios, para realmente crescer.

Aqui, onde nada existe sem amor  
Para receber é indispensável dar alguma coisa.  
Sabe-se que a morte do corpo  
Apenas transforma sem destruir.  
Os laços da alma prosseguem,  
Através do infinito.

# Procura-se solução

**LUCIANA FARIAS**

**D**ia desses, li no jornal uma escritora dizendo que se soubesse que iria morrer, pararia de fazer ginástica. Não li a reportagem completa, pois seus livros são do tipo que não me chamam a atenção. A tal declaração, porém, pôs-me a pensar.

Isso da certeza da morte próxima mudar o rumo da vida não é novidade. Quantas vezes já se ouviu de quem, ao descobrir uma doença terminal ou após ter tido a vida ameaçada, mudou radicalmente o padrão de comportamento, alterou o curso da existência ou passou a ver a vida com outros olhos? Centenas. Há muitos livros e filmes sobre o assunto. Aliás, é uma temática para lá de recorrente. E chata.

O que me fez refletir, em verdade, foi que a certeza da morte é a única que possuímos, sem objeções, sem exceções e sem nenhum diferencial em relação aos demais seres humanos.

Então, por que apenas a iminência do fim é que nos impulsiona a reagir ao que nos deixa insatisfeitos? Eis a questão. Porque, pensando bem, qual a diferença - quando se trata de assumir o que realmente se quer da vida - de saber se morreremos daqui a um mês ou daqui a cinquenta anos? Em princípio, nenhuma. O fim é inadiável para todos.

Mas, então, por que agimos como se fôssemos eternos? Por que adiamos as decisões importantes? Por que sentimos, mesmo estando conscientes do contrário, que sempre teremos tempo de modificar as coisas que nos incomodam?

Não sei quanto a vocês, mas, para mim, tal situação é um martírio. Somos vítimas da nossa própria postergação. Somos enrolados por nós mesmos.

Vejam que patético: temos absoluta certeza de que hora ou outra não estaremos mais nesse mundo, mas, ao mesmo tempo, agimos como se tal fato fosse alheio à nossa realidade.

Há os que dirão: não, comigo é diferente, eu

sou fiel aos meus propósitos, faço o que sinto que devo fazer.

D-u-v-i-d-o. Duvido com todas as minhas forças. Eu mesma faço parte do time que se diz fiel aos próprios sentimentos e objetivos e admito que é a mais descarada mentira. Não faço metade das coisas que gostaria de fazer. E pior, sei disso e continuo não fazendo. Venho procurando incansavelmente as razões desse comportamento medíocre, mas é difícil achar alguma resposta que satisfaça minha própria consciência. No mais das vezes, engano-me com a maior cara-depau. Sim, normalmente, justifico-me por razões externas acerca do fazer ou não fazer isso ou aquilo. A explicação que mais costumo dar a mim mesma é que deixo de satisfazer minhas próprias vontades em função dos outros, para o bem dos outros, pois prefiro amargar a insatisfação do que causar mal ao mundo. E acabo até acreditando nisso. Até me considero, sim, uma pessoa generosa, mas estou longe de ser Madre Teresa. Então, a única conclusão a que chego é que não faço o que quero porque sou um poço de egoísmo. Contra-senso? Em princípio pode parecer, mas, analisando friamente, vejo que, quando não faço alguma coisa pensando que poderei ferir alguém, ajo assim não porque o amor ao próximo seja meu lema, mas, sim, porque não quero sofrer com o peso da culpa! É mais cômodo ser mártir do que algoz. Sei perfeitamente que a vida em sociedade requer certas limitações de conduta e determinados padrões de comportamento. Sei também que é exigido um grau de perfeição impossível de alcançar. O problema é que, nesse ritmo, vamos chegar à beira da morte com uma mala cheia de arrependimentos. Por não termos feito tudo que queríamos, por não termos sido fiéis às nossas vontades, dentre outros tantos clichês do gênero.

Definitivamente, não é fácil. Se alguém tiver alguma solução definitiva, por gentileza, avise-me. Estou com uma certa pressa. Não sei se não vou morrer amanhã.

(Luciana Farias é advogada.)

# História da Medicina em Passo Fundo – Dados relevantes

MARCO ANTONIO DAMIAN

O primeiro “médico” de que há notícias em arquivos locais, entre 1842 e 1845, foi o cidadão Casemiro Antônio Bastide, anunciado como “cirurgião aprovado”, que prestou relevantes serviços ao povoado. Naquele tempo, a medicina era caseira, empregando-se a benzedura, o cataplasma, o emplastro, o unguento feito com sebo do boi e as infusões de ervas. À sangria era aplicada a sanguessuga. Valendo como registro, em 1850, o juiz-subdelegado Cesário Antônio Lopes, recebeu o pedido do senhor Francisco de Souza Neves, que, vindo de Cruz Alta, queria exercer em Passo Fundo a profissão de Professor em Medicina. Teria licença, para essa finalidade, da Câmara de Cruz Alta. Mas, como não apresentou o documento, lhe foi negado o pedido. Nessa época, quando um passofundense dispunha de recursos, mandava chamar um médico de Cruz Alta para atendê-lo. Um deles foi o Dr. Francisco Antônio da Rosa, em 1855, conforme registro no livro “As Missões Orientais”, de José Veloso da Silveira.

Em Passo Fundo, entre os anos de 1850 e 1860, clinicou o senhor Jorge Moojen, que também exercia as funções de Delegado de Polícia, Inspetor de Ensino e outras atividades. Em 1859, um

ofício, anexado ao Livro de Requerimentos Públicos da Intendência Municipal, expedido por Inácio Alves do Nascimento, solicitava licença para receitar remédios caseiros. Anexo ao ofício uma lista de assinaturas de pessoas que comprovavam a competência e lisura do requerente. O pedido foi despachado favoravelmente.

A Saúde Pública em Passo Fundo, segundo registros de relatórios municipais, foi criada em 1902. A municipalidade interessou-se pelo assunto, até então fora de cogitações, pelo sensível acréscimo da mortalidade nos primeiros dez meses daquele ano. Nada menos do que 48 óbitos, contra 21 do ano anterior. Um aumento absolutamente desproporcional ao do número de habitantes. Desta forma, o médico Custódio de Souza, sensibilizado com a funesta realidade, colocou à disposição do serviço público seus préstimos profissionais, gratuitamente. As doenças cardíacas e a bronquite eram as principais ‘causa mortis’.

Apesar da natural salubridade desta região, favorecida pelo clima, pela altitude e mesmo pela sua topografia, não tardaram a aparecer moléstias até então desconhecidas, trazidas especialmente por viajantes, as quais exigiam um servi-

ço mais intenso de profilaxia. A varíola, por exemplo, irrompeu em Passo Fundo, em 1905, obrigando a Intendência a tratar do serviço de vacinação, no que foi, gratuitamente, auxiliada pelos senhores Gezerino Lucas Annes, Oscar Pinto de Moraes, Arnaldo Luiz Hoffmann, Roberto Cunha da Silva e Orozimbo Silva. Essas pessoas, membros da comunidade, em sua maioria exerciam a medicina e a farmácia de forma prática, uma vez que a própria Constituição do Rio Grande do Sul, de inspiração positivista, permitia o livre exercício dessas profissões. Em seu art. 71, parágrafo 5, trazia a seguinte redação: “Não são também admitidos, no serviço do Estado, os privilégios de diplomas escolásticos ou acadêmicos, sendo livre, em seu território, o exercício de todas as profissões de ordem moral, intelectual e industrial”. Os positivistas adotavam um lema filosófico: “Viver às claras”, e, no plano prático, as pessoas pregavam o exercício empírico da profissão. Sobre isso disse o Professor Dr. Martim Gomes, Catedrático de Clínica Ginecológica da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, no livro “Panteão Médico Rio-grandense – Síntese, Cultura e História” (Ramos, Franco Editores, São Paulo, 1943): “É um erro comum



(FOTOS ARQUIVO MARCO DAMIAN)

pensar que o curandeiro milagroso não cura. É um erro pior julgar que ele cura com os remédios que dá, quando a causa da cura é sua personalidade, sua fé. É um erro, porém, perniciosíssimo, partir do fato de que essas curas são devidas à ação espiritual, em condições particulares, para ir até o ponto monstruoso da chamada liberdade de profissão, tal como dominava no Rio Grande do Sul”.

Em 1906, com a finalidade de socorrer os flagelados pela seca e pela praga do gafanhoto, foi criada, em Passo Fundo, a Liga Protetora dos Pobres. Dois anos depois grassou também, em caráter epidêmico, pela primeira vez, a doença da varicela, alarmando a população. Nova campanha de vacinação foi disponibilizada, desta feita comandada pelo Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, o primeiro médico passo-fundense a se estabelecer na cidade, formado, em 1905, na primeira turma da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, em Farmácia e Medicina. Valendo como registro, convém dizer que a Faculdade Livre de Medicina de Porto Alegre, foi criada em 1898, de uma fusão da Escola de Farmácia e do Curso de Partejas. Possuía os cursos de Medicina, Farmácia, Odontologia e Obstetrícia.

O jornal O Gaúcho, editado em Passo Fundo, em sua edição nº 23, de 26.6.1910, publicou a nominata do Corpo Médico que atendia na cidade. Era composto pelo Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, Dr. Alfredo Bruno de Campos, formado pela Academia de Medicina de Nápoles, com revalidação do diploma pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e Dr. José Maria Gomes, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. E os médicos Práticos, Roberto Cunha da Silva, Gezerino Lucas Annes e Romão Lopes da Rosa. Vale salientar que, Gezerino Lucas Annes mantinha uma clínica homeopática, na Rua Paissandu nº 49, “com mais de 30 anos de prática”, como anunciava o jornal O Gaúcho, na edição nº 34, de 7.9.1911. E Romão Lopes da Rosa, “especialista em moléstias de crianças, cura angina, crupe, meningite, coqueluche, hidropisia, em qualquer grau que se encontra, por um processo de sua descoberta, doença esta até hoje incurável, assim como cura asma, bronco-pneumonia e todas as moléstias venéreas e sífilíticas. Com mais de 30 anos de prática, possui consultório contíguo à Farmácia Borges da Rosa, na Rua Moron” anunciava o jornal O Gaúcho, edição nº 18, de 22.5.1910. Assim, após

a primeira década do século XX, Passo Fundo era atendida por três médicos e três práticos, que se arvoravam à Medicina, pelos longos anos do seu exercício. Porém, a convivência entre eles era pacífica e respeitosa.

Dois anos mais tarde, mais um médico chegava à cidade. Tratava-se do Dr. Manoel Perez Hervella, diplomado pela Universidade de Valladolid, na Espanha, e pela Faculdade Médica do Porto, em Portugal, com 40 anos de atendimento em hospitais e clínicas da Europa. Atendia na Rua General Osório, junto ao Máximo Bolner. Igualmente o Major Guilherme Fernandes, prático em Medicina e Farmácia, oferecia seus serviços profissionais à população passo-fundense. Dizia ele que, além de cirurgião da Brigada de Infantaria do Estado, por mais de 30 anos, atendia no foro, fazia arrolamentos, inventários e partilhas. Às pessoas pobres, o atendimento era gratuito, tanto na área Médica, como no Direito. Residia à Rua do Comércio, hoje Avenida Brasil, atendendo somente nas ocasiões em que se achava desocupado dos serviços de seu cargo militar. O anúncio foi veiculado no jornal O Gaúcho, nº 1, ano IX, de 4.1.1912. Essas referências servem para demonstrar a facilidade ao livre acesso profissional. O Major Fernandes era tanto médico prático quanto rábula (advogado não diplomado).

Em 1914, por iniciativa do senhor Antonino Xavier de Oliveira, que reuniu parte da sociedade de Passo Fundo, foi criado o primeiro nosocômio, chamado Hospital de Caridade, que passou a funcionar, de forma ainda precária, em 1918, e em prédio próprio, em 1920.

A propagação, já adiantada em nosso ambiente, de uma enfermidade mais grave, a tuberculose, sobressaltou a municipalidade, que criou, de forma profissional, a rubrica Assistência Pública, em 1915. O primeiro médico que ocupou o cargo foi o Dr. Fernando de Carvalho, formado pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre, em 1913, que havia chegado à cidade um ano antes. Até essa data a Intendência apenas auxiliou nos casos especiais de epidemias, facilitando os meios de vacinação, feita de forma gratuita por médicos práticos e farmacêuticos. Entre 1902 e 1914, as verbas destinadas à saúde pública eram exíguas. Cidade menor, com reduzida pavimentação, de hábitos patriarcais, onde muitas enfermidades, de que se ouvia falar ainda não tinham estabelecido arraiais. A

caridade particular e a benemerência dos médicos e farmacêuticos locais supriam as necessidades. Assim, ao ser criado definitivamente o cargo de médico da municipalidade, com vencimentos estabelecidos, deu-se, implicitamente, o primeiro passo para a evolução do departamento. São do então Intendente Municipal, Coronel Pedro Lopes de Oliveira, estas palavras: “O obituário dessa cidade acusa um grande número de casos que têm como causa essa terrível enfermidade (tuberculose). Há pouco observava-se aqui espaçados casos dessa moléstia, a maior parte deles em pessoas forasteiras, que aqui vinham pelo clima admirável do município. Hoje, infelizmente, os casos de tuberculose se equilibram em número entre os forasteiros e os moradores, existindo irradiações do terrível mal por diversos pontos da cidade”. E foi assim que a Assistência Pública, mesmo de forma rudimentar, foi criada na cidade. A invasão da tuberculose alertou a defesa.

O Dr. Fernando de Carvalho ficou no cargo de médico da Assistência Pública até 1918. Em seu lugar assumiu o farmacêutico prático, Oscar Pinto de Moraes. Nascido em Passo Fundo, em 1876, que, desde os primeiros anos do século XX, aparece como farmacêutico da Farmácia Fidelidade, de seu pai, e, posteriormente, da Farmácia dos Pobres. Mais tarde, em 1911, era proprietário da Farmácia Brasil, com seu irmão Miguel Pinto de Moraes. Na edição do jornal O Gaúcho, de 31.8.1911, a família Marques publicou anúncio de agradecimento pela dedicação e zelo profissional que o médico Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro e o farmacêutico Oscar Pinto de Moraes tiveram, por ocasião da enfermidade de Ignacinha Marques.

Por que então um farmacêutico prático assumiria a Assistência Pública Municipal, se havia, para fazê-lo, médicos diplomados estabelecidos na cidade? Os verdadeiros motivos, que levaram o Intendente Coronel Pedro Lopes de Oliveira a entregar o posto a um prático, são desconhecidos. Presume-se que tenha sido por motivos políticos. Senão vejamos. Em 1917, com a morte do Coronel Gervásio Annes, houve um “racha” no Partido Republicano local e, conseqüentemente, uma disputa pelo poder. A corrente liderada pelo líder do partido, Dr. Vergueiro, secundado por Gabriel Bastos, contou com o apoio do Presidente do Estado, Borges de Medeiros, e da grande maioria dos republicanos do

município. Enfraquecido politicamente, o Intendente Coronel Pedro Lopes de Oliveira, que tentava mais uma reeleição, foi fragorosamente derrotado nas urnas, em 1920. Considerando a importância dada à política naquela época, o número ainda reduzido de profissionais da área atuando na cidade e a condição de médico do candidato oposicionista, é possível que não houvesse um médico diplomado disposto a assumir o cargo público.

O ano de 1918 contou ainda com dois acontecimentos importantes na cidade, com relação à área médica. Em 24 de junho, por iniciativa do Padre Rafael Iop e da Sociedade São Vicente de Paulo, foi criado o Hospital São Vicente de Paulo, que passou a funcionar naquele mesmo ano, e que hoje se transformou num dos maiores hospitais do Rio Grande do Sul. Seu lema: “Justiça, Caridade, Renúncia”. Se a notícia da criação de mais um hospital era alvissareira, a outra foi uma verdadeira catástrofe: a chegada em Passo Fundo, por volta do mês de setembro, da gripe espanhola. Em apenas um ano, a pandemia espalhada pelo mundo dizimou mais de 30 milhões de pessoas. A doença, uma variação do vírus da gripe comum, causava um terrível agravamento de seus sintomas. Sabia-se que a doença era causada pelo frio. O termo *influenza*, sinônimo de gripe, vem do italiano, *influenza di freddo* (influenza do frio). Sua origem ainda hoje é controversa. Uma das primeiras vítimas foi o Rei da Espanha, Afonso XIII, por isso acreditou-se que ela tenha tido origem nesse país. Outros pesquisadores afirmam que teria começado nos Estados Unidos, sendo levada por soldados para a Europa, durante a Primeira Guerra Mundial. A doença se propagou em duas gigantescas ondas: a primeira, no verão de 1918. Nessa fase, muito contagiosa, não causou muitas mortes. Em agosto do mesmo ano, uma forma altamente virulenta da doença se disseminou pelo mundo. No Brasil, foram cerca de 35 mil mortes. Entre as vítimas, o presidente eleito, Rodrigues Alves, que morreu em janeiro de 1919, antes mesmo de assumir outro mandato. Em Passo Fundo, os historiadores afirmam que cerca de duas mil pessoas morreram, em razão de terem contraído a doença. Nos dois hospitais do município, várias pessoas que, voluntariamente, ajudavam os enfermos, adquiriram a doença e algumas faleceram.

Uma prática comum, desde os primei-

ros anos do século passado até meados da década de 30, era a chamada “excursão profissional”. Médicos especialistas, vindos principalmente de grandes centros, como Porto Alegre, São Paulo e até mesmo do Uruguai e Argentina, chegavam a Passo Fundo, hospedando-se em hotéis, onde davam consultas. O jornal *O Gaúcho*, edição nº 15, de 29.4.1917, anunciou: “Dr. Júlio de Souza Velho, Professor da cadeira de olhos, ouvidos, nariz e garganta, da Escola de Medicina de Porto Alegre, ex-assistente do Professor Victor de Britto e Chefe de Enfermaria das mesmas especialidades da Santa Casa, em excursão profissional por esta cidade, oferece seus serviços à população, tanto médicos como cirúrgicos. Informações com o Dr. Carvalho”. Ou ainda, na edição nº 11, de 13.3.1915, do mesmo jornal, que noticiava: “Professor Giordano. Médico Cirúrgico. Notável médico, Dr. Érico Giordano, professor de ‘traumatologia’ da Faculdade de Nápoles, e sócio-honorário da Sociedade Médica de Buenos Aires, pretende permanecer algum tempo nesta cidade, e oferece ao público seus serviços profissionais. Acha-se hospedado no Hotel Familiar, onde dá consultas, das 9 às 11 horas da manhã e das 4 às 7 horas da tarde”.

Ainda em 1918, a municipalidade criou o cargo de Médico Municipal, no Povoado de Carazinho, e nomeou para exercê-lo, independente de remuneração, o Dr. Eurico Araújo. No mesmo ano fixaram residência em Passo Fundo, os médicos: Dr. A.L. Lorenzini, diplomado pela antiga Universidade de Camerino, Itália, em 1906; e Dr. Armando Torres de Vasconcellos, que montou uma farmácia homeopática e o respectivo laboratório. Durante a gripe espanhola, o Dr. Vasconcellos atendeu 18 pacientes infectados, em sua própria residência, pois não existiam mais leitos nos hospitais.

Antes mesmo dos hospitais concluírem as obras de seus prédios, em 1920, aventou-se a possibilidade de ser realizada uma fusão entre eles. A tentativa foi rechaçada pela direção do Hospital de Caridade, que era uma instituição perpétua e, portanto, sua existência e norma não podiam ser alteradas, segundo os estatutos. Ademais, existia um confronto entre a Maçonaria, que mantinha a direção do Hospital de Caridade e a Igreja Católica, mantenedora do Hospital São Vicente de Paulo. Foi a primeira e única vez em que tal fato foi cogitado.

O ano de 1921 foi profícuo para a me-

dicina de Passo Fundo, com a chegada na cidade de vários médicos de elevado conceito profissional, que, com o passar dos anos, deram relevante contribuição para o progresso e para a história da medicina. Entre eles, Dr. Dino Câneva, médico italiano, competente cirurgião, que serviu como médico-militar na 1ª Guerra Mundial; Dr. Frederico De Marco, formado pela Universidade de Bolonha, Itália, com serviços prestados em hospitais de Paris, Roma, Buenos Aires e São Paulo; Dr. Emilio Eifler, formado pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre, que serviu como interno na Santa Casa de Misericórdia; Dr. Odilon Berendt de Oliveira, cirurgião e obstetra, formado pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre; Dr. Irineu Vasconcellos, irmão do Dr. Armando Vasconcellos, com quem dividia clínica e farmácia; e Dr. Antonio Carlos Rebelo Horta, diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com prática na maternidade de Laranjeiras e Instituto de Proteção à Infância, da Capital Federal. Atendia como clínico geral e pediatra. O Dr. Rebelo Horta foi uma pessoa atuante em vários segmentos da sociedade. No aspecto político, como líder do Partido Libertador, no aspecto social, como dirigente do Clube Comercial; e no esportivo, como presidente do Sport Club Gaúcho. Além disso, foi o primeiro Diretor Clínico do Hospital São Vicente de Paulo, em 1933, quando este cargo foi criado.

O jornal *A Época*, nº 59, de 16.3.1922, traz matéria sobre o Hospital São Vicente de Paulo, que enfoca: “... O notável empreendimento da construção do hospital, levado a efeito pelos esforços do incansável benfeitor Rev. Padre Rafael Iop, tem continuado com notável progresso sob a administração da Exma. Diretora Madre Innocência, auxiliada eficazmente por três irmãs de caridade. A seção dos pobres, comportando dez a doze doentes, está quase sempre completa, com real benefício à indigência. Os humanitários médicos, Drs. Antonio Rocco e Dino Câneva, continuam prestando seus serviços profissionais ao hospital e socorrendo gratuitamente a pobreza, com os recursos da ciência que cultivam”. Essa citação dá a exata dimensão da missão do médico, que fazia um verdadeiro sacerdócio de sua profissão.

No mesmo ano, Passo Fundo conheceu a primeira médica a clinicar na cidade. Tratava-se da Dra. Célia Pedrosa, especialista em doenças de senhoras e



Direção, médicos, e enfermeiras do hospital de caridade

crianças. Chegou acompanhada do esposo, também médico, Dr. Achylles Pedroso. Mantiveram, por alguns anos, consultório junto à Farmácia Borges da Rosa.

Ainda em 1922, o jornal *A Época*, nº 62, de 6 de abril, parecia antever, em muitos anos, o que aconteceria em Passo Fundo, em relação a ser um pólo médico-hospitalar de excelência. A notícia precisava o seguinte: “Anexo ao Hospital de Caridade, que sofreu reformas para este fim, foi aberto um gabinete médico, chamado Policlínica, sob a direção dos Drs. Nicolau Vergueiro, Arthur Leite e Frederico De Marco, a qual dispõe de todo o material necessário – corpo de enfermeiros habilitados, aparelhamento completo de cirurgia, grande autoclave para esterilização do material cirúrgico, e um aparelho de raios-X para radioscopias, radiografias etc. Possui poderoso microscópio para exames no campo da microbiologia. Serão feitos também exames completos de urina e de sangue, pela reação de Wasserman, Widal etc. (...) Passo Fundo se tornará em breve o centro médico de todas as localidades menores dessa região”.

Se os médicos e hospitais tratavam de

buscar novas tecnologias e avançavam para as curas das doenças, a saúde pública continuava sofrendo com o descaso. O Relatório Municipal de 1924 acusa que 33% dos óbitos foram registrados como ‘sem assistência’ médica, ou seja, em cada 100 pessoas que faleceram, 33 não tiveram nenhuma assistência, sem atestar a causa mortis. E considerando que, entre essas 100 pessoas, as ricas ou as simplesmente remediadas, e mesmo aquelas que dispunham de algum recurso, por parcos que fossem, apelaram para a medicina particular, chegaremos à conclusão insofismável de que sobre esses 33% recaiam a pesada carga da miserabilidade inteiramente desprotegida.

A partir de 1926, a saúde pública teve uma sensível melhora. O Departamento de Assistência Pública foi entregue ao Dr. Arthur Leite, que realizou uma série de melhoramentos, entre eles a aquisição de um microscópio Lentz, de última geração. Notável também foi o combate à sífilis, causa de 25% dos casos atendidos pela Assistência Pública. Ao término da administração Armando Annes, o Dr. Arthur Leite afirmou em seu relatório: “O terreno está preparado. Fácil será

aos vindouros melhorar, modificar, ampliar e desempenhar com maior proficiência o cargo que ocupamos. Reconhecemos que ainda existem lacunas a preencher, mas, como já observamos, agimos sempre dentro do círculo de ferro, que uma verba limitada, para uma seção com tão pesados encargos, oferece”. Referindo-se ainda ao Intendente que deixava o cargo, salientou: “Um ligeiro confronto desse relatório, com o dos anos anteriores, demonstra, de maneira frisante, o aumento progressivo da frequência, nesse serviço, cuja organização é relativamente recente. Procuramos seguir à risca a diretriz que delineastes, movido pelo sentimento de filantropia, e impressionado com o número elevado de infelizes que pereciam ao abandono, sem assistência médica – fatos que só poderão agora se reproduzir por ignorância ou má vontade – já que resolvesse organizar a seção que me confiaste”. Passo Fundo estava entrando numa outra década (30) e com outra mentalidade em termos de saúde pública.

Armando Annes deixou a Intendência para o Dr. Nicolau Vergueiro, que manteve como médico da Assistência Pública o Dr. Arthur Oliveira Leite. Po-

rém, em 1930, Vergueiro deixava o cargo para assumir, no Rio de Janeiro, a cadeira de Deputado Federal. Assumiu então Henrique Scarpelini Ghezzi, que a princípio conservou no cargo o Dr. Arthur Leite, o qual, meses depois, solicitou seu afastamento. Assumiu o Dr. Armando Torres de Vasconcellos, tomando medidas práticas e eficazes, em relação à saúde pública e à higiene. Com relação à saúde pública: 1º - Transferir o consultório do prédio da Intendência para junto do Hospital de Caridade; 2º - Atender as pessoas por ordem de chegada; 3º - Realizar visita diária de inspeção nas enfermarias dos hospitais, para atendimento aos indigentes; 4º - As fórmulas e preparados seriam aviados e fornecidos pela farmácia do hospital, com o carimbo da assistência pública; 5º - Anexo ao consultório funcionaria um posto permanente de vacinação contra a varíola; 6º - O atendimento domiciliar seria feito ao indigente pelo médico da Assistência Pública, somente em casos de urgência; 7º - O serviço de Obstetria ao indigente seria atendido exclusivamente no hospital, com a municipalidade pagando o transporte da enferma; 8º - Cirurgia feita pela assistência social, somente quando de emergência, por acidente ou desastre, cabendo ao médico da Assistência apelar para a magnanimidade de algum cirurgião da cidade, quando necessário fosse.

Com relação à higiene municipal, algumas medidas, hoje curiosas, eram necessárias para a prevenção das moléstias. Entre elas: 1º - Limpeza das ruas. Contratação de pelo menos dois funcionários para varredura diária das ruas calçadas, serviços divididos por zonas e inspecionados pelo fiscal de higiene; 2º - Águas e esgotos. Extinção das fossas sépticas e substituição por esgotos canalizados, para melhorar a qualidade da água dos poços. Como providência inicial, criação de um departamento para recolhimento e remoção do material fecal; 3º - Matança de ratos. Funcionários do serviço de higiene pública deverão, nos dias de chuva, ir a todas as casas levar alimentos com veneno para ratos; 4º - Matança de cães vadios. 5º - Sugerir à população que use recipientes com tampa para o depósito de lixo; 6º - Desinfecção de prédios ocupados por pessoas com doenças contagiosas, no caso de cura ou morte do paciente; 7º - Mercadinhos, casas de frutas e botequins, rigorosamente fiscalizados pelo serviço de higiene; 8º - Em hotéis, pensões, pen-

sionatos, rigorosa fiscalização na cozinha, pátio e latrina; 9º - Barbearias devem possuir mesa com tampo de mármore e pia com reservatório de água; 10º - Fiscalização da qualidade do leite e limpeza dos vasilhames. As medidas foram executadas à risca, e todas as semanas o jornal O Nacional publicava os atos do relatório da Higiene Pública. Várias quitandas, bares e armazéns, tambos de leite e barbearias, foram fechados, temporariamente, até se adequarem às normas.

Outra inovação que chegava a Passo Fundo, no final dos anos 20, mais precisamente em 1928, foi a instalação do primeiro Laboratório de Análises Clínicas Tristão Ferreira. Estava alojado junto à Farmácia Central e tinha como responsável o Farmacêutico Tristão Feijó Ferreira, formado em Farmácia pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre, em 1924. Tristão Ferreira foi professor das disciplinas de Química e História Natural do então Instituto Ginásial, hoje IE.

No dia 13 de junho de 1931, no andar superior da Farmácia Central, os médicos, Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, Henrique Benedito Frydberg, Tenack Wilson de Souza, Miguel Kozma, Arthur Oliveira Leite, Armando Torres de Vasconcellos, Dino Câneva, Antonio Carlos Rebello Horta, Clodoaldo Brenner, Odilon Berendt de Oliveira e Bruno Pelegrini, se reuniram para tratar de dois assuntos de especial relevância. O primeiro era a construção de um sanatório na cidade, e o segundo, a criação da Sociedade Passo-Fundense de Medicina.

Alarmados com o grande número de pessoas tuberculosas, os médicos Tenack Wilson de Souza e Miguel Kozma levaram, àquela reunião, o projeto para instalação de um sanatório em Passo Fundo, inexistente no Rio Grande do Sul. O isolamento dos tuberculosos era necessário em razão do alto contágio da doença. Os hospitais locais não possuíam as melhores condições para o atendimento da terrível enfermidade. Foram realizados estudos climatológicos e estes foram favoráveis. A Prefeitura Municipal cederia a área para construção do sanatório, na saída para Soledade. Os Drs. Tenack e Kozma seguiram a Porto Alegre, para tratar do assunto com a Diretoria de Higiene do Estado, e o projeto físico foi entregue à firma Dahne & Conceição, da Capital. Quando todos os olhos estavam voltados para a concretização do sanatório, uma voz se levanta-

to em contrariedade. O jornalista José de Sá Britto, assinando com o pseudônimo U. V. Xis, publicou vários “a pedido” no jornal O Nacional. Dizia que Passo Fundo se tornaria uma “cidade fantasma” ou “cidade dos mortos”, e que todos os tuberculosos do Rio Grande do Sul viriam a Passo Fundo para morrer e contagiar a população. O entusiasmo inicial arrefeceu. Até uma pesquisa foi sugerida, para que médicos especializados na doença opinassem sobre os perigos que a iniciativa pudesse trazer à cidade. Mas nem mesmo essa pesquisa foi realizada. A população amedrontada ficou contrária à idéia, e o sanatório não saiu do papel. Alguns anos depois, o mesmo projeto idealizou o Sanatório Belém, construído em Porto Alegre.

A Sociedade Passo-Fundense de Medicina foi oficialmente criada no dia 14 de julho de 1931. A presidência ficou com o Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, sendo secretário geral, o Dr. Henrique Benedito Frydberg, orador, o Dr. Antonio Carlos Rebello Horta e bibliotecário, o Dr. Clodoaldo Brenner. Entretanto, a primeira ata oficial ocorreu na reunião ordinária do dia 3 de junho de 1932. Foi a Sociedade Passo-Fundense de Medicina que, em 1931, recebeu com hospitalidade e pompa, a Srta. Anita Garibaldi, neta da “Heroína de Dois Mundos”, também denominada Anita Garibaldi. A visitante, em que pese seus amplos recursos materiais, servia nas batalhas e guerras, como enfermeira voluntária.

Na década de 30, a maior reivindicação dos médicos passo-fundenses, junto aos órgãos governamentais, se chamava saneamento urbano. Era inacreditável que, entre as grandes e mais importantes cidades gaúchas, somente Passo Fundo não possuía sequer água encanada. A cidade era uma célula isolada no organismo progressista do Rio Grande do Sul. Em março de 1935, surgiram os primeiros casos da febre tifóide. Outras doenças surgiam e se multiplicavam, por uma simples razão. Os médicos a apontavam com unanimidade. O grande agente provocador dessas doenças residia na insalubridade da água. A Prefeitura Municipal havia ficado acéfala com a renúncia, em caráter irrevogável, do Prefeito Armando Annes. Assumiu em seu lugar, interinamente, o Sub-Prefeito, Coronel Maximiliano de Almeida. Homem de caráter e dinamismo, ouviu a reivindicação médica e chamou ao seu gabinete o Sr. Antonino Xavier de Oli-



Enfermeiras e funcionários do hospital de caridade

veira, homem probo e igualmente preocupado com as questões do município, para que, juntos, fossem a Cruz Alta receber informações sobre como funcionava o seu saneamento urbano. Incontinenti, Antonino informou ao Prefeito que já existia, desde 1917, um projeto que viabilizava o saneamento urbano, elaborado pelo Dr. Saturnino de Britto, chamado na época 'Príncipe dos Engenheiros', pela excelência de seus trabalhos. Verificando o projeto, Maximiliano de Almeida constatou que o então Intendente, Pedro Lopes de Oliveira, havia despachado o projeto, 'em caráter de urgência'. Porém, ele acabou esquecido pelos seus sucessores. A cidade, evidentemente, entre 1917 e 1935, havia crescido e o projeto teve de ser readaptado à nova realidade. Porém, o custo financeiro da obra assustava o novo Prefeito, Nelson Ehlers. E novamente surgiram as contrariedades. Ao longo de sua história, Passo Fundo conviveu com brigas políticas e interesses partidários e até mesmo pessoais. De um lado, o historiador e Membro da Academia Passo-Fundense de Letras, Heitor Pires da Silveira, lançava artigos nos jornais, favoráveis à obra de saneamento urbano, com sugestões de onde se levantariam os valores para tal. Até mesmo o Laboratório de Análises Clínicas Ros, de propriedade de Germano Roman Ros, aqui

estabelecido, colocou seus serviços e seus equipamentos à disposição para a análise da água. Por outro lado, o poeta e confrade Gomercindo dos Reis era veementemente contrário, pois alegava que esses custos seriam repassados aos contribuintes, com o aumento do imposto predial. Invocava a atenção do Sr. Arthur Lângaro, Presidente da Associação Comercial. Silveira rebatia afirmando que Gomercindo era contrário, pois era proprietário do Escritório de Corretagem Birô Reis, e por isso tinha interesses pessoais no caso. Em meio ao fogo cruzado, a população. Após tantas rusgas, a instalação da Cia. Hidráulica Rio-Grandense se deu na segunda metade da década de 40, portanto, extremamente tardia. Localizava-se na Vila Cruzeiro, antigo campo do 14 de Julho, e atendia apenas a parte central da cidade, situação que perdura até os dias atuais.

O consultório da Assistência Pública, que desde 1931 funcionava no Hospital de Caridade, passou a atender no Hospital São Vicente de Paulo, em 31 de janeiro de 1935. Quando encerrou o primeiro contrato, a municipalidade efetuou uma concorrência pública, vencida pelo Hospital São Vicente.

O Capitão-Médico Dr. Enapino Brusque de Andrade, pertencente ao IIIº 8º Regimento de Infantaria, chegado a Pas-

so Fundo em setembro de 1936, trouxe outra novidade. Promoveu uma campanha de higiene pessoal e coletiva, através de filmes educativos, cujas sessões se davam no Cinema Coliseu.

O jornal O Nacional, de 26.2.1938, trouxe uma matéria assinada pelo senhor Heitor Pinto da Silveira, que pedia a contratação de mais médicos pela municipalidade. Afirmava ele que, apenas um médico para atender a cidade e todo o município, era um desperdício para com a população. Um município com aproximadamente 75 mil habitantes não poderia contar com a boa vontade e o labor extenuante de apenas um médico. Listava os distritos de Passo Fundo, nessa época, e suas distâncias, tais como: Campo do Meio (45 km), Coxilha (28 km), Nonoai (148 km), Marau (35 km) Júlio Mailhos (hoje Sarandi – 85 km), Sede Teixeira (hoje Tapejara – 59 km), Colônia Ernestina (44 km), Água Santa (56 km), Sertão (46 km) e Águas de Rondonia (100 km). Finalizava sua prédica citando o livro "Filosofia de Vida", de Will Durant, tradução de Monteiro Lobato: "Assim foi no passado, assim será no futuro. Talvez os mais pobres jamais desapareçam da vida, porque não passam dos inevitáveis resíduos que o processo de seleção vai largando pelo caminho".

O artigo 1º do Decreto 19.398, de 11.11.1938, do Governo Federal, proibiu

a comercialização de medicamentos fora das farmácias. Antes, os remédios eram vendidos livremente em lojas e armazéns.

No dia 22 de maio de 1939, foi instalada em Passo Fundo o Posto de Higiene, departamento da Secretaria Estadual de Higiene e Saúde. Oferecia serviços de profilaxia das doenças transmissíveis; higiene pré-natal; higiene infantil; combate às verminoses; fiscalização de higiene; serviço dentário e serviço de educadoras sanitárias, que visitavam as residências. O Posto de Higiene funcionava numa casa localizada na Rua Uruguai, defronte à Praça Tamandaré. Era chefiado pelo Dr. Armando Torres de Vasconcellos que, desde 1934, fora nomeado Delegado Regional de Higiene e Saúde. Posteriormente, o Posto de Higiene foi transferido para a Avenida Brasil, num prédio localizado defronte à antiga Prefeitura Municipal.

A primeira Escola Profissional de Enfermagem e Parteira Prática funcionou a partir do dia 1º de maio de 1940, nas dependências do Hospital de Caridade. As formandas, ao final do curso, recebiam diploma de enfermeira e parteira, reconhecido pelo Departamento Estadual de Saúde. Numa entrevista à imprensa de Porto Alegre, sobre a escola de Passo Fundo, o Dr. Bonifácio Paranhos da Costa, do Serviço de Higiene e Saúde do Estado, afirmou: “A Escola do Hospital de Caridade está destinada a ser uma escola padrão no Rio Grande do Sul”. Seu primeiro corpo docente foi formado pelos médicos: Tenack Wilson de Souza, Armando Torres de Vasconcellos, Arthur Oliveira Leite, Clodoaldo Brenner, José Carlos de Medeiros, Jovino Freitas, Miguel Gonzales Sebastião, Telmo Ilha, Fernando Lins e pelo farmacêutico Tristão Feijó Ferreira. Tenack Wilson de Souza foi o primeiro Diretor da Escola, seguido por Dr. Fernando Lima, Dr. Jovino da Silva Freitas e Dr. Admar Petracco. A Escola funcionou durante 32 anos, até 1972, encerrando suas atividades por motivo de mudança no ensino, efetuada pelo Ministério da Educação e Cultura.

Não há como se referir à história da Medicina sem mencionar o trabalho paciente e hábil das parteiras. Por suas mãos nasceram milhares de passo-fundenses, que depois se tornaram homens ilustres e muitos deles médicos de alta competência. Duas delas são lembradas até hoje pelos mais antigos: Natália Bonella e Angélica de Castro Otto. Bonella nasceu em Trento, Itália, em 1887. Di-

plomou-se no Curso Superior de Obstetrícia em Innsbruck, Áustria. Participou voluntariamente como enfermeira na 1ª Guerra Mundial. Foi Diretora das Maternidades de Trento e Val Sugana, na Itália. Chegou ao Brasil, por volta de 1925, onde se aperfeiçoou e revalidou seu diploma em Hospitais de São Paulo. Fixou residência em Passo Fundo, em 1929, a convite do Dr. Dino Câneva, que já a conhecia na Itália. Com ele montou uma Casa de Maternidade e, quando ela se tornou pequena, criou outra, junto com o Dr. Arthur Leite, anexa ao Hotel Itália, na Rua General Osório. Natália Bonella faleceu em Passo Fundo, no dia 15 de outubro de 1976.

Angélica de Castro Otto, natural da cidade de Rio Grande, se formou no curso de Enfermagem e Obstetrícia, na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Chegou a Passo Fundo em 1937, e atendeu aproximadamente quatro mil parturientes. Faleceu, aos 81 anos de idade, no dia 15 de agosto de 1972, nesta cidade.

Em 1940, aqui chegou, para fixar residência, o médico Sabino Arias. Profissional altamente competente e preocupado com o social. Passou mais de 10 anos atendendo a Assistência Pública, e percebendo, como os demais que o antecederam, parcos vencimentos. Homem de visão empresarial, edificou obras e loteamentos. Participativo, ligou-se a vários segmentos médicos e outros, que contribuíram para o desenvolvimento e progresso da cidade. Deixou Passo Fundo para ir residir no Rio de Janeiro, em meados da década de 60, mas continuou colaborando, mesmo de longe, para que empreendimentos necessários para a cidade fossem concluídos, como, por exemplo, a Faculdade de Medicina da UPF.

Partiu dos médicos, Dr. Armando Torres de Vasconcellos e Dr. Álvaro José Martins, junto com um grupo de rotarianos, especialmente senhoras da sociedade passo-fundense, a iniciativa de criar a Sociedade de Amparo à Maternidade e Infância (Sami), em 12 de abril de 1942. Essa entidade filantrópica atende mães e crianças carentes até o presente momento.

No ano seguinte, reorganizou-se a seção da Cruz Vermelha em Passo Fundo, tendo como Presidente a Sra. Djaniara Lângaro.

O Dr. César José Santos inaugurou, em 1944, a clínica que levou seu nome. Realizava serviços de radiologia, radio-

grafia, radioterapia e abreuografia. Por quase 60 anos atendeu os passo-fundenses.

Em 1946, assentaram residência e consultório em Passo Fundo, os médicos Dr. Sawa Lachno, de origem russa e larga ficha profissional na Europa, e o Dr. Giovanni Maffei, italiano, formado pela Universidade de Nápoles, em 1928, com trabalho no Hospital Humberto I, de São Paulo, e vindo da cidade de Guaporé. O Dr. Giovanni Maffei foi o responsável pelo consultório montado no Círculo Operário, para atendimento aos seus associados.

A Associação Médica do Rio Grande do Sul, seção de Passo Fundo, foi instalada em 1951, e teve como primeiro Presidente o Dr. César José dos Santos; Vice-presidente, Dr. Jesus Mário Flores Lopes; 1º Secretário, Dr. Bernardino Costa Santos; 2º Secretário, Dr. Demócrito Santana; 1º Tesoureiro, Dr. Alberto Lago e 2ª Tesoureira, Dra. Josephina Balestreros. Os demais fundadores da Amrigrs de Passo Fundo foram os médicos: Abid Jevet, Alípio Kopper, Antonio Marinho Albuquerque, Clodoaldo Brenner, Guido Padilha, Henrique Frydberg, José Carlos de Medeiros, Jovino da Silva Freitas, Luis Phelippe Pereira da Cunha, Miguel Tabbal, Nicolau de Araújo Vergueiro, Odaglas Salgado, João Oreste Medaglia, Paulo Prates Aveline, Sabino Arias, Sawa Lachno, Telmo Ilha, Tobias Wainstein e Wolmir Foresti.

No dia 1º de janeiro de 1954, foi instalado em Passo Fundo o Serviço de Assistência Médica e Domiciliar de Urgência (Samdu). Foi um serviço de atendimento médico criado em fevereiro de 1950, pelo Presidente Eurico Gaspar Dutra, e tinha como limites pré-fixados de atendimento, os contribuintes e beneficiários dos institutos e caixas de aposentadoria e pensão. No governo Getúlio Vargas, graças à interferência do Ministro do Trabalho Indústria e Comércio, João Goulart, o atendimento, uma vez conveniado pelas prefeituras, se estendeu a todos, indistintamente. Em Passo Fundo, o convênio foi firmado na gestão do Prefeito Daniel Dipp, e assim o Samdu encampou o Serviço de Assistência Pública Municipal.

Inicialmente, o Dr. Sabino Arias, que era médico da Assistência Pública, foi convidado para chefiar o Samdu. O convite foi recusado, pois o Dr. Sabino Arias estava de viagem de estudos marcada para os Estados Unidos e Europa. Assumiu a chefia do Samdu o Dr. Paulo



Frydberg

Fragomeni, que clinicava na localidade de Ciriaco. O serviço funcionava em duas salas do prédio do Círculo Operário, cedidas pelo Ministério do Trabalho. Contava com uma ambulância e dois jipes, para locomover os médicos aos atendimentos domiciliares. O Samdu começou a funcionar oficialmente no dia 18 de janeiro de 1954, após solenidade de instalação que contou com a presença do Dr. Tasso Vieira de Faria, Diretor Geral do Samdu no Rio Grande do Sul. Além do atendimento médico, o Samdu distribuía remédios gratuitamente. Na primeira semana de funcionamento, o serviço atendeu mais de 100 pessoas por dia, e contava com os préstimos profissionais dos médicos, Paulo Fragomeni, João Oreste Medaglia, Hélio dos Santos Ferreira, José Carlos de Medeiros, Bernardino da Costa Santos, Abid Jevet, Matilde Wally Koernick Ferreira e Telmo Ilha.

Em agosto do mesmo ano, o Presidente Getúlio Vargas se suicidou, sendo substituído pelo Presidente Café Filho. Em janeiro de 1955, o Governo Federal, alegando necessidade de contenção de despesas, resolveu extinguir os serviços em várias localidades brasileiras, entre elas, Passo Fundo. A Assistência Pública voltou a ser competência da municipalidade. Porém, graças aos esforços da classe médica e de políticos locais, no mesmo ano o serviço foi restabelecido. O Samdu funcionou até 1968, quando, num ato governamental, todos os institutos e caixas de pensões e aposentadorias foram fundidos num só, o Instituto Nacional de Previdência Social, e a assistência pública ficou sob a responsabilidade do Governo Federal.



Luís Philippe Pereira da Cunha

Ainda em 1954, foi instalado o Instituto Médico Legal de Passo Fundo. Antes, quando se exigia, o médico legista vinha de Porto Alegre, o que ocasionava sérios transtornos para os familiares do “de cujus”, pois não eram raros os casos de espera de dois ou três dias para a chegada do profissional, através de estradas de chão batido, que, em dias de chuva, eram intransitáveis. O primeiro médico-legista foi o Dr. Odaglas Salgado.

Em 1958, o Posto de Higiene já se chamava Centro de Saúde. Após vários anos em construção, finalmente, no dia 30 de agosto daquele ano, o novo prédio do Centro de Saúde, situado na Rua Paisandu esquina com Fagundes dos Reis, onde está instalado até hoje, foi inaugurado. A área para construção foi doada pela municipalidade, na administração do Prefeito Armando Annes. Atendido pelo Dr. Jesus Mário Flores Lopes, o Centro de Saúde dispunha dos serviços de dispensário de higiene pré-natal; higiene infantil; higiene pré-escolar e escolar; serviços de tuberculose; serviço de doenças venéreas; serviço de profilaxia da lepra; serviço de doenças transmissíveis; serviço de biometria médica e gabinete dentário.

Também em 1958, o Dr. Tobias Wainstein inaugurou a Samgi (Serviço de Assistência Médica Gratuita aos Indigentes). Funcionava na Rua Moron, numa sala cedida pela Ação Católica. O fornecimento de remédios, de forma gratuita, era uma doação de empresas locais e farmácias.

No ano seguinte, ao apagar das luzes de sua administração, o Prefeito Wolmar Antonio Salton inaugurou oficial-

mente o Hospital Municipal. Era o dia 30 de dezembro de 1959. Já no segundo dia de funcionamento, o médico Alberto Lago realizou uma operação de vesícula em um paciente. Ele foi em seguida designado como o Diretor do hospital, ocupando o cargo por muitos anos.

A Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo, criada em 1950, requereu ao Ministro da Educação, no dia 10 de julho de 1961, autorização para o funcionamento da Faculdade de Medicina. Era o primeiro e embrionário documento formulado para a concretização dessa faculdade.

A década de 60 foi altamente proficiente para a Medicina em Passo Fundo. Vários médicos aqui chegaram e novas clínicas foram instaladas. Era uma espécie de preparação para a criação da Faculdade de Medicina que, ao longo do decênio, foi legitimando sua formação. Já em 1964, foi criado o Banco de Sangue Oswaldo Cruz, pelo médico Dr. Paulo Loureiro de Azambuja. O primeiro banco de sangue da cidade atendia aos três hospitais e tinha como bioquímico, o Professor Daniel Viuniski. Em 1968, foi inaugurado outro banco de sangue, chamado pela razão social de Duro & Miranda, cujos proprietários eram os médicos, Dr. Firmino Duro e Dr. Álvaro Miranda, donos também da Clínica Santa Helena. Nessa época, a doação de sangue era remunerada em todo o Brasil, e não se dispunha de um controle e cadastro dos doadores. Fazia-se transfusão de ‘sangue total’, isto é, quase na totalidade. Raros eram os pedidos de concentrados de hemácias. O plasma era utilizado, geralmente, para queimados. Os bancos de sangue recebiam pedidos dos hospitais de “sangue total fresco de família”. Na década de 70, os dois bancos de sangue de Passo Fundo se uniram e formaram, inicialmente, o Banco de Sangue Unidos, que logo depois passou a se chamar com o nome primitivo de Banco de Sangue Oswaldo Cruz.

A Policlínica de Passo Fundo foi outro marco na história da medicina local, no final dos anos 60. Médicos de diferentes especializações se reuniram num mesmo prédio, para facilitar o atendimento. Eram eles: Dr. Carlos Antonio Madalosso, especialista em gastroenterologia; Dr. Rudah Jorge, pediatria; Dr. Ruy Carlos Donadussi, urologia; Dr. Paulo Lamaison dos Santos, otorrinologia e Dr. Paulo Sérgio Crussius, neurologia. Com o passar dos anos, já na década de 70, agregaram-se o Dr. Julio César Teixeira,

cardiologia; Dr. Roberto Azambuja, endocrinologia; Dr. Alberto Vilarroel Torrico, reumatologia; Dra. Marilene Ughini, dermatologia; Dr. Plácido Scussel, gastroenterologia, e Dr. Juarez Tarasconi, ginecologia. Em 1980, a equipe da Policlínica Passo Fundo, composta de vários outros profissionais, inaugurou seu novo prédio, na rua XV de Novembro, esquina com Rua Uruguai, chamado popularmente de “Redondão”, pelo seu formato, cuja arquitetura se baseou no Tower Building, de Nova York. Foi o primeiro prédio do sul do Brasil só com consultórios médicos.

Também no final dos anos 60, foi criada pelos médicos, Dr. Afonso Heckler, Dr. Jair Jesus Nicolini e Dr. Luthero Dutra Martins, a Policlínica Especializada, em otorrinolaringologia e oftalmologia.

No dia 30 de abril de 1969, foi oficializado definitivamente o funcionamento da Faculdade de Medicina, na Universidade de Passo Fundo. Até a aula inaugural, no dia 9 de março de 1970, proferida pelo Dr. Sabino Arias, foram pouco mais de 10 meses de intensos trabalhos, para os médicos fundadores, que formavam o corpo docente da instituição. Trabalhos que iam desde o estudo dos programas, e da reformulação do planejamento de ensino, até a preparação das salas de aula teóricas e dos laboratórios. Foi após a criação da Faculdade de Medicina que Passo Fundo começou a se tornar um gigante da área médico-hospitalar. A primeira turma a se formar, em 1975, tinha nada menos do que 46 alunos. Desta forma, a cada ano, uma leva de novos profissionais da área médica, muitos deles permanecendo em Passo Fundo, deu uma dimensão estratosférica ao número de clínicas e consultórios especializados, em relação às existentes antes da criação da faculdade.

Ainda em março de 1970, os médicos, Dr. Gaston Endres, Dr. Carlos Roberto Vargas Leal e Dr. Daltro Gonçalves Dias, inauguraram o Pronto-Socorro de Fraturas. Era algo inédito na cidade. Antes disso, os serviços de traumatologia e ortopedia somente eram atendidos nos hospitais. Plantão 24 horas, serviço de urgência, raios-X, gesso e imobilização com talas, numa só clínica, era o que o Pronto-Socorro oferecia.

Seis anos após, em 1976, o número de traumatologistas e ortopedistas na cidade tinha aumentado. E uma só clínica especializada não comportava a demanda. Os médicos Dr. Paulo Bertol e Dr.



José Luiz Gouveia Sobrinho decidiram então inaugurar o Instituto de Ortopedia e Traumatologia – IOT. Seu lema era: “Atendimento Ortopédico Especializado, Boa Relação Médico-Paciente, baseados em Produção Científica Própria”.

A Clínica Infantil, dos médicos Dr. Cláudio Roberto Coracini, Dr. Francisco Cassol de Bittencourt e Dr. Wilson Vieira Marques, criada em 1973, foi um marco no atendimento em pediatria.

Igualmente o Instituto de Patologia, dos médicos patologistas Dr. Aventino Alfredo Agostini e Dr. Luiz Carlos Trindade, inauguraram um serviço altamente especializado, para atendimento aos hospitais e às clínicas.

O desenvolvimento na área da Medicina em Passo Fundo deve-se também ao convênio firmado na década de 70, pela Universidade de Passo Fundo e o Hospital São Vicente de Paulo, que passou a atender como hospital-escola. Desta forma, não havia outro caminho a seguir senão o incremento da tecnologia e da qualificação profissional.

Passo Fundo entrou na Era dos Transplantes, ainda em 1969, quando foi realizado o primeiro transplante de córnea, no Hospital São Vicente de Paulo, feito pelo Dr. Luthero Dutra Martins. Em 1981, realizou-se o primeiro transplante de rim, no interior do Rio Grande do Sul, através do médico Dr. Ruy Carlos Donadussi. Em 1990, a equipe médica formada, entre outros, pelos Drs. Paulo Ceratti Azambuja, Roque Faleiro

e Luis Sérgio Fragomeni, realizou, no Hospital São Vicente de Paulo, o primeiro transplante de coração, no interior e no sul do Brasil. No ano 2000, ocorreu o primeiro transplante de fígado, pelo médico Dr. Paulo Reichert, no mesmo Hospital. Foi um sucesso, e hoje, após mais de setenta cirurgias, é referência no Rio Grande do Sul.

Hoje o município é consagrado mundialmente como um Centro de Excelência em Medicina. Isso graças a todos os médicos que aqui labutaram; que ajudaram a abrir hospitais, clínicas, instituições de classe; que, desde as primeiras eras, com sua contribuição individual, doando um microscópio ao hospital, ou atendendo gratuitamente os menos favorecidos, contribuíram para que essa gigantesca onda de conhecimento e competência inundasse nossa cidade, alavancando-a para a progresso. Foram profissionais que não pouparam esforços e recursos próprios para se especializarem-se, alcançando o mais alto conhecimento e avanço tecnológico da Medicina. Isso tudo para o atendimento mais completo e humano de seus pacientes.

Coroando todo esse trabalho, no dia 15 de outubro de 2002, foi criada, por um grupo de médicos, a Academia Passo-Fundense de Medicina, instalada oficialmente no dia 30 de maio de 2003.

(Marco Antonio Damian é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# Triângulo de Rodrigo

LEANDRO MALÓSI DÓRO

Mariana tinha rosto no formato de coração, olhos iguais a nozes e cada lábios semelhantes à pimenta. A pele, alva, branca, parecia que nunca havia tomado sol, como se tivesse vivido os últimos anos entre livros. Porém ela aparentava uns 19 anos, sob seus cabelos Chanel escuros. E falava de festas, mais do que de livros.

Rodrigo preferia Isabela. Essa era mais velha, mas fisicamente parecida com Mariana. A diferença eram os cabelos: loiros e longos em Isabela. Mas afora isso, as duas eram iguais. Ele encarou Mariana nos olhos, enquanto visitava a coordenação do curso onde trabalhava como professor de História.

- Professor Rodrigo, deseje alguma coisa – disse Mariana, a secretária do curso, ao docente de óculos e corte de cabelos ao estilo Super-Homem.

- Por ora, nada Mariana. Obrigado. Mas ao final da aula, gostaria de conversar com você – respondeu, esboçando um sorriso no canto dos lábios.

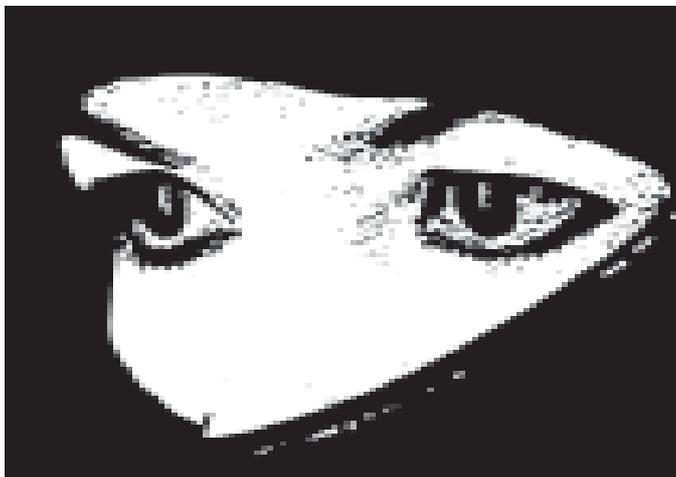
Ela compreendera e ao final das aulas, daquela noite, Rodrigo ofereceu carona a ela. E isso se repetiu até que ele a viu nua, em pé, em um quarto de motel, o ventre recoberto de penugem, as coxas úmidas e um sorriso de fêmea satisfeita. Para Rodrigo, ela era de barro. E assim passou a tratá-la, como uma escultura a ser moldada.

Mariana queria cursar Administração. Almejava gerenciar a Secretaria Geral de Cursos. Rodrigo contava a ela sobre a vida de Isabela: cursou Letras. Fez Mestrado e Doutorado. Lecionou em Buenos Aires e agora trabalhava em Florianópolis como professora da Universidade Federal de Santa Catarina.

Criou a teoria dos Cartéis Literários, em que buscava comprovar que determinados grupos de escritores protegem uns aos outros para serem aceitos pela sociedade. E Mariana escutava. Perguntou se Rodrigo já namorou Isabela. Ele

negou, todavia escondeu sobre o guarda-roupas a caixa com fotos e cartas do semestre em que viveu com a professora de Letras. Rodrigo namorou Isabela antes dela passar no mestrado e ir para a Argentina.

E Mariana e Rodrigo viveram juntos. Convenceu-a cursar Letras. Ela desistiu de estudar Administração, mas citava isso nas mesas de bares, entre amigos. Muitos estranhavam ela desconhecer determinados autores. Falava mais sobre gestão do que de literatura. Muitos sugeriam: creio que você é mais moldada para a Administração. Rodrigo interrompia a conversa, dizendo que via mais



futuro para ela nas Letras.

Dona Laura, mãe de Mariana, visitava a filha todas as semanas. Admirava a beleza do piso de tabuão, a biblioteca com quase um milhão de livros e os sofás que deveriam ter custado o valor igual a três conjuntos de sofás dos mais comuns. Rodrigo visitava, às vezes, Dona Laura, Seu Augusto e as três irmãs de Mariana. E observava as paredes de madeira, o pátio gramado, o sofá abalado de tantos que ali sentaram e o televisor de 20 polegadas que às vezes ficava preto e branco.

Um artigo científico de Isabela foi publicado na revista da Faculdade de Letras da universidade. Mariana leu: Formação dos Cartéis Literários na Geração 90. Procurou, na internet, fotos de Isabela. Encontrou. E considerou-se muito parecida com ela, entretanto nada comentou com ninguém.

Mariana lia livros ao lado de Rodrigo. Visitava bibliotecas. Era sabatina-

da sobre os principais escritores. Ganhava roupas do namorado: calças, camisetas e tênis que pareciam tão diferentes dela. Entretanto, aceitava e usava. Até o dia em que seu lado do guarda-roupa não possuía resquício dos vestidos que amava.

E, igual a nuvens, planejaram a mudar-se de cidade, lentamente. Foram a Florianópolis. Rodrigo passou a lecionar em um curso de pós-graduação e Mariana a concluir o curso de Letras em uma universidade privada. Sugeriu ao namorado visitar a professora Isabela. Ele recusou-se.

- Outra hora – respondeu. E esse diálogo se repetiu mais umas três vezes até que Mariana desistiu de provocá-lo.

Ela estranhava não sentir ciúmes de Isabela. Porém pensava às vezes em deixar seus cabelos crescerem até os ombros. Fazer luzes, para aloirá-los. Porém sentia-se desconfortável ao imaginar-se assim.

Ela conseguiu emprego como secretária de uma pediatra. Levava, para estudar, os livros do curso e alguns da biblioteca particular de Rodrigo. Em uma das vezes

em que vasculhava essa pequena biblioteca, encontrou uma caixa. Viu as fotos de Isabela. Leu as cartas trocadas entre os dois. E os pedaços de papéis com rascunhos de amor. Pensou nisso, em silêncio. Procurou, novamente, as fotos de Isabela na internet. Comparou-se com ela no espelho.

Recordava-se das sugestões de Rodrigo: faça Mestrado, igual Isabela. Faça doutorado, igual Isabela. E pensava novamente porque nunca imaginava sentir ciúmes de Isabela. Concluiu ter confiança nos próprios seios, pernas e ancas que abrigavam o semém de seu amado todas as noites. Em um ímpeto, teve vontade de pedir transferência para o curso de Administração, contudo estava no final de Letras.

Todavia, decidiu-se: nunca deixará os cabelos crescerem.

(Leandro Malósi Dóro é cartunista, jornalista é produtor gráfico.)

# Vida reciclada

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Quando contemplo a árvore em sua esvoaçante túnica de esmeraldas, digo-lhe da minha satisfação em tê-la perto, em contar com sua cumplicidade, em saudá-la todas as manhãs.

É um prazer vizinhar com ela, que não me vira a cara se estou azeda, não me pede livro emprestado, nem me agita o sono no fastio da madrugada.

Eu sei que ela é bem educada por natureza. Que é discreta e comedida. E jamais fará fuxico em meu ouvido. Às vezes até me corteja com uma nova brotação, um cheiro mais penetrante, uma dose maior de afeto e bem-aventurança.

Nos dias de vendaval, quanto a sinto se retorcer em cólicas, corro à janela a fim de consolar sua angústia. Ela percebe meu desvelo e se tranqüiliza. Afinal,

tudo neste mundo de Deus tem uma razão superior, e não fica bem a uma árvore entregar-se à histeria e perder a compostura. Então sorrimos uma à outra e nos jogamos beijos, naquele muxoxo só nosso, que ninguém mais percebe, pois não compreenderia.

Santa protetora nos dias escaldantes! Amiga confidente nas curvas da indecisão! Fiel escudeira contra o mau-tempo e o mau-olhado!

Confio integralmente nela, pois sei do seu nobre caráter, incapaz de rebeldia ou de vingança, e sempre predisposta a um gesto magnânimo.

Quantos passam por ela, respiram sua acolhida branda, salpicam-se de ar puro, e partem... Não a percebem, não a tocam, nem lhe agradecem. O ser humano é mesmo um bronco. Que lhe aproveita a lerdeza do pensamento? A secura do sentimento? Ou a casamata da trincheira? Ele é deveras um órfão de carinho,

por não ser capaz de decifrar, absorver, apalpar as pulsações da natureza borbulhante de dádivas.

É preciso entender os cacoetes da árvore, para que a seiva penetre o pomar da alma e o faça amadurecer. Só as fragrâncias, as tonalidades, os sabores, cooptam para o bem-estar as nossas vicissitudes.

A árvore também sonha, também ama. Igualzinha a mim. Daí o nosso convívio harmonioso, sempre coloquial, como as manhãs ácidas de sereno que têm gosto de morango colhido antes da aurora. Por isso dei a minha amiga um nome, que remete à profilaxia de seus dotes terapêuticos. Mas ele é um segredo só nosso que, por ciúme, não revelarei.

Quanto àquele banco no canteiro da rua, criou-se entre nós uma parceria, nessa aventura de aspirar a clorofila e sorver o mel. Eu me recosto e olho em derredor. Sobre as nossas mazelas se debruça a planta, sólida e desejada. Sua sombra nos purifica, e abençoa o tempo da nossa comunhão.

Meu banco, minha árvore!

Amigos de fé, recicladores da vida!



(Helena Rotta de Camargo, Academia Passo-Fundense de Letras.)

## Poesia

HELENA ROTTA DE CAMARGO

### Proibição

É proibido andar no mundo da lua;  
Chorar sobre o leite derramado;  
Procurar agulha em palheiro;  
Entregar os pontos.

É proibido tapar o sol com a peneira;  
Remar contra a correnteza;  
Amarrar cachorro com lingüiça;  
Pôr lenha na fogueira.

É proibido ser um chato de galochas;  
Dar murro em ponta de faca;  
Levar desaforo pra casa;  
Tregar pelas paredes.

É proibido servir a dois senhores;  
Confundir alhos com bugalhos;  
Ser Maria-vai-com-as-outras;  
Meter a mão em cumbuca.

É proibido ser amigo do alheio;  
Dormir com as galinhas;  
Queimar o último cartucho;  
Pisar na bola.

É proibido proibir.

# Herdeiros de conhecimento

GILBERTO R. CUNHA

Somos herdeiros de conhecimento. Isso equivale a dizer que, recebendo conhecimento de outros, também podemos herdar visões de mundo nem sempre adequadas. E que, independentemente de titulação acadêmica, pelo resto de nossas vidas, por mais que estejamos dispostos, teremos enormes dificuldades em nos libertar delas. Em ciência e tecnologia, basta uma leitura com um pouco de atenção em qualquer revista especializada, para se perceber que a visão atual dos cientistas (embora com exceções) foi forjada, em muitos casos, mais que no método sintético de Platão e Santo Agostinho, no pensamento analítico de Aristóteles e na escolástica de Santo Tomás de Aquino.

Não se pode ignorar que houve insurgências contra o pensamento escolástico. Não foi outra coisa que fizeram os racionalistas, caso de Descartes, Spinoza e Leibniz, por exemplo, ao pregar o princípio da “dúvida metódica”. Também, algo similar, foi posto em prática pelos empiristas, como Locke, Berkeley e Hume, quando começaram pela natureza o processo de compreensão de ambiente. Em todos eles, a análise foi a ferramenta principal, e a categorização do conhecimento, a sua inevitável consequência (apesar da negação do mundo empírico pelos próprios empiristas). E, no meio dessa confusão de idéias, veio Immanuel Kant, mesmo inconsciente, para delimitar a experiência sensorial em esquemas, enquanto a compreensão dita consciente organizava o conhecimento em categorias. O indivíduo, no decorrer dos tempos, acabaria sobreposto por essa abstração representada pela mistura de individualidades, a qual chamamos de sociedade.

O nosso entendimento de ciência (independentemente de definições acadêmicas) é o de conhecimento organizado. E esse entendimento teve seu início com as classificações. O chamado progresso científico se fundamentou nisso. A

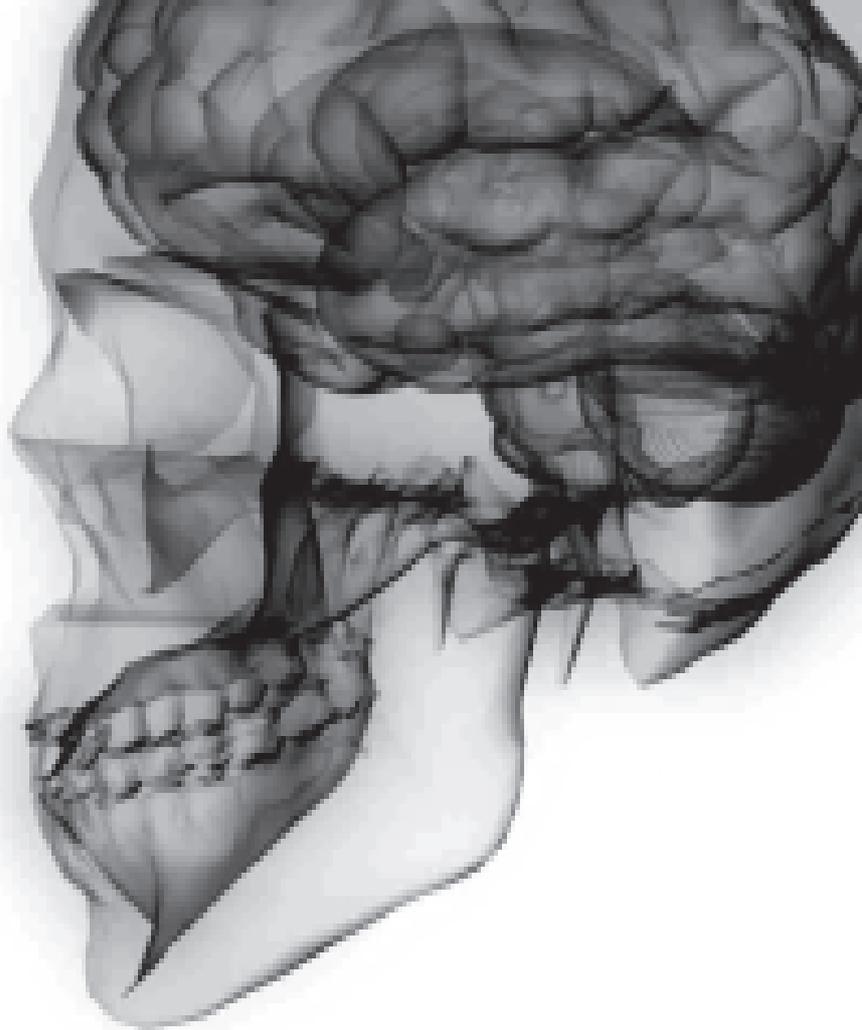
visão sistêmica de mundo, com esse tipo de prática, acabaria anulada (ou relegada a um papel secundário). Veio o reinado das disciplinas, disseminado de tal forma nos meios acadêmicos, que, não raro, acaba não sendo percebido nem mesmo pelos seus principais protagonistas. O cientista torna-se presa fácil da segurança que os limites das disciplinas lhe oferecem (reconhecimento dos pares, honrarias acadêmicas, poder de autoridade no assunto, etc.), relegando a um plano inferior o valor da síntese do conhecimento. É fato inegável, atualmente, que o número de artigos científicos especializados cresce exponencialmente. Mas, por sua vez, o avanço do conhecimento cresce em ordem de magnitude infinitesimal e, em alguns aspectos, a humanidade, inclusive, dá sinais de que, na compreensão de mundo, até retrocede (com guerras, genocídios, exploração de semelhantes, degradação do ambiente, etc.).

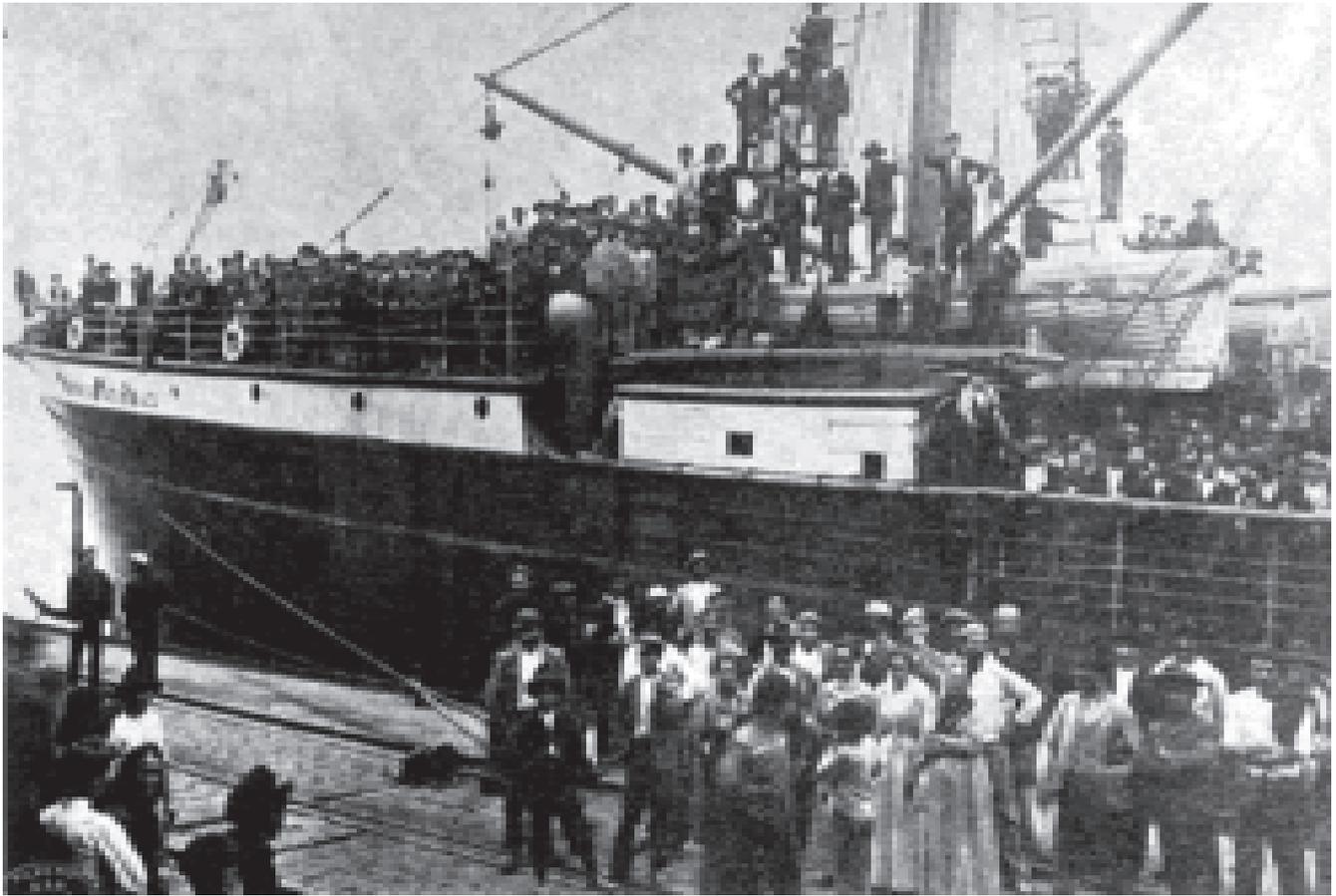
Para contornar o rótulo de visão disciplinar na ciência, surgiram, nos meios acadêmicos, as propostas interdisciplinares. Mais que uma solução, um lugar-comum para acomodar espíritos corporativos nas suas zonas de conforto. A busca de solução para um problema, nesse tipo de proposta, quase sempre, ainda se prende aos limites es-

treitos das especialidades, não havendo avanços (ou sendo pequenos), especialmente nos casos que exigem que se transcendam os limites das disciplinas. Os problemas mais críticos, na atualidade, não estão reclusos em territórios de disciplinas. Inclusive, há quem diga que Deus não sabia a diferença entre física e química quando fez o mundo. Os indivíduos dotados de espírito disciplinar, lamentavelmente, não entendem assim. Talvez seja por isso que não hesitam em atacar qualquer um e qualquer coisa, inclusive com intrigas e denúncias infundadas, que eles julgam, na sua pobreza de espírito, uma ameaça ao seu pretensão território.

Está claro que a interdisciplinaridade na ciência por si só não basta. São tempos de pensamento sistêmico. Precisamos ir além dos limites nos quais o conhecimento e a academia estão organizados, por conta de se ficar repetindo ou encontrando meramente o que já é conhecido. Este é o caminho para quem, na comunidade científica, não se contenta em apenas ter recebido conhecimento como herança, e pretende também ditar testamento com novos achados.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)





# Rio Grande do Sul: da ocupação à imigração colonial

**DILSE PICCIN CORTEZE**

Os atuais territórios sulinos eram habitados por uma população relativamente escassa de primitivos de tribos diferentes. No Planalto Meridional e na Serra, viviam comunidades jês de caçadores, coletores e horticultores incipientes que exploravam ativamente a caça e a coleta do pinhão. Os pampas eram os territórios dos caçadores e horticultores – os charruas e os minuanos. No litoral e nas margens dos grandes rios e lagoas viviam os guaranis caçadores, pescadores, coletores e horticultores de floresta tropical e subtropical.

A colonização européia dos atuais territórios do Rio Grande do Sul iniciou-se na primeira metade do século XVII, com a vinda de jesuítas espanhóis para reduzir as comunidades nativas. Após a

fundação das missões do Tape, em 1634, os jesuítas introduziram o gado, em larga escala, nas reduções indígenas. Com os ataques bandeirantes, as reduções do Tape foram transferidas para a margem direita do rio Uruguai, permanecendo grande parte do gado nos atuais territórios sulinos, onde se reproduziram com facilidade.

De acordo com Mário Maestri, foi em 1682, dois anos após a fundação de Sacramento, que os guaranis missionários atravessaram novamente o rio Uruguai para fundar novas reduções no noroeste dos atuais territórios sulinos. Os Sete Povos eram formados pelas reduções de São Miguel (capital), São Nicolau, São Borja, São Luiz Gonzaga, São Lourenço, São João Batista, Santo Ângelo.

Em 1695, com a descoberta das *minas gerais do ouro*, os rebanhos sulinos passaram a ser valorizados para fins alimentares e de transporte, levando a que

tropeiros iniciassem suas atividades na região. Inicialmente, os tropeiros levaram gados trazidos de Sacramento e retirados da Vacaria do Mar, pelo Caminho da Praia. Depois, abriram novas estradas na região do Planalto, onde atingiram a Vacaria dos Pinhais.

Nesses anos, organizaram-se as primeiras estâncias do Sul – locais de repouso para o gado. Nos anos 1730, foram concedidas as primeiras sesmarias no litoral norte, no Estreito – Torres, Tramandaí, Osório, etc. – e nos campos de Viamão. Os gados eram levados até a feira de Sorocaba, para serem comprados por comerciantes de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, sobretudo.

A conquista das Missões abriu os caminhos do planalto, permitindo que gado das Missões fosse vendido sistematicamente em São Paulo. O comércio e a criação animal, ao longo do Caminho Novo da Vacaria, originou cidades como

Cruz Alta, Passo Fundo, Lagoa Vermelha, etc.

### Guerra Guaranítica

Os confrontos entre portugueses e espanhóis eram constantes, sobretudo nas regiões estratégicas, como a Colônia do Sacramento, localizada na margem esquerda do Rio da Prata. Em 1750, portugueses e espanhóis assinaram o Tratado de Madri, que concedia a Colônia do Sacramento aos espanhóis e os Sete Povos das Missões aos portugueses. Os missionários não aceitaram o acordo e promoveram a Guerra Guaranítica [1753-56], vencida parcialmente pelos ibéricos.

Chegados para ocuparem as regiões das Missões, casais açorianos fixaram-se no Litoral e na Depressão central, cultivando, sobretudo produtos agrícolas – trigo, arroz, cebola e fumo. Muitos deles transformaram-se em criadores. Em 1737, os lusitanos fundaram o forte na margem meridional do *rio Grande*, para apoiar Sacramento sitiada.

A vila de Rio Grande foi povoada com soldados, casais açorianos, paulistas, lagunenses, etc. e trabalhadores escravizados. Ela facilitou a penetração na Campanha. Na região, organizou-se economia policultora e de subsistência destinada ao abastecimento das tropas e da população sediadas no Rio Grande e nas outras capitânicas.

Em 1762, os espanhóis apoderaram-se de Sacramento e, em 1763, de Rio

Grande, obrigando que os luso-brasileiros recuassem para a outra margem da barra. Humilde burgo açoriano, Porto Alegre cresceu, devido a sua localização, seu porto, etc. Em 1773, foi elevada à categoria de sede administrativa do Rio Grande.

O prosseguimento do confronto entre as coroas ibéricas levou ao Tratado de Santo Ildefonso [1777]. Ele determinou que a Colônia do Sacramento e os Sete Povos das Missões ficassem com os espanhóis. Em 1801, a ocupação militar dos Sete Povos, por tropas irregulares luso-sulinas integrou essas regiões à capitania de São Pedro.

Em 1776, os luso-brasileiros recuperaram Rio Grande, a saída ao mar e o acesso à Campanha. Oficiais chegados com os exércitos e protegidos da Coroa ganharam sesmarias na Campanha e Depressão Central, para criarem gado para as charqueadas, nas margens de rios e lagoas navegáveis.

### Sociedade escravista pastoril

A produção pastoril e charqueadora desenvolveu significativamente a Campanha. “O Rio Grande do Sul era o Pampa. Por isso o território gaúcho terminava à orla da Floresta virgem, isto é, ao pé da Serra Geral.”[ROCHE, 1969, 14] Nas pequenas plantações de gêneros de subsistência trabalhavam os proprietários, seus familiares e eventualmen-

te alguns cativos.

As fazendas pastoris de menor porte eram exploradas sobretudo por seu dono e familiares. Os criatórios maiores possuíam, além de peões, núcleo permanente de cativos empregados na construção de cercas de pedra; transporte de água e lenha; plantações de subsistência; produção artesanal, e produção pastoril, etc.

Em 1808, a chegada da família real marca o fim do regime colonial e inicia o processo de independência do Brasil. Em 1817, dona Leopoldina chegou ao Brasil, da Áustria, para esposar dom Pedro, acompanhada de cientistas e estudiosos austríacos, germânicos e italianos. A casa real austríaca interessava-se na imigração de comunidades rurais sob seu domínio.

As transformações políticas e econômicas conhecidas pelo Brasil exigiam o processo colonizador, subsidiado pelo governo. Pretendia-se que a pequena propriedade se subordinasse e apoiasse a grande propriedade. Em 1824, chegaram ao Sul os primeiros imigrantes alemães. Deste ano até 1830, chegaram ao RS 5.350 imigrantes vindos da Alemanha. Esse processo imigratório foi sobretudo obra imperial, pois os latifundiários consideram-no como contrário aos seus interesses.

Após a Independência, o financiamen-



(FERNANDO PRIAMO)

to da imigração provocou reações entre os latifundiários, que julgavam o plano do governo para a imigração caro e pró-abolicionista. Em 1831, com a abdicação de Pedro I, as classes dominantes escravistas assumiram o poder e interromperam, até 1840, isto é, a Maioridade, o processo migratório.

Em 1847, o fazendeiro e senador Nicolau Vergueiro empreendeu a promoção da vinda de 400 imigrantes alemães, com o adiantamento pelo governo de somas para o transporte. As famílias alemãs assinaram “contrato de parceria” que determinava que os produtos do trabalho eram divididos, não as terras. Vergados pela dívida contraída, os colonos ficavam dependentes do proprietário, reduzidos à condição semi-servil. As reclamações chegaram à Europa, provocando reações desfavoráveis à emigração.

### Trabalho escravo, trabalho livre

Em 1850, sob pressão da Inglaterra, aboliu-se o tráfico transatlântico de cativos. Foi o primeiro grande golpe à economia escravista latifundiária. A decadência da população servil causava preocupação aos cafeicultores, obrigados a pensar, em médio e longo prazo, em “soluções para o problema da mão-de-obra”. Entre elas estava a imigração europeia, desde que não se concedesse terras aos recém-chegados – imigração colonial.

No início do Segundo Reinado, a política imperial de imigração colonial continuou a encontrar resistência no parlamento dominado pelos fazendeiros escravistas. Para favorecer a imigração para a cafeicultura, o governo criou leis que proibiam a concessão gratuita de lotes e concediam a naturalização, após certo tempo de residência, e a dispensa do serviço militar.

Em 1865, com a finalidade de desviar os imigrantes dos USA, o governo imperial dispôs-se a pagar a diferença da passagem daquele país ao Brasil. A imigração continuou baixa. Em 1867, outras medidas foram tomadas com a finalidade de atrair imigrantes: compra do lote rural em 10 anos; viagem gratuita à colônia; ajuda em espécie e em material durante os primeiros tempos; assistência médica e religiosa, trabalho pago na abertura de caminhos [máximo de 15 dias/mês], etc.

Em 1870, considerando a intensificação da campanha abolicionista e a quase paralisação do movimento migratório,



o governo imperial deu maior impulso à imigração, iniciando longa campanha na Europa para atrair imigrantes ao Brasil. Segundo Mario Maestri, em seu livro, *Os senhores da serra*, publicado em 2000, o principal objetivo era desfazer a imagem divulgada pelo país e atrair imigrantes: “Importante propaganda sobre as vantagens do Brasil realizava-se no norte da Itália, assolado por graves dificuldades.” [p 21]

Em fevereiro de 1870, o governo imperial cedeu às autoridades provinciais 32 léguas quadradas para serem loteadas e vendidas para imigrantes, na região compreendida entre o rio Cai, os Campos de Cima da Serra e o município de Triunfo. Ao estimular a imigração italiana para o RS, o governo imperial pensava em formar colônias agrícolas para suprir as grandes cidades em produtos de subsistência, fornecer soldados para o exército e formar um contingente de mão-

de-obra para substituir os escravos, no futuro. Maestri afirma: “A agricultura de pequenos proprietários geraria recrutas para o exército dos Braganças e abasteceria em gêneros alimentícios as cidades e os latifúndios escravistas. Ela não devia concorrer com a produção latifundiária de exportação. As colônias valorizavam terras devolutas.”

### Chegam os italianos

O governo implementou a propaganda migratória. Paralelo ao forte interesse do governo brasileiro pela vinda de colonos, ocorria a grave crise que assolava a Itália da época, expulsando seus miseráveis para fora do país. “Em 1873, abateu-se sobre a Europa a Grande Depressão, e os Estados Unidos dificultaram a entrada de imigrantes, favorecendo a partida de italianos para o Brasil.” [MAESTRI,2000, 15]

A partir de 1875, grandes quantidades

de imigrantes italianos chegaram ao RS. A situação da imigração começou a mudar. No Sul, os territórios *vazios* – eram ocupados por *burgueses* e *caboclos* – começavam a ser preenchidos. As colônias floresciam e as matas eram derrubadas. O número de imigrantes crescia ano após ano, em geral, uns atraídos pelos outros.

Em 1875, é iniciado o povoamento da Colônia de Caxias e, em 1879, apesar do interesse do governo em limitar suas despesas com a empresa colonizadora, novas colônias passam a ser fundadas: Conde D'Eu e Dona Isabel. Em 1884, é a vez de Alfredo Chaves e, em 1887, são fundadas as colônias de Silveira Martins (Santa Maria e Cachoeira) e de Mariana Pimentel, Barão de Triunfo e Vila Nova. Em 1888, é organizada a colônia de Antonio Prado e, em 1889, a de Guarani.

Os imigrantes italianos abandonaram a sua pátria por falta de opções. O grave problema político, que assolava a Itália durante grande parte do século XIX, não deu ao povo outra alternativa a não ser a imigração. Desempregados, com fome, sem perspectiva, incapazes de imporem a divisão dos latifúndios, ali onde era

possível, o pensamento geral era imigrar para sobreviver.

Em *Le navi di Lazzaro*, Augusta Molinari descreveu os aspectos sanitários da imigração transoceânica italiana: “Antes de 1901, também as estruturas sanitárias previstas para as viagens transoceânicas resultam inteiramente inadequadas no relativo às necessidades e exigências dos passageiros. Segundo o Regulamento de 1879 (art. 557), os navios devem dispor de um hospital capaz de conter um leito para cada vinte cinco passageiros, sendo que, para cada leito é assegurada uma área de 1,5 metros quadrados. Não é, porém, invés, previsto um local de isolamento para os doentes contagiosos e sequer especifica-se a posição do hospital no que se refere ao espaço interno da nave.” [p 19]

Em forma geral, depois de mais de um mês viajando no mar, os imigrantes chegavam ao Rio de Janeiro, mais propriamente na ilha das Flores, que servia como centro de alojamento. Aí, aguardavam o navio que os transportasse aos seus respectivos destinos. Em média, a viagem do Rio de Janeiro a Porto Alegre durava dez dias. Ela era feita com dificuldades. Eram muitos passageiros

para o tamanho do vapor. Os passageiros viajavam mal acomodados, sem médicos ou remédios. Muitas vezes, obrigados a fazerem baldeação em Rio Grande, para um pequeno vapor, que os conduzia até Porto Alegre, em condições ainda piores.

### A nova pátria

Eram irregulares e problemáticas a hospedagem e alimentação oferecidas aos imigrantes durante o trajeto, do RJ ao RS. Doenças e mortes podiam acontecer durante o percurso. Em Porto Alegre, nem sempre havia local suficiente nos pavilhões para os recém-chegados, que podiam ser obrigados a acamparem em praças públicas.

Em *A colonização italiana no Rio Grande do Sul*, Olívio Manfroi refere-se a essa realidade, afirmando que, em Porto Alegre, os imigrantes eram recebidos por um agente oficial de colonização, encarregado da visita ao navio, desembarque dos passageiros e de suas bagagens, fiscalização da alimentação, das listas nominais que deviam ser enviadas aos diretores das colônias, do pagamento das companhias de transporte e de alimentação, de dirigir



os colonos para as colônias e organizar o seu transporte.

De Porto Alegre, os imigrantes eram conduzidos para as colônias de Conde D'Eu, Dona Isabel e Caxias, fazendo o trajeto em embarcações particulares, depois enfrentando caminhos difíceis, usando a carroça, o cavalo e, muitas vezes, indo a pé.

Ao descrever a viagem feita pelo conde Pietro Antonelli, chegado ao Rio de Janeiro em 1897, para chefiar a legação italiana, Mário Maestri, em seu livro *Os Senhores da Serra*, lembra: "Antonelli embarcou, pela manhã, na capital, no vapor 'Colonial', navegando, por oitenta quilômetros, pelo Caí. Chegou à tarde em São Sebastião e venceu, na manhã seguinte, a cavalo, os 66 km restantes, em estrada carroçável, chegando a Caxias às cinco horas da tarde."

Muitos colonos queixavam-se amargamente da viagem, do tratamento recebido, dos perigos enfrentados e da precariedade dos meios de transporte. Suas maiores reclamações eram do transporte terrestre, ainda mais perigoso e lento. Mais tarde, a historiografia vai retomar essas lamentações da memória oral e escrita.

Em suas memórias, Julio Lorenzoni fala de um verdadeiro êxodo de miseráveis: "Entramos no dia seguinte no bosque, numa estrada (se estrada podia se chamar) de inferno: buracos e barro que os pobres animais afundavam até quase a barriga. Os gritos dos carreteiros, para estimulá-los e fazê-los atravessar aquelas poças de água e lama e arrastar as carretas com nossas bagagens, causavam-nos uma tristeza enorme, enquanto seguindo-as, vinha a fileira de homens, mulheres, velhos e crianças, procurando escolher o local exato para firmar os pés, sem afundar naquele terreno barrento e lodoso." [ p 40]

A viagem até a colônia podia demorar três e mais dias, muito tempo para alguém que eventualmente já sofrera uma longa viagem com problemas de alimentação, doenças, frio, calor, chuva. Velhos, crianças, mulheres grávidas e doentes viajavam com o grupo: "Nos primeiros tempos, a estreita e íngreme picada aberta na mata era vencida em três a oito dias. Nesta etapa da viagem, os imigrantes desfaziam as malas e acomoda-

davam os pertences em mulas bruaqueiras. Se algum migrante falecia durante a subida da Serra, era enterrado à beira da estrada." [MAESTRI, 2000,59]

### A chegada na América

Desde a saída da Itália, até a chegada à colônia, o imigrante podia ser surpreendido com pequenos e grandes imprevistos. A memória da imigração e a historiografia propõem, generalizando, que a propaganda sobre as maravilhas da América foi exagerada e que nem todas as promessas feitas pelos comissários na Itália eram cumpridas: "Ao termo da longa viagem que o transportara da ter-



ra natal à floresta subtropical, o imigrante não podia esconder sua perplexidade e indignação, diante da contradição entre o que ouvira e o que sofrera e via." [MANFROI, 133]

Chegando ao local da colônia, o imigrante tinha que esperar a demarcação dos lotes, ao longo das linhas abertas nas matas. O lote, para cada colono, era designado pelo diretor da colônia ou era escolhido, em função de parentes já estabelecidos. No território escolhido para sede colonial, eram demarcados os lotes urbanos.

Ao se instalar na Colônia de Silveira Martins, Julio Lorenzoni descreve: "Chegando finalmente, lá no alto, o Diretor da Colônia, acompanhado por engenhei-

ros e outro pessoal destacado para aqueles trabalhos, em poucos dias, haviam traçado as linhas principais para a futura sede e, além disto, demarcado mais de duzentos lotes urbanos, cada um de trinta metros de largura por cinquenta metros de comprimento."

Como veremos, em geral, os imigrantes sentiram que a aventura americana valia a pena e que esse *desconhecido* era uma realidade preferível ao *conhecido* deixado para trás. As cartas enviadas para parentes que ficaram na Itália contavam vantagens e convidavam-nos para emigrarem. Recém-chegado à colônia, o imigrante italiano Paulo Rossato escreve a seus pais na Itália: "Caro pai, você deveria ver que bela colônia comprei! Está bem colocada e deve ser boa. E se visse quanta lenha existe nela! Em Valdagno seria rico quem tivesse tanta madeira. Estou ansioso que venham meus irmãos e toda a família. Lá éramos servos e aqui somos senhores."

Sua carta procurava influir o resto dos parentes para que viajassem ao Brasil. Finalmente instalados na colônia, era a hora de lutar para sobreviver. Abrir clareiras no mato, iniciar a plantação, a criação de animais, a construção da casa, a organização da vida e adaptação à nova terra. Sobre as experiências vividas e descritas por Lorenzoni: "Acomodados da melhor maneira naquela miserável moradia, a primeira providência que cada família tomava era acender um bom fogo, que ficava aceso dia e noite [...]"

Segue o mesmo cronista: "Logo no dia seguinte, todas as pessoas aptas ao trabalho davam início ao desbravamento da mata, uns com machados, outros com foices, facões e outros instrumentos adequados, cortando as árvores inúteis e plantas rasteiras, macegas, árvores daninhas, etc., e deixando somente o que servisse para sombra e as árvores com mais de dez centímetros de diâmetro. Isto era feito no espaço de um hectare, mais ou menos, e depois, os homens começavam a derrubada de árvores maiores, de maior porte [...]"

### Primeiros tempos

Depois da derrubada, vinha a queima, a retirada dos galhos restantes, o plantio. Enquanto esperavam a colheita, os colonos ocupavam-se com a melhoria e abertura de estradas, com a construção

da casa e a derrubada de matos para a plantação da próxima safra. Enquanto esperavam o milho crescer e amadurecer, alguns procuravam os serviços públicos nas estradas, quase sempre os mais próximos, e outros davam início à preparação do madeirame necessário para construir outra casa, rústica sim, mas um pouco mais confortável.

Em forma geral, os trabalhos de limpeza da terra eram recompensados pela fertilidade dos campos jamais explorados. Na hora da colheita, vinha a recompensa farta: “O terreno, em geral, é fertilíssimo”, comentaria Julio Lorenzoni, numa clara exageração. A mesa relativamente farta, em relação à dieta alimentar conhecida na Itália, foi a primeira conquista do trabalhador colonial no RS.

Nas colônias, era plantado principalmente milho, trigo, uva. A jornada de trabalho era longa, de sol a sol. O colono aproveitava toda a luz do sol para trabalhar, desde manhã muito cedo, até o anoitecer. Toda a família envolvia-se no trabalho: crianças pequenas, mulheres, velhos. Do esforço comum dependia a sobrevivência do grupo familiar.

Mário Maestri lembra: “As atividades do lote articulavam-se em torno de duas esferas produtivas: uma de subsistência e outra mercantil. Os produtos da roça e das videiras - milho, trigo, vinho – destinavam-se tendencialmente à mer-

cantilização, direta ou indireta. Os produtos da horta, da pequena criação e do pequeno artesanato, abasteciam o fundo de consumo familiar.”

Em 1879, o governo tomou medidas de restrições, suspendendo os favores concedidos aos imigrantes. Mesmo assim, os colonos continuaram chegando, num claro registro da percepção coletiva das vantagens diferenciadas da imigração para o RS. A maioria dos imigrantes italianos chegou no RS após 1879, data em que o governo suspendeu toda a ajuda em favor deles.

Entre 1875 e 1914, mais de oitenta mil famílias de imigrantes se estabeleceram no Rio Grande do Sul, a grande maioria durante o período imperial, graças aos esforços do governo. Os colonos chegavam sobretudo da Lombardia, do Vêneto e do Tirol, atraídos pelo sonho da terra. Durante esse tempo, o governo imperial fez muito em prol da imigração.

### República e imigração

Em 1888, a abolição da escravidão no Brasil formalizou e legitimou a necessidade da mão-de-obra do imigrante. Nesses anos, as lavouras do café, em franco desenvolvimento, constituíam produção altamente rendosa. Então, defendeu-se a imigração subvencionada, no caso da lavoura cafeeira, em que a importação do trabalho livre foi conside-

rada a única saída para o suprimento de mão-de-obra, e para substituir o trabalho escravo, sem comprometer o domínio da grande lavoura, antes tornando possível a manutenção do controle do governo, da economia e da sociedade.

Em 1889, com a proclamação da República, o novo governo entregou a organização da imigração para os governos estaduais e a iniciativa privada. Com a nova constituição republicana, ficou determinado que seria concedida nacionalidade brasileira aos imigrantes estabelecidos no Brasil. Finalmente, em 1914, com o fim da imigração subvencionada e a Primeira Guerra Mundial, as emigrações européias refluem e deixam de ser expressivas. A partir de então, o impulso colonial migratório deveu-se, sobretudo, à importância da expansão vegetativa da população colonial, das velhas para as novas colônias.

### Nota

Texto baseado no livro, *Ulisses va in América: história, historiografia e mitos da imigração italiana no Rio Grande do sul- (1875-1914)*, da mesma autora.

(Dilse Piccin Corteze é Mestre em História Regional pela UPF, Professora da Faculdade IDEAU-Getúlio Vargas, membro da academia Passo-Fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo.)





# Mãos rachadas

JÚLIO CÉSAR PEREZ

Ele chegou até o guichê do caixa com o mesmo açodamento com que saiu de casa. Pousou sobre o balcão as mãos rachadas pelo frio e pela água e declarou ao funcionário do outro lado do acrílico, que lhe olhava como ao vazio, o que desejava.

“Elizabeth não vai precisar mesmo desse dinheiro tão logo.” – pensava, enquanto o funcionário se afastava para conferir seus dados.

“Podemos juntar de novo uma boa quantia pra ela. Além do mais, ela bem pode ter mais sorte do que eu na vida.”

Provavelmente, nesse momento, o funcionário de olhos mortíços estaria tomando consciência do que ela estava fazendo: sacando o dinheiro da poupança da filha que, ela mesma, há alguns anos, havia aberto.

“Ele não tem nada com isso!” – pensou mais uma vez a mulher, estudando a fisionomia abatida do rapaz, tentando com isso afastar um incipiente sentimento de culpa.

Ela não era uma mulher velha, mas a dureza da vida que levava havia acelerado a passagem dos anos e, nesse dia, ela tinha tomado a decisão de fazer alguma coisa por si. Além do mais,

já não agüentava as rachaduras da pele de suas mãos, por causa das roupas que tinha que lavar no tanque, sob o frio.

Provavelmente, o rapaz havia percebido alguma coisa nos seus olhinhos azuis lambuzados de lágrimas, ou nas mãos calejadas sobre o balcão, para se sair com esta:

- Chega de sofrer, então, vizinha?! - fazendo-a lembrar que havia se denunciado logo no início, por causa da ansiedade com que havia chegado e, em poucas palavras, contado toda a história.

Quem sabe na tentativa de se desculpar por estar sacando o dinheiro da filha?

Mas, ao mesmo tempo, não podia deixar de se render à sinceridade daquelas palavras afetuosas que lhe iam direto ao coração.

Sentiu mais uma vez seus olhos se encherem de lágrimas e só pôde assentir afirmativamente, com um balançar de cabeça.

Não pôde, contudo, deixar de sentir um vazio, em seguida, por ter-se despedido tão rápido do rapaz que, talvez, lhe ajudasse a se sentir menos culpada pelo que estava fazendo. Mas não havia outro modo de agir, dado à precariedade do lugar e da pressa das pessoas às suas

costas, que esperavam sua vez. Mas isso já não lhe importava mais, agora que estava fora da agência e lhe renascia inteirinha a vontade de concretizar seu plano.

Bastava-lhe agora tomar todas as precauções para fazer um bom negócio, não perder dinheiro e conseguir exatamente aquilo que queria. Ainda sentiu um último laivo de culpa ao cruzar o limiar da primeira loja. Depois, no entanto, já começava a sonhar com a vida nova que teria.

Esteve em várias, zelosa do seu dinheiro.

“Do seu dinheiro?!” Não pôde deixar de se repreender por se expressar daquela maneira em relação ao dinheiro da filha.

“Ah, ainda isso?!” Deu de ombros, afinal.

Olhou, examinou, desconfiou das promessas dos vendedores. Por fim consumou o ato que lhe levaria à liberdade e a uma vida nova.

Chegou triunfante em casa com a máquina de lavar roupas, novinha em folha, que tinha comprado com o dinheiro da filha.

(Júlio César Perez é auditor público e escritor.)

# O Professor de desenho e o menino “aleijadinho”

GETULIO VARGAS ZAUZA

Esta é mais uma história ocorrida na mesma escola onde aconteceu o caso do professor e o menino burrinho.

Certo dia, o diretor do Ginásio procurou-me para pedir-me opinião sobre o que poderia ser feito para resolver uma situação um tanto complicada.

A questão era que o Ginásio era uma instituição destinada a jovens de constituição física normal, por ter como objetivo despertar a vocação para as atividades agrícolas. Portanto, eles deveriam estar aptos fisicamente para o manejo dos instrumentos necessários para as referidas atividades. Mas por uma questão puramente humanitária, foi admitido um jovem do interior e de família muito pobre.

Esse jovem era portador de uma insuficiência física grave, pois todo seu lado direito era defeituoso, a ponto de não poder manusear instrumentos utilizados para as tarefas de desenho geométrico, bem como para as agrícolas.

Quando chegou o momento em que a disciplina de Desenho passou a fazer parte do currículo, ele não tinha condições de realizá-la. Ele teria que ser reprovado, e conseqüentemente, desligado da escola. E, evidentemente não poderia freqüentar outra. Ficaria sem po-

der estudar. O que seria de sua vida? Ele era um jovem inteligente.

Aprová-lo sem cumprir a disciplina não era possível legalmente, e pedagogicamente seria incorreto. Então conversei com o professor e sugeri uma atividade alternativa: trabalhos com tinta guache e lápis de cera. Mas o professor não aceitou.

Ante esse impasse, no fim-de-semana seguinte dediquei-me a imaginar uma forma de solucionar a questão, de uma maneira que satisfizesse as exigências legais e pedagógicas. Como eu conhecia bem que tipo de desenhos teriam que ser realizados e os respectivos recursos necessários para tal, pus-me a meditar, primeiramente sem tentar formar uma representação. Apenas coloquei o problema ante a consciência. Pouco a pouco, foi-se configurando uma imagem da situação. Formou-se ante minha “visão” interna uma espécie de prancheta, na qual poderiam ser fixados os instrumentos necessários para a realização dos traçados, com a mobilidade e firmeza adequadas. Mentalmente, fui fixando os instrumentos e fazendo os devidos desenhos. Feito isso, fiz um desenho esquemático da prancheta. Mas então surgiu outro problema: como construí-la? Eu não possuía as ferramentas, nem o material e menos ainda a habilidade. Fui dormir.

No dia seguinte pela manhã, Segun-

da-feira, fui para a escola. No caminho, lembrei-me que havia lá um professor de Geografia que talvez resolvesse a questão. Logo encontrei o professor Ilo Frediani, que dominava várias atividades, tais como ourivesaria, pintura, restauração de obras de arte, etc... Falei com ele, expus o problema e apresentei-lhe o projeto, que ele logo aprovou e comprometeu-se a executá-lo. Pediu-me uma semana de prazo.

Na semana seguinte, estava pronta a prancheta. Testamo-la na prática. Funcionou. Ato seguinte, convidamos o aluno a receber o treinamento sobre como utilizar todos os seus recursos.

Enquanto tudo isso acontecia, já havia decorrido mais de um mês e meio de aula. Em uma semana, o jovem atualizou os desenhos das aulas anteriores e, ao mesmo tempo, acompanhava regularmente as atuais. Problema resolvido, o jovem feliz, e nós, o diretor, o professor Frediani e eu, também. Nenhum comentário do professor de Desenho...

Em 1964, fui requisitado e cedido ao Instituto Santa Luzia, para trabalhar como psicólogo. Lá permaneci até o fim do ano de 1973 (9 anos). Em 1974, transferei-me para Passo Fundo.

Alguns anos depois, encontrei-me casualmente com o professor Iran Ardenghi, que era o diretor na época dos referidos acontecimentos e havia retornado a assumir a direção do Ginásio Agrícola. Conversa daqui, conversa dali, lembranças daqueles tempos. De repente, ele perguntou-me se eu lembrava daquele aluno. – Claro! – Tu podes imaginar qual a profissão dele? – Nem por sonho! – Pois não vais acreditar! – Por que não? – Por que ele é desenhista de projetos, aprovado em concurso público.

Se há conclusão a tirar desse fato, tire você, leitor, particularmente se fores professor.

(Getulio Vargas Zauza é psicólogo-clínico e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)



# Ascensão e queda de Fritz Haber

GILBERTO R. CUNHA

**D**e Fritz Haber se pode dizer que, a par de ter alcançado os maiores êxitos profissionais (Prêmio Nobel de Química - 1918, por exemplo), sofreu grandes reveses na vida pessoal. Esse judeu alemão que nasceu em Breslau, em 1868, cidade pertencente, na época, à Prússia (que seria unificada, três anos depois, à Alemanha) e, hoje, é Wrocław, na Polônia, entrou para a história pela descoberta do processo de síntese do amoníaco, a partir do nitrogênio atmosférico (base dos fertilizantes nitrogenados usados em agricultura) e também como precursor na criação/uso de armas químicas.

Fritz Haber cresceu no seio de uma família de judeus não praticantes (seu pai era um importador de índigo natural), numa época em que havia na Alemanha uma imponente indústria química (corantes e medicamentos). Estudou nas Universidades de Berlim e Heidelberg, obtendo, em 1891, um doutoramento em química orgânica. Começou trabalhando na empresa da família e, mais tarde, diante de dificuldades econômicas, passou a aspirar uma carreira acadêmica. Considerando que os postos de maior prestígio, no exército e na administração, eram reservados aos cristãos, Fritz Haber, em 1892, tornou-se luterano, abandonando o judaísmo e o uso do segundo nome, Jacob. De qualquer forma, isso não impediria que, em 1900, ele fosse rejeitado, quando postulou uma vaga de catedrático no Instituto Técnico de Karlsruhe, por suas ascendências judaicas.

Em 1901, casou-se com Clara Immerwahr (primeira mulher a obter um doutoramento em Química pela Universidade de Breslau). Todavia, apesar das afinidades (o estudo da Química, e ela também judia batizada cristã), foi um casamento infeliz. Clara não suportou a sombra de Fritz Haber, a ponto de, em 1909, ter confidenciado a um amigo: “o que resta de mim enche-me da mais profunda insatisfação e a maior parte deve ser atribuída à sufocante imposição da pessoa de Fritz”. Mas o pior ainda estaria por vir.

Na Europa, no final do século 19, res-



surgiu a velha discussão malthusiana de como alimentar uma população que crescia de forma descontrolada. Fome ou guerras eram alternativas vislumbradas para restabelecer o equilíbrio. O caminho mais sensato seria aumentar a produção agrícola, mas isso implicava na necessidade de se encontrar novas fontes de adubos nitrogenados. As reservas sul-americanas de guano e salitre do Chile seriam extintas rapidamente. A solução era a produção de adubos nitrogenados a partir do nitrogênio atmosférico (78% da composição da atmosfera). Também, o guano e o salitre não se prestavam apenas para adubos, mas, sobretudo, eram usados na fabricação de explosivos.

Em tempos de guerras iminentes, os sábios alemães, no início do século 20, se debruçaram sobre o problema de fixar o nitrogênio atmosférico. O ambiente do país favorecia a atividade cien-

tífica: os industriais compravam patentes, contratavam cientistas e os bancos financiavam pesquisas. Em 1904, Haber e o inglês Robert Le Rossignol conseguiram resultados interessantes, variando a pressão e a temperatura (a 200 °C e 200 atmosferas). No entanto, o que obtiveram era uma reação lenta e de baixo rendimento. Em 1908, Haber mostrou a BASF um equipamento que produzia 100 centímetros cúbicos de amoníaco por hora. Iniciava-se uma dura negociação comercial com a empresa, que designou Carl Bosch para buscar outros catalisadores e desenvolver o processo em escala industrial. Haber informa a BASF que a rival Hoechst também estava interessada na sua invenção. Ainda, a Auer, via o banqueiro e seu presidente Leopold Koppel, entrar na competição pelo processo desenvolvido por Haber. Ele acabaria fechando negócio com a BASF, por um

salário de 23 mil marcos e dando exclusividade, nas suas novas invenções.

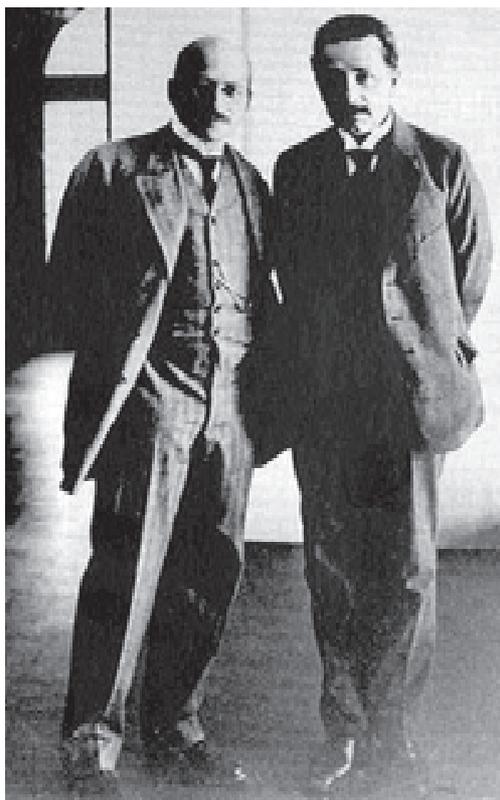
Por indicação de Koppel (também um judeu convertido), em 1911, Fritz Haber foi para Berlim, onde assumiu a direção do Instituto Kaiser Wilhelm de Físico-Química e Eletroquímica. Na cidade, ele passou a privar da convivência com pessoas influentes, incluindo-se o imperador.

Em 1913 foi aberta a primeira fábrica de amoníaco na Alemanha. Carl Bosch, da BASF, trabalhara quatro anos, para passar, à produção industrial, uma idéia de laboratório desenvolvida por Haber, tendo testado mais de 20 mil catalisadores e construído compressores gigantescos (capazes de funcionar 24 horas por dia). Por essa proeza, ele ganharia o Nobel de Química, em 1931. Bosch modificou profundamente o método inicial proposto por Haber (comprado pela BASF) e ganharia a fúria de Fritz Haber ao afirmar “não sobrou nada de Haber aqui”. Não obstante, esse procedimento de produção de amoníaco entrou para a história com o nome de processo Haber-Bosch. Alguns meses depois, começaria a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), e essa fábrica seria fundamental para a produção de explosivos para os alemães. Dizem que, sem ela, a Alemanha teria sido derrotada antes de 1916, por falta de nitrato à produção de munição para armamentos.

Fritz Haber engajou-se no esforço de guerra alemão. Passou a desenvolver gases irritantes e lacrimogêneos que seriam usados para desentrançar os soldados aliados. Entrara em uma seara delicada, pois tratados assinados em Haia impediam o uso de gases venenosos como armas de guerra. Fritz Haber foi nomeado capitão do exército alemão pelo Kaiser. Na sua equipe estavam muitos cientistas que, futuramente, receberiam o Prêmio Nobel. Em abril de 1915, o próprio Haber, de charuto na boca, comandaria a vergonhosa operação de uso de armas químicas em Langemarck (na Bélgica). Foi um ato que indignou o mundo, pelo grande sofrimento causado aos soldados inimigos dos alemães, que morriam por asfixia e hemorragia. Esse crime de guerra sujaria para sempre o nome de Fritz Haber e repercutiria terrivelmente na sua família. De volta para casa, em 1º de maio daquele ano, no meio de uma violenta discussão com a esposa Clara, ela pe-

gou um revólver e matou-se. O filho de 14 anos tentou socorrer a mãe agonizante. Mas foi em vão. Na manhã seguinte, Fritz Haber partiu para a frente de batalha e coube ao filho, sozinho, enterrar Clara. Essa criança, Herman, ficaria traumatizada para sempre e, em 1947, acabaria suicidando-se nos Estados Unidos, sendo, pouco depois, também imitada nesse ato pela sua própria filha (neta de Haber).

Em novembro de 1918, o império alemão desmoronou e a república foi proclamada. Haber passou a ser procurado



Fritz Haber e Albert Einstein

como criminoso de guerra, refugiando-se na Suíça. Quando, em novembro de 1919, seu nome foi indicado para o Prêmio Nobel de Química de 1918, houve uma onda de protestos na comunidade científica internacional. A Comissão do Nobel assegurou que a distinção recompensava somente o inventor da síntese do amoníaco, que se prestava a combater a fome no mundo, via “adubos produzidos pelo processo Haber-Bosch”. Amainada a situação, Fritz Haber retornou a Alemanha em 1921, e às suas antigas funções no Instituto Kaiser Wilhelm de Físico-Química e Eletroquímica. Tentou salvar o país do desastre econômico, com novas idéias, tipo tirar ouro da água do mar. Com a desculpa de combater pragas da agricultura, roedores e insetos, deu continuidade às pesquisas

com venenos (na verdade, buscou desenvolver novas armas químicas). Nesse esforço, sua equipe criaria o Zyklon B, sem imaginar que esse gás seria usado nos campos nazistas de exterminação, durante a Segunda Guerra Mundial, vitimando muitos de seus familiares e amigos judeus.

Haber (ao contrário de Albert Einstein e outros cientistas) não tomou partido contra a ascensão do nacional-socialismo. Quando Hitler chegou ao poder, em janeiro de 1933, muitos cientistas do mais alto nível deixaram a Alemanha (entre 1901 e 1932, foram 35 cientistas alemães agraciados com o Prêmio Nobel). Começou uma repressão no país contra os não-arianos. Exceção foi feita aos veteranos de guerra, caso de Fritz Haber e James Frank (ambos envolvidos com armas químicas). Eles poderiam permanecer, mas deveriam demitir os colaboradores judeus, batizados ou não. Frank e Haber renunciaram. Haber ficou abalado, confessando-se, tempos depois, arrependido, por perceber tardiamente o quanto fora um patriota alemão. Ele gostaria de ter ido morar na Suíça, mas foi parar em Cambridge. Não suportando o clima inglês, mudou-se para a Basileia, onde morreu em janeiro de 1934.

Eis Fritz Haber: cientista genial ou criminoso de guerra? Ele ilustra um paradoxo da ciência, cujos resultados tanto podem ser usados para o bem quanto para o mal. Eu prefiro ver Fritz Haber como “um benfeitor da humanidade”, podendo-se enquadrar o processo Haber-Bosch como uma das mais importantes invenções do século 20, pois, sem os fertilizantes sintéticos, não haveria como se produzir alimentos para seis bilhões de criaturas humanas. Há quem diga que, sem esse processo, dois em cada cinco seres humanos hoje na Terra não estariam vivos. Embora isso também possa indicar que o homem, a partir desse processo, selou com a natureza um pacto semelhante ao de Fausto.

Sobre Fritz Haber, o seu filho Ludwig (historiador da ciência) resumiu: “O Alto Comando encontrou em Haber uma mente brilhante e um organizador extremamente enérgico, determinado e talvez até mesmo, inescrupuloso”.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# As implicações sócio-econômicas do crime de formação de cartel

DANIEL DA SILVEIRA MENEGAZ

O cartel baseia-se em um acordo realizado entre empresas rivais transnacionalizadas, que são fundadas sobre redes de relações informais e interpessoais, com o objetivo de eliminar a concorrência<sup>1</sup>. Suas principais atividades estão centradas em fixar preços<sup>2</sup>, limitar a oferta disponível, dividir o mercado e compartilhar os benefícios<sup>3</sup>.

Os efeitos negativos da ausência de competição no mercado produzem a diminuição da oferta e a, conseqüente, elevação dos preços, causando enormes prejuízos à sociedade e ao mercado consumidor. Tanto este como aquela estão diretamente vinculados na rede das relações, tendo em vista que quanto maior a eficiência da economia, mais haverá progresso social e melhor será a qualidade de vida da população.

Nesse sentido, a ordem econômica pretende a valorização do trabalho humano e a livre iniciativa, garantindo a existência de ambientes competitivos, assegurando para todas as pessoas uma vida com dignidade, com justiça social<sup>4</sup>. Destarte, constitui crime contra a ordem econômica e as relações de consumo o abuso do poder econômico, com a dominação do mercado ou a eliminação da concorrência, mediante formação de acordo entre empresas<sup>5</sup>.

A sociedade contemporânea está estruturada sobre o Estado, o Direito e a Economia. Esses pilares estão conectados e influenciam uns aos outros, ressaltando que o setor econômico possui uma dinâmica reforçada pela tecnologia, que lhe oferece inúmeras possibilidades de Poder sobre os demais. Na

verdade, o Mercado gravita sem fronteiras, com ilimitada liberdade, enquanto que a Sociedade, o Estado e o Direito revelam-se circunscritos ao território, porquanto há riscos financeiros, pelo eventual abandono das empresas de um determinado local para outro mais atrativo.

Nesse aspecto, a globalização econômico-cultural tem como uma de suas principais características a compressão espaço-tempo, pois “se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância”<sup>6</sup>, sendo instituída a crise das identidades nacionais que opera um importante impacto sobre as relações empresariais transnacionais, já que com a descentralização do indivíduo as diferenças podem nortear os rumos dos cartéis pelo mundo, indicando que “um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX”.<sup>7</sup> Assim: “o aparecimento de multinacionais





está a redesenhar as fronteiras e as identidades nacionais da era do capitalismo terciário. (...) defende também que a cultura dos negócios está a se tornar na própria cultura global”.<sup>8</sup>

Além disso, o contexto em que se forma o cartel, cujo objetivo é apenas eliminar o outro e obter com isso mais lucro, demonstra o abismo existente entre o poder dos desejos individuais dos empresários e as exigências axiológicas necessárias ao pleno desenvolvimento econômico e social. De fato, essa discrepância apresenta-se imanente no pensamento humano desde o século XVI, por meio da dualidade – dentro e fora<sup>9</sup> –, tendo o indivíduo uma autoconsciência de que é mais importante do que a sociedade, todavia, “ninguém duvida de que os indivíduos formam a sociedade ou de que toda sociedade é uma sociedade de indivíduos”<sup>10</sup>, ou seja, um não existe sem o outro.

O processo social está em constante movimento, com avanços e retrocessos, e nenhum indivíduo ou grupo de indivíduos planejou qualquer das sociedades e instituições ao longo da história.

A invisibilidade das relações na rede afeta a regularidade social e lança perigos, porque a formação de cartel não é percebida imediatamente, de forma que os prejuízos são notados depois de determinado tempo, ficando a população exposta em algum grau a suas consequências.<sup>11</sup>

Outrossim, os indivíduos empresários tomam decisões diariamente, fazendo escolhas nem sempre muito éticas, como no caso da formação de cartel, de maneira que, quando “pessoas ou grupos em livre concorrência entram em conflito violento, sem dúvida trabalham, queiram ou não, por uma redução da esfera de competição, visando a uma situação de monopólio (...)”<sup>12</sup>, sendo que o resultado desse mecanismo de concorrência predatória depende em grande medida dos “dons instintivos, da energia pessoal e da inteligência de um ou mais indivíduos dentro dos grupos rivais”.<sup>13</sup>

Com isso, o crime de prática de cartel por parte dos empresários na sociedade acontece no âmago da rede das relações humanas, mecanismo bem explicitado

por Norbert Elias:

Toda sociedade grande e complexa tem, na verdade, as duas qualidades: é muito firme e muito elástica. Em seu interior, constantemente se abre um espaço para as decisões individuais. Apresentam-se oportunidades que podem ser aproveitadas ou perdidas. Aparecem encruzilhadas em que as pessoas têm de fazer escolhas, conforme sua posição social, pode depender seu destino pessoal imediato, ou o de uma família inteira, ou ainda, em certas situações, de nações inteiras ou de grupos dentro delas. Pode depender de suas escolhas que a resolução completa das tensões existentes ocorra na geração atual ou somente na seguinte. Delas pode depender a determinação de qual das pessoas ou grupos em confronto, dentro de um sistema particular de tensões, se tornará o executor das transformações para as quais as tensões estão impelindo, e de que lado e em que lugar se localizarão os centros das novas formas de integração rumo às quais se deslocam as mais antigas, em virtude, sempre, de suas tensões. Mas as oportunidades

entre as quais a pessoa assim se vê forçada a optar não são, em si mesmas, criadas por essa pessoa. São prescritas e limitadas pela estrutura específica de sua sociedade e pela natureza das funções que as pessoas exercem dentro dela. E, seja qual for a oportunidade que ela aproveite, seu ato se entremeará com os de outras pessoas; desencadeará outras seqüências de ações, cuja direção e resultado provisório não dependerão desse indivíduo, mas da distribuição do poder e da estrutura das tensões em toda essa rede humana móvel.<sup>14</sup>

Nesse diapasão, as relações propugnadas pelos empresários deveriam estar embebidas em uma ética que determinasse ações condizentes com o princípio da responsabilidade social da empresa, mas não é o que vem ocorrendo atualmente no mundo ocidental, que é cada vez mais selvagem e egoísta, sob o ponto de vista do abismo existente entre o indivíduo e a sociedade.

No entanto, após a prática de atos criminosos, como na formação de cartel, isto é, a escolha por parte do empresário por um acordo econômico com outros para reduzir ou eliminar a concorrência, os indivíduos envolvidos ficam na expectativa do desenvolvimento do processo decorrente de seus atos, uma vez que não controlam mais as reações que podem suceder, então “(...) as pessoas

colocam-se ante o efeito de seus próprios atos, como o aprendiz de feiticeiro ante os espíritos que invocou e que, uma vez soltos, não mais permanecem sob o seu controle”<sup>15</sup>, quando na “entremeação dos anseios ou planos estreitamente relacionados de muitos indivíduos, entram em ação mecanismos de monopólio, avançando rumo a áreas cada vez mais vastas”<sup>16</sup>.

Embora formar um cartel seja uma prática planejada, depois de colocado em atividade no mercado, os infratores perdem o controle, pois esta circunstância “se aplica às mais simples formas de relação entre as pessoas”<sup>17</sup>, podendo ser criminalizados e punidos, sem olvidar da enorme ineficácia do Direito Penal e do Poder do Estado para esse desiderato.

Nesse sentido, a existência do cartel gera uma ambiência e uma proximidade fundada no poder econômico do grupo, formando uma comunidade emocional que é instável e aberta, como ocorre em organizações mafiosas, mas também “no meio dos negócios impera uma conformidade semelhante”<sup>18</sup>, diferenciando-se pelas variações, no grau de ligação entre os indivíduos, nos diferentes meios em que operam, assim como diante da fidelidade às regras estabelecidas, sendo “importante avaliar seus efeitos, seu caráter marcante e, talvez, sua dimensão prospectiva”<sup>19</sup>, sobre o

paradoxo do vai-e-vem das tribos e da massa, que, por outro lado, tem abandonada a idéia de identidade, compreendendo a potência da socialidade empática que, através da abstenção, do silêncio e da astúcia, se opõe ao poder do econômico.

Nessa perspectiva, constata-se que não há controle sobre a massa e sua potência subterrânea, podendo desestabilizar qualquer forma de abuso do poder econômico, arquitetada sobre “os ‘buracos negros’ da socialidade”<sup>20</sup>, detectando-se, então, o vazio, o vácuo, o comportamento secreto, sendo que reside nisso a sua força de resistência ao poder perverso.

Assim, confirma-se a possibilidade potencial de um sentimento coletivo de aplicação ética e técnica dos fundamentos constitucionais da ordem sócio-econômica, contra a formação de cartel, dentro da ótica da crise das ilusórias identidades nacionais e do descentramento do indivíduo, acometidos pela globalização econômico-cultural, bem como das redes de relações que compõem o incontrolável processo social, em face da conduta dos empresários. Portanto, o mercado deve estar calcado nos princípios da livre iniciativa e da livre concorrência, para garantir dignidade aos indivíduos da sociedade, com justiça social.

#### BIBLIOGRAFIA OBRIGATÓRIA

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1994. 201p.  
HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 1997. 111p.  
KERCKHOVE, Derrick de. *A Pele da Cultura: Uma Investigação Sobre a Nova Realidade Eletrônica*. São Paulo: Editora Mediações, 1996. 294p.  
MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1998. 232p.  
MELLO, Maria Terezinha Leopardi. *Defesa da Concorrência*. In: KUPFER, David, HASENCLEVER, Lia, *Economia Industrial: Fundamentos Teóricos e Práticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2002. p.p. 485-513.  
KON, Anita. *Economia Industrial*. São Paulo: Editora Nobel, 1996. 212p.  
LEI 8.137 DE 27 DE DEZEMBRO DE 1990. São Paulo: Editora Saraiva, 2007.  
CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL – 1988. São Paulo: Editora Saraiva, 2007.

#### Notas

1 MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. *Cartilha sobre Cartel da Secretaria de Direito Econômico*. p. 10.

“Cartel é um acordo horizontal, formal ou não, entre concorrentes que atuam no mesmo mercado relevante geográfico e material, que tenha por objetivo uniformizar as variáveis econômicas inerentes às suas atividades, como preços, quantidades, condições de pagamento etc, de maneira a regular ou neutralizar a concorrência”.

2 KON, Anita. *Economia Industrial*. p. 54. “O cartel baseia-se em um acordo entre empresas rivais para ação comum nos negócios, a fim de dominar o mercado e estabelecer comportamentos de controle mais rígido sobre o preço”.

3 MELLO, Maria Terezinha Leopardi. *Defesa da Concorrência*. In: KUPFER, David, HASENCLEVER, Lia, *Economia Industrial: Fundamentos Teóricos e Práticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2002. p. 504. “Práticas horizontais consistem, basicamente, ou em acordos entre concorrentes ou em concorrência predatória entre eles. Em ambos os casos, implicam reduzir ou eliminar a concorrência do mercado visando ao aumento de poder de mercado – em conjunto, via acordos, ou individualmente, via preços predatórios; a curto ou a longo prazos, respectivamente”.

4 CONSTITUIÇÃO FEDERAL, Art. 170, IV e V e Art. 174, §4º e §5º.

5 Lei 8.137/90, Art. 4º, I, ‘a’, II, ‘a’, ‘b’ e ‘c’ e III. 6 HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-*

*Modernidade*. p. 73.

7 *Idem, ibidem*. p. 09.

8 KERCKHOVE, Derrick de. *A Pele da Cultura: Uma Investigação Sobre a Nova Realidade Eletrônica*. p. 24.

9 HALL, Stuart. *Op. Cit.* p. 29. “Descartes postulou duas substâncias distintas – a substância espacial (matéria) e a substância pensante (mente). Ele, refocalizou, assim, aquele grande dualismo entre a ‘mente’ e a ‘matéria, que tem afligido a Filosofia desde então”.

10 ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. p. 16.

11 *Idem, ibidem*. p. 21.

12 *Idem, ibidem*. p. 47.

13 *Idem, ibidem*. p. 47.

14 *Idem, ibidem*. p. 48.

15 *Idem, ibidem*. p. 58.

16 *Idem, ibidem*. p. 58.

17 *Idem, ibidem*. p. 58.

18 MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. p. 22.

19 *Idem, ibidem*. p. 22.

20 *Idem, ibidem*. p. 53.

(Daniel da Silveira Menegaz é Mestre em Ciências Criminais pela PUC/RS, professor universitário e advogado.)



## Solidão

Estar só consigo mesmo  
e viver no silêncio mudo,  
quando fluem assim, a esmo,  
na consciência, do inconsciente o conteúdo;

que são medonhos abantesmas,  
e a alma gela quase em pânico,  
e quer fugir de si mesma  
como de um poder satânico.

A alma desespera de tanto medo  
e não sabe mais o que fazer  
para do caos interior achar a solução.

É nisso que reside o segredo  
de tanto medo, que tanto faz sofrer  
e fugir de qualquer jeito da temível solidão.

## Sem esperança

Eu sei, meu poema é denso  
e podes até sentir horror.  
Mas o que digo, expervivo e penso,  
é com seriedade e muito, muito amor.

É fruto de mergulho em profundidade  
d'alma, que desespera e arde em sofrimentos,  
e desola em descomunal tristeza  
sem encontrar qualquer alento.

Todo dia, co-expervivendo a dor  
de quem só faz sofrer,  
sem ter fé e nenhuma esperança.

É preciso compaixão e amor,  
para que possam reviver  
fé, coragem, autoconfiança.

P.F. 13/05/07  
(Domingo, 16h5min)

P.F. 18/05/07  
(Sexta-feira, 20h30min)

## Terra mortificada

Vejo a Terra sendo mortificada,  
a humanidade destruindo a vida,  
seguindo pela fatal estrada  
num comportamento suicida.

A vida social já é caótica  
e há confusão em toda a parte;  
e a elite mais parece psicótica.  
Falta-lhe inteligência e muita arte.

Ninguém encontra a saída  
para esse caos horrendo.  
Ciência, Filosofia e Religião estão perdidas,  
e Humanidade e Terra estão apodrecendo.

P.F. 31/03/07 (12h40min)

## Urgência

Dependência leva à compulsão,  
que logo arrasta à desgraça,  
e finalmente à escravidão,  
e a vida perde toda a graça.

A decisão deve ser logo tomada  
e logo a ação que seja urgente,  
antes que a alma seja dominada  
e aja só de forma inconseqüente

Antes que o eu seja anulado  
e se torne um wesen impotente,  
e esta vida seja desperdiçada.

é preciso que ele seja reforçado  
pelo puro pensar reconhecente,  
e, finalmente, a verdade seja amada.

P.F. 21/05/07  
(Segunda-feira, 14h29min)

(Getulio Vargas Zauza  
é psicólogo-clínico e  
pertence à Academia  
Passo-Fundense  
de Letras.)



# O mito historiográfico

DILSE PICCIN CORTEZE

---

No processo de sua produção e reprodução, a sociedade humana procurou, com as armas de que dispunha, explicações sobre a natureza e sua própria existência. Desse processo nasceram as narrativas míticas dos fatos sociais e naturais. No sentido etimológico, proveniente do grego, a palavra “mito” quer dizer “contar”, “narrar”, “falar”, “anunciar”, “conversar”.

Originalmente, os mitos eram esquemas narrativos surgidos para explicar problemas que o homem social não conseguia ou não podia interpretar, num momento em que a ciência ainda não se constituía, devido ao escasso desenvolvimento civilizatório. Eram relatos fantasiosos, fantásticos, imaginários, etc., que buscavam explicar fenômenos históricos, naturais, psicológicos, sociais, etc.

Segundo Alain Quesnel e Jean Torton, na obra: *A Grécia, mitos e lendas*, o herói grego Heracles mata o leão de Neméia e a hidra de Lerna. No primeiro caso, “seu feito talvez simbolize o desbravamento de uma mata cerrada”. No segundo, a “conquista de um pântano insalubre”. As aventuras de Aquiles e de Ulisses referem-se à colonização do Mediterrâneo. Os ossos imensos dos mamutes no litoral do mar Negro teriam sido explicados como resultado da “guerra dos titãs contra os deuses”.

Em forma sintética, chama-se de *mito* toda narrativa totalizante, fantástica, sem origem e sem autor, em geral produto de uma elaboração coletiva, transcorrida em um tempo passado, não situado, que se refere a atos, objetos, seres personalizados, etc. A narrativa mítica passava de geração a geração, sobretudo através do relato de indivíduos depositários da tradição que inspiravam confiança à comunidade.

Nesse sentido, os mitos do passado são verdadeiros registros dos povos que os criaram. No livro de Mircea Eliade, *Mito e realidade*, podemos ver que: “Os mitos, efetivamente, narram não

apenas a origem do mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os conhecimentos primordiais, em consequência dos quais o homem se converteu no que é, hoje, um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver e trabalhando de acordo com determinadas regras.”

As explicações mítico-animistas foram superadas pelos relatos antropomorfizadores, quando o homem ultrapassou aquele estágio de desenvolvimento intelectual. A antropomorfização mítica decorre da antropomorfização do universo pelo ser social. Num processo alienado, o homem reconhecia, como construtor do cosmo, personagens e forças à imagem dos homens comuns que produziam o mundo objetivo através do trabalho.

### A MITOLOGIA GREGA

Os relatos míticos fundadores da sociedade ocidental nasceram e se desenvolveram na Grécia Clássica. Por volta de 2000 a C., hordas de guerreiros vindos do nordeste europeu penetraram na Grécia – os helenos ou aqueus. Esses invasores espalharam-se pela Grécia continental, antes de ocuparem as ilhas que a rodeiam, impondo às populações nativas seu sistema social e político, modo de vida e crenças religiosas.

A Hélade não foi uma nação no sentido moderno da palavra, mas um grande número de cidades independentes. O que os antigos gregos tinham em comum era a língua, o modo de vida e a religião, traduzidos em sua mitologia. Afora esses valores culturais, muito os separa. As guerras entre as cidades-Estados eram freqüentes. Quesnel e Torton afirmam: “Nesse país montanhoso, as cidades têm um centro, a acrópole, que significa ‘cidade alta.’ É uma fortaleza de muralhas espessas que protege o palácio, as casas dos que vivem em torno do rei e os templos consagrados às diversas divindades. A cidadela dominava os vales, permitindo ação rápida no caso de ataques inimigos”.

Micenas foi a mais característica acrópole aquéia, por isso, os historiadores denominam esse momento da Idade do Bronze de período micênico. Os reis de então (Agamenon, Aquiles, Ulisses...) são os personagens principais de numerosas lendas.

Muitas vezes, eles eram considerados filhos dos deuses. O povo comum vivia em cabanas, ao pé da acrópole, da agricultura e do pastoreio. Depois de insta-

larem-se na Grécia, os aqueus conquistaram as regiões “bárbaras” que os cercavam. Primeiro, defrontaram-se com a civilização cretense, por volta de 1400 a. C. Então, Creta dominava o Mediterrâneo oriental e possuía refinada cultura. Os helenos destruíram-na, mas dela tomaram vários empréstimos. Em forma de fábula mítica, a lenda de Teseu e do Minotauro relata a conquista de Creta pelos aqueus.

Inicialmente, num processo de interpretação animista do mundo, os gregos viam na natureza algo realmente vivo, e não apenas uma paisagem natural. No menor dos riachos, na mais minúscula pedra, na árvore, sentiam a presença do ser vivo. Toda a natureza era povoada de forças vitais representadas por belas jovens – ninfas e divindades. Entretanto, como os homens, elas podiam morrer. Ao derrubar uma árvore, o lenhador matava a ninfa que a habitava.

Com o desenvolvimento social e intelectual, os gregos elevaram-se à visão antropomorfizadora do mundo, que incorporava e subordinava as crenças animistas. Seres como os sátiros, com tronco de homem e pernas e pés de bode, expressavam as forças desenfreadas da natureza. O deus Pã, seu chefe máximo, encarnava-as de forma aterrorizante. Sua aparição causava medo – e ele era apenas um dos muitos deuses secundários da mitologia grega.

Os gregos acreditavam na existência de doze grandes divindades que se reuniam em seus tronos no alto do Olimpo. Numa superação antropomorfizadora do animismo, comumente os deuses e deusas gregos eram associados a fenômenos naturais. A arma do rei dos deuses, Zeus, era o raio. Os helenos consideravam a tempestade efeito da cólera desse grande deus.

Relativamente comuns na Grécia, os terremotos eram explicados pelo mau humor de Posidon, o deus dos mares, que batia com seu tridente no fundo do oceano. Aos olhos dos antigos, o percurso do Sol no céu correspondia à trajetória do carro de Apolo, que de manhã surgia das ondas no Oriente e de tarde desaparecia no Ocidente.

### Narrativa mítica e determinação social

A narrativa mítica efetua simplificação dos acontecimentos históricos, sociais e naturais, comumente totalizados, naturalizados e antropomorfizados. Ela tem a função de manter o grupo social coe-

so, estabelecendo regras, ordenando-o, dando-lhe segurança, facilitando a manutenção da autoridade.

Em Mito e realidade, Mircea Eliade lembra que o mito “restringe o comportamento do grupo, limitando, pois, seus hábitos, costumes, enfim, modos de agir. Sob esta perspectiva, [...] determina um número variado de comportamentos sociais, tendo como regras essenciais estabelecer a ordem social e natural e manter a coesão do grupo”.

O mito nasce sobretudo como explicação de fenômenos do passado, a partir das idéias, em geral inconscientes, que se tem do presente. A explicação mitológica não é aleatória, indeterminada. Desde sempre, o homem explicou os fenômenos naturais e sociais a partir de visões de mundo socialmente determinadas.

As explicações míticas são profundamente prenes de funcionalidade social. Elas servem para fixar e domesticar o presente, apoiando-se no pressuposto de que o relato e sua explicação são fatos indiscutivelmente ocorridos. Com o passar dos anos, os mitos podiam ser esquecidos, subalternizados, reelaborados, reinterpretados, segundo as necessidades sociais profundas. Para Roland Barthes, “os homens não mantêm com o mito relações de verdade, mas sim de utilização: despolítizam segundo as suas necessidades”.

Na Grécia, a crença nos deuses tinha a função de fazer com que fossem respeitadas as regras das atividades humanas: Ártemis comandava os caçadores; Hefesto, os ferreiros; Esculápio, os médicos; Hermes, os ladrões e os comerciantes. As crenças aplicavam-se a todos os gregos.

O mito mostra, portanto, respostas definitivas que procuram fundar e salvaguardar princípios morais, políticos, éticos, sociais, étnicos, sexuais, etc. Propõe ao homem sentidos de vida, preceitos morais, éticos, práticos, etc., indicando-lhe caminhos a seguir, com objetivos e funções que extrapolam ao próprio mito.

### Mito e ordenação nacional

Na Grécia, o mito servia igualmente de alicerce para os frágeis laços *nacionais*. As cerimônias religiosas, os jogos olímpicos, cimentados por narrativas míticas comuns, funcionavam como meio de congregação civilizatória dos gregos, divididos em múltiplas unidades independentes.

É o caso da peregrinação ao templo de Apolo em Delfos, aonde as pessoas acorriam maciçamente, vindas de toda a Grécia e mesmo do estrangeiro. Ou o dos jogos olímpicos, torneios atléticos em honra a Zeus, em seu santuário de Olímpia, no oeste da Grécia. Esses eventos eram também importantes congregações econômicas.

De quatro em quatro anos, quando chegava a ocasião dos jogos sagrados, as cidades gregas suspendiam suas divergências e combates. Diante de um público unicamente masculino, os atletas disputavam diversas provas: lutas, saltos, corridas a pé e em carros, lançamento do disco e do dardo, etc. Os vencedores recebiam coroa de louro e seus feitos eram cantados.

Entretanto, devido às divisões em cidades-Estados e diversidade de costumes, os mitos apresentavam-se sob formas diversas, com conteúdos comumente não plenamente concordantes. O Zeus adorado em Corinto, em Argos ou em Tebas, não se comportava sempre da mesma forma.

### O herói como padrão social

A narrativa mítica expressava as razões da gênese das coletividades que a produziam. Os deuses e os heróis gregos explicitam as qualidades e defeitos dos senhores do mundo grego. As habilidades mostradas pelo herói, para vencer os percalços que lhe eram antepostos pelos deuses-destino, explicitam suas qualidades, que o eram também das classes e povos que representavam. Owem Mussolini, em seu dicionário, define herói como, “nome dado a homens que se distinguiram por suas excepcionais façanhas, sua força descomunal ou suas obras em favor de seus concidadãos. Frequentemente, depois de sua morte, eram colocados entre os deuses e recebiam as mesmas honrarias”.

Nas sociedades de classes, os mitos dominantes são os da classe dominante. Os mitos dos segmentos sociais subalternos são apresentados como narrativas heréticas, imorais, inconsistentes, etc. Apresentando-se como relato comunitário primordial, a narrativa mítica favorecia a sufocação das contradições sociais, que eram por ela expurgadas ou execradas.

Servindo-se de material lacunar, no contexto da visão antropomorfizadora do mundo, o relato mítico apresenta narrativa dos fenômenos passados que



ordena, pacífica e consola o presente. A funcionalidade da narrativa mítica determinava que sua gênese se dava através da seleção, criação ou silenciamento de fatos e atos, objetivos e subjetivos. Moses Finley lembra: “A ‘tradição’ não transmitia meramente o passado, ela o criava”.

Necessariamente comunitários, os mitos podiam ser levantados sobre fatos e sucessos individuais, desde que sintetizassem experiências vividas, nos fatos ou nos desejos, pela comunidade ou por uma sua facção. A antropomorfização do relato mítico facilitava que experiências individuais mitificadas se transformassem em narrativa mítica comunitária.

Os mitos históricos antropomorfizam a história ao transformarem heróis, individuais ou coletivos, em protagonistas e agentes propulsores do mundo social – origem dos povos; invenções científicas; relações sociais, etc.

### Arte, mito e história

O nascimento da narrativa mítica confundiu-se com a gênese da narrativa artística. Ela é necessariamente sintética, evolutiva, contraditória, voltada para a

produção de tensão, catarse, paixão. Mesmo obedecendo às exigências internas da poética, é a essência e não a aparência que a organiza essencialmente. Se seu conteúdo e forma fossem aleatórios, ela perderia sua função social disciplinadora.

A mitologia grega apresentava histórias de heróis espetaculares, onde eram contadas façanhas de guerras e o dia-a-dia do povo. Essas narrativas fantásticas eram transmitidas oralmente com *arte e entusiasmo*. Quesnel e Torton afirmam: “Na Idade do Bronze, quando as distrações eram raras, os aedos caminhavam pelas estradas da Grécia, parando em aldeias e em palácios. Cantavam as proezas e os infortúnios dos heróis e os prodígios dos deuses”.

Mais tarde, a narrativa mítica oral passou a circular em forma escrita, reelaborada individual ou coletivamente, originando a epopeia homérica.

As obras desses recuados tempos que se perpetuaram até nós, ainda hoje, como no passado, exercem o mesmo fascínio, fornecendo-nos ricas informações sobre a história, o modo de vida, os desejos e medos dos gregos.

## Do mito à história

A historiografia nasce da mitologia. A história nasceu, na segunda metade do século V a.C., no pequeno mundo Egeu, onde tinha desabrochado a arte dos poetas trágicos e despertava a especulação dos filósofos.

Heródoto (c. 85-425), considerado o “pai da historiografia”, teria sido o primeiro a escrever a história, usando as lendas e mitos da Grécia como principal fonte, confrontando-os com outros dados da Antiguidade. Segundo ele, “pretendia impedir que caíssem no esquecimento as grandes façanhas realizadas pelos gregos e os bárbaros durante as Guerras Médicas”.

A historiografia inicia sua trajetória científica com Tucídides (c. 460-395). Com ele, nascem simultaneamente o método e a inteligência do historiador: a crítica das fontes e a procura racional do encadeamento causal. Seu método consistia em rejeitar “as fábulas poéticas”, ou seja, as narrativas míticas.

Tucídides jamais rejeitou em bloco os relatos míticos, servindo-se da “linguagem de Homero como de um documento, para estabelecer a ausência de um sentimento nacional helênico, na altura da guerra de Tróia”. Em *Historiografia*, Charles-Oliver Carbonell lembra que, com esses historiadores, “o que não passava de relatos atravancados de lendas converte-se no discurso impecável do *chronos* e do *logos* claramente entrecidos”.

Após suas grandes conquistas, o Império Romano adotou a cultura grega e sua mitologia. Os deuses e heróis permaneceram os mesmos, com modificações variadas que não se limitaram apenas aos nomes. A mesma incorporação deu-se no relativo à historiografia. Nesse sentido, “a filiação historiográfica acompanhou a filiação mítica”.

## A narrativa trivial

Em 1994, estudando a literatura ficcional em prosa, Flávio R. Kothe lembrava que a narrativa trivial “encena, em sua estrutura profunda, o ritual da eterna vitória do bem sobre o mal, definidos a priori, maniqueisticamente, sem maior discussão. Essa reiteração é obsessiva e doentia, um eterno retorno do mesmo. Sob a aparência de diversão, faz uma doutrinação, em que os preconceitos do público são legitimados e aurizados”.

Em *O herói*, obra anterior, de 1987, Kothe precisava que “a narrativa trivial se caracteriza pelo automatismo, pela

repetição e pelos clichês, a nível de enredo, personagens, temário, valores e final”. Nesse sentido, diferenciava a ficção trivial da literatura, pela sua incapacidade de “apreender ou mostrar a natureza contraditória e complexa da realidade”.

Kothe refere-se à epopéia e às andanças de Odisseu como “protótipo da história de aventura”. No mesmo sentido, afirma sobre os personagens heróicos dos romances épicos: “Todo personagem que apenas corporifique qualidades positivas ou negativas é um personagem trivial, pois foge à natureza contraditória das pessoas e não questiona os próprios valores.”

O caráter trivial da epopéia explicita-se no todo de que, apesar “dos perigos que corre em seu dia-a-dia para sobreviver”, ao herói lhe é “assegurado que, no fim, tudo vai dar certo”. Nesse sentido, ela tranquiliza os destinatários que se identificam com seus valores, assegurando-lhes a certeza dos valores e comportamentos veiculados, sobre as contradições e impasses da vida real.

Flávio Kothe propõe, ao referir-se à função contemporânea da literatura ficcional: “Com a industrialização, o acirramento do conflito de classes tem feito a literatura redobrar o seu bombardeio ideológico: quanto mais avançada se pretende a humanidade, mais tem preponderado a trivialidade narrativa”.

A “sacralização de textos faz parte do processo de legitimação de interesses sociais”.

A partir do século XIX, o surgimento, no cenário social, de classes interessadas em desvelar os segredos internos da sociedade, para transformá-la, permitiu que a historiografia e as ciências sociais passassem a ter uma importância de primeira ordem. Foi através de um grande esforço que se passou a descobrir, despertar e recuperar o passado social.

Desse processo faziam parte igualmente fortes setores sociais interessados em velar o passado. Comumente, narrativas historiográficas servem-se dos esquemas tipológicos e conteúdos triviais do relato mítico, na procura da reprodução e do fortalecimento das relações sociais vigentes, e no sufocamento das contradições classistas.

Repetidos através dos tempos, os mitos constroem-se comumente a partir dos fatos históricos, através da reelaboração da imaginação social, permitindo

do que o realmente ocorrido assumia significado épico, através da ocultação de realidades que não se tem interesse que venham, e ênfase de ocorrência que se deseja evidencial.

A fácil sobreposição da narrativa mitológica à historiográfica dá-se devido ao fato de oferecer respostas rápidas, totalizantes, sintéticas, que satisfazem as aspirações profundas de tranquilidade de uma cultura, civilização, classe, etc, enquanto a segunda apresenta razões complexas que revelam as contradições inevitáveis da vida real. “Quando o mito fala sobre um objeto, despoja-o de toda a História.” [Berthes]

Esses relatos épicos de vocação historiográfica aparente constroem narrativas epopéicas com protagonistas – individuais ou sociais – que, na superação permanente de dificuldades homéricas, explicitam suas qualidades sobre-humanas. “O herói épico é um herói potencialmente trágico, mas é um herói cuja história deu certo.” [Kothe]

Comumente, essas narrativas historiográficas mítico-triviais objetivam a construção de consensos comunitários que, calando as contradições sociais do passado, sufoquem as contradições sociais do presente. Sobre essa mitologização da história constroem-se igualmente tradições que passam a reger importantes aspectos da vida social.

Em 1997, em *A invenção das tradições*, Eric J. Hobsbawm e Terence Ranger definiram as “tradições inventadas” como “um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam a inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, numa continuidade em relação ao passado”.

Segundo os mesmos autores, as práticas tradicionais “foram modificadas, ritualizadas e institucionalizadas, para servir a novos propósitos nacionais”.

## Nota

Texto baseado no livro “Ulisses va in América: história, historiografia e mitos da imigração italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914)”, de Dilse Piccin Corteze.

(Dilse Piccin Corteze é Mestra em História Regional pela UPF. Professora da Faculdade IDEAU-Getúlio Vargas e membro da Academia Passo-Fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo.)

## Os bichos

Os bichos saem à noite  
para caçar.  
Encontram  
toda sorte  
de azar

pelo caminho.

Afinal  
sempre há  
um bicho maior  
que os queira devorar  
de mansinho.



DESENHO:  
MAURO  
ANDRIOLE

## A reta/torta via de um bêbado na volta pra casa

### Decalque

Falseio  
a vida.  
Decalco  
em letras  
minha emoção.  
Aprisiono  
o instante  
fugitivo  
mesmo sabendo  
que o vivido  
é irredutível  
à comunicação.  
Mas tento  
mesmo assim  
ainda  
que em vão.

Essa é a missão  
do poeta  
seja nela  
bem sucedido  
ou não.

Não é reto o traço  
que um bêbado descreve  
em seu caminho  
para casa?  
Por mais que seu passo  
seja cheio  
de avanços e recuos  
súbitos estacamentos  
e hesitação  
diante de um sinal fechado  
uma rua para atravessar  
cheio de voltas e  
reticências o seu andar  
um bêbado  
em seu trajeto  
de retorno ao lar  
tem sempre a sensação  
de andar reto  
como a seta  
ao alvo demandar..

Porque um bêbado  
por mais que beba  
sempre sabe  
para quem voltar  
e por mais voltas  
que faça  
seu passo  
o regaço da amada  
é o que deseja  
alcançar.

Por isso que se diz  
da via de um bêbado:  
reta/torta forma  
de o alcançar.  
(E também porque  
é preciso mencionar  
nem sempre essas histórias  
têm finais felizes.  
Aliás  
quase nunca.)

## Essa voz, minha voz

Um dia  
essa voz vai se calar  
não porque  
não tenha o que dizer  
mas por já ter dito tudo  
o que tinha para falar.  
E quando esse dia chegar  
já não me importa  
de partir  
outras plagas  
alcançar  
esse grão de poeira cósmica  
que é minha alma

por onde ela navegar  
- se é que a consciência mantere  
de um dia ter sido  
essa unidade pensante.

É preciso mesmo renovar  
as vozes que cantam  
as mentes que pensam  
os corações que amam.  
Dar a oportunidade  
de outros se expressarem.

A morte não é o fim  
apenas a necessidade de mudar.

## Meus filhos, os poemas

Meus filhos, os poemas andam por aí circulando de mão em mão. De vez em quando recebo notícias de um que está fazendo sucesso outras que não.

Mas os filhos depois que a gente os dá à luz já não nos pertencem mais. Eles andam por aí com vida própria pelas próprias pernas e mãos.

Mas ainda acredito que um dia um desses filhos há de me dar uma grande alegria realização.

Vai ganhar o mundo e junto me fazê-lo ganhar também como seu pai seu criador.

Creio apenas pois esse dia ainda não chegou.

Pois os filhos longe de nós são capazes das coisas extraordinárias que só os pais acreditam que são embora o mundo não.

Eles precisam prová-lo.

Para isso caminhar com as próprias pernas é a condição sem a qual...

Essa é uma verdade que uma hora ou outra teremos de enfrentar sejamos nela bem sucedidos ou não.

(Júlio César Perez é auditor público e escritor.)

# Ciúme ou Inveja?

DELMAR ESTEVES SILVEIRA

As aulas de Filosofia, acreditem, era matéria no terceiro ano do Científico (atual segundo grau), uma vez por semana, ministradas pelo capelão do Colégio Marista N.S. da Conceição, Padre José Gomes, depois Bispo Dom José Gomes. Uma figura excepcional, entrava na sala de aula, quarenta alunos, começava a mostrar os alicerces da matéria, seus principais criadores, sem alarde, sem imposição, todos atentos ou discretamente desatentos. Ia falando, caminhando entre as fileiras de classes e filando de um e de outro um cigarro – Hollywood sem filtro – sem ninguém contestar da fumaça ou poluição. Nunca vi algum pai de aluno reclamar...

Nestas poucas aulas se aprendia um bom bocado de história, sociologia, ética, moral, costumes, leis, relacionamentos, virtudes e defeitos do ser humano. Filosofia é a arte ou a ciência de pensar, é a mãe de um casal de filhos gêmeos, o Conhecimento e a Educação. Certa vez um colega o inquiriu para que desse uma definição do que é ciúme e o que é inveja. Choveram idéias e sugestões, mas ele mais ou menos, pelo que lembro, sintetizou em duas frases.

**Ciúme**, é a inquietação mental por suspeita ou receio de rivalidade no amor ou em outra aspiração por alguém, uma pessoa desejada, ou outro ser vivo, até um animal, uma flor.

**Inveja** (invidía), é ódio, pesar, desgosto por propriedade de outrem; desejo de possuir ou gozar bens que outro possui e desfruta, mesmo imateriais, como o talento, status social, político, ou a competência cultural.

Uma grande decepção para quem acha que ciúme é demonstração de amor, algo nobre e bonito feito para lisonjear a pessoa querida. Infelizmente não é, na verdade é a demonstração de uma certa insegurança, que ao longo dos anos nos acompanha e pode até causar danos, se perdermos o controle sobre sua influência. Mas, atire a primeira pedra, aquele que se acha completamente imune a este vírus imortal. Muitos dizem que o ciuimento é imaturo, mas até hoje ninguém provou esta realidade. Outros, que ele

procede assim porque sendo relapso nos seus relacionamentos, se previne contra futuras cobranças em moeda de mesmo peso e valor. Belas e vazias teorias, porque o ciúme causa mais dor do que compensações; enriquece os problemas e empobrece as relações. A serpente tinha ciúme de Eva, por isso essa confusão toda!

O invejoso é outro que padece, com a diferença que pode se tornar violento ou destrutivo, quando vê o objeto da sua inveja fugir-lhe do alcance. A inveja é o ciúme transferido da pessoa para suas posses, incluindo a “posse” de outro ser humano. O invejoso não tem ciúme do amor da Angelina Jolie, tem mesmo é inveja do seu corpo-objeto desfrutado pelo seu marido. Abre parêntese – pode ser invejoso, mas de bom gosto – fecha parêntese. O sucesso financeiro, profissional, as posses, as viagens, as amizades, a popularidade, as próprias roupas e objetos pessoais, são espinhos cravados na cabeça daquele que cobiça com ódio e frustração. Essas carências pertencem à humanidade e existem desde a criação dos seus mitos e dos seus deuses. Caim tinha inveja de Abel, todos conhecem o desfecho!

O ciuimento mais confesso e simpático do Rio Grande é o Santana, colunista genial da Zero Hora, tanto, que entrou em férias e por inveja que algum colega da RBS assumisse SEU espaço na famosa penúltima página, por ciúmes dos seus leitores, não abriu a guarda, reeditou todos os dias, antigos textos já publicados. Por sinal, estes sim, valem a pena ler de novo.

(Delmar Esteves Silveira é escritor e cirurgião-dentista, de Sertão/RS.)



# A teoria da justiça, de John Rawls, e a questão de uma sociedade justa, na visão comunitarista

DANIEL DA SILVEIRA MENEGAZ

O presente trabalho tem o objetivo de expor algumas considerações acerca da Teoria da Justiça, de John Rawls, para verificar, a partir de sua universalidade, a questão da legalidade – normatividade – com a crítica dos comunitaristas, levando em consideração a pluralidade de doutrinas morais, filosóficas e religiosas, e suas diferenças no que tange à liberdade e à igualdade das pessoas no Estado Democrático de Direito.

John Rawls traz, em sua Teoria da Justiça, origens em Locke e Kant, sendo considerado um dos principais teóricos da democracia liberal do século XX, pois pretendeu realizar a conciliação de direitos iguais numa sociedade que é amplamente desigual, lançando as bases de uma sociedade justa por meio de fundamentos ético-jurídicos.

Com isso, muitas circunstâncias ocorrem na sociedade contemporânea brasileira e mundial, que ensejam a reflexão a partir da Teoria da Justiça referentemente aos princípios da igual liberdade – direitos políticos –, das iguais oportunidades – direitos sociais – e da diferença – direitos culturais –, esta que prevê maior benefício econômico para os menos favorecidos, sob o prisma da aceitabilidade ou não de determinada desigualdade.

## Teoria da Justiça, de Rawls: breves considerações

A Teoria da Justiça revela um teor especificamente político na esfera de princípios de um liberalismo, ressaltado o problema político do pluralismo, ou seja, das diversidades existentes na sociedade, assim como sua opção por um conceito normativo de pessoa, afastada da fundamentação kantiana da moral, com o escopo de “organizar uma sociedade baseada na cooperação dos seus membros (de indivíduos e de gru-

pos diversos e divergentes com crenças, e concepções plurais e incompatíveis entre elas) que seja justa, duradoura e estável”.<sup>1</sup>

O desapareço de Rawls pela moral kantiana – como doutrina moral abrangente – ocorre pelo fato de sua Teoria da Justiça ser uma alternativa às teorias utilitaristas e intuicionistas, como um “procedimento universalizável de construção capaz de dar conta da sociabilidade humana, em sociedades democráticas regidas por uma constituição, onde reivindicações de liberdades básicas e de participação equitativa na vida social regidas por uma constituição (...)”<sup>2</sup>, na medida de uma concepção política independente, na forma de uma cultura política pública, na esfera de uma sociedade democrática<sup>3</sup>, propondo que os princípios de justiça sejam neutros em face das noções conflituosas acerca daquilo que as pessoas consideram como bem, tratando-se, dessa forma, “ (...) de um liberalismo estritamente político que se distingue das formulações clássicas de ordem metafísica, na medida em que toma como ponto de partida o ‘fato do pluralismo’ (...)”<sup>4</sup>, o que determina uma noção de justiça como equidade e razoabilidade.

Sônia T. Felipe esclarece acerca da função do princípio da razoabilidade e como ele exprime efeitos, empiricamente, na base da estrutura social:

A teoria de Rawls estabelece à política uma responsabilidade, qual seja, a de conduzir os homens, através das instituições que têm por finalidade acostumá-los no que é bom para todos, da racionalidade à razoabilidade. Em outras palavras, Rawls procura mostrar como é possível ao sujeito moral desvencilhar-se da instabilidade que determinadas formas de vida podem representar, ao buscar por determinação da razão um *modus vivendi*, e ao explicitar para a comunidade política o princípio e o ideal moral universal que esse modo de vida encerra. Assim, não é porque um deter-

minado povo tem tais ou quais costumes que outros o imitam. A persuasão acontece quando se torna explícito, para o povo que age e para os demais que o observam, o princípio razoável que inspira tal prática.<sup>5</sup>

Nesse sentido, César Augusto Ramos menciona que “a intenção rawlsiana é



elaborar uma versão estritamente política e eticamente neutra da teoria da justiça”<sup>6</sup>, significando que toda a pluralidade das concepções de bem devem ter a mesma importância para conterem a neutralidade necessária, para que uma concepção não se sobreponha às outras concepções, sendo aspecto fundamental que cada indivíduo tenha sua liberdade e seus interesses pessoais preservados, com o amplo reconhecimento do pluralismo existente no tecido social contemporâneo.<sup>7</sup>

Por esse prisma, surge a questão da tolerância como ponto relevante de justiça, igualdade e liberdade diante da guerra das diferenças, da predominância do justo sobre o bem, ou seja, da pluralidade que precisa coexistir, sob pena de, na

hipótese da intolerância, ocorrerem os mais diversos atos de barbárie e injustiças. Além disso, o problema gravita em torno da tolerância diante do intolerável, atos com efeitos insuportáveis para determinados indivíduos, já que, durante muito tempo, o nível exacerbado de intolerância foi aceito, tendo em vista que a tolerância ainda não havia sido colocada em prática, pacificamente, de modo a coibir os exageros, ou reduzir sua incidência, consistindo como suadâneo do liberalismo político, porquanto, no passado, atuava tão-somente através do divino. Enfim, para a construção de um pluralismo razoável insere-se a tolerância – nível da razão pública – como princípio para determinar a paz na diferença, sob a tutela da democracia e do direito constitucional, permitindo a convivência.<sup>8</sup>

Nessa esteira, explica Nythamar Fernandes de Oliveira:

Creio que uma outra maneira de abordarmos esta problemática pode se dar através da própria concepção política da tolerância enquanto princípio liberal que permeia e guia toda a construção do pluralismo razoável. Como o sugeriram independentemente os estudos de Paulo Krischke e Álvaro de Vita, uma cultura política como a brasileira – longe de ser uma ‘sociedade bem-ordenada’, mas em via de superar suas desigualdades e hierarquias estruturais – deve ser democratizada pela idéia liberal da tolerância, estendida a todos os segmentos da vida social, política e econômica.<sup>9</sup>

Não obstante, a pluralidade razoável precisa de uniformidade para se manter estável e isso se dá com o elemento que os torna aliados, denominado de consenso sobreposto – *overlapping consensus* –, que oferece a possibilidade de aceitação em um nível superior ao das suas diferenças dentro do pluralismo, significando que esse consenso oferece a possibilidade, positiva e benéfica para todas as doutrinas abrangentes, de formar o que se pode chamar de sociedade bem-ordenada. Assim, a Teoria da Justiça de John Rawls expressa que “a unidade social baseia-se num consenso sobre a concepção política”.<sup>10</sup>

Destarte, elucida Luiz Bernardo Leite Araújo sobre o consenso mínimo sobreposto que tem o escopo de assegurar as liberdades individuais e, ao mesmo tempo, desenvolver socialmente, já que: “sugere a existência de um ‘consenso sobreposto’ <*overlapping consensus*> quando a concepção política da justiça

que governa as instituições básicas de uma sociedade é aceita pelas diversas doutrinas compreensivas que dela fazem parte”.<sup>11</sup>

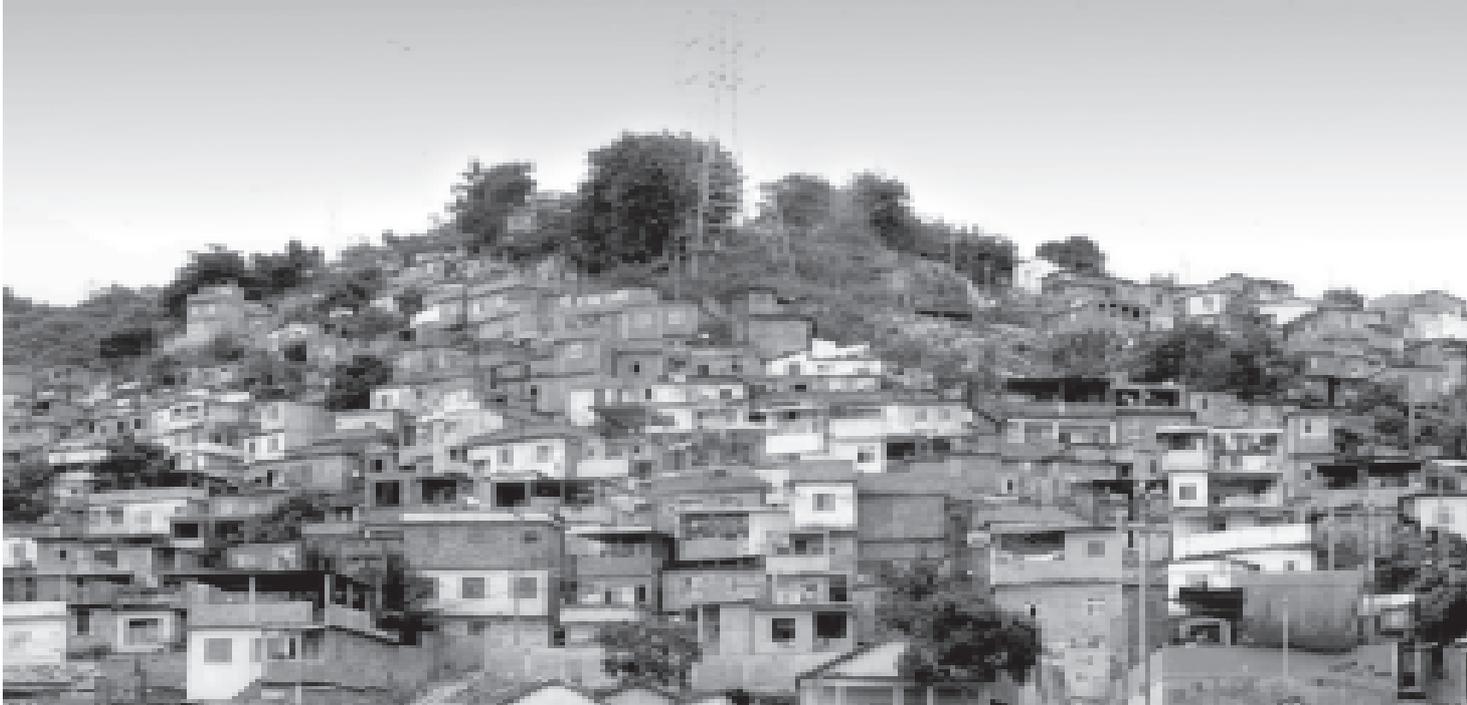
Conseqüentemente, a Teoria da Justiça, para que haja plausibilidade nos seus fundamentos, possui dois princípios teóricos, que são a concepção política de pessoa e de cooperação social, a renúncia do ideal de comunidade e a fixação de restrição da Teoria diante da estrutura básica das sociedades democráticas. Esses princípios compartilhados com o consenso revelam uma fórmula de frear e equilibrar os núcleos de instabilidades existentes no pluralismo das democracias.<sup>12</sup>

A concepção política de pessoa, para Rawls, tem uma denotação normativa da suas qualidades morais, ou seja, o senso de justiça, a concepção de bem, uma idéia de pessoa como representação, mas também a noção de cooperação social, elementos esses que devem determinar o pensamento e o agir, colocando a totalidade dos indivíduos em plena igualdade para que operem por meio de escolhas racionais desde o ponto da posição original, trazendo no seu bojo a normatização da sociedade.<sup>13</sup>

A posição original concebida por Rawls integra a chamada teoria ideal, isto é, apresenta um tipo de pessoa adequada à construção hipotética dessa idealidade, constituindo a representação do indivíduo que atua na teoria não ideal, ou seja, na realidade natural, psicológica e social. Os seres humanos sob o ângulo não ideal – concreto da vida – tomam para si, com sua autonomia, através do equilíbrio reflexivo, a aceitação das perspectivas da teoria ideal constante da posição original, que se exprime pela razoabilidade e, também, pela racionalidade, “dá a necessidade de se pensar a natureza dessa pessoa a partir do pressuposto de um sujeito abstraído das relações sociais”.<sup>14</sup>

Nesse aspecto, Nythamar Fernandes de Oliveira demonstra que a posição original não é uma construção, todavia “é apenas esboçada (*laid out*) na formulação de uma sociedade bem-ordenada enquanto sistema equitativo de cooperação entre cidadãos racionais e razoáveis; como em Kant, o princípio universalizável da justiça é uma versão restrita do imperativo categórico”<sup>15</sup>, que desvela o procedimento entre a pessoa ficcional (posição original) e a pessoa concreta, como recurso para uma escolha racional desta dos princípios expostos





pela representação.

No que concerne ao princípio do abandono do ideal de comunidade e a limitação da teoria da justiça, compreendendo a sociedade como um agregado de associações e sujeitos diferenciados que cooperam apenas para conseguir seu próprio sucesso, permite a coesão social por descartar questões morais, religiosas ou filosóficas, fixando-se no fato da aceitação pública de uma concepção política da justiça. Entretanto, ao que se depreende, o ideal de comunidade, em que pese o caráter individual explorado na Teoria da Justiça, revela-se implícito nos ideais princípios de justiça, embora estejam desvinculados dos interesses e conflitos sociais pelo véu de ignorância transposta na posição original.<sup>16</sup>

Muitas críticas expressadas pelos comunitaristas ocorrem em função do véu da ignorância e do caráter universalista da Teoria da Justiça, pois é gerado um vácuo pela pretensa neutralidade que se acredita revestir as teorias políticas deontológicas, tendo em vista que julga sob o aspecto da normatividade, de modo que alegam que a democracia deve ser nutrida pelos valores comunitários, prevenindo qualquer tipo de autoritarismo.<sup>17</sup>

Contudo, arremata Nythamar Fernandes de Oliveira:

O neocontratualismo rawlsiano coincide precisamente com a sua apropriação do *construtivismo kantiano*, na *auto-regulação recorrente de uma cooperação social entre pessoas livres e iguais*. Portanto, na medida em que direitos, valores e normas politicamente objetivados numa Constituição são

*reinvidicados através de práticas cotidianas intersubjetivas (pelo voto, por reformas constitucionais, por atos de desobediência civil, pelo exercício pleno da cidadania) as aparentes defasagens entre os ideais reguladores de uma situação hipotética (situação original, sociedade bem-ordenada, os dois princípios da justiça) e nossas experiências concretas de existência social são gradativamente corrigidas de forma a 'consolidar' (to entrench) o processo democrático-constitucional. O equilíbrio reflexivo (tanto no sentido restrito dos princípios morais e juízos particulares quanto no sentido amplo da natureza humana e suas formas de vida sociais) sempre nos remete ao processo de construção de uma sociedade bem-ordenada, de forma a nos integrar com a interminável tarefa de recorrer à posição original enquanto dispositivo procedimental de representação.*<sup>18</sup>

Portanto, a Teoria da Justiça apresenta todo um procedimento para que as pessoas sejam livres e iguais desde seu senso de justiça e sua concepção de bem conjurados racionalmente, para que possam escolher seu projeto pessoal de vida, dentro do paradigma do nível da razão pública e da razoabilidade, onde todas as concepções entram em intersecção, observando os princípios de justiça da igual liberdade, da igual oportunidade e da inclusão do outro – alteridade –, para equacionar a vontade particular e a vontade geral.

### **A Percepção do Comunitarismo sobre o Liberalismo Político**

A fundamentação liberal da Constituição política, democrática na liberda-

de e na igualdade, encontra resistência daqueles que defendem o comunitarismo, inspirados em Hegel, pelo fato de que tal previsão normativa atua tão-somente como uma previsão legal, sem, necessariamente, incidir substancialmente na vida das pessoas na sociedade moderna, porquanto nisso reside a ausência de integração social, de efetivo cumprimento dos postulados insculpidos na lei, para a consecução da justiça social.<sup>19</sup>

Relativamente a isso, Emil A. Sobotka explicita o contexto do comunitarismo:

Aquilo que majoritariamente é entendido como comunitarismo foi fruto de uma discussão iniciada nos anos 1980 nos Estados Unidos, em polêmica com o liberalismo. O livro de Michael Sandel, *Liberalism and the limits of Justice*, publicado em 1982, pode ser visto como um dos desencadeadores daquele debate. Já em seu título esse livro reflete uma espécie de escopo do alvo das críticas: as dificuldades do liberalismo, como teoria e como modelo social, de tratar a questão da justiça de maneira realista e sem recorrer a pressupostos fictícios sobre o homem e sua relação com a sociedade.<sup>20</sup>

Os efeitos do egoísmo resultante do liberalismo político mostram-se muito perigosos para o futuro da sociedade, uma vez que o ser humano, a pessoa, ficou em um nível secundário, dentro de uma idéia de solidariedade, já que ocorre uma segregação intensa na sociedade, de exclusão social e material, onde o dinheiro é o que rege a vida, é o ter e não o ser, aliás, o ser resta impotente sem o dinheiro e, absolutamente, ninguém quer



saber das injustiças sociais, procurando somente para si mesmo a felicidade dentro dos paradigmas da lei e do mercado. Então, é evidente que a crítica fica, principalmente, por conta da mera legalidade de liberdade igualitária.<sup>21</sup>

Na realidade, o próprio nome – comunitarismo – já indica que suas proposições estão centradas no ideal de comunidade, porque os indivíduos não seriam mônadas a ponto de não sofrerem as influências das relações sociais, sem comunicação com a ética da comunidade, e, ainda, da questão da ausência no liberalismo de um senso comunitário, bem como as diferenças existentes em cada sociedade específica, suas peculiaridades, “ênfatizando a contextualidade, a procedência do bom sobre o direito, do local sobre o universal, do comum sobre o individual”<sup>22</sup>, rejeitando, dessa forma, os pressupostos do contratualismo liberal.

Na realidade, embora a questão comunitária possa ser considerada ambígua, em função do caráter ideológico e, até mesmo, utópico, faz proposições alternativas ou de correção do liberalismo, para a prevalência do interesse público diante das dificuldades de o indivíduo fazer valer sua vontade política no sistema, utilizando o apoio dos movimentos sociais, até porque, em contradição com os neokantianos, sustentam que os valores éticos são relativos, pois se revelam ao homem no núcleo da comunidade em que vive.<sup>23</sup>

O direito liberal concretizou a idéia da democracia – representativa –, já que alçou todos os sujeitos a uma condição de igualdade, como sujeito de direito, mas não percebe suas diferenças reais,

de forma que “oferece o mecanismo da homogeneização de uma população heterogênea, sem ver-se obrigado a preocupar-se com as diferenças materiais e sociais que marcam o interior da comunidade como um todo”<sup>24</sup>, desvelando o paradoxo da lei e da vida em si.

Dentre as nuances do direito liberal está seu caráter abstrato, o que acaba resultando na sua incapacidade de proporcionar a inclusão dos indivíduos, como já aventado, na verdade, agrava a exclusão, tornando perceptível a quase impossível tarefa de fazer cumprir os princípios de justiça na prática, na vida, no cotidiano, oferecendo condições aos menos favorecidos, que precisam disso para o seu desenvolvimento saudável como pessoa, com dignidade. Isso marca o “abismo entre a sociedade civil legalmente constituída e a idéia de uma comunidade moral e materialmente justa”<sup>25</sup>, o que se constata mediante o enfrentamento entre a preferência pelo princípio da legalidade, originado no direito, e o princípio de justiça social, fundado na idéia de justiça, gerando estruturas sociais injustas.

Questão que se faz pertinente denunciar, mas que pode ser facilmente percebida, é que as categorias sociais que padecem no infortúnio da injustiça, da falta de tudo, a começar pela fome até as condições de ter um desenvolvimento educacional adequado, prenúncio da Teoria da Justiça de Rawls, não estão mais suportando a asfixia da sua liberdade e pretensa igualdade, tornando-se, por isso, perigosos insurgentes, passando a não mais respeitar a legalidade instituída, pela perda da esperança, pois, tanto do aspecto material como do soci-

al, praticamente, não há recompensa nenhuma, tão-somente a promessa, percebendo-se, com isso, que, no futuro, poderá até ocorrer um verdadeiro motim dos que estão na margem, que, no Brasil, representam a maioria das pessoas.

Nesse ínterim, conclui Hans-Georg Flickinger:

Conclui-se daí que as normas enraizadas na idéia de justiça social não encontram apoio nas regras legais do jogo. O que significa deixar os indivíduos à mercê da (ir)racionalidade inerente às formas capitalistas da reprodução. Não é de admirar, portanto, que o descontentamento com tal situação tivesse levado, de uma ou outra maneira, à busca de caminhos alternativos, que fizessem valer normas comprometidas com critérios moral-éticos da justiça.<sup>26</sup>

Ainda que os princípios de justiça social estejam limitados pelo princípio da legalidade na forma como se apresentam as circunstâncias atuais, dentro do modelo liberal, os defensores do comunitarismo têm resistido a esse parâmetro das sociedades democráticas modernas para edificar a proposta de “responsabilidade social, de solidariedade e da pertença originária de cada um a uma comunidade de convicções normativo-substanciais”<sup>27</sup>, buscando legitimar fins axiológicos com intuito de ultrapassar os princípios ditados legalmente. Essa luta pela primazia da justiça social sobre a mera legalidade manifesta uma ambigüidade. Então, descarta-se o ideal de efetivação da justiça material almejada pela humanidade.

Outrossim, enuncia Emil A. Sobottka:

Liberais defendiam a liberdade do indivíduo de escolher seus comprometi-

mentos, *pressuposto fundamental para o contratualismo, enquanto os comunitaristas defendiam que há obrigações e responsabilidades para com a família e a comunidade que antecedem qualquer faculdade de juízo individual*.<sup>28</sup>

Com relação às instituições do liberalismo há que se pronunciar sobre se elas preenchem as condições para prover a sociedade da justiça que enuncia, para que, mesmo que a pessoa seja derrotada nos seus anseios sinta que, ainda assim, teve um resultado justo diante das circunstâncias do seu caso, seja ele qual for, mantendo níveis aceitáveis, que não incitem a revolta. Contrariamente, para os comunitaristas, as instituições apresentam-se inócuas, na medida em que não têm o condão de decifrar o justo e o injusto, de maneira que as “instituições tão-somente podem dar suporte ou corrigir topicamente falhas nos valores comunitários, mas nunca se assumirem como virtuosos definidores e realizadores da justiça”.<sup>29</sup>

Nesse ponto, o comunitarismo apresenta-se como um paralelo, que delimita o modelo atual, e crítica suas bases como o fizeram em relação à posição original da Teoria da Justiça, visto que

a perspectiva da infinitude inerente a ela termina distanciando-se do fenômeno temporal das relações nas sociedades democráticas modernas, mas também atende a um ideal que precisa ser sopesado na esfera da reflexão, uma vez que, mormente, ainda não se possui a resposta, a solução para esse tipo de problema suscitado pelo modelo comunitarista.

### Conclusão

Esse conflito entre universalistas e comunitaristas, que originou esse potente paradoxo entre o formal e o concreto, que dá azo para diversas infêrências sobre o que seria efetivamente melhor e mais adequado para o processo da civilização democrática, no que tange não somente com relação aos anseios imediatistas das pessoas, mas sim com o futuro da sociedade, já que, caso não haja êxito no modelo estabelecido, o mais provável é que aconteça uma erupção de violência com uma convulsão social capaz de destruir os postulados da mera legalidade defendida pelo liberalismo político, por meio do direito, podendo gerar uma situação de anomia.

Importante é que o comunitarismo

mostra que o direito liberal possui, realmente, muitas limitações, todavia, ocorre que não se tem segurança, atualmente, também, para realizar a justiça de maneira substancial na vida dos indivíduos, como pretendem os comunitaristas, porquanto, embora esse enfrentamento não tenha ainda uma solução determinada, tem sua relevância na medida em que mostra as fissuras de ambas as projeções, até mesmo pela extrema importância recíproca dos argumentos lançados.

Portanto, percebe-se a enorme dificuldade que se teria para conciliar ambos os projetos a partir da Teoria da Justiça de Rawls, mas que, certamente, por ora, poder-se-ia, dentro dos limites do direito liberal instituído, expandir o senso de justiça e sua aplicação resultante de cada comunidade, até mesmo pelo viés pluralista da sociedade contemporânea, na forma de uma expansão da cultura política, procurando amenizar a inflexibilidade da legalidade para casos que se mostrem fortemente injustos, na tentativa de adequar, de algum modo, a lei formal com justiça social, para que se encontre o caminho correto para a construção de uma sociedade solidária e justa, no capitalismo democrático.

### Bibliografia

SOBOTTKA, Emil A. Justiça e Comunitarismo: entre utopia e ideologia. In: **Justiça e Política**, Nythamar Fernandes de Oliveira e Draiton Gonzaga de Souza. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. (p.p. 581-598).

RAMOS, César Augusto. A Fundamentação Política da Idéia de Pessoa e de Sociedade no Liberalismo de J. Rawls e a Crítica Comunitarista. In: **Justiça e Política**, Nythamar Fernandes de Oliveira e Draiton Gonzaga de Souza. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. (p.p. 501-539).

FLICKINGER, Hans-Georg. Sete Teses acerca do Comunitarismo. In: **Justiça e Política**, Nythamar Fernandes de Oliveira e Draiton Gonzaga de Souza. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. (p.p. 157-172).

OLIVEIRA, Nythamar Fernandes de. **Rawls, Procedimentalismo e Contratualismo**. <http://www.geocities.com/nythamar/rawls.html>. Acesso em 25/12/2005. (p.p. 01-15).

ARAÚJO, Luiz Bernardo Leite. A Prioridade do Justo sobre o Bem no Liberalismo Político e na Teoria Discursiva. In: **Justiça e Política**, Nythamar Fernandes de Oliveira e Draiton Gonzaga de Souza. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 30. (p.p. 29-45).

FELIPE, Sônia T. Direitos Humanos – vias e vieses da política internacional em The Law of Peoples de Rawls. In: **Justiça e Política**, Nythamar Fernandes de Oliveira e Draiton Gonzaga de Souza. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 138. (p.p. 133-156).

### Notas

1 RAMOS, César Augusto. **A Fundamentação**

**Política da Idéia de Pessoa e de Sociedade no Liberalismo de J. Rawls e a Crítica Comunitarista**. In: **Justiça e Política**, Nythamar Fernandes de Oliveira e Draiton Gonzaga de Souza. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 502.

2 OLIVEIRA, Nythamar Fernandes de. **Rawls, Procedimentalismo e Contratualismo**. <http://www.geocities.com/nythamar/rawls.html>. Acesso em 25/12/2005. p. 04.

3 OLIVEIRA, Nythamar Fernandes de. *Op. Cit.* p. 04.

4 ARAÚJO, Luiz Bernardo Leite. **A Prioridade do Justo sobre o Bem no Liberalismo Político e na Teoria Discursiva**. In: **Justiça e Política**, Nythamar Fernandes de Oliveira e Draiton Gonzaga de Souza. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 30.

5 FELIPE, Sônia T. **Direitos Humanos – vias e vieses da política internacional em The Law of Peoples de Rawls**. In: **Justiça e Política**, Nythamar Fernandes de Oliveira e Draiton Gonzaga de Souza. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 138.

6 RAMOS, César Augusto. *Op. Cit.* p. 502.

7 *Idem, ibidem.* p. 502.

8 OLIVEIRA, Nythamar Fernandes de. *Op. Cit.* p.p. 431-438.

9 *Idem, ibidem.* p. 437.

10 RAMOS, César Augusto. *Op. Cit.* p. 503.

11 ARAÚJO, Luiz Bernardo Leite. *Op. Cit.* p. 30.

12 RAMOS, César Augusto. *Op. Cit.* p. 503.

13 *Idem, ibidem.* p. 505.

14 *Idem, ibidem.* p.p. 507-508.

15 OLIVEIRA, Nythamar Fernandes de. **Rawls, Procedimentalismo e Contratualismo**. [http://](http://www.geocities.com/nythamar/rawls.html)

[www.geocities.com/nythamar/rawls.html](http://www.geocities.com/nythamar/rawls.html). Acesso em 25/12/2005. p. 14.

16 RAMOS, César Augusto. *Op. Cit.* p.p. 518-521.

17 *Idem, ibidem.* p.p. 532-536.

18 OLIVEIRA, Nythamar Fernandes de. *Op. Cit.* p. 15.

19 FLICKINGER, Hans-Georg. **Sete Teses acerca do Comunitarismo**. In: **Justiça e Política**, Nythamar Fernandes de Oliveira e Draiton Gonzaga de Souza. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 158. (p.p. 157-172).

20 SOBOTTKA, Emil A. **Justiça e Comunitarismo: entre utopia e ideologia**. In: **Justiça e Política**, Nythamar Fernandes de Oliveira e Draiton Gonzaga de Souza. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 581. (p.p. 581-598).

21 FLICKINGER, Hans-Georg. *Op. Cit.* p. 158.

22 SOBOTTKA, Emil A. *Op. Cit.* p. 582.

23 *Idem, ibidem.* p. 588.

24 FLICKINGER, Hans-Georg. *Op. Cit.* p. 163.

25 *Idem, ibidem.* p. 166.

26 *Idem, ibidem.* p. 167.

27 *Idem, ibidem.* p. 167.

28 SOBOTTKA, Emil A. **Justiça e Comunitarismo: entre utopia e ideologia**. In: **Justiça e Política**, Nythamar Fernandes de Oliveira e Draiton Gonzaga de Souza. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 589. 29 *Idem, ibidem.* p. 589.

(Daniel da Silveira Menegaz é Mestre em Ciências Criminais pela PUC/RS, professor universitário e advogado.)

## Pensamentos

No meio da noite,  
muitos pensamentos vagam perdidos,  
invadindo a mente.

Desenrolam-se como um carretel de imagens que desfilam  
na frente dos olhos,  
para depois se transformarem em palavras.

Sem escolha, as palavras brotam,  
vertiginosamente, no papel.

Nascem da inquietude do silêncio  
que grita, sacode, envolve,  
pedindo urgente passagem.

Nascem da hora vazia  
que transporta a emoção,  
com a mesma intensidade,  
para muitos lugares ao mesmo tempo,  
podendo causar tanto sofrimento quanto alegria.

Quando o dia amanhece,  
os pensamentos, secretamente,  
voltam a aninhar-se num canto da mente,  
abafados pelo barulho das coisas da vida,  
com esperança de dali saírem  
no meio da noite.

(23.02.2007)

## Renovação

Romper significa deixar ir,  
deixar-se ficar,  
em meio ao desconhecido  
que oculta seu rosto,  
não deixando à mostra um sorriso simpático  
de aprovação/aceitação.

É caminhar sem ter a certeza  
para onde o caminho vai nos levar.

É fazer escolhas  
que definem o que pensamos querer,  
o que pensamos buscar.  
Porque a certeza só virá depois,  
a partir das experiências vividas.

É sentir, quase ao mesmo tempo,  
lampejos de alívio, alegria e esperança,  
e alfinetadas de melancolia e dúvidas.

Renovam-se os ciclos da vida.  
Mudamos nós, mudam-se as pessoas.

Tudo é passageiro nesta vida.

Só nosso sentimento pelas pessoas significativas  
permanecem dentro do mais íntimo de nós.

(23.02.2007)

# Noites insones

ROGÉRIO SIKORA

Há alguns dias andava perdido em seus sonhos, como se seus sonhos fossem tudo o que possuísse. Olha pela janela, do alto de seu apartamento. Já é madrugada. Não vê nada, tudo é morto e vago. Não consegue dormir. Sua alma, inquieta, o deixa desperto e agitado. Seus dedos percorrem, lentamente, a extensa fileira de CDs, os quais estão acomodados, com zelo, na estante, grande e sóbria, a qual garante uma das paredes da pequena sala de estar. Os discos estão separados por gênero e, dentro de cada gênero, dis-

postos em ordem alfabética, deixando mostrar o meticuloso hábito de ordenar as coisas. Escolhe um desses discos, o qual retira cuidadosamente da caixa e coloca no aparelho de som, que se destaca na estante, apesar de sua cor, também sóbria. Olha o *display*: “0:01”. Finalmente a música começara a tocar.

Gostava de ouvir músicas, enquanto perambulava, em passos intermináveis, quando não conseguia dormir. Serviu um pouco de vinho. Era acostumado a buscar companhia em um tinto de boa safra. Era um homem de hábitos morigerados e vida modesta, mas costumava beber um *Châte-Neuf Du Pape*, de vez em quando. Sorveu, vagarosamente, um gole do

vinho. Ah, abençoado aquele Papa! Ele sim era um Santo Padre como diz a *Lumen Gentium*. Ah, o Papa Bonifácio, que todos os domingos ia às vinhas, que ele mesmo plantara e, quando estava lá em cima, com os cardeais à sua volta, junto às cepas, mandava, então, desenvolver uma garrafa de vinho de sua lavra, esse belo vinho cor de rubi, que se chamou depois de *Châte-Neuf Du Pape*. Não foi à toa que um mar de lágrimas se chorara em Avignon quando ele morreu! Claro, só podia ser por isso que Daudet dizia que o Papa Bonifácio era um príncipe tão amável, tão agradável. Ele tinha toda razão!

Encosta-se à janela, a chuva fina e re-



tilínea deixa mais sombria as fachadas sujas dos prédios na rua estreita que observa, enquanto o vento assovia forte na noite negra e tediante.

Não há ninguém nas ruas. Nem o gato, o qual todas as noites sobe ao telhado da grande casa verde da esquina, se atreveu a enfrentar a noite fria, talvez estivesse em casa, cansado da rotineira busca por amores, os quais, vez ou outra, lhe rendiam alguma sapatada, jogada de alguma janela vizinha.

Dentre as janelas vizinhas, certamente, uma das mais conhecidas era a da Dona Nilce, uma viúva ou solteirona, ninguém sabia ao certo, mas o que era sabido por todos, era que se tratava de uma velha amarga e sem amigos. A única vizinha que travava algum relacionamento com ela, era a vizinha do 207, conhecida como Dona Pombinha, uma senhora, igualmente velha, porém, com uma aparência de bruxa, cujos cabelos brancos, lisos e sempre desalinhados, eram motivos de temor de toda a criançada do prédio.

Dona Nilce, que também era a temida síndica, tinha o hábito de dormir muito cedo, no máximo depois do noticiário da televisão, o qual só assistia em razão de uma paixão não confessada pelo âncora do programa. Dizem que muitas vezes seus suspiros podiam ser ouvidos de longe, acompanhados da frase “ah, se eu fosse uns vinte anos mais jovem!”

No horário desse programa, não saía da frente da televisão de jeito algum e ai de quem se atrevesse interrompê-la. Mas, nesse horário, coincidentemente, o gato do telhado da casa verde começava, costumeiramente, seu canto de amor. Eram gritos, miados e grunhidos em altos brados. Só podia ser ela quem jogava sapatos no pobre animal.

Que mulher sem coração!

Outra janela conhecida, essa sim estava acostumada a espiar, era a do apartamento de uma mulher jovem e muito bonita. Embora soubesse o nome da síndica e da bruxa do 207, estranhamente ainda não havia descoberto o nome dessa vizinha que lhe aguçava os sentidos. Sempre que podia ficava observando aquela janela e, em pouco tempo, já conhecia alguns hábitos dessa vizinha. A janela que conse-

guia observar era justamente a de seu quarto. Mas, mesmo assim, ao contrário do que esperava, ela estava sempre vestida. Muitas vezes assistindo algum programa na televisão, muitas outras estudando ou lidando no computador, já que era estudante. Sabia que ela fazia mestrado em alguma coisa, porque cruzara algumas vezes com ela no corredor e pode observar uma pasta que levava nos braços.

Numa noite, chegara cansado, em um horário bem mais tarde do que normalmente chegava. Foi até a sacada, olhou o céu para ver se estava limpo, olhou à esquerda, distraidamente, e quando olhou à direita, em direção à janela da vizinha, a viu entrando no quarto. Voltava do banho. Vestia apenas uma minúscula calcinha branca, sem sutiã. Pode observar suas coxas claras e bem feitas. Sua cintura era esguia. Seus seios médios e firmes eram também claros, onde se destacavam róseos mamilos, os quais ficaram quase cobertos pelos cabelos loiros, quando soltou a toalha. A persiana, na verdade, estava entreaberta, ele surpreendeu-se com o que vira. Certamente, se estivesse à espreita, aguardando por aquela cena, jamais a veria. Mas, foi sem querer, por distração, principalmente dela. Que sorte! Pena que ela logo percebeu que estava sendo observada e, discretamente, fechou a persiana. Depois daquela noite, ficara muitas outras na mesma sacada, no mesmo horário, esperando a cena se repetir. Cena que jamais se repetiu.

Nem mesmo essa janela estava aberta. Tudo era silêncio e sombras. Quem dera pudesse, nessa noite fria, ainda que apenas observar aquela vizinha. Mas, nem isso podia.

O tédio lhe oprimia os sentimentos. O vento forte leva consigo folhas mortas. Quisera ser uma delas, para poder viajar para lugares distantes, sem rumo, sendo levado pela força dos ventos, parando em um lugar qualquer. Aquelas folhas, mortas, eram verdadeiramente livres.

Muitas vezes, pensava assim. Imaginava a hora em que a morte iria levá-lo.

Os sonhos que tinha, quantos já não sonha mais.

Há tempos não sonha. São horas vagas, noites insones.

**(Rogério Sikora é advogado e membro da Academia Passos-Fundense de Letras.)**

## A falta que ela me faz

ROGÉRIO SIKORA

Ansioso por aventura, que não as tenho, sentei-me à janela, enquanto pressentia no tempo a realização de um estranho acontecimento. Ante o Jardim em flor, cujos caprichos comecei a decifrar, olhei à janela e pousei para um instante de sonho, imaginando para minha vida vazia, um romance como os dos livros prediletos. O perfume das flores envolveu-me de recordações romântica que, ao final, afugentei, perturbado.

A solidão é como chuva: goteja na hora dúbia. Quando os solitários anseiam longamente pela aurora, é quando a solidão, como os rios vai passando. Mas o amor é mesmo assim. O amor é mesmo apenas solidão, as obras de arte são de uma solidão infinita, e nós essencialmente sós. Sou assim: humano e só. Humanamente só. Tenho estes olhos humanos – e sempre iguais – que outrora alguém soube querer-lhes. Alguém que hoje nada quer mais.

Ao cair da noite soprou um vento forte, como se procurasse chegar a uma outra terra, arrastando nuvens, nuvens em grande número, que passavam e deixavam outra vez limpo o firmamento, como uma praça após o desfile das tropas. Ao longe, nas jardineiras, as flores, que nada tinham a dar, apenas brilhavam como círios subitamente acesos. Trovejava a noite inteira e o ruído só acaba quando começa a chuva, a chuva grossa que principia logo a fazer barulho também.

Não posso dormir com a janela aberta. Os carros rodam estrepitosamente através do meu quarto. Os automóveis passam por cima de meu corpo. A água das chuvas chora nas goteiras, e as folhas mortas vão no vento. Range uma porta, distante cai um objeto de vidro e se espatifa. Ouço a risada dos grandes cacos e o tilintar das estilhas. Alguém sobe uma escada; ladra uma cão à distância. Depois, de repente, adormeço.

# Povoamento do Jacuizinho

VERÍSSIMO DA FONSECA

Com a descoberta do ouro em Minas Gerais, a partir de 1700 tornou-se imperiosa a ligação do Brasil com a região de criação de mulas ao norte da Argentina, na época, ainda pertencente ao vice-reinado do Peru. O Rio Grande de São Pedro não tinha ligação por terra com o Brasil. Em 1733 abriu-se a picada Araranguá - Lages e a primeira tropa de mulas passou rumo às minas de ouro. As mulas vinham, principalmente, dos campos de Córdoba, Santa Fé e Entrerrios. contornavam a lagoa Mirim e subiam pela beira-mar até Araranguá. A razão de tamanha volta era a presença das Missões Orientais do Uruguai, constituídas pelos Sete Povos das Missões. Em 1767 os Jesuítas foram expulsos do reino da Espanha, os Sete Povos e todos os povos jesuíticos da América espanhola passaram à administração militar. A decadência dos povos missionários foi brutal.

Em 1801, os portugueses motivados pela guerra entre Portugal e Espanha, tomaram as Missões quase sem resistência.

Sobre o episódio da conquista dos sete Povos escrevem Cláudio Moreira Bento e Luiz Ernani Caminha Giorgis:

“Negar que foram minhas as diligências dos instrumentos das conquistas das Missões Orientais é uma informação que V.Excia. vive enganado. Só se o Capitão Francisco Barreto, sendo meu subordinado, querer confessar que era ele e não eu o comandante desta fronteira do Rio Pardo. Foi por minha a ordem que o soldado Borges do Canto se apresentou na guarda de São Pedro (atual São Pedro do Sul)”.

Em carta a Patrício, de 12 de agosto de 1801, Borges do Canto assim confirma a liderança de Patrício na conquista dos Sete Povos:

“Achei-me em São Martinho, para a diligência que me determinou, com 40 homens.”. (*Escolas militares de Rio Pardo 1859- 1911*).

Em consequência da invasão das tropas napoleônicas em Portugal, 22 de janeiro de 1808, o príncipe-regente D. João VI houve por bem mudar o sede do Reino para o Brasil.

Estabeleceu-se com a Corte no Rio de Janeiro, de onde pode continuar reinando com segurança. Preocupado com os limites entre o Brasil e as colônias espanholas, D. João VI mandou ocupar os campos de Guarapuava por confinarem no poente com os domínios dos espanhóis, “E dando seqüência as expedições levados a efeito pela Coroa portuguesa nos anos de 1769 a 1774, para descoberta e conquista dos Campos de Guarapuava, o príncipe-regente D. João VI mandou renovar essas descobertas pela Carta-Régia de 5 de novembro de 1808”. (*R.V.Roderjan, Raízes e Pionei-*

to estava explorando o rio Chopim, em Chapecó.

Atanagildo partiu guiado por índios em busca do Goio-En que em linguagem caingangue significa *águas grandes, águas profundas*, passo fundo. Temerosos do índio Nonoai, cacique que dominava a região, filho de um padre-irmão com uma índia, os índios guias desviaram Atanagildo da rota e foram cruzar o rio Uruguai no Pontão, isto é, já no rio Pelotas. Nessa missão, foram descobertos os Campos Novos. (Roselys)

Do Pontão, hoje Barracão, Atanagildo rumou para a Lagoa Vermelha em

(FOTOS ARQUIVO VERÍSSIMO DA FONSECA)



*Aqui nas proximidades da estação de Pinheiro Machado, no alto duma coxilha, na recosta do Jacuizinho, despertam a atenção do viandante vultuosas árvores que perpetuam a sede da primeira fazenda de criação, estabelecida pelo alferes Rodrigo Félix Martins, o patriarca da região de Passo Fundo" - Francisco Antonino Xavier e Oliveira*

*ros do Planalto Médio)*

A Carta-Régia criou a Real Expedição de Guarapuava com a finalidade de descobrir um caminho para “o País das Missões”, sob o comando de Diogo Pinto de Azevedo, cujo quartel estabeleceu-se em Atalaia, ponto de partida para a exploração do sertão de Tibagi e do rio Iguaçu.

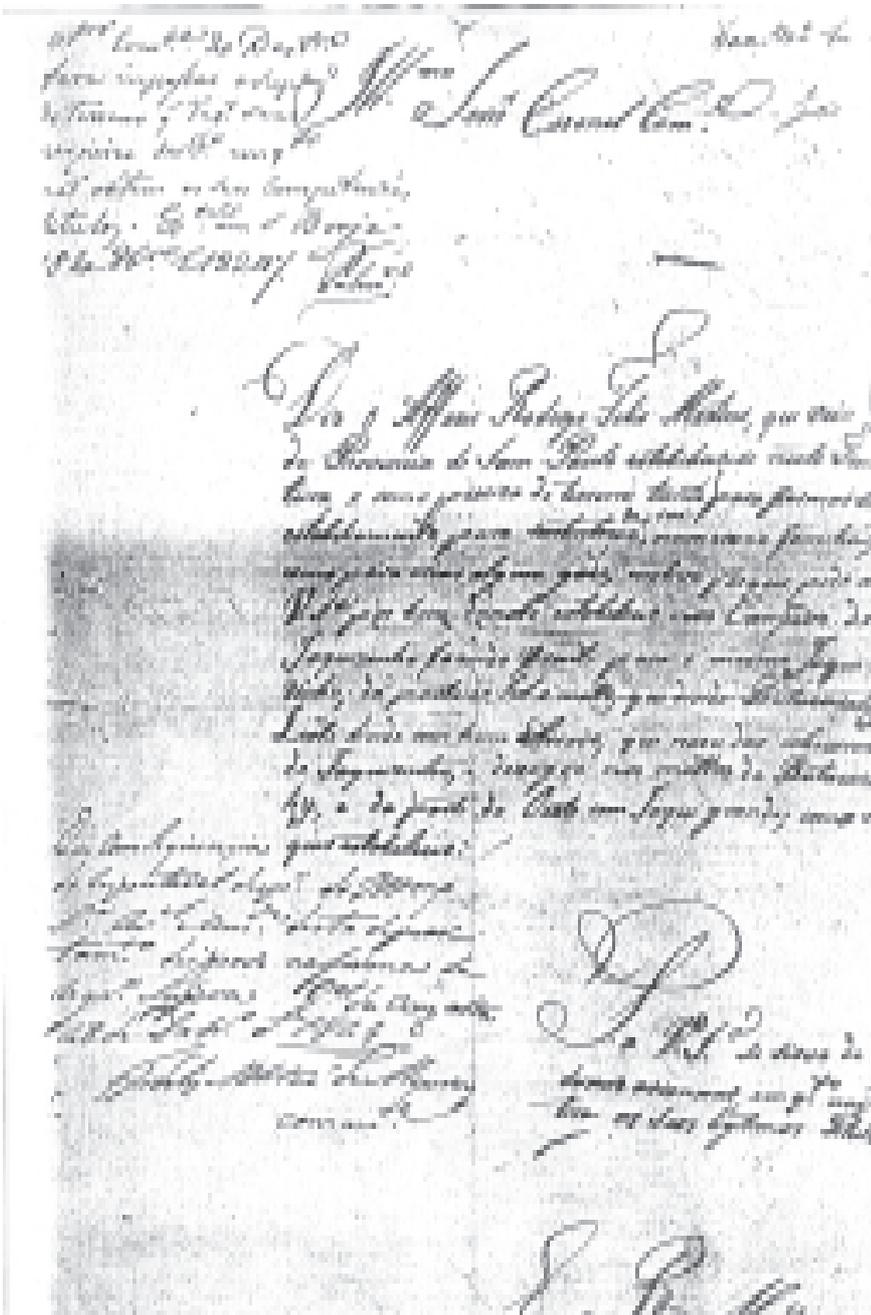
Em 1815, com a Real Expedição em pleno andamento, D. João VI ordenou que dela partisse uma missão com o fim específico de abrir caminho para as Missões. Em cumprimento da incumbência, Diogo Pinto de Azevedo designou Atanagildo Pinto Martins, que no momen-

busca da estrada real, que partia do passo de Sant Vitória e dali vinha pelo dorso da Coxilha Grande cruzar o Mato Português, o Campo do Meio, o Mato Castelhana, o passo do rio Uruguai Mirim – nome indígena do rio Passo Fundo –, situado no atual distrito de Butiá e seguiu sempre pelo dorso da Coxilha Grande ou coxilha de Santana até São Borja, onde se apresentou ao comando militar português. No relatório escrito por Atanagildo ao Sr. Pres. da Câmara Municipal de Cruz alta, datado de 21 de setembro de 1847 está escrito:

“Já no ano de 1815 por ordem do Governo da Província de São Paulo, per-



Maria Leduína e António Pereira de Quadros



Somente em 1824 Rodrigo requer a área de terra que ocupava desde 1816.

corri esses vastos sertões transpondo dos campos de Guarapuava aos de Palmas e passando o rio Pelotas, saí nos campos de Vacaria”.

No relatório escrito do Povo de São Luiz de 27 de abril de 1816 ao Marquês de Alegrete, escreve:

“O comandante [Diogo P. de Azevedo] me mandou ordem prosseguisse o destino da diligência em data de dez de janeiro do presente ano, em cumprimento a qual prossegui, e no primeiro do corrente saí no Campo do Meio, e a 17 cheguei ao povo de São Borja a apresentar-se-me ao comandante da Província”.

Atanagildo se apresentou ao comandante da fronteira em 17 de maio de 1816.

Em novembro deste mesmo ano, seu irmão, o Alferes Rodrigo Félix Martins plantou uma timbaúva, marco inicial do povoamento do Jacuizinho e sede da fazenda São Benedito.

“No inventário da primeira de esposa de Félix Martins, Luzia Maria de Quadros, consta que ela faleceu no dia 08 de outubro de 1816, no sul, e que ela e Félix Martins vieram para a sul com todos, parentes, agregados, escravos e bens que possuíam”. (Adari Francisco Ecker, *TRILHA DOS PIONEIROS* – Gráfica Editora Berthier – 2007.)

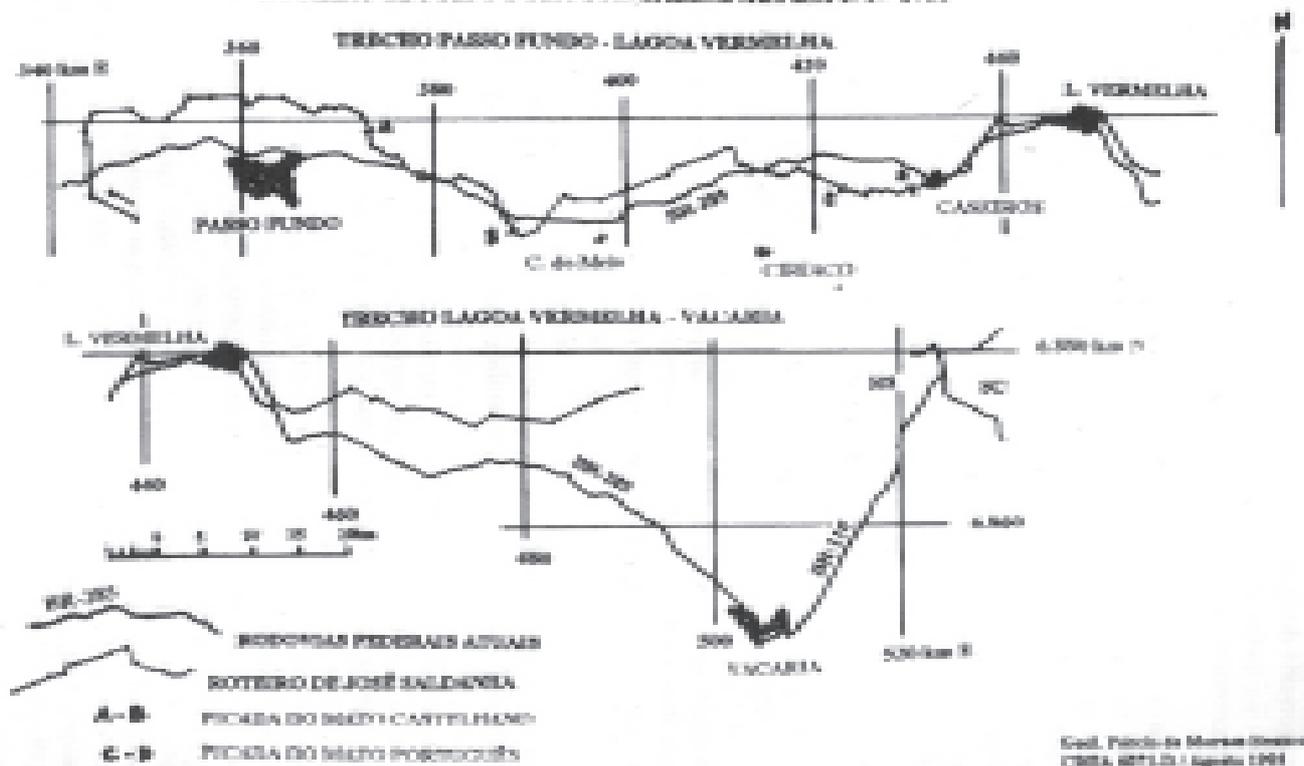
Em 1817, após a morte de Luzia, Rodrigo retorna a Castro e desposa em segundas núpcias (08.01.1818) sua cunhada Reginalda Bueno de Quadros. Deste matrimônio nasceu Maria Leduína do Nascimento. Maria Leduína casou com António Pereira de Quadros. Deste casal descendem os Quadros de Carazinho (bisavós do autor que não leva o nome Quadros porque o pai registrou todos os filhos como Veríssimo da Fonseca).

Em mapa elaborado por José Saldanha que por aqui Passou em 1777, esclarece onde em tempos primevos situava-se o passo do rio Passo Fundo.

A derivação magnética foi conseguida por Pérsio de Moraes Branco, historiador de Lagoa Vermelha e consta no livro *Raízes de Lagoa Vermelha*. Edição EST, 1993.

Atualmente nesse local o rio se espraia e fica bem rasinho, formando uma lâmina de água com menos de um metro de profundidade. A partir do passo, rumo a Carazinho, o caminho traçado pelos cascos das mulas ainda está bem nítido. Salvou-o da destruição pelo arado, a cerca de arame farpado, que divide com outra propriedade e fica sobre ele. A partir

ROTEIRO SEGUIDO POR JOSÉ SALDANHA EM 1780-1788



desse ponto, pode-se chegar a República Oriental do Uruguai sem molhar os cascos do cavalo.

Provavelmente, Atanagildo tenha seguido, desse passo, direto ao passo do Carazinho, na antiga rota dos tropeiros, continuando em direção ao passo do Jacuí Mirim, situado entre Pinheiro Marcado e Santa Bárbara, e direto para Cruz Alta e São Borja. O Alferes Rodrigo requereu as terras a margem esquerda do referido rio e a margem esquerda do arroio Jacuízinho que corre para o Jacuí Mirim, em Pinheiro Marcado; o seu irmão Atanagildo na margem direita, em Figueiras, junto onde mais tarde passou viação férrea, hoje distrito de Santa Bárbara.

Esta mesma rota foi procurada e seguida por João da Silva Machado, o Barão de Antonina, em 1812, conforme escreve Maximiliano Beschoren em seu livro *Impressões de Viagens na Província do Rio Grande do Sul, 1875-1887 – Martins Livreiro 1989, pg. 54*: “Como não tivesse recebido informações sobre o rio Jacuí, achou que estava em caminho errado. Antes de retornar, mandou homens para reconhecimento da região. O resultado foi positivo e com grande júbilo recebeu a notícia que alguns homens haviam encontrado o ‘Pinheiro Marcado’, prova de que estava o caminho certo”.

Quem vem com tropa de mulas da fron-

teira ao cruzar o passo do Jacuí Mirim – passo do Pinheirinho -, dali ou segue para a esquerda, passando pelos campos de Alexandre Luiz da Silva, irmão do Barão de Antonina, rumo ao passo da Palmeira e, finalmente, Palmeira das Missões. Ou seguir em frente passando o passo do Jacuízinho, junto à sede da fazenda do Alferes Rodrigo, passo do Carazinho, passo do Passo Fundo. Estes dois trajetos a partir do Pinheiro Marcado é que levaram Atanagildo a repartir seus homens na volta de São Borja. Atanagildo voltou por onde foi e o índio Jonjong buscou o passo do Goiolen e desapareceu. Os pioneiros do Planalto Médio situaram-se estrategicamente nas proximidades do Passo do Jacuí Mirim, onde, um caponete que se liga a mata ciliar do rio, erguia-se o monumental pinheiro marcado, ponto de referência indicando o local do passo. Escreve Beschoren: “O ‘Pinheiro Marcado’ é um gigantesco e velhíssimo pinheiro, que permanece exatamente no lugar onde a estrada carreteira deixa a Coxilha Grande, para o Sul”. Diz a lenda que no tronco do monumental pinheiro estava escrito uma frase em latim, “em ponto de meio dia o sol me dói a cabeça”. Na beira do mato, no mesmo caponete, já no campo, erguia-se outro pinheiro. Neste, os tropeiros que ali pernoitavam deixavam sua marca a ferro.

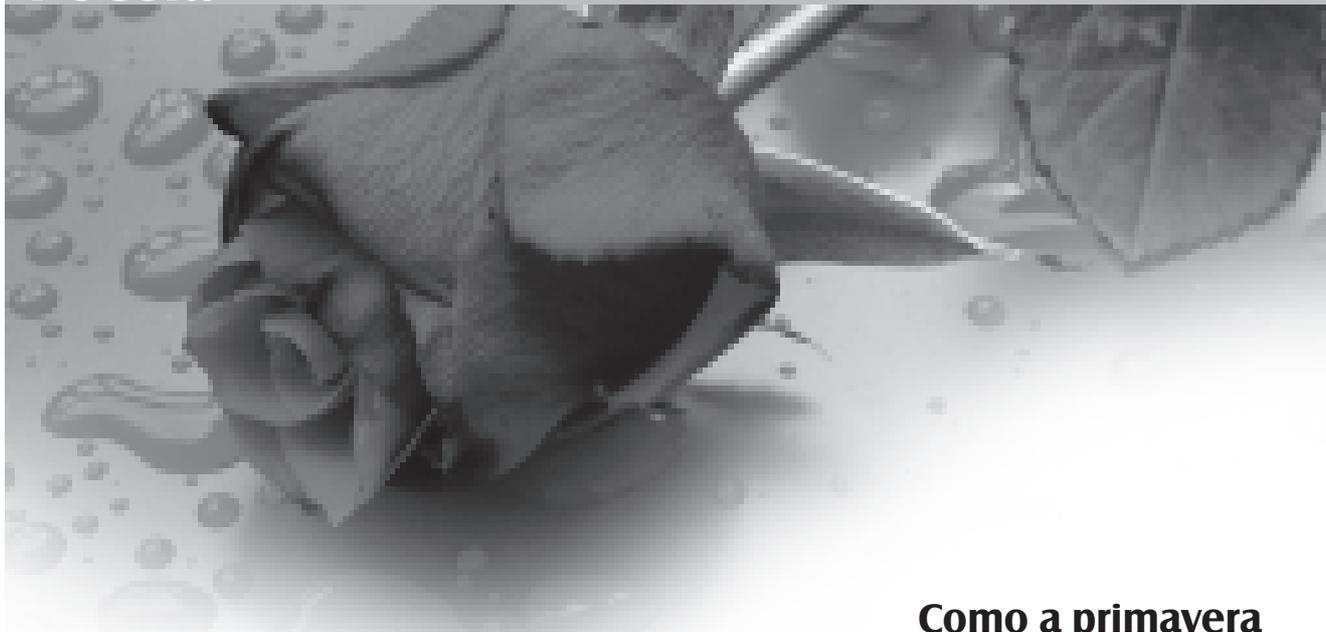
As três maiores propriedades: São

Benedito, São Luiz e Santa Bárbara confinavam-se nesse passo. Também, mais tarde, os municípios de Palmeira das Missões, Cruz Alta e Passo Fundo. A cerca de dois mil metros do passo, rio acima, hoje passa os trilhos da viação férrea.

Dos casamentos entre os descendentes dos pioneiros Atanagildo Pinto Martins - os Amaral; Rodrigo Félix Martins - os Quadros e Martins; e dos irmãos Alexandre Luiz da Silva e João da Silva Machado - os Sampaio, os Porciúncula e os Meira e os Vergueiro.

Estas famílias, descendentes e agregados, tendo como núcleo a Fazenda São Benedito e como ponto comum de união o passo do Jacuí Mirim, ocuparam e povoaram as terras desde a Fazenda Sarandi em Passo Fundo até Santa Bárbara em Cruz Alta. Os limites foram a floresta do Uruguai até Palmeira das Missões; a floresta do Botucaraí até Cruz Alta e pelo campo em uma linha de Cruz Alta a Palmeira. Estas famílias ocuparam e povoaram todo o Planalto Médio. Mais tarde, as matas que lhes serviam de divisas naturais foram loteadas e colonizadas pelos imigrantes alemães e italianos.

(Pedro Ari Veríssimo da Fonseca é médico e pertence às Academias Passo-Fundense de Letras e de Medicina.)



## Partida

O céu cinzento,  
velho cansado,  
chora o último dia do ano.  
Nuvens partem  
para dar lugar  
a novas nuvens,  
como os velhos sonhos  
que dão lugar a novos.  
Partida e chegada,  
assim se sucedem os anos,  
e assim, um dia,  
como as nuvens que partem,  
partirei também.

## Chuva chuvosa

A chuva não pára de cair.  
Todos e tudo,  
até a minha alma, estão molhados.  
A chuva escorre pela parede,  
rola no chão;  
marota, some no esgoto.  
Já não é chuva, é poluição.

## O semeador

Preparada a terra,  
falta o semeador  
de louros trigais  
e, vermelhas papoulas.  
Passam-se anos,  
e o semeador não veio.  
A terra na espera  
permanece virgem.

## Anunciando o verão

É primavera.  
Os pássaros,  
no afã de fazer seus ninhos;  
as árvores  
e campos verdejando;  
a brisa embalando perfumes;  
a chuva copiosa banhando o mundo,  
pois é primavera.  
O desejo de estar a dois,  
cresce no homem,  
são carícias soltas,  
beijos sensuais.  
É primavera  
anunciando o verão.

## Humanidade

Para melhorar a humanidade,  
é preciso  
que haja amor.  
Um amor  
que desperte  
o desejo de viver,  
de sorrir,  
de crer.  
Um amor  
que possa vibrar,  
iluminando as pessoas,  
mas também ser calmo  
e discreto,  
sem deixar de ser amor.

## Como a primavera

O dia vem surgindo.  
Os brandos raios de sol  
brincam na relva macia,  
na flor que se anuncia.  
A luz é completa,  
é dia.  
Um colorido de leve  
aqui e ali.  
É primavera.  
Como a primavera,  
e na primavera,  
bem de leve, nasce o amor.

## Palavras

Minha poesia  
galopa pelas coxilhas do Sul,  
liberta,  
toca o verde esmeralda dos campos  
e o azul do céu.  
Minha poesia  
galopa pelas coxilhas do Sul,  
na busca de palavras,  
muitas palavras que,  
quando maduras,  
lança-as ao vento,  
parecendo trígala  
que será alimento  
dos famintos de amor.

(Craci Dinarte pertence à Academia  
Passo-Fundense de Letras.)

# Antônio Donin, poeta e homem de ação

PAULO MONTEIRO

Preocupados com a supra-realidade das coisas, os poetas acabaram sendo vistos como destituídos de senso prático. Verdade é que muitos dos homens que construíram sistemas sociais e fundaram impérios eram poetas. Entre nós, passo-fundenses, Antônio Donin desmente o juízo assentado pelo senso comum. Dia e noite seu espírito permanecia preso à poesia, mas nunca se afastava da realidade.

Passados pouco mais de vinte anos da morte de Antônio Donin, ocorrida em 8 de agosto de 1987, seu nome não encontrou o reconhecimento merecido. Escolas, ruas e avenidas receberam nomes de personalidades medíocres, enquanto o educador e homem público Antônio Donin foi relegado a imerecido esquecimento.

Nascido em Vila Maria, hoje município, no dia 15 de fevereiro de 1911, Antônio Donin, era um dos treze filhos dos italianos Pedro Donin e Ana Agostini. Seus pais chegaram do “velho mundo”, ainda no Império, casando em 1900.

Em 1916, procurando melhores condições para criar a família, Pedro Donin mudou-se para a localidade de Ponte Preta, em Erechim, estabelecendo-se com casa de comércio e agricultura. Preocupados com a educação, Pedro e Ana organizaram uma escola particular. Ali o futuro integrante do Grêmio Passo-Fundense de Letras iniciou seus estudos.

Em busca de maiores conhecimentos, a 27 de março de 1927, partiu para Santa Maria, matriculando-se no Seminário São José onde concluiu o curso Colegial, em 1933. No dia primeiro de março do ano seguinte ingressou no Seminário Central de São Leopoldo, onde concluiu Filosofia e um ano de Teologia.

Exerceu o sacerdócio católico. No entanto, seu coração de poeta acabou curvando-se aos encantos de uma paroquiana. Entre a fidelidade aos votos sacerdotais e aos sentimentos amorosos, optou pelos segundos. Abandonou a batina, mas continuou fervorosamente reli-

(FOTOS ARQUIVO APL)



Antônio Donin (D)

Antônio  
Donin (D)



gioso. E católico. Não casou com aquela moça, mas com a professora Vanda Xavier Donin, que lhe daria duas filhas e quatro netos. Dessa união nasceram a professora Maria Helena Yaione e a odontóloga Marília Donin Vanni. A primeira, casada com Mário Yaione, é mãe de Fábio, professor universitário em Dourados e Mariane, bióloga; a segunda, casada com Luis Alberto Vanni, tem dois filhos: Tásio, médico, e Leonardo, advogado, que atuam profissionalmente na capital gaúcha.

Em abril de 1941, Antônio Donin veio para Passo Fundo, onde passou a lecionar no Colégio Notre Damme e na Escola do Círculo Operário. Nesse ano publicou o poema épico “O Brasil em Marcha”. Dois anos depois, trocou o magistério pela redação de O Nacional. Mais tarde retornaria ao magistério, continuando a exercer o jornalismo e desempenhando intensa militância política.

Foi o principal idealizador da criação da Universidade de Passo Fundo, conseguindo unir em torno do projeto, os mais diferentes segmentos da comunidade local e regional. Preconizou a organização do Movimento Tradicionalista Gaúcho, pregando a criação do Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda, pioneiro na preservação das tradições campeiras nesta parte do RS. Em 1971 motivou uma reunião para construir o “Parque Turístico de Passo Fundo”, que até hoje não saiu do papel.

Entre janeiro de 1964 e 15 de agosto de 1968, na gestão de Mário Menezes, chefiou a Secretaria Municipal de Educação. Nesse mesmo período, sob pseudônimo, foi classificado em primeiro e segundo lugares num concurso para a escolha do Hino de Passo Fundo. Escreveu a letra, e a partitura executou-a o compositor Francisco Calligaris, de Porto Alegre. Mesmo vencedor, o hino escrito por Antônio Donin acabou sendo esquecido. Idealizou a Bandeira do Município, hasteada pela primeira vez em 5 de outubro de 1968, durante a II EFRICA.

Antônio Donin foi premiado nacionalmente em diversos concursos de poemas e trovas. Além de vasta obra publicada em jornais e livros, como o intitulado “Heroínas”, deixou muitos trabalhos inéditos.

Foi pioneiro dos cursos de oratória em Passo Fundo e região. Dotado de vasta cultura, era um respeitável polímata, capaz de entreter os ouvintes durante horas, dissertando sobre os mais diferentes assuntos.

Leitor dos mais consagrados autores da língua portuguesa, manteve-se fiel ao verso metrificado. Jamais praticou o verso livre. Seus poemas mantêm o tom parnasiano. Adquiriu perfeito domínio da métrica, de tal sorte que, ao escrever poemas gauchescos ou trovas (o tradicional poema em redondilha maior e quatro versos rimados), demonstra uma espontaneidade raramente alcançada entre nós.

(Paulo Monteiro é presidente da Academia Passo-Fundense de Letras e pertence à Academia Literária Gaúcha.)



## Hino de Passo Fundo

### Letra de Antônio Donin

Passo Fundo, cidade altaneira,  
Verde terra do céu sempre azul!  
Tua história refulge fagueira  
Como a luz do Cruzeiro do Sul.

### Estribilho:

Tu surgiste indomável e grande,  
Ó torrão de progresso e de luz!  
Teu fulgor pela Pátria se expande,  
Porque a glória te inflama e conduz.

Salve, terra de luz e primores,  
Lindo solo de gleba ondulante!  
Em teu seio vegetam as flores,  
Que plantou o imortal bandeirante.

Tua indústria e escolas garbosas  
São autores de um novo porvir  
Em teus campos e praças formosas  
Contemplamos a vida a sorrir.

## Súplica

### Soneto de Antônio Donin

Deus excelso, divina potestade,  
que o mundo governais com a razão,  
libertai esta pobre humanidade  
das garras da maldita exploração.

Mandai que impere o amor e a equidade,  
e a virtude da santa gratidão.  
Implantai, no planeta, a caridade,  
e o espírito de paz e de perdão.

Projetai vossa luz maravilhosa  
sobre a face da terra flagelada  
para que surja uma era mais ditosa.

E fazei que o poder do vosso amor  
faça raiar as luzes da alvorada  
de um mundo novo, cheio de esplendor.

# Lucila Vieira Schleder Ronchi: Uma fundadora entre nós!

SANTINA RODRIGUES DAL PAZ

**M**eu preito de gratidão, neste ano em que comemoramos o septuagésimo aniversário de nosso sodalício e em que lançamos a sexta edição da revista *Água da Fonte*, que se haverá de transformar em registro de nossa história, de nossa terra e de nossa gente, vai para a mulher que participou na fundação de nossa Academia: Lucila Vieira Schleder Ronchi.

Lucila Vieira Schleder, como era chamada àquela época, e, depois, Lucila Vieira Schleder Ronchi, por ocasião do casamento com o médico Severino Ronchi, participou dos atos de fundação do Grêmio Passo-Fundense de Letras, em 1938, que se transformaria na atual Academia Passo-Fundense de Letras, em 1961, e fez parte de sua primeira diretoria, como segunda secretária. Ela nasceu no dia 16 de setembro de 1914, era filha de Guilherme Schleder e de Maria Conceição Vieira Schleder, e viveu entre nós por 87 anos, até a sua morte em 2001.

À lustre fundadora da Academia e nossa homenageada especial destacou-se de forma muito grande como poetisa, quando deixou seu coração falar para, dele, brotar toda a sua beleza de sentimentos. Além de destaque na poesia, Lucila também fora incomparável na beleza, quer interior, quer exterior. Como



Lucila Vieira Schleder

mulherp rendada que era, em 1936 participou de um concurso de beleza e, embora existissem concorrentes também muito belas, saiu-se vencedora. Estava, pois, escolhida a Primeira Miss Passo Fundo.

Tendo realizado seus estudos no Instituto Educacional, prestou exames para receber o Certificado de professora de Português, Química, Física, Ciências Naturais e História. Ante uma banca formada por pessoas de destaque no mundo cultural da época, inclusive o Inspetor de Ensino do MEC, vindo do Rio de Janeiro, na gestão de William Richard Schisler, ela foi aprovada e imediatamente admitida para exercer a cátedra justa-



Lucila Vieira Schleder Ronchi aos 83 anos, participando do quinquagésimo nono aniversário da APL, em 1997

mente no Instituto Educacional. Trabalhou inicialmente com alunos de quarta série. Dessa época, um fato que mais a comoveu foi o passeio que fizera com seus alunos até a estação ferroviária, a fim de recepcionar o governador Getúlio Vargas, que passava por Passo-Fundo de trem. Disso ela recordava-se orgulhosa por ter sido fotografada com o Governador.

Por certo muito mais se poderia escrever acerca dessa figura ímpar de nosso Sodalício, e, também com certeza, muito ainda haverá de ser escrito, mas, por ora, conformamo-nos em resgatar um trecho dos mais significativos den ossa história acadêmica e homenagear uma das mais dignas figuras das letras locais. Parabéns, fundadora e primeira mulher a integrar os quadros de nossa Academia!

(Santina Rodrigues Dal Paz é professora e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)



Lucila Vieira Schleder Ronchi (D) na mesa diretora dos trabalhos da cerimônia de comemoração do quinquagésimo nono aniversário da APL, realizada em 11/04/1997

## O Vale

A agonia e o sofrimento é tudo o que um ser pode ter, quando se está à beira de um vale, e não se tem chance de voltar atrás. Se passar o vale, estarei na Terra Santa, No auge, na sorte, na realidade da vida que ainda não vivi Sei que é difícil chegar à beira do vale, Muitos nem sequer chegaram lá, Ficaram na escravidão e na ilusão. Nunca perceberam que o Vale existe. Neste Vale têm muitos monstros, Têm também um precipício. Não posso cair, seria meu fim. Penduro-me numa corda muito forte, Estico a corda e vou indo. Às vezes canso e penso em largar, Mas meu intelecto e pensamento não me deixam fracassar.

Então seguro firme outra vez,  
Dói na alma correr tanto perigo,  
Seria mais fácil ficar e desistir,  
E ficar com os outros, longe do Vale.  
Mas a dor seria eterna,  
Meu ser não teria nenhuma virtude  
Seria tudo igual,  
Mãos atadas, pés amarrados.  
O que me adiantaria essa segurança  
Cheia de ilusões e máscaras?  
Que todos usam para dizer que são perfeitos  
E que não precisam cruzar vale algum?  
O Vale está dentro de nós.  
É um mar de sofrimento.  
Ele tem missão:  
É obra do Criador  
E nos faz refletir  
Que um dia toda a humanidade possa mergulhar  
No seu Vale interior.

(Moisés Salazar é eletricista e poeta,  
de Passo Fundo/RS.)

## Parte de mim

JOSÉ RAMOS BERTON

**E**u sempre quis, embora sem ter tido o prazer de uma convivência junto deles, alimentar, por toda uma vida, a imaginação fértil de quem sente a eterna influência de como eles viveram e, de certa forma, também o que sentiram.

Eu sempre quis fazer de minha existência um modelo, para segurar a barra, por vezes injusta, de um porvir sem início, tampouco, fim...

Só o que me dá certeza é que parte disso tudo eu fiz. Parte de mim viveu o que outrora eles viveram. Pisei a mesma terra em que eles andaram primeiro. Pude, sem nenhum desajuste de consciência, tratar bois, vacas, galinhas, porcos, gansos. Ordenhei as vacas e bebi do colostro, sem pensar em mais nada...

Como se não bastasse, corri por toda aquela terra, como os filhotes atrás dos cachorros, dos gatos, dos

perus e das galinhas.

À noite, após a ceia e após todas as confidências, aquele espreguiçar merecido, antes do sono e também depois dos sonhos...

Hoje, neste anelo tranquilo de fazer o que eles fizeram, de recordar o que eles ensinaram, me reúno com amigos, numa troca de idéias, num brindar com vinho.

Cabem igualmente, neste sonho de hoje, as curiosidades constantes que excitam a mente, e nos fazem diferentes. Não que o sejamos fisicamente. Mas desiguais no pensar e no fazer, no chorar e no rir, no abraço quase eterno, no ombro molhado, enfim...

Somos o peito amigo a recolher as confidências e guardá-las com carinho, naquele baú de lembranças cuja chave se perdeu. Assim, restam inalterados apenas os segredos... Somos hoje os que honram o passado, com graça, gargalhadas, canções, dança, arte, trabalho e fé... E, tenho certeza,

lá onde estão, também eles, em assembléia, tecem risos e comentários, em que dirão uns aos outros: *Lá está meu filhinho, minha filha adorada, os sobrinhos, os afilhados, o pai, a mãe, os sogros, os primos, o genro, a nora, e, correndo como o vento, os netos e os bisnetos...* Todas as gerações reunidas em prol da cultura, em busca da realização, da convivência em comunidade, como uma grande e bela família...

É assim que devemos sentir-nos. Não só os descendentes de italianos, que somos, mas de poloneses, portugueses, espanhóis, alemães, de todas as raças que, como nós, fizeram a América.

Gracie per tuto, antenati!

Gracie per tudo, caro amico Verzeleti!

Muito obrigado, por este espaço cultural que nos possibilita uma reunião de família, por sua acolhida e por sua amizade sem preço! Que Deus o abençoe!

(José Ramos Berton é acadêmico de Jornalismo.)

# Os genes de Adão Schell e a política de Passo Fundo

**LUIZ JUAREZ NOGUEIRA  
DE AZEVEDO**

Como se sabe, Johann Adam Schell, conhecido como Adão Schell, foi o primeiro imigrante alemão que aportou a estas plagas. Sua chegada aconteceu pouco depois do término da Revolução Farroupilha, por volta de 1845, antes que o povoado fosse elevado à categoria de vila e criado o município. Ele se estabeleceu com comércio de secos e molhados em local bem próximo à sede da fazenda do fundador Manoel José das Neves. Sua casa de comércio e moradia ficavam na Rua do Comércio (hoje Avenida Brasil), na quadra entre as ruas Teixeira Soares e Marcelino Ramos. No lugar, ergue-se hoje alteroso edifício, batizado com seu nome.

Schell e sua esposa, Ana Cristina Hein, alemã como ele, podem ser considerados os verdadeiros patriarcas de Passo Fundo, o casal matricial. Apesar de nunca haver saído daqui, exerceu considerável influência na comunidade. Terá sido homem culto e bem informado. Foi o fundador e dirigente da primeira loja maçônica fundada em Passo Fundo. Através de numerosa prole, deixou frondosa descendência, radicada aqui e em outros lugares, até no exterior. Depois dos Schell da linha varonil, que conservaram o sobrenome, vieram os Araújo, os Annes, os Vergueiro, os Loureiro, os Azambuja, Galves, os Salton, os Lima, os Dipp, alguns dos Langaros, e muitas outras estirpes passo-fundenses que descendem de Adão Schell. Nossa incansável genealogista, Marina Xavier e Oliveira Annes, a cuja obra tive acesso, levantou minuciosamente os dados da descendência de Schell, com nomes e números.

Há consenso entre os historiadores e sociólogos a respeito da tendência de o poder político, cujas origens se identificam com o feudalismo, ao longo da História, apresentar-se repetidamente concentrado nas mesmas famílias. Daí as



sucessões monárquicas, as dinastias, a nobreza de sangue e as oligarquias, com os filhos sucedendo aos pais no poder político e isso continuando de geração para geração. Um significativo aspecto do fenômeno é a estruturação de uma modalidade de poder em que se apresenta como fator significativo a continuidade genética.

A isso não foi infensa a nossa Passo Fundo, a despeito da penetração de outras etnias, principalmente, de modo intenso, da italiana. Vem perdurando, ao longo de nossa sesquicentenária história política, a tendência de preservação e continuidade de uma elite política fixa-

da na descendência de Adão Schell.

Com efeito, já em 1857, quando da instalação da primeira Câmara, cujo presidente detinha poderes equivalentes aos atuais prefeitos, é um genro de Adão Schell, o paulista Manoel José de Araújo, quem preside a legislatura. Torna-se, assim, como o vereador mais votado, um dos principais caudilhos locais, ao lado de Neves e Fagundes, ainda vivos à época. Araújo continuou a ter assento na Câmara por muitos anos, representando o clã no poder político local.

Por volta de 1870 chega ao município o cruz-altense Gervásio Lucas Annes, que em seguida se consorcia com Etel-



vina Schell d'Araújo, filha de Manoel Araújo e neta de Adão Schell. Como se sabe, Gervásio, tornado neto de Schell por afinidade, advogado que pertenceu inicialmente ao Partido Conservador e depois se passou para o lado republicano, como deputado provincial, deputado estadual, intendente e chefe político incontestado, foi crescendo em poderio e prestígio, a ponto de controlar com mão de ferro a política local pelo menos por 30 anos, de 1890 a 1919, quando faleceu.

Sua influência continuou marcante e prossegue até hoje, através de seus descendentes, diretos e indiretos. Seu filho Armando Araújo Annes foi intendente antes de 1930 e consagrou-se como o primeiro prefeito eleito depois da redemocratização, em 1947. Antes fora intendente, sendo seus principais opositores nada mais que seu primo Nicolau de Araújo Vergueiro e o combativo advogado Antonio Bittencourt de Azambuja, depois deputado estadual e federal, casado com Laura Loureiro Lima, neta do Barão e bisneta de Schell. Nessas eleições de 1947, contra Armando, juntamente com Dionísio Langaro, sem vínculos diretos com a estirpe, concorreu Carlos Galves, coincidentemente bisneto do Barão (Antônio José da Silva Loureiro, adversário impenitente de Gervásio, que era casado com outra filha de Adão Schell). Galves era, portanto, trineto do patriarca. O outro filho de Gervásio, o Gervasinho, disputou a prefeitura em 1955, perdendo a eleição para quem? Nada mais nada menos do que para Wolmar Salton que, mesmo não sendo daqui, era casado com uma filha de Armando Annes, neta, portanto, do primeiro Gervásio e igualmente trineta de Adão Schell. Em 1959 foi a vez de concorrer o advogado Antônio Bittencourt de Azambuja, trineto de Schell por seu casamento com uma bisneta do Barão. Azambuja, apesar de apoiado por uma poderosa aliança de partidos, esvaziado pelos que o estimularam a concorrer, veio a perder a prefeitura para o trabalhista Benoni Rosado.

Nicolau de Araújo Vergueiro, que passou a comandar o município pouco de-

pois da morte de Gervásio, tendo sido deputado estadual, intendente e deputado federal, articulador da Revolução de 1930 no norte do Estado – também pertencia ao clã dos Schell-Araújo. Sua mãe era filha de Manoel José de Araújo e neta de Adão Schell. Ele, que foi a figura mais destacada da política de Passo Fundo entre os anos de 1920-1955, era bisneto de Adão Schell.

Daniel Dipp, vice-prefeito em 1947, prefeito em 1951 e depois deputado federal, embora fosse de origem síria, contraiu matrimônio dentro da descendência de Adão Schell. Sua esposa era bisneta do Barão (Antônio José da Silva Loureiro), por parte da mãe e vinha a ser trineta de Adão Schell. Resulta daí que seu filho, Airton Langaro Dipp, prefeito agora pela terceira vez, vem a ser tetraneto de Adão Schell. O mesmo se pode dizer do ex-vice-prefeito, depois prefeito, Carlos Armando Annes Salton, neto de Armando Annes, bisneto do primeiro Gervásio, trineto de Manoel José de Araújo e tetraneto de Adão Schell. O vereador, depois deputado estadual, Jorge Bandarra, era casado com Rejane Azerezo, bisneta do Barão e trineta de Schell.

Afora isso, outros descendentes de Adão Schell sempre estiveram no poder ou muito próximos dele em Passo Fundo: Carlos Galves, nosso maior jurista, foi por mais de trinta anos o consultor jurídico da Prefeitura. Murilo Annes foi o primeiro reitor da Universidade. Herculano Annes e seus primos Hiram e Americano Bastos foram os fundadores do jornal *O Nacional*. Carlos Mäder Annes foi o primeiro presidente do MDB local, logo sucedido por Raul Lima Langaro, outro trineto de Adão Schell. Flávio Annes foi o primeiro diretor da Faculdade de Agronomia. Ney Menna Barreto (um Schell-Schleider) foi por muitos anos o todo-poderoso secretário geral do PTB local e candidato a deputado estadual. Antes disso, ao findar o século XIX, O Barão (genro de Adão Schell) foi um dos mais importantes líderes do grupo federalista, origem do futuro Partido Libertador, enfrentando arduamente os republicanos de Gervásio, pelo que

pagou muito caro, a despeito do parentesco que os deveria unir.

Dos descendentes de Adão Schell, diretos ou por afinidade, nos dois séculos anteriores e neste, em cento e cinquenta anos de autonomia do município de Passo Fundo, cerca de dez estiveram à testa da prefeitura por mais de cinquenta anos (um terço de nossa história política); outros a ela concorreram; uns foram vereadores ou deputados pelo município; muitos exerceram chefias políticas, na situação ou na oposição; representantes do clã até hoje ocupam posições de relevo na vida local. Todas essas circunstâncias de nossa história despertam interesse e merecem atenção por parte dos estudiosos, dentro e fora da academia.

(Luiz Juarez Nogueira de Azevedo é Advogado, Mestre em Direito. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

## Poesia

HELENA ROTA DE CAMARGO

### Garimpagem

Pára o tempo  
no declive dos anos.  
Põe-se a catar os diamantes  
que a enxurrada levou.

E ele cava, escava,  
peneira, joeira,  
até encher a batéia  
de cintilações.

Oh, tempo garimpeiro!  
Não esqueças de juntar  
também as ametistas  
doloridas, retraídas,  
lilases, pertinazes,  
que tão bem refulgiram,  
nos desvãos e encruzilhadas  
do teu longo caminhar...

(Helena Rotta de Camargo,  
Academia Passo-Fundense  
de Letras.)

# A última tentação do cientista

GILBERTO R. CUNHA

A prática científica exige teorização. Não obstante, ainda hoje, alguns recalcitrantes, nas ciências biológicas e agrárias (há em outros domínios do conhecimento também), insistem em rotular, quase sempre com tom de menosprezo, de “filosofias”, qualquer formalização teórica que se afaste da sua visão empiricista (experimental) de mundo. Parafraseando Cristo (com adaptação): “Perdoe-os, Pai; eles não sabem o que dizem!” E, de fato, não sabem o que dizem porque, com este tipo de atitude, demonstram sequer conseguir diferenciar uma teoria científica de uma teoria filosófica.

Desde Galileu Galilei que houve a dicotomia entre ciência e filosofia. Cada qual, com suas ferramentas, buscando o conhecimento e formalizando-o em teorias. Em essência, deixando de lado definições acadêmicas, pode-se dizer que uma teoria filosófica busca preservar princípios. E, neste contexto, tudo que não contribui para a integridade destes princípios é negligenciado. Por sua vez, uma teoria científica se preocupa em manter a coerência entre fato e experiência. A ligação entre teoria e fato é imperativa. Até porque muitas teorias científicas são formatadas a partir de resultados de observações empíricas. Os filósofos que se dedicam apenas à reflexão sobre princípios acabam perdendo contato com o mundo da experiência. E é daí que, possivelmente, advém o tipo de comentário descabido de “filosofias” para teorias científicas, feito, quase sempre, por quem não consegue alcançar seus significados. Praticar filosofia (filosofar) é refletir sobre os fundamentos daquilo que se faz. Pode-se pensar como um filósofo, propondo questionamentos, e se buscar respostas agindo como um cientista. Talvez este seja o ideal da ciência.

Inquestionavelmente, precisamos de mais e melhores teorias (e de teóricos, por suas vez), tanto científicas quanto filosóficas. Nas ciências biológicas, ambiente em que ainda predominam os experimentalistas, podemos identificar teorias que se caracterizam como macro, meso e micro. Como exemplo de gran-



des teorias biológicas, tem-se a teoria de Darwin sobre a evolução das espécies e a teoria de Gaia, de James Lovelock. Este tipo de teoria surge raramente e não desperta maiores interesses nos biólogos práticos, por se encaixar naquilo que eles rotulam de “filosofias”. As mesoteorias biológicas são mais abundantes e se inserem em domínios que têm aplicações imediatas, por isso são mais populares entre os “práticos”. É o caso das redes imunológicas. Já as microteorias são específicas por fenômenos (equação de Hodgkin e Huxley, por exemplo). São elas que dominam as publicações e os congressos científicos, parecendo herméticas para os não iniciados.

Os cientistas são humanos e, conforme destacou Edgar Morin, de alguma forma, a ciência é um lugar onde se desfrutam os antagonismos de idéias, as competições pessoais e, até mesmo, os conflitos e as invejas mais mesquinhas. E, nesse ambiente, em que a fama pode exasperar tentações, torna-se fundamental para o cientista saber lidar com a atração para se comportar com indiferença e superficialidade diante de questões importantes e difíceis (sociais, por

exemplo), que desmascaram a falácia da neutralidade dos homens de ciência. Não se deixar dominar pela vaidade (considerar-se alguém especial) e pela inveja que, num mundo de competição, corrói os eternos insatisfeitos, sempre atribuindo aos outros as suas frustrações. Mas, a mais importante de todas as tentações, que impede o avanço da ciência, é a certeza. É o clássico: “escutem, eu sei o que estou dizendo!” Nesse momento, o cientista cede e passa a viver num mundo sem alternativas e sem reflexão. Isso acontece muito no grupo dos experimentadores. Especialmente com aqueles que adquirem reconhecimento e poder acadêmico, não raro fazendo muito do mesmo, e chegam em um momento da sua carreira que decidem alçar outros vãos. Sob os auspícios da fama adquirida, traçam considerações sobre a essência da alma e discutem o futuro da humanidade. Mas, diferentemente do que imaginam, impregnados pelas “suas certezas”, não formulam novas teorias científicas. Aí é o fim: o Diabo venceu.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Academia Passo-Fundense de Letras

70 anos



Av. Brasil Centro, 792 - Sede Própria - CEP 99010-001 Passo Fundo, RS